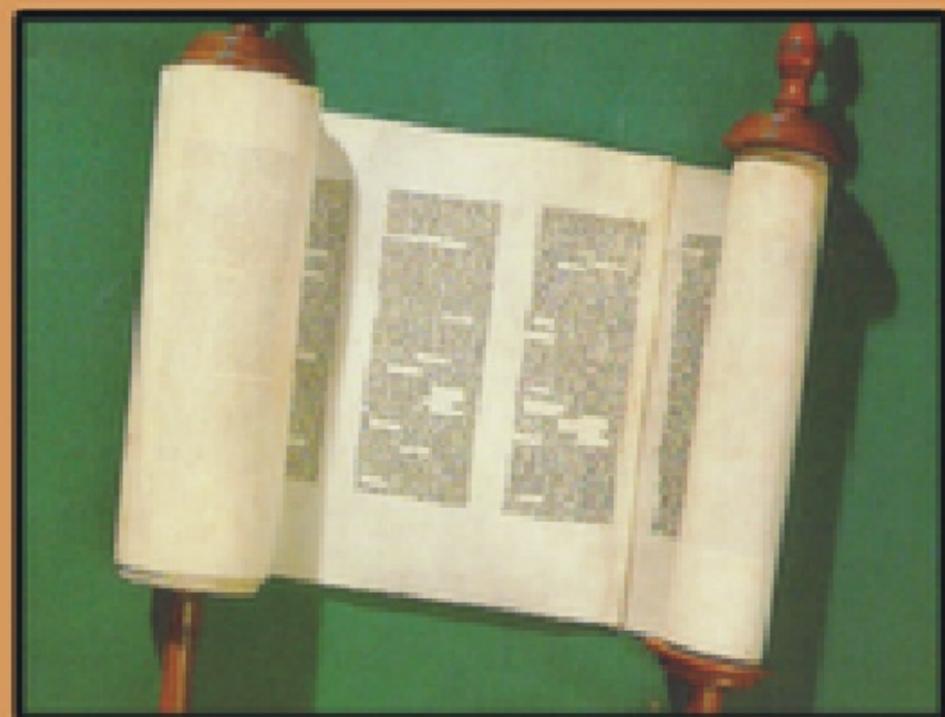


A Mensagem de Amós



Editor - Antigo Testamento

J.A. Motyer



PARA:

Mark

9 de agosto de 1973

Stephen e Valerie

11 de agosto de 1973

Beryl

30 de agosto de 1973



A BÍBLIA FALA HOJE

A Mensagem de **Amós**

J.A. Motyer



ABU EDITORA — LIVROS PARA GENTE QUE PENSA

A MENSAGEM DE AMÓS

Traduzido do original em inglês

THE DAY OF THE LION

Inter-Varsity Press, Inglaterra

© J. A. Motyer, 1974

Direitos reservados pela:

ABU Editora S/C

C. Postal 7.750

01064 São Paulo, SP

A ABU Editora é a publicadora da

Aliança Bíblica Universitária

do Brasil — A. B. U. B.

Tradução de Yolanda Mirdsa Krievin

Revisão de Milton A. Andrade

O texto bíblico utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada.

2.^a Edição — 1991

ABU Editora S/C

Av. Pedro Bueno, 1831

Bairro Jabaquara

04342 São Paulo, SP

C. G. C. 46.994.169/74

MAZINHO RODRIGUES

PREFÁCIO GERAL

A Bíblia Fala Hoje constitui uma série de exposições, tanto do Velho como do Novo Testamento, caracterizadas por um triplo objetivo: exposição acurada do texto bíblico, relacionar o texto com a vida contemporânea, e leitura agradável.

Esses livros não são, pois, “comentários”, já que um comentário busca mais elucidar o texto do que aplicá-lo, e tende a ser uma obra mais de referência do que literária. Por outro lado, esta série também não apresenta aquele tipo de “sermões” que, pretendendo ser contemporâneos e de leitura acessível, deixam de abordar a Escritura com suficiente seriedade.

As pessoas que contribuíram nesta série unem-se na convicção de que Deus ainda fala através do que ele já falou, e que nada é mais necessário para a vida, para o crescimento e para a saúde das igrejas ou dos cristãos do que ouvir e atentar ao que o Espírito lhes diz através da sua velha (e contudo sempre atual) Palavra.

J. A. MOTYER
J. R. W. STOTT
Editores da série

Índice

Prefácio geral	v
Prefácio do Autor	ix
Principais Abreviações e Bibliografia	xii
Introdução Geral	1

Primeira Parte: O Rugido do Leão (1:2-3:8)

Introdução	11
Em Nome de Deus (1:2)	13
A Quarta Transgressão (1:3-2:3)	21
O Perigo da Singularidade (2:4-3:2)	35
Apelo e Apologia (3:3-8)	57

Segunda Parte: O Inimigo Circundante (3:9-6:14)

Introdução	67
“... se lhes tornou em inimigo” (3:9-15)	69
Alternativas (4:1-13)	79
A História de Três Santuários (5:1-5)	97
Deus Pode Alterar a Situação (5:6-13)	103
Sementes de Incerteza, Colheita de Garantia (5:14-20)	111
Religião numa Caixa (5:21-27)	121
O Inimigo do Povo (6:1-14)	131

Terceira Parte: O Soberano Iavé (7:1-9:15)

Introdução	141
O Deus Arrependido (7:1-6)	143
Edificado Conforme as Especificações (7:7-9)	151
O Homem de Deus (7:10-17)	161
O Outono da Oportunidade (8:1-10)	169
O Dia dos Cultos (8:11-14)	179
A Guerra Contra a Presunção (9:1-10)	187
O Fim da Longa Noite (9:11-15)	195

Prefácio do Autor

Antes de ir a Betel para pregar, Amós deve ter se dado ao trabalho de estudar durante horas. Fê-lo para ficar bem informado sobre a história universal e sobre os negócios da atualidade, para que pudesse captar e manter a atenção do seu auditório através de hábeis alusões às nações circundantes. Como os seus ouvintes devem ter gostado de ouvi-lo, até o momento em que ele se aproximou demais deles, deixando-os inquietos! Mas isso também fazia parte dos árduos preparativos: seus sermões eram tão bem construídos e tão inteligentes, com uma argumentação tão acurada e uma seqüência tão perfeita, que o todo tinha uma irrefutabilidade constrangedora. Amazias, o sacerdote experiente, viu a mente da nação ficar fascinada por Amós, e mesmo que o seu julgamento fosse suspeito em outras coisas, pelo menos podia se confiar nele para tomar a temperatura nacional.

Que pena, portanto, que Amós nos deixasse apenas a essência destilada do que disse e não os seus sermões em todo o seu desenvolvimento e aplicação! Vejam isto, por exemplo: suponhamos que a passagem de 1:3 a 3:2 seja um discurso. Ela pode ser lida em cinco minutos sem nenhuma pressa, mas não poderia ser pregada como está. Muita coisa é abrangida em pouco tempo; o pensamento não pode acompanhar ou captar o que está sendo dito. Para impressionar os seus ouvintes, Amós deve ter desenvolvido os seus temas, deve ter tornado claro o encadeamento das idéias, revelando e aplicando a sua mensagem, para que fosse penetrante. Mas tudo o que nos deixou foram as suas anotações.

São duas, portanto, as tarefas que temos em qualquer passagem dos profetas. A primeira é a exegese: elucidar o que se encontra ali, estabelecer o significado de cada palavra, comparar as nuances dos significados, explorar a gramática e a sintaxe, até que, com

toda clareza e confiança, possamos dizer que cremos que sabemos o que Amós disse. A segunda tarefa, conseqüentemente, é a exposição. A partir do significado que foi estabelecido, a exposição procura elaborar uma mensagem completa para que possamos hoje sentir a sua verdade surgindo com força e adequação.

Mas o ponto a ser destacado é que tanto a exegese como a exposição são exercícios importantes do estudo da Bíblia. Não são inimigos entre si, como a distinção que a linguagem peculiar quer nos fazer crer que existe entre o “acadêmico” e o “devocional”; como também uma não é o parente pobre da outra. A exegese sem a exposição é como um congelador cheio de coisas boas, fechado, fora do alcance da realidade e desprovido de nutrientes; a exposição sem a exegese é como um foguete espacial girando em sua própria órbita, mas desligado da plataforma de lançamento.

O meu alvo neste livro é a exposição. Espero não ter reduzido ao mínimo a tarefa da exegese (na verdade, eu me aventurei a exhibir um pouco do seu mecanismo nos rodapés), mas eu lutei para revestir os ossos da exegese com a carne da exposição, para que Amós torne a falar à igreja.

Sua mensagem é relevante, induz à humildade e amedronta. Ela repreende o nosso formalismo; oferece o lembrete salutar de que uma tradição da igreja pode ter atravessado duzentos anos para se comprovar tão falsa atualmente quanto foi no princípio; ela insiste que a igreja, quando deixa de centralizar-se na Palavra de Deus, enfrenta um perigo perpétuo; denuncia o pecado da auto-satisfação religiosa; descreve a religião que Deus abomina e exige que seja substituída por uma dependência da graça divina em fé e arrependimento, um compromisso com a lei de Deus em obediência, e uma preocupação incessante pelos homens necessitados. Sem isto, nada há mais eficiente do que a religião para nos separar do amor de Deus e nos cobrir com a sua ira.

As exposições deveriam originar-se do trabalho de púlpito. Meu primeiro pastorado forneceu-me um excelente campo experimental para aquilo que, finalmente, veio a ser este livro. O segundo permitiu-me chegar a uma forma adaptada do material. Depois que tentei apresentar o livro todo em cinco estudos na Convenção de Keswick, em 1970, ouvi rumores de que, atualmente, até mesmo Amós andava dizendo que estava arrependido de ter escri-

to! Espero que isto não seja verdade. Mesmo tendo gasto muito tempo na companhia deste gentil gigante entre os profetas, só posso dizer que me sinto como um ratinho muito pequeno que teve a grande felicidade de morder um queijo muito grande e nutritivo.

Que aquele que é o Deus de Amós, e meu também, se digne a usar este livro para o benefício da sua igreja!

J. A. MOTYER
Trinity College
Bristol,
Agosto de 1973

Principais Abreviações e Bibliografia

- BDB *Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* (Dicionário Hebraico-Inglês do Antigo Testamento) de F. Brown, S. R. Driver e C. A. Briggs (OUP, 1906).
- BHS *Biblia Hebraica Stuttgartensia: Liber XII Prophetarum* praeparavit K. Elliger (Stuttgart, 1970).
- Cripps *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Amos* (Um Comentário Crítico e Exegético do Livro de Amós) de R. S. Cripps (2a. ed., SPCK, 1955).
- Hammershaimb *The Book of Amos: A Commentary* (O Livro de Amós: Um Comentário) de E. Hammershaimb (Blackwell, 1970).
- IB *The Interpreter's Bible, Vol. 6: The Book of Amos, Introduction and Exegesis* (A Bíblia do Intérprete, Vol. 6: O Livro de Amós, Introdução e Exegese) de H. E. W. Fosbroke (Nelson, 1957).
- BV *A Bíblia Viva* (Editora Mundo Cristão, 2a. edição, 1983).
- BJ *A Bíblia de Jerusalém* (Edições Paulinas, 1981)
- ERAB *Edição Revista e Atualizada no Brasil* (Sociedade Bíblica do Brasil).
- ERC *Edição Revista e Corrigida* (Imprensa Bíblica Brasileira).
- KB *Lexicon in Veteris Testamenti Libros* de L. Koehler e W. Baumgartner (Leiden, 1958).

PRINCIPAIS ABREVIACÕES E BIBLIOGRAFIA

- LXX Septuaginta (tradução pré-cristã grega do Antigo Testamento).
- Mays *Amos, A Commentary* (Amós, um Comentário) de J. L. Mays (SCM Press, 1969).
- NCB *O Novo Comentário da Bíblia*, editado (em português) por R. P. Shedd (Edições Vida Nova, 1963).
- NDB *O Novo Dicionário da Bíblia* editado (em português) por R. P. Shedd (Edições Vida Nova, 3a. edição, 1979).
- Pusey *The Minor Prophets, II: Amos* (Os Profetas Menores, II: Amós) de E. B. Pusey (Funk e Wagnalls, 1906).

As Introduções

Este comentário segue a divisão de Amós em três partes. Cada parte foi aqui prefaciada com uma introdução que aborda o seu conteúdo e que mostra onde ela se insere na mensagem de Amós. Espero que o leitor sintá-se, assim, estimulado a ler toda a seção à luz da introdução antes de se lançar ao estudo detalhado. Deste modo, cada estudo em separado ficará mais claro com respeito à sua contribuição para com o argumento global do livro.

O Nome e os Títulos de Deus conforme se encontram na ERAB

As palavras SENHOR e DEUS, quando impressas totalmente em letras maiúsculas, representam Iavé, o divino Nome. Iavé é o nome pessoal do Deus de Israel. Este nome foi conhecido através do período patriarcal, mas o seu significado (isto é, o que diz sobre o Deus que o possui como seu nome) não foi revelado até o período de Moisés e o Êxodo. Na redenção de Israel e na derrota do Egito, Iavé revelou-se como o Redentor e Juiz. A revelação do seu nome tem o mesmo significado que existe no desenvolvimento de uma amizade quando começamos a usar o primeiro nome de nosso amigo. Representa, portanto, a intimidade com ele, intimidade essa que o Senhor concedeu ao seu povo através da redenção. Infelizmente, as nossas Bíblias (com exceção da Bíblia de Jerusalém) mantêm o antigo escrúpulo de que o nome de Deus era santo demais para ser usado. Por isso, encontramos as formas SENHOR ou DEUS.

“Senhor”, impresso com apenas um “S” maiúsculo, significa uma outra palavra hebraica: Soberano ou Rei.

Introdução Geral

Por quê?

A prosperidade, a exploração e o lucro eram os aspectos mais marcantes da sociedade que Amós contemplava e na qual trabalhava. Os ricos eram suficientemente ricos para possuírem diversas casas (3:15), para se interessarem por móveis ostensivamente caros (6:4) e para não se privarem de qualquer satisfação física (3:12; 4:1; 6:6). Por outro lado, os pobres eram realmente pobres e desavergonhadamente explorados: eles sofriam extorsões imobiliárias (2:6, 7), extorsões legais (5:10, 12) e extorsões comerciais (8:5); o homem desamparado, que não tinha nenhuma influência, sempre se saía mal. Quando os pobres não podiam pagar aos ricos, eram simplesmente ignorados para que se arruinassem (6:6). O dinheiro e a ganância governavam tudo: os homens viviam para os seus negócios (8:5), as mulheres viviam para o prazer (4:1) e os governantes, para a frivolidade (6:1-6).

Quando Amós voltou os olhos para a religião, viu que ela tinha muita religiosidade, que adorava o que era tradicional, mas que tinha se livrado da revelação divina. Os centros religiosos viviam aparentemente lotados (4:4; 5:5, 21-23; 8:3, 10), os sacrifícios eram escrupulosamente oferecidos, as partes musicais do culto eram entusiasticamente apresentadas. Mas não havia nenhuma base além da mente humana. Permanecia ainda o falso culto de Jeroboão que, quase dois séculos antes, resolveu estabelecer uma alternativa ao de Jerusalém (1 Rs 22:25 ss.).

Com toda essa tradição, no tempo de Amós, a religião parecia ser um empreendimento autojustificante. Os santuários de Jeroboão em Betel e Dã ainda funcionavam integralmente (4:4; 5:5; 8:14), mas segundo o olhar analítico de Amós, não passavam de

um exercício autogrâtificante (4:5), abominável para Deus (5: 21-23). Amazias, o sacerdote, oferece-nos um caso histórico do melhor tipo de devoto, mas, quando tudo veio à tona, quem era ele? Um defensor das instituições (7:10), preocupado com as propriedades eclesiásticas (7:13), mas desinteressadíssimo de qualquer palavra que viesse de Deus (7:12, 16).

Os padrões tinham se deteriorado. A autoridade e a lei eram desprezadas (5:10, 12), e a liderança nacional, embora deleitando-se com a publicidade e a dignidade da posição (6:1) e pronta a fazer pontos nos debates (6:2), não estava resolvendo os verdadeiros problemas (6:3a), mas até parecia contribuir para a derrocada completa da lei e da ordem (6:3b), permitindo que os gostos e desgostos pessoais tivessem prioridade sobre os interesses da nação (6:4-6). Os padrões públicos da moral estavam em decadência: Amós pôde falar de indulgência sexual (2:7), de transgressões e pecados (5:12) e de práticas comerciais astuciosas (8:5, 6) sem que ninguém pudesse dizer que ele estava errado.

Estas coisas lhe forneceram base para falar e, então, para escrever; e a nós também fornecer base para considerar que ele tem alguma coisa para nos dizer hoje. Estas coisas também caracterizam a nossa sociedade: algumas mais, outras menos. Nenhuma delas é válida para todos, mas cada uma delas o é para muita gente. Amós poderia muito bem ter caminhado por qualquer uma de nossas grandes cidades.

Quando?

Examinando estas coisas, Amós viu uma sociedade e uma religião que estavam nas últimas, mas ninguém percebia isso. Foi um período não só de fartura, mas também de poder político, estabilidade e expansão nacional. Sua profecia data principalmente do período de Uzias de Judá e Jeroboão (II) de Israel, e refere-se particularmente a um notável terremoto (1:1). Infelizmente não sabemos a data do terremoto, mas os dois reis mencionados desfrutaram de longos reinados na primeira metade do século VIII a.C. Incluindo as co-regências com os seus respectivos pais, Uzias reinou de aproximadamente 790 até cerca de 740 a.C., e Jeroboão, de 793 a 753 a.C. As circunstâncias indicam que eles foram dois monarcas expansionistas e consolidadores. Em 805 a.C., Adade-Nirari III da Assíria derrotou a Síria, acabando com o poder que,

mais do que qualquer outro, teria limitado os planos de Jeroboão. Mas tendo assim, inconscientemente, servido aos interesses de Israel, a Assíria penetrou em um período de inatividade do qual só saiu com a ascensão de Tiglate-Pileser III, em 745 a.C. Jeroboão, um homem vigoroso e hábil, ficou, assim, virtualmente desimpedido. Ele restaurou as fronteiras salomônicas do seu reino pela primeira e única vez desde a morte de Salomão (cf. 2 Rs 14:23-29). Com o controle que isto lhe proporcionou sobre as rotas comerciais, a riqueza começou a se acumular (como já vimos no depoimento incidental de Amós), mas principalmente nas mãos dos magnatas do comércio. Neste ambiente, as advertências do desprazer divino (4:6-11) passaram despercebidas, e Amós ficou inicialmente sozinho, vendo que as evidências sociais, eclesiásticas e morais apontavam todas para um único ponto: esta nação e esta religião estavam condenadas.

A quem?

Obviamente, vendo estas coisas, Amós dirigiu-se a todos os que quisessem ouvir; mas se dissermos isso, não estaríamos destacando o verdadeiro impulso do ministério de Amós. O povo daquele tempo estava acostumado a se considerar como o povo de Deus. Eles não pensavam na Igreja e no Estado, como nós, em termos distintos. Israel tivera um relacionamento pessoal com Deus no passado: ele os tirara do Egito (3:1), constituindo-os como seu povo e dando-lhes a sua religião. Foi por causa disto e com base nisto que Amós lhes falou. Sentiremos o peso e a força de suas palavras se dissermos que ele se dirigiu ao povo de Deus. Como um todo e também individualmente, eles praticavam a sua religião, eles se imaginavam andando com Deus, eles assumiam terem um pacto bem formulado com Deus. Eles aguardavam o dia (5:18-20) em que Deus, de maneira única, agiria colocando o mundo inteiro a seus pés, pois estavam confiantes de que, nesse dia, receberiam todas as honras. A palavra de Amós é uma palavra ao povo de Deus, e tem três pontos centrais.

Primeiro, Amós insistiu em que o privilégio implica em perigo (3:2). A reivindicação daquele tempo era de que o privilégio produz segurança. Eles eram privilegiados porque tinham um relacionamento direto com Deus (2:9-11). Em determinadas oca-

INTRODUÇÃO GERAL

siões do passado histórico, Deus havia demonstrado que estava do lado deles. O destaque particular de Amós é o seguinte: quanto mais perto Deus se encontra, mais próximo o juízo e mais certo o julgamento. Por causa do privilégio de serem salvos, mais será exigido daqueles que mais receberam; quanto maior a luz, maior o risco. O povo de Deus não fica isento do julgamento; pelo contrário, o julgamento começa e é mais violento para com ele.

Segundo, a história passada não pode substituir o compromisso moral e espiritual presente. Um testemunho passado do que aconteceu há anos é como uma lição de história. Deus quer compromissos atualizados (5:6), com ele (5:6), com os valores morais (5:14, 15, com a ética pessoal e social (5:24).

A terceira ênfase da mensagem de Amós à igreja é que a profissão religiosa e a prática religiosa são inválidas (repulsivas a Deus, para sermos mais precisos, e portanto não apenas inúteis, como também perigosas) se não forem seguidas de evidências claras. Acha-se implícito em todo o seu livro, e de maneira sucinta em 7:7 - 8:10 quais as evidências da verdadeira religião. Num estudo expositivo, elas seriam explicadas neste ponto, mas aqui elas se encontram resumidas. Em termos pessoais, a verdadeira religião é corresponder plenamente à graça e à lei de Deus, vivendo a lei de Deus, vivendo a lei numa vida de obediência, repousando na graça, tanto para a capacidade como para o perdão; para com Deus, a verdadeira religião é ouvir e aceitar a sua palavra de maneira reverente; e para com os outros, destaca-se como honestidade, consideração e preocupação incessante pelos necessitados. Sem estas coisas, o que resta apenas invoca o julgamento adverso de Deus.

Nisto tudo Amós fala diretamente às igrejas de hoje, e devemos banir qualquer pensamento de que ele fala especialmente a algum outro povo, ou em outras situações e que, apenas através de alguma ginástica exegética, poderíamos encontrar aqui uma mensagem para o cristão. Amós dirigiu-se a "Israel" e nós somos "o Israel de Deus" (Gl 6:16). Devemos notar que Paulo não diz "o novo Israel" e em nenhum outro lugar da Bíblia aparece uma frase (ou idéia) assim. Jesus chamou o seu povo de herdeiros da nova aliança predita por Jeremias (31:31-34; cf. 1 Co 11:25); Paulo falou deles chamando-os de filhos de Abraão, junto com Isaque (Gl 4:28); ele também disse que "nós é que somos a cir-

cuncisão” (Fp 3:3). Exatamente por ser esta a verdadeira situação, é que Tiago pode tomar as profecias de Amós como um manual para a missão da igreja (At 15:15 ss.). Fazendo isto, ele estabelece um exemplo nos campos da teoria e da prática: na teoria, Amós apresenta-nos a palavra de Deus diretamente (não medianeira) para nossa direção, admoestação e instrução; e, na prática, devemos considerar tudo o que ele diz à luz do reino de Jesus Cristo, um reino que não é deste mundo, que não se promove pelos métodos do mundo, nem busca realizações políticas em nenhum lugar do mundo.

Quanto?

Amós tinha consciência de ser um homem tomado por Deus com o propósito de ser seu profeta (7:14, 15). Ele não podia deixar de falar, pois Deus lhe falara (3:7, 8). Ele estava convencido de que não só o conteúdo ou o “empuxo” da sua mensagem, mas também as palavras que ele usou (palavras naturais à sua mente altamente desenvolvida e bem informada) eram verdadeiramente palavras de Deus. Portanto, torna-se irracional, no mais alto grau, duvidar que o próprio Amós tenha escrito e editado a sua mensagem na forma coerente e convincente atual. Felizmente, o mundo dos especialistas parece afastar-se da antiga descrença doutrinária de que Amós teria sido tanto escritor como editor. Mas ainda discute-se muito se podemos lhe dar o crédito do livro como um todo ou se, pelo contrário, as evidências não sugerem que certas passagens tenham sido inseridas por editores posteriores para atender às necessidades de situações posteriores.

A idéia de inserções posteriores não é nada fácil de ser tratada. Se, por exemplo, um versículo, um fragmento ou passagem, supostamente inseridos, discordam do contexto quanto ao assunto principal (evidenciando, assim, que foram inseridos), por que, antes de mais nada, alguém os teria colocado ali? Se a resposta é de que foram inseridos a fim de adaptar a mensagem de Amós a uma situação posterior, perguntamos, como a introdução de pensamentos extrínsecos ou irrelevantes poderia ser considerada como “adaptação”: dizer alguma coisa diferente é “acrescentar”, e dizê-la numa passagem em que se proclama a sua irrelevância é loucura editorial. Além disso, se uma passagem é considerada como inserção com base no estilo, mas é bastante harmoniosa com a

INTRODUÇÃO GERAL

mensagem 'do contexto, por que ela não poderia ser uma citação usada pelo próprio autor em vez de ter sido inserida por um editor posterior?

Muitas das alegações referentes às inserções em Amós foram destacadas nos rodapés deste estudo, embora, naturalmente, outros comentários devam ser consultados para que se tenha um tratamento completo do texto. Contudo, descobriremos nestes comentários que três argumentos geralmente apresentados, hoje em dia ou antigamente, como identificadores de que esta ou aquela passagem é uma inserção, foram descartados como inadequados por si mesmos. O primeiro é a evolução da religião. Com base nisto, costuma-se amputar 4:13; 5:8 e 9:5, 6, pois declaram a doutrina de Deus Criador que só seria usual duzentos anos depois de Amós. Esta tolice já foi desmascarada pela arqueologia. A semelhança de estilo que se encontra nestas três passagens e sua possível dessemelhança do estilo de Amós são muito bem explicadas quando admitimos que ele estava citando aí algum hino.

Em segundo lugar, as alusões à Judá (2:4, 5; 6:1) foram desnecessariamente consideradas suspeitas. Naturalmente, Amós foi um profeta de Israel, o reino do Norte, mas por que ele precisaria, mais do que qualquer outro profeta, ter uma visão restritiva do seu ministério? Com base nisto, além do oráculo contra Judá, deveríamos amputar toda a série contra as nações estrangeiras (1:3ss.)! O fato, entretanto, é que, pelo menos este importante oráculo contra Judá (2:4, 5) ele não teria coragem de omitir. Se ele deixasse Judá de lado, perderia toda a credibilidade com o seu auditório israelita, e seria considerado uma pessoa tendenciosa e preconceituosa. Os versículos tais como 3:1 indicam que Amós tinha uma visão completa do povo de Deus, e isto se torna evidente quando ele se volta para o futuro de esperança (9:11 ss.).

Em terceiro lugar, costuma-se excluir a nota de esperança da mensagem de Amós, mas esta alegação também foi rejeitada como sendo insuficiente em si mesma. É inconsistente com qualquer teologia que se centralize no nome de Iavé e que repouse sobre a idéia da aliança, obscurecer todo o céu com nuvens de ira, esquecendo a misericórdia e a esperança.

O método adotado em todo este comentário é o que foi ilustrado pelo comentário de Hammershaimb sobre 3:7. Diante da alegação de que o vocabulário de 3:7 é em parte exemplificado ape-

nas em obras posteriores a Amós e que, portanto, o versículo deveria ser considerado como um acréscimo posterior, ele replica que “o versículo 7 pode, entretanto, ser interpretado como um elemento nada supérfluo no contexto” e, assim fazendo, ele rejeita o ponto de vista insercionista. Simplesmente afirma-se que os argumentos exegéticos e expositivos têm precedência sobre todos os outros. Se uma passagem é coerente, se um livro inteiro é coerente, torna-se desnecessário e inútil multiplicar hipóteses através das quais essa unidade fique fragmentada. O próprio leitor deve decidir se este método foi aplicado com sucesso e bom senso ao livro de Amós.

O quê?

Na seção acima, que trata do auditório a quem Amós dirigiu os seus sermões e subseqüentemente o seu livro, foi indicada uma grande parte da mensagem central de Amós. Agora temos de acrescentar uma palavra sobre a estrutura da crença dentro da qual Amós pregava.

Uma pergunta nos preocupa em relação a este assunto:¹ em que termos Amós pensava na aliança e especialmente em que era ela passível de total dissolução?² A resposta da maioria a esta pergunta pode ser encontrada nas palavras de R. E. Clements:³ “A mensagem que Amós apresentou era de um julgamento que abrangia todo o reino, e que implicava no fim da aliança entre Iavé e Israel. . . o destino que Amós pregava significava o fim de Israel . . . Ele não estava mais pensando em uma purificação dos pecadores dentro da aliança . . . O próprio Iavé era Senhor da aliança e ia acabar com ela”. Clements toma o conceito da “maldição da aliança” (cf. Dt 28; 29; e especialmente Lv 26:14 ss.) com seriedade, acrescentando: “Até que ponto a maldição da aliança foi visualizada como uma verdadeira ameaça de rompimento do relacionamento da aliança nós não sabemos, mas ela certamente foi apre-

¹ Para uma introdução mais completa sobre o pensamento de Amós, ver o NCB.

² Cf. J. A. Motyer, *Covenant Theology of the Old Testament* (Teologia da Aliança do Antigo Testamento), Theological Students Fellowship, 1973.

³ Em seu livro mais útil, *Prophecy and Covenant* (Profecia e Aliança, SCM Press, 1965), pág. 40ss.

INTRODUÇÃO GERAL

sentada como uma possibilidade”. Então ele chama a atenção, em um rodapé, para “Êx 19:5-6, pela natureza indireta da aliança sinaítica”.

Entretanto, parece importante perguntar a que ponto o conceito de contingência se aplica à aliança. A seqüência das alianças desde Nóe até Moisés, através de Abraão, dá a impressão de um propósito divino fixo: o Senhor está comprometido a tomar um povo para si mesmo, cuidar dele e encontrar este povo na família de Abraão. Nada mais explicaria, por exemplo, por que ele teria se importado com uma multidão tão pouco atraente e tão ingrata como o povo que era escravo no Egito e que se transformou naqueles constantes murmuradores do tempo de Moisés. Deuteronômio 7:7 e seguinte relaciona a política da aliança do Senhor com o amor inexplicável que ele tinha por este povo. É difícil crer (é realmente impossível) que a contingência exista neste ponto, e deve-se notar que, quando houve a grande rebelião por causa do Bezerro de Ouro, o Senhor propôs um novo começo dentro da família de Abraão (Êx 32:9) e não uma destruição total e ampla.

A contingência para a qual Clements chama a atenção em Êxodo 19:5, 6 é típica de tudo o que se disse ou se deu a entender sobre o tópico: é uma contingência de desfrute da aliança. Na mente de Deus, a aliança foi estabelecida por toda a eternidade e não pode ser abalada. Foi ele quem se comprometeu a salvar e guardar um povo para si. Ele predeterminou a membresia e todos os eleitos irão, sem dúvida, receber a sua herança. Mas, quando ela é apresentada à mente do homem, a aliança é uma promessa sujeita a uma condição: fé obediente nas promessas de Deus expressas na aliança. Assim, a questão da membresia da aliança ficou estabelecida nos dias de Amós na mesma base em que Paulo escreveu a Timóteo, e continua a mesma até os dias de hoje: do lado divino, *“O Senhor conhece os que lhe pertencem”*, e do lado humano, *“Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor”* (2 Tm 2: 19).

A questão se Amós estava ensinando que o Senhor tinha decidido alterar os propósitos de sua aliança, ou se ele estava prevendo o julgamento purificador destinado a acabar com o povo da aliança, cuja profissão de fé não passava de hipocrisia e cujas vidas não davam os sinais de uma verdadeira membresia, deve ser especificada pelo estudo dos capítulos 7-9. A opinião de que o Senhor estava

empenhado em acabar, de maneira absoluta, com a aliança só poderia ser sustentada através de uma cirurgia destes capítulos, removendo tudo o que desse qualquer idéia de um remanescente de acordo com a graça e a esperança do futuro. A propósito, esta opinião faz também de Amós um profeta falso que predisse o que não vai acontecer, o fim da aliança. Por outro lado, a opinião de que Amós vê que a operação da maldição da aliança destina-se a excluir os membros falsos e purificar os verdadeiros, concorda com estes capítulos, aceitando-os exatamente como são. Concorda também com a história subsequente: a preservação do povo da aliança até o dia do levantamento da casa de Davi em Cristo Jesus e da bendita previsão da consumação final de todos os propósitos de Deus nele.

PRIMEIRA PARTE

O RUGIDO DO LEÃO

Amós 1: 2 - 3: 8

Introdução

Amós utilizou o artifício estilístico de dividir o seu livro em partes principais e voltar, no final, a alguns pensamentos que ele destacou no início. A primeira parte está colocada entre as duas referências ao leão que rugiu (1:2; 3:8). Cada uma das subdivisões (exceto 3:3-8) pode ser considerada como um rugido separado: o leão divino primeiro denuncia os pecados do mundo gentio (1:3 - 2:3) e, então, do mundo israelita, dirigindo-se ao reino do sul, Judá (2:4, 5), à casa do próprio Amós e, depois, ao reino do norte, Israel (2:6-16), o povo ao qual ele foi enviado, terminando com uma ligação entre eles, em um oráculo de conclusão (3:1, 2).

A metáfora do leão fala, naturalmente, sobre julgamento, e a série de oráculos serve para demonstrar, ponto por ponto, as coisas que desagradam a Deus. Não obstante, o julgamento ainda é, neste ponto, uma ameaça futura e, da maneira mais sutil possível, Amós harmoniza, no final, o rugido do leão com a voz do profeta (3:8); a sua própria voz clama, em nome de Deus, que o povo o ouça antes que seja tarde demais.

Amós 1: 2

EM NOME DE DEUS

O ser humano tem uma capacidade infinita para sentir um conjunto de emoções, contanto que elas sejam sentidas de um ponto totalmente seguro! Se não fosse assim, será que planejaríamos a nossa visita ao zoológico de modo a chegar na hora em que o leão esteja sendo alimentado? Mesmo a proteção dos vidros inquebráveis ou das grossas barras de ferro pouco contribui para diminuir o efeito dos rugidos e pulos, dos músculos ondeantes e das garras que despedaçam.

Mas removamos as barras, restauremos o leão ao seu habitat, substituamos a carcaça morta por uma presa viva, revitalizemos a ferocidade enjaulada até que ela alcance novamente a sua intensidade nativa e natural, e teremos o retrato de Deus que Amós escolheu para iniciar o seu livro.

Sansão seria o melhor comentarista do livro de Amós neste ponto, pois ele experimentou a realidade que Amós transformou em metáfora. Ele ouviu esse rugido (Jz 14:5) quando caminhava pelas vinhas de Timna. “Atacou” seria, de um certo modo, uma tradução melhor do que “rugiu”, pois o rugido em questão é o rugido do leão que pula sobre a vítima, o rugido de um leão já resolvido a atacar, o rugido com a intenção de paralisar de terror a sua vítima. Jamais um leão cometeu um erro de julgamento como esse! A atitude de Sansão de rasgar o animal não foi por capricho nem por crueldade. A questão de vida ou morte foi lançada sobre ele pelo animal que saltava e rugia. Mas Amós diz que é o *Senhor* que *ruge* assim.

“Rugir” é uma palavra selvagem, perversa. Pode ela ter alguma relação com a natureza divina? Deus pode ser assim? É uma pala-

vra que aponta para o sofrimento, para a destruição e morte iminentes. Coisas desse tipo podem vir de Deus? Estas perguntas são importantes, pois Amós se nos apresenta como um profeta, um homem com uma palavra de Deus, e se o Deus em cujo nome ele fala não é o Deus que nós adoramos, então o livro de Amós fica sendo uma obra para o seu tempo e não para o nosso. Deixa de ter relevância porque não se relaciona com a fonte. Quem, então, é o Deus de Amós, este Deus que é um leão que ruge?

O nome divino

Esta primeira palavra que Amós deseja que ouçamos é o nome de Deus: *O Senhor rugirá*,¹ de modo que o nosso olhar primeiramente é atraído pelo Agente, e só depois de o contemplarmos é que temos permissão de considerar o que vai fazer. Quem é *o Senhor*, Iavé?

Como o restante da Bíblia, Amós associa (cf. 3:1) o nome de Deus com a revelação que ele mesmo fez de si ao seu povo através de Moisés no Êxodo.² O primeiro passo nesta revelação foi a declaração da santidade de Deus (Êx 3:5), uma verdade claramente implícita no Gênesis, mas nunca antes explicitamente declarada. A primeira grande seqüência de narrativas no Êxodo chega ao seu clímax numa colossal reafirmação da mesma verdade (Êx 19), a chama da santidade queimando na sarça e transformando-se na montanha de fogo ardente no coração do céu. É preciso captar com muita clareza o significado do fato de que a revelação do nome de Deus fica, assim, equiparada à declarada santidade de

¹ A sentença no hebraico segue uma ordem fixa de palavras. O verbo vem em primeiro lugar e o sujeito segue o respectivo verbo. Neste exemplo, portanto, a ordem regular das palavras deveria ser "Ruge o Senhor...". Amós inverte a ordem. O sujeito, o nome divino, vem em primeiro lugar e é, portanto, enfático.

² Duas perguntas deixaram de ser respondidas: o significado "literal" de "Iavé" considerado simplesmente como uma palavra e a questão se o nome, propriamente dito, era conhecido antes do período de Moisés. Veja J. A. Motyer, *The Revelation of the Divine Name* (A Revelação do Nome Divino, Tyndale Press, 1959); U. Cassuto, *Exodus* (Êxodo, OUP, 1968); R. de Vaux, "The Revelation of the divine Name, Yahweh" (A Revelação do Nome divino, Iavé) em J. I. Durham e J. R. Porter (Eds.), *Proclamation and Presence* (Proclamação e Presença, SCM Press, 1970), págs. 48ss.

Deus. Quando Deus declara o seu nome, está oferecendo uma declaração resumida do seu caráter essencial. Duas coisas, portanto, convergem nos capítulos iniciais do Êxodo: a revelação desse atributo divino, a santidade, que tanto o Êxodo como o restante da Bíblia insistem ser a verdade fundamental sobre a natureza divina, e o nome, Iavé, com o qual Deus escolheu expressar a verdade eterna (Êx 3:15) sobre si mesmo. O desenvolvimento da narrativa do Êxodo expõe o tema. Primeiro, nas palavras que ele falou a Moisés e, depois, nos grandes feitos pelos quais estas palavras foram autenticadas; Iavé, o Deus santo, foi declarado ser o Deus que salva o seu povo e vence os seus inimigos. A salvação e o julgamento são, igualmente, aspectos de sua santidade e juntos constituem a definição permanente do seu caráter santo que se expressa no seu nome.

O altar de Deus

Uma das indicações de que Amós está pensando de maneira muito precisa sobre o Deus que se revelou a Moisés é que ele se sente na obrigação de ameaçar repetidas vezes com o julgamento de fogo (1:4, 7, 10, 12, 14; 2:2, 5), o que não é uma descrição muito adequada do que acontece quando um leão salta! Mas não há nada tão consistente com a revelação da santidade flamejante do que a estrutura do nome Iavé. Amós nos prepara para isto quando coloca considerável ênfase sobre o local de onde Iavé rugiu: *de Sião, e de Jerusalém*.³ Aqui há mais do que uma repreensão implícita às tribos do norte por causa do seu cisma (1 Rs 12:16, 26ss.). Antes, o simbolismo do fogo continua: exatamente como na seqüência da narrativa do Êxodo, a chama na sarça (Êx 3:2) evoluiu primeiro no grande fogo do Sinai (Êx 19:18) e, então, no fogo imorredouro sobre o altar de Deus (Lv 6:13) que acompanhava o povo desde o Sinai; assim, Amós descreve Iavé como aquele que fala do lugar que escolheu para colocar o seu altar: a expressão visível da ira e da misericórdia que, juntas, definem a sua natureza santa. Era o lugar da ira, pois ali se pagava o preço do pecado

³ Aqui novamente uma inversão na ordem das palavras hebraicas joga os nomes das localidades em destaque. A ênfase, portanto, é dupla: primeiro, no uso dos dois nomes e, segundo, a ênfase dada a cada um deles por sua vez.

com a morte;⁴ era o lugar da misericórdia, pois ali o pecador encontrava o bálsamo do perdão e da expiação divina (Lv. 17:11).

Providência moral paciente

Para nós, naturalmente, misericórdia e ira parecem antônimos irreconciliáveis, uma cancelando a outra. A combinação perfeita de ambas na natureza divina é algo além da nossa capacidade de imaginação. Quando Amós percebeu o caráter do seu Deus, viu que o rugido de condenação e julgamento só vinha quando a paciência da misericórdia tinha esperado muito tempo, e em vão, por arrependimento e por mudança de vida. Este é o significado da repetida frase: *Por três transgressões . . . e por quatro.*⁵ Da parte do homem, a taça do pecado estava cheia até a borda; da parte de Deus, não houve ação precipitada: a primeira transgressão bem que merecera a ira divina, mas a misericórdia aguardou e a paciência ficou observando. Um modo de expressar esta verdade a respeito de Deus é dizer que ele nunca pune o pecador senão depois de prolongada observação pessoal e de amplas oportunidades de arrependimento.⁶ Outra maneira de declarar a mesma verdade é dizer que a face que Deus volta para o mundo é predominantemente de misericórdia, que a ira vem, quando vem, tarde e atrasada e, como a Bíblia nos permite dizer, acompanhada das lágrimas de Deus por causa dos pecadores recalcitrantes e não arrependidos (cf. Lc 19:41, 42). O Deus de Amós é um Deus de providência moral paciente.

Um mundo, um Deus

É fácil e até correto descrever o Deus de Amós com as palavras “providência moral paciente”, mas elas são impossíveis de expli-

⁴ Veja, por exemplo, no NDB, o verbete “Expição”. A. M. Stibbs, *The Meaning of the Word “Blood” in Scripture* (O Significado da Palavra “sangue” nas Escrituras, Tyndale Press, 1948).

⁵ 1:3, 6, 9, 11, 13; 2:1, 4, 6; cf. Jó 33:14; Sl 62:11; Pv 30:15, 18, 21; Os 6:2; Mq 5:5. A idéia total por trás do numeral ascendente é de que foi feita uma avaliação completa, e o resultado pode ser aceito com confiança.

⁶ Cf. Gn 6:5, 6:11, 5; 18:20, 21; Sl 50:21; Ec 8:11; Is 30:18; 57:11; Lc 13:6-9; 20:9-13; At 17:30, 31; 2 Pe 3:8, 9, 15; Ap 2:2, 9, 13, 19, etc.

car e difíceis de justificar. As desigualdades da vida são demasiado grandes, o abismo entre os que têm e os que não têm é demasiado largo e profundo, e a evidência do imerecido sofrimento e a ausência do sofrimento merecido são demasiadamente penetrantes para que alguém faça suposições apressadas de um propósito moral único governando o mundo. Pode-se, naturalmente, aceitar com muita rapidez que problemas como esses contribuem, sem dúvida, para a causa do ateísmo: pois se há um Deus bom como pode haver tais desigualdades e sofrimentos no mundo? Mas, por outro lado, se não há um Deus bom, embora os sofrimentos continuem existindo, estes já não constituem um problema, pois a alternativa para o ensinamento bíblico de que um Deus bom governa tudo é que o acaso governa tudo, e, se tudo depende do acaso, então as desigualdades, os sofrimentos (merecidos ou não), as injustiças e tudo mais não passam de volteios da roda: são fatos, não problemas. Um ateu convicto e consistente pode muito bem assegurar que o acaso governa tudo; mas se o faz, deve desistir de usar o “problema do sofrimento” como parte do seu argumento anti-Deus e também deve explicar ao resto do mundo por que o sofrimento é universalmente considerado como um problema e não apenas um dado a mais.

A evidência final de que Amós está falando do Deus de toda a Bíblia, o Deus do cristão que ama a Bíblia, é que em nome do seu Deus ele enfrenta o mundo inteiro, em toda a realidade de suas crueldades, de suas injustiças não resolvidas, de pessoas privilegiadas e desprivilegiadas, e submete tudo sem reservas ao controle e julgamento do Deus único.

Primeiro, ele o declara por meio de uma metáfora muito típica dos profetas. Quando o Senhor rugir, então *os prados dos pastores estarão de luto, e secar-se-á o cume do Carmelo* (1:2). Desde as campinas verdejantes no vale junto ao rio até a altura do Carmelo; desde os pousos dos pastores no extremo sul até a cadeia de montanhas do Carmelo ao norte, desde as doces folhas de capim até a luxuriante vegetação do Carmelo (cf. Is 35:2), tudo fica sob a ruína e o infortúnio do julgamento.

Esta é a metáfora. Ela fala da totalidade. A realidade é enunciada em termos de nações: o mundo inteiro está sob a observação divina, subserviente à tributação divina e, sem escapatória, vencido pelo julgamento divino. Sintam o peso do monoteísmo de

O RUGIDO DO LEÃO

Amós! Quando ele recorda o mundo dos que não têm, das nações que nunca receberam qualquer revelação de Iavé (1:3 - 2:3), ele não toma o menor conhecimento do fato de que cada uma adorava o seu próprio deus. Tal informação era totalmente irrelevante. Elas não eram responsáveis diante daquele deus, nem aquele deus poderia salvá-las no dia da ira de Iavé. Só havia um único Deus sobre toda a terra, e a Ele deviam prestar contas.

Mas a mensagem de Amós contém muito mais do que esta verdade importante e abundantemente aplicável ao povo de Deus (2:4-3:2). Aquele que muito recebe, dele muito será cobrado. O julgamento virá e começará pela casa de Deus,⁷ e se manifestará ali numa intensidade aparentemente impiedosa e destruidora.

Quanto mais reconhecemos (e com o coração grato) o Deus de Amós como o nosso Deus, mais humildes devemos nos tornar diante desta verdade. Verdadeiramente, ele é o nosso Deus: o Santo, manifestando a sua santidade em ira justa e justa salvação, o Leão da tribo de Judá que também é o Cordeiro que foi morto: ele é o Deus do altar da cruz do Calvário, o encontro final e eterno da misericórdia e da ira, o único sacrifício eterno pelos pecados.⁸ É verdade que podemos cantar dizendo que “a ira de um Deus que odeia o pecado não tem nada a ver comigo”, desde que “a obediência do meu Salvador e o seu sangue escondem todas as minhas transgressões”.⁹ Mas também é verdade que a ira de um Deus que odeia o pecado deve estar permanentemente na consciência do cristão, pois Deus não odeia o pecado mais do que quando o vê corrompendo a vida do seu povo. A paternidade de Deus, o privilégio supremo de nossa posição de remidos também é a base do nosso perpétuo temor.¹⁰ Mais do que em qualquer outro aspecto, a mensagem de Amós tem permanente relevância neste ponto: forçar-nos a tornar verídica a nossa vocação e eleição; lembrar-nos de que uma coisa é reivindicar as promessas de Deus, e outra, herdá-las; e ensinar (setecentos e sessenta anos antes de alguém maior do que Amós ter usado essas palavras) que muitos chamarão “Senhor,

⁷ Cf. 9:1; Ez 9:5, 6; 1 Pe 4:17.

⁸ Cf. Rm 3:23-26; 2 Ts 1:5-10; Hb 10:12; 12:22-24; Ap 5:5, 6.

⁹ Do hino de A. M. Toplady, “A debtor to mercy alone” (Devedor só da misericórdia).

¹⁰ Cf. Fp 2:12; 1 Pe 1:17.

Senhor”, apenas para ouvir a resposta: “Apartai-vos de mim, os que praticam a iniquidade” (Mt 7:22ss.).

Dois perigos

Contudo, não estaria de acordo com as características de Amós concluir este estudo introdutório sem um comentário adicional. Há dois grandes perigos nos quais caímos facilmente. O primeiro é o de embaçar a nossa consciência quanto à sua vigorosa condenação do pecado nas pessoas que professam crer em Deus; o segundo é o perigo de desvincular esta mensagem particular do contexto da mensagem total de Amós. A maioria dos que escrevem sobre Amós tratam o capítulo 1, versículo 2, como um título, ou “texto” para todo o livro. Num certo sentido, isto é verdade, mas em outro é falso. Como já vimos, o capítulo 1, versículo 2 é principalmente o versículo de abertura da primeira seção do livro: anuncia o rugido do leão, e o capítulo 3, versículo 8, conclui a seção relembRANDO o rugido do leão. É esta observação que dá lugar à necessidade de enfatizar a mensagem de Amós sobre o julgamento do povo de Deus. Mais da metade do material contido nesta seção se ocupa em declarar e condenar os pecados de Israel e Judá e, na verdade, como veremos, os pecados das nações do mundo também são mencionados, em considerável extensão, a fim de chamar a atenção do povo de Deus para que ouça a mensagem da ira divina contra esses mesmos pecados.

Apesar disso, não é de todo falso considerar o capítulo 1, versículo 2, como o título de todo o livro, pois é um resumo notavelmente exato de toda a mensagem, especialmente quando nos lembramos de que a primeira palavra de Amós é *Iavé*, o nome divino, o nome que significa tanto privilégio como exigências. Que privilégio conhecer o Deus santo como Salvador! Que tarefa conviver com o santo Adversário do pecado! O fato da ênfase de Amós recair sobre este último foi ocasionado pelas circunstâncias do seu tempo. O povo de Deus tinha adormecido no conforto dos privilégios da salvação e precisava ser sacudido para se conscientizar de que a única certeza da garantia de posse desses privilégios era a evidência de uma vida submissa, sem reservas, para ser santo como o seu Deus Salvador é santo. E dificilmente podemos dizer que esta mensagem não tenha relevância para as igrejas de hoje.

Existem dois lados (segundo a perspectiva humana) para a revelação de Deus no nome de Iavé, e há dois caminhos para a vida do povo de Deus na sua reação diante dessa revelação.¹¹ Iavé significa principalmente o Deus santo e, portanto, a primeira reação do povo de Deus ao conhecê-lo é o compromisso de se parecer com a sua natureza santa.¹² Por outro lado, a santidade é a de um Redentor, de um Salvador dos pecadores, e a reação própria a esta revelação é viver diante dele em um espírito de arrependimento, frequentando o lugar do perdão e da purificação, usando totalmente os meios do perdão e da graça.

É a combinação destas verdades que fez de Amós o profeta especial que foi, e é nos termos destas verdades que o seu chamado salta sobre os séculos para se dirigir a nós. Como sempre, a Bíblia fala com uma voz única. Relembrando os grandes atos da salvação nos quais Deus revelou o seu nome e sua natureza, ela diz: “Filhinhos meus, estas cousas vos escrevo para que não pequeis”; examinando as vidas instáveis, inconstantes e geralmente derrotadas do povo de Deus, ela acrescenta: “Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o justo; e ele é a propiciação pelos nossos pecados” (1 Jo 2: 1, 2).

¹¹ A opinião mantida por tantos estudiosos de Amós de que sua mensagem é totalmente de juízo (até a posição extrema de levar Amós a declarar sem qualificações o final do relacionamento da aliança entre o Senhor e o seu povo) brota da falha em reconhecer as duas facetas da revelação de Iavé. Na situação do Êxodo, Deus agiu em salvação-e-julgamento. Um profeta que anuncia a sua mensagem com a proclamação do nome de Iavé e continua ligando esse nome tão firmemente ao seu contexto original do Êxodo (cf. 2:10; 3:1; 5:25), não pode isolar dentro da natureza divina a faceta do julgamento e dizer que, a partir daí, é tudo o que o nome divino vai significar para o povo de Deus: um nome para rejeição. Iavé não pode esquecer-se de ser cheio de graça.

¹² Cf. Êx 19:4-6; Lv 20:26; Dt 7:6; Mt 5:44-48; 1 Pe 1:15; 1 Jo 3:3.

Amós 1: 3 - 2: 3

A QUARTA TRANSGRESSÃO

A consciência é uma faculdade dada por Deus, parte da imagem de Deus no homem. Como qualquer outro aspecto desta imagem, ela foi corrompida, enfraquecida e depravada logo que a natureza humana deu abrigo à rebeldia contra Deus; e o processo do endurecimento pelo pecado, depois de tão grande número de gerações, não melhorou a sensibilidade da consciência como um instrumento de julgamento moral. Por isso é verdade que a história poderia muito bem ser contada com um catálogo de crimes cometidos em nome da consciência: uma narrativa que ainda está sendo escrita nos dias de hoje.

Mas é mais certo dizer que crimes maiores e mais numerosos foram cometidos apagando a voz da consciência. A imagem de Deus no homem não foi erradicada. O que a Bíblia ensina sobre a natureza humana arruinada exprime-se muito bem na linguagem teológica como “total depravação”, e pretende declarar a penetração do pecado em toda a natureza humana, não deixando nenhuma parte ou aspecto dela isento da corrupção. O todo é realmente corrupto, mas as Escrituras igualmente insistem em que a graça comum do Deus Criador, sobre toda a criação, providenciou, pela sua misericórdia, que as exigências da sua lei fossem gravadas nos corações dos homens (Rm 2: 15).

Ser um homem

Considere-se isto nos termos da declaração de Jesus de que o Pai deu ao Filho a autoridade para executar o julgamento “porque é o Filho do homem” (Jo 5:27). Se a palavra final desta citação fos-

se “Deus”, teríamos motivos legítimos para nos queixar. Deus não poderia racionalmente esperar que nos elevássemos às alturas divinas! Mas Jesus executa o julgamento em seu caráter humano: ele age como aquele no qual a perfeição do desígnio de Deus para o homem foi plenamente realizada, a Imagem do próprio Deus. Jesus se apresenta como juiz, ele próprio personificando a lei com base na qual o julgamento será pronunciado: os homens serão julgados por falharem em ser homens, no dia em que os livros forem abertos e os feitos todos declarados. É o que as Escrituras dizem e é exatamente isto que Amós diz.

Na verdade, ao lermos o Novo Testamento sentimo-nos compelidos a concluir que os seus escritores estavam familiarizados com as suas Bíblias! A estrutura de Paulo para os primeiros capítulos de Romanos, que demonstra a culpabilidade do mundo gentio e do mundo judeu diante de Deus, é uma passagem direta dos dois primeiros capítulos de Amós. E, quando se trata do mundo gentio, o apóstolo oferece-nos um resumo perfeito da declaração que Amós faz da posição desses dois mundos: *Quando, pois, os gentios que não têm lei, procedem por natureza de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei, gravada nos seus corações, testemunhando-lhes também a consciência.* . . .¹ Devemos, entretanto, tomar o cuidado de entender a expressão “de lei para si mesmos”, pois ela costuma ser usada hoje em dia para referir-se a uma pessoa que desafia as convenções e cria suas próprias regras, uma espécie de desgarrado ético. O significado de Paulo, entretanto, é totalmente diferente. Nenhum ser humano pode escapar da obrigação de ser humano, e mesmo aqueles que nunca receberam preceitos vindos de Deus, falados ou escritos, ainda assim trazem marcas suficientemente fortes do seu Criador para não ficarem totalmente sem orientação moral. Há uma voz que fala dentro deles.

A passagem que temos diante de nós para estudo é um apelo às nações que rodeavam Israel.² Elas têm um denominador comum

¹ Rm 2:14, 15. Sobre a questão da percepção “natural” das verdades morais e religiosas, cf. Gn 26:10; Sl 19:1ss.; At 14:17; 17:28ss.; Rm 1:19ss.

² Os comentaristas costumam negar que Amós tenha escrito os três oráculos que se seguem: Tiro (1:9ss.), Edom (1:11ss.) e Judá (2:4ss.). (a) São mais curtos que os outros quatro. Mas se um editor posterior fosse bastante fraudulento para tentar impingir o seu próprio material como obra de

negativo: nenhuma delas jamais recebeu qualquer revelação especial de Deus ou de sua lei; ele jamais lhes enviou profetas; elas não tiveram nenhum Moisés no seu passado histórico; a voz de Deus jamais soou nos ouvidos de seus antepassados. Mas, mesmo assim, Amós apresenta-as como nações sob julgamento. Elas ficaram sem revelação especial, mas não sem responsabilidade moral; elas ficaram sem conhecimento direto de Deus, mas não sem responsabilidade para com Deus; elas ficaram sem a lei escrita em tábuas de pedra, mas não sem a lei escrita na consciência.

Pergunta sobre relacionamentos

No que se refere a esta passagem de Amós, a lei escrita na consciência é explicada em termos de relacionamentos humanos. Sem dúvida, as nações pagãs aqui citadas tinham muitos erros (alguns até revoltantes), crenças e ritos religiosos horripilantes que nem sequer foram mencionados de passagem. A ênfase não se dirige sobre o que elas faziam ou deixavam de fazer, ou sobre o que elas diziam sobre Deus, mas sobre o que elas faziam de homem para homem: crueldades (1:3) no decorrer das campanhas militares de Hazael um século e meio antes;³ comércio impiedoso de es-

Amós, cairia no erro elementar de adotar uma forma diferente? (b) Nos oráculos de Edom e Judá supostamente temos evidências de formas posteriores de expressão. Com referência a Edom, ver as notas 4 a 6. No oráculo de Judá, aparecem algumas expressões características de Deuteronomio e, considerando que se supõe Deuteronomio ser pós-Amós, estas expressões apontam para uma data posterior. Este argumento não tem valor, naturalmente, se for aceito o próprio testemunho de Deuteronomio que aponta para a sua origem mosaica. Mesmo assim, entretanto, as evidências reais são muito poucas: a revelação divina é chamada de "lei" e de "estatuto" que devem ser "guardados"; a apostasia é "seguir após" outros deuses. Mays (que advoga esta linha) admite que Is 1:10 prova que a "lei" era usual no tempo de Amós; Hammershaimb (rejeitando todo o processo) diz que "andar após" origina-se da participação nas procissões pagãs. Mas, de qualquer forma, "andar" geralmente significa "modo de vida". (c) Alega-se que o editor posterior foi motivado por um desejo de completar o cerco de Israel com uma convocação total das nações. Mas certamente teria suscitado a opinião adversa dos comentaristas se algum destes óbvios candidatos à repreensão fosse omitido! E Amós não se atreveria a omitir Judá se quisesse permanecer objetivo e dignode confiança de um auditório israelita.

³ Cf. 2 Rs 8:7-15; 10:32, 33; 13:3, 7, 22. O período de Hazael foi 842-806

cravos envolvendo populações inteiras (v. 6b),⁴ rompimento de promessas (v. 9),⁵ ódio persistente e anormal (v. 11),⁶ e, finalmen-

a.C. Eliseu o advertiu meticulosamente contra o curso que adotou, mas, como Pusey (*in loc.*) observa vigorosamente, “Parece que Hazael se endurceu no pecado através do conhecimento que deveria tê-lo prevenido... Eliseu o interpretou... ele provavelmente se justificou...” Os detalhes no versículo 3b podem ser uma descrição literal da brutalidade praticada ou o figurativo de algum método ultrajante de terrorismo. Os versículos 4 e 5 descrevem a propagação da destruição divina por todo o reino até que tudo foi destruído: a dinastia acabou (Ben-Hadade foi o filho e sucessor de Hazael, 2 Rs 13:24); não havia refúgio nem na cidade cercada, nem no vale aberto; *Bete-Éden* talvez seja Bit-Adini no Eufrates Superior, significando que não haveria escape fugindo para outro reino; e, finalmente, os sírios retornam para a obscuridade desconhecida de onde uma vez saíram (cf. 9:7), simbolizando o apagamento do seu nome.

⁴ Gaza deve ser entendida como o comerciante de escravos agindo em conjunto com Edom, na condição de vendedor ou distribuidor. Gaza foi escolhida para tipificar a Filistia, por ser um bem conhecido centro de comércio e, portanto, um dos mais envolvidos neste tráfico de vidas humanas, ou por causa do significado do seu nome (“Força”), dando a entender que nenhum poder humano pode permanecer contra Deus em julgamento. Observe-se que Sansão foi levado a Gaza (Jz 16:21): talvez fosse reconhecido como o apogeu da força filistéia. A ausência de Gate entre as cidades filistéias no versículo 8 levou alguns comentaristas a datar este oráculo depois de 711 a.C. (quando Gate caiu nas mãos dos assírios) e, portanto, depois do período de Amós. Mas, da mesma forma, poderíamos dizer que Gate ainda estava sofrendo o eclipse depois de sua derrota por Hazael (2 Rs 12:17). Cf. J. L. Mays, *in loc.* Ver também 2 Cr 26:6.

⁵ O versículo 9b começa com uma acusação idêntica à do versículo 6b, mas acrescenta a particularidade da transgressão da aliança. Literalmente, as palavras são “aliança de irmãos”. Calvin entendia que os irmãos em questão eram Israel e Edom (isto é, Jacó e Esaú); Tiro tornou-se culpada por associação porque tomou partido na bem conhecida violação de Edom nas obrigações fraternais. Mas é melhor seguir a indicação fornecida pelas referências a uma aliança entre Tiro e Davi, renovada por Salomão (cf. 2 Sm 5:11, 12; 1 Rs 5:1-12, onde, no versículo 1, “sempre fora amigo” deve ser entendido como preservação da lealdade dentro de um relacionamento numa aliança. Como veremos logo abaixo, é importante que entendamos que Amós não faz referência ao mal praticado por Israel ou Judá de maneira específica, mas simplesmente declara o pecado da transgressão da palavra empenhada.

⁶ Mays (*in loc.*) fala em nome de muitos comentaristas quando declara que a atitude aqui atribuída a Edom encontra o seu melhor reflexo em Ob 10-12 e Lm 4:21ss., e considerando que isto aconteceu no período da queda de Jerusalém (586 a.C.), este oráculo contra Edom deve pertencer

te, atrocidades revoltantes contra os desamparados (v.13)⁷ e os mortos (2:1).⁸

Examinando esta lista de relacionamentos prejudicados, descobrimos que não se trata de uma coleção acidental de acusações, mas de uma declaração cuidadosamente estruturada. Seis nações são colocadas sob exame. No caso das duas primeiras (1:3-5, 6-8), nada se declarou exceto o fato da crueldade vulgar; o próximo par, entretanto, faz soar uma nota totalmente diferente ligando uma à outra pela palavra “irmão” (1:9, 11); e o par final, associado como está pelas idéias contrastantes de destruição do futuro (representado pelas crianças que não nasceram, versículo 13) e profanação do passado (2:1), está firmemente ligado, apresentando-nos duas categorias de pessoas desamparadas, as mulheres grávidas e os mortos. Assim, podemos dizer que Amós primeiro examina as violações dos relacionamentos gerais da vida, do ser humano para com o ser humano e, então, das responsabilidades particulares da vida, de irmão para irmão e, finalmente, as reivindicações especiais da vida, a atitude do forte para com o fraco. Deste modo, ele fala defendendo seis princípios básicos da conduta humana.

Pessoas e coisas

Não é difícil imaginar estarmos com o mesmo estado de espíri-

ao mesmo período e não pode ser atribuído a Amós. Mas devemos notar que, embora estas referências especifiquem um ato particular da hostilidade iduméia, Amós está preocupado com um ódio persistente e mantido. Hammershaimb (*in loc.*) observa o fato de que as guerras iduméias se estenderam por todo o século até o período de Amós e a possibilidade da extensa agressão iduméia durante a rebelião contra Jorão (2 Rs 8:20ss.) dentro do período.

⁷ O v. 13 denuncia explicitamente as atrocidades cometidas contra mulheres grávidas. Isso era parte dos empreendimentos terroristas das máquinas de guerra contemporâneas (cf. 2 Rs 8:12; 15:16; Os 13:16). Se houvesse qualquer outro propósito além de subjugar através da brutalidade, era o de destruir as futuras esperanças do inimigo.

⁸ Hammershaimb observa que queimar os mortos era um expediente ao qual se recorria apenas “em casos de sérias ofensas nas quais era impossível considerar adequada a simples pena de morte... (... Acã, Js 7:15, 25; certas ofensas sexuais, Lv 20:14; 21:9; Gn 38:24). Agindo assim para com os idumeus, os moabitas trataram os seus reis como se tratariam criminosos perigosos”.

to cultivado pelo esforço de guerra de Hazael e os sírios (1:3-5). Se ele tivesse uma conversa com o real comandante-em-chefe, sem dúvida este diria: “Só há um jeito de fazer guerra: atacar o inimigo com tudo o que temos e de todas as maneiras possíveis”. E se alguém levantasse uma voz de protesto humanístico contra levar a guerra até o extremo de tortura deliberada dos prisioneiros, mais cedo ou mais tarde a resposta seria: “Estamos em guerra. Você não sabia?” Circunstâncias excepcionais justificam medidas excepcionais e removem limitações convencionais.

Os homens podem pensar assim, mas Deus não. Com ou sem guerra, Hazael não tinha o direito de tratar as pessoas como se fossem coisas. Este é o primeiro princípio moral absoluto que Amós defende: As pessoas não são coisas. Vamos imaginar que a descrição da conduta de Hazael “trilhando” Gileade realmente não significasse que ele tivesse empregado animais para arrastar plataformas de madeira crivadas e carregadas de pedras, de um lado para outro, sobre os corpos prostrados dos gileaditas vivos. Vamos aceitá-lo metaforicamente, mas vamos ver o que a metáfora significa. “Trilhar” é o que o homem faz a uma coisa, ao grão colhido, a fim de extrair dele o lucro. Foi o que Hazael fez em Gileade. Ele tratou pessoas como coisas. Mas não encontrou simpatia, permissão ou perdão no céu.

O princípio aliado a este par de oráculos introdutórios que tratam dos relacionamentos humanos gerais é a prioridade do bem-estar humano sobre o lucro comercial (1:6). Passamos do campo de batalha para a sala da diretoria, do campo para o balcão. Gaza era um formigueiro de atividades comerciais, um grande centro de negócios. Comprar e vender era a sua vida, mantida às custas de muitas vidas. Mas, então, como era sabido em Gaza, ninguém entrava nos negócios por motivos filantrópicos. Onde o dinheiro fala mais alto, é melhor saber calar a boca, e onde o limite entre a solvência e a falência depende, todos os dias, do lucro obtido sobre o rival mais próximo, ou de se achar mercado para um produto tido como invendável, por que, então, não fechar os olhos e prosseguir? Se a vida é dura, os negócios são ainda mais. E, como podemos bem imaginar, em nenhum outro lugar esta filosofia era mais conhecida e praticada do que no mercado do comércio de escravos. “Está vendo esta aqui? Ela ajoelhou-se diante de mim para que a deixasse ficar com o seu marido aleijado, e disse que mor-

reria se tivesse de deixá-lo. Que pena, doçura, eu disse, você vai alcançar um bom preço.”

Levaram em cativo todo o povo: jovens, velhos, homens, mulheres, casados, solteiros, ricos, pobres. Só uma pergunta foi feita: Conseguirei vendê-los? E Deus observou isso, como sempre faz quando coisas são valorizadas mais do que pessoas.

Relacionamentos fraternais

A análise de Amós quanto às obrigações a que o nosso humanismo nos obriga torna-se agora um pouco mais particular, e os princípios que brotam dos exemplos que ele oferece tornam-se um pouco mais pessoais. Dentro da família humana como um todo, existem pessoas com quais somos um pouco mais íntimos: num relacionamento **deliberadamente** formado e selado com um pacto (1:9), ou num relacionamento herdado pelo sangue (1:11).

Da idéia de um pacto, Amós extrai o terceiro dentre os seis princípios da conduta humana: a inviolabilidade da palavra dada. É o elemento da “aliança” ou da promessa que distingue a acusação contra Tiro da acusação contra Gaza. Ambas estavam igualmente imersas no desumano tráfico de carne humana; ambas estavam igualmente ligadas pelos laços comerciais com Edom. Mas no caso de Tiro, houve um fator adicional. A terceira transgressão de Tiro talvez fosse a sua ambiciosa desatenção para com o sofrimento humano, mas a sua quarta transgressão, o item final que Deus não ignoraria, era que Tiro, em seu comércio de escravos, agia violando obrigações assumidas em tratados. A palavra fora dada e a palavra fora violada.

Naturalmente, não estamos querendo dizer que, em todos os casos, somos obrigados a manter irreversivelmente a nossa palavra. Algumas promessas podem ser cumpridas apenas se nos arrependemos delas. Não podemos, por exemplo, prever o futuro; e poderíamos fazer uma determinada promessa, dizendo que faremos determinada coisa dentro de um ano, mas, quando chega o momento de cumprir a promessa, fica claro que a ação em questão envolveria uma violação de honra muito maior, uma atitude mais vergonhosa e mais censurável do que se violássemos a promessa original. Em tais circunstâncias, seria fanatismo insistir em cumprir a promessa. Herodes não cometeu um pecado maior mantem-

do a sua palavra do que se a tivesse quebrado (Mc 6:26)? Perguntaram, certa vez, a uma criança o que Herodes deveria ter feito, pois, afinal, ele tinha prometido dar a metade do seu reino. “É fácil,” ela respondeu, “ele deveria ter respondido: Sinto muito. Acho que a cabeça de João Batista é a outra metade do meu reino!” E se nós, moralisticamente, acharmos que tal atitude é uma evasiva, vamos pelo menos reconhecer que é uma evasiva que fica do lado da justiça. A atitude absolutamente honrosa para Herodes, como para nós, seria pronunciar simplesmente as palavras “sinto muito”. O caminho do arrependimento humilde de toda uma situação geralmente é o bem moral mais elevado no mundo dos pecadores.

Tudo isto certamente é verdade e Amós não deve ser considerado como um advogado do moralismo irreal. Mas, por mais verdadeiro que seja o fato de que algumas promessas devessem ser honradas com o arrependimento e a aceitação das conseqüências, nenhuma palavra empenhada deveria ser tratada como coisa negociável simplesmente por interesse e vantagem. Foi o que Tiro fez, e essa foi a quarta transgressão imperdoável.

O segundo aspecto da fraternidade (e o quarto princípio da conduta) surge em contraste com o pecado de Edom. É notável que Edom, já implicada duas vezes com a abominação do comércio de escravos (1: 6, 9), agora é acusada de uma transgressão totalmente diferente e nova. Verdadeiramente, o Senhor não age de modo arbitrário para com qualquer uma de suas criaturas. O que é uma “quarta transgressão” imperdoável em um caso, é apenas uma evidência incidental de pecado em outro e um passo a mais em direção ao terrível ponto em que não há retorno quando o arrependimento, ainda que buscado, não pode nunca mais ser encontrado. No caso de Edom, a quarta transgressão estava escondida no coração. Eles tinham uma longa história de antagonismo contra o povo de Deus⁹ que ainda iria culminar na sua alegria demoníaca com a queda de Jerusalém (Sl 137:7). Além disso, Amós discerne

⁹ Cf. Nm 20:18-21; em 1 Sm 14:47, os idumeus encontram-se entre os “inimigos” de Saul, isto é, suas guerras aqui mencionadas foram defensivas, cf. Sl 83:5, 6; 2 Sm 8:13, cf. Js 15:62, que registra “a Cidade do Sal” dentro das fronteiras de Judá e podemos, assim, presumir que o “Vale do Sal” foi até onde penetraram os invasores idumeus; 1 Rs 11:14ss.; 2 Rs 8:20; 14:7; 2 Cr 28:17, observe-se o “de novo”, que no hebraico é enfático.

uma *ira* que despedaçava perpetuamente e uma *indignação* eterna. O que estava oculto, a fonte da qual brotavam os atos externos de agressão e rancor, era conhecida de Deus e era isto que ele não podia ignorar.

Contrastando com este pecado de Edom, qual o princípio que pode ser deduzido para uma vida agradável a Deus? Que é inadmissível o ódio nutrido no coração. Isto é, sem dúvida, bastante claro nas Escrituras como sendo o pecado que é imperdoável, pois nada é mais evidente do que, na ausência de qualquer fluxo de perdão em nível humano, não pode haver nenhum fluxo do perdão divino. O ódio de Edom era irracional (e até onde sabemos, sem causa), mas apesar das explicações apresentadas, os edomitas não conseguiam deixá-lo de lado e lá estava ele envenenando o coração com amargura e inflamando a vesícula biliar deles. Em princípio, Deus lhes disse através de Amós o que Jesus nos diz: “Se, porém, não perdoardes aos homens (as suas ofensas), tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas” (Mt 6:15). E como poderia? Pois aqueles que não conseguem perdoar esqueceram-se da sua própria situação de pecadores culpados (Mt 18:32-35); como podem, então, pedir perdão? Além disso, aqueles que dão lugar a antigas feridas inflamadas proclamam que não estão interessados em perdoar; eles não percebem que têm algo para dar, eles não se importam: como podem, então, pedir? O ódio guardado no coração é a quarta transgressão sem igual.

Os fortes e os fracos

Chegamos agora à terceira área do relacionamento humano do qual Amós se propõe a deduzir princípios de conduta: aqueles relacionamentos nos quais os desamparados de um grupo deveriam despertar a ternura e a compaixão de outro. Seus exemplos escolhidos são o de uma mãe grávida e a criança não nascida (1:13-15) e o do morto (2:1-3).

Esta é uma atitude caracteristicamente bíblica e específica do Antigo Testamento. Com que prontidão Moisés reagiu em benefício dos desamparados e aflitos,¹⁰ um costume que se tornou

¹⁰ É um notável estudo sobre a providência divina que de uma casa real, que podia calmamente decretar o infanticídio, Deus tirasse uma princesa com

obrigatório em Israel através da lei que ele deu!¹¹ Os reis de Israel, ainda que um grupo variado, foram notados por sua misericórdia,¹² e a consciência social dos profetas em favor das minorias e indivíduos oprimidos foi notável.¹³ Amós permaneceu bem dentro desta tradição.¹⁴ É digno de nota que, no oráculo contra Amom, mais do que em qualquer outro, há uma insistência no detalhe do castigo severo: ouvimos o grito do inimigo que chega correndo (1:14), e Amós acrescenta que até as próprias forças da natureza (como nós as chamaríamos) — *turbilhão* e *tempestade* — que são simbolismos, como sempre do antagonismo divino, juntam o seu peso ao do assaltante humano. Nada provoca mais o castigo de Deus do que a crueldade insensível para com o desamparado, pois ele não é justamente chamado de Pai dos órfãos e defensor da causa da viúva (Sl 68: 5)?

* A motivação dos amonitas foi a ambição, *para dilatarem os seus próprios termos* (1:13), da aquisição territorial da vizinha Gileade. É neste ambiente que devemos procurar extrair das palavras de Amós o quinto princípio de conduta: a limitação da ambição pessoal através dos direitos do desamparado. Não que a ambição pessoal seja errada. Ela é realmente necessária à vida, e faz parte da constituição que o Criador nos deu. Mas imaginemos que a ambição leve alguém a procurar um emprego melhor através da dispensa injusta de um outro que no momento ocupa aquele lugar. Suponhamos que a ambição de melhorar o seu negócio leve alguém a privar a sua esposa de sua companhia matrimonial e os seus filhos do cuidado paterno. Suponhamos que a ambição concorde muito rapidamente ou muito impensadamente com a máxima de que os fracos devem sair do caminho. Será que não tem importância que os pequenos comerciantes tenham de falir por causa dos supermercados? Será que não tem importância que propriedades parti-

passiva (Êx 2:6) para se tornar a mãe adotiva de Moisés. Ele cresceu parecido com ela: cf. Êx 2:11ss., 16ss.

¹¹ Por exemplo, Êx 23:9, 12; Lv 19:10, 13, 14, 33, 34; Dt 15:12-15; 16:11, 12.

¹² Cf. 1 Rs 20:31. Encontramos um exemplo típico do contraste existente entre Israel, instruída pela lei humanitária de Moisés, e as nações pagãs, na reação do amalequita e Davi diante do escravo egípcio doente, em 1 Sm 30:11ss.

¹³ Por exemplo, 1 Rs 21:17ss.; Is 1:17, 23; Jr 7:6; 22:16.

¹⁴ Cf. 2:6, 7, 8; 4:1; 5:11, 12; 6:6; 8:5, 6.

culares sejam pressionadas, sem as devidas compensações, pela tirania da venda compulsória? A questão pode ser obscurecida (e glorificada) com um palavrório sobre o progresso, quando a verdadeira motivação é a ambição amonita.

As mulheres de Gileade e seus filhinhos em gestação jamais feriram os amonitas e, conseqüentemente, o pecado destes é claro como água, tal como é também o preceito contra a ambição desenfreada nele inerente. Mas será que este não seria o caso de uma retribuição, não se tratando, então, de uma devastação impiedosa, mas de uma justa vingança? Talvez esta fosse a motivação do sacrilégio realizado em Moabe (2:1-3). O incidente registrado em 2 Reis, capítulo 3, versículos 26 e 27, é mais facilmente entendido à luz de uma inimizade desesperada e violenta entre duas nações. Ali, o rei de Moabe e seus exércitos foram derrotados por uma coligação de israelitas, judaítas e edomitas. Uma vez que não poderia enfrentar a coligação, o rei de Moabe determinou que pelo menos o rei de Edom não sairia ileso (v. 26), e quando até isso se tornou impossível, ele, de maneira selvagem, tomou o filho de Edom (possivelmente feito prisioneiro no contra-ataque que abortou) e o imolou publicamente (v. 27).¹⁵ Podemos crer que, no contexto de uma inimizade que é capaz de atingir tão alto grau de intensidade, Moabe também tinha muitas coisas a acertar com Edom. Mas o espírito vingativo era tal que aquilo que não pudesse ser acertado em vida, seguiria o rei de Edom à sepultura. O que poderia evidenciar com maior clareza a irracionalidade sem sentido de um ódio nutrido do que ver um venerável morto arrancado da sua sepultura para sofrer indignidades sem sentido?

O ódio é assim. Ele envenena o coração muito mais do que fere o seu objeto. Mas, no contexto, vamos observar como as acusações contra Moabe se equilibram com aquelas que são contra Amom (1:13-15). Quanto a Amom, Amós nos ensinou como pensar sobre o futuro, mantendo a ambição dentro dos limites da misericórdia e da bondade; quanto a Moabe, Amós nos ensina

¹⁵ Esta interpretação é apresentada por Pusey, de maneira persuasiva, e nos dá uma explicação muito satisfatória sobre uma passagem que, de outra forma, seria difícil de entender. Em conseqüência da morte brutal do príncipe herdeiro de Edom, a "ira" mencionada é a reação compreensível dos idumeus para com uma aliança que lhes proporcionou uma perda tão angustiante, e a coligação acabou em divergência e em confusão.

como pensar sobre o passado, e podemos enunciar este sexto e último princípio de conduta simplesmente como a renúncia à vingança. No dia em que Moabe abriu a tumba de Edom, assinou a sua própria sentença de morte: *Moabe morrerá* (2:2). Cada pecado tem em si um fator bumerangue; nenhum mais do que a vingança. Ela não tem lugar dentro do comportamento humano, muito menos no comportamento do povo de Deus.¹⁶

O olhar atento de Deus

É um aspecto constante na perspectiva bíblica da vida que os relacionamentos terrenos têm uma dimensão celestial: os atos diri-

¹⁶ A Bíblia contém uma rica instrução sobre a questão da “vingança”. A primeira ênfase é que a vingança pertence a Deus e deve ser deixada com ele, como por exemplo, em Dt 32:35, 41, 43; 1 Sm 24:12; Sl 94:1; Is 34:8; 35:4; 59:17; 63:4; Jr 11:20; Na 1:2; Hb 10:30. Deus coloca-se contra os vingativos e proíbe o seu povo de fazer vingança por conta própria, como, por exemplo, em Lv 19:18; cf. 1 Sm 25:26, 33; Ez 25:12-15; Rm 12:19, 20. Quando o povo de Deus se sente tentado à vingança, sua reação adequada deveria ser, antes, de amor, de bondade e de compaixão, como, por exemplo, em Êx 23:4, 5; Lv 19:18; Dt 23:7. Em Dt 22:1, 4, é digno de nota que o inimigo e o irmão devem ser tratados de maneira igual; em Rm 12:20 (cf. Pv 25:21,22), os cristãos não são convocados a agir, por assim dizer, em consequência de uma motivação dissimulada, isto é, agir delicadamente mas para ferir. Antes, devemos entender a questão assim: há uma situação na qual o mundo não hesitaria em “amontoar brasas vivas”, mas os cristãos só têm um único tipo de brasas a amontoar: cumular o inimigo de gentilezas. Em Mt 5:43-48, deve-se notar que o versículo 43b não é um preceito do AT, mas parece ser algum tipo de elaboração “lógica” feita pelos contemporâneos de nosso Senhor quando eles perverteram os procedimentos dos tribunais de justiça do AT transformando-os num código de vingança pessoal. É preciso tomar o cuidado de excluir desta série de referências a idéia familiar do “vingador de sangue”, como, por exemplo, Nm 35:19, onde foi usada uma palavra diferente. Em outras passagens, significa o Senhor como redentor, como, por exemplo, em Is 41:14, e a idéia básica é, antes, a de identificar-se com o desamparado e, não, de adotar uma atitude de hostilidade sem remorsos para com o malfeitor. Além disso, a idéia por trás do uso é diferente: “vingança de sangue” era um aspecto do sistema judicial primitivo e que o AT teve o cuidado de cercar de salvaguardas, como as “cidades de refúgio” (por exemplo, Dt 4:41-43); não era um preceito de ética pessoal.

gidos aos homens provocam reações de Deus.¹⁷ As palavras de Amós que estamos examinando foram dele mesmo, refletindo o seu próprio e intenso fervor pela justiça social e pessoal, mas elas chegam até nós sob o título, seis vezes repetido: *Assim diz o Senhor*. Deus observa toda a carreira da nossa impiedade: a primeira, a segunda e a terceira transgressões; é ele quem anotou os seis pecados mortais, considerando-os como a quarta transgressão, para que possamos evitá-los e adotar, com a sua autoridade, os seis preceitos correspondentes de orientação da vida. Nada escapa ao seu olhar: ele vê o passado, o pecado de Hazael (1:3), já com meio século de idade; ele vê o ato individual, cada uma das monstruosidades no comércio de escravos de Gaza (1:6), assim como ele contou quantos eram os seus prisioneiros; ele vê a promessa quebrada (1:9) e a inimizade oculta no coração (1:11); ele vê as emoções e observa quando a ambição acaba com a piedade (1:13); ele vê as lembranças e o que elas acalentam e os seus pecados escondidos, acariciados (2:1).¹⁸

Um pecado que perpassa, como um fio demoníaco, os seis aspectos que estudamos é o pecado do egocentrismo; o ego vaidoso pisando nos outros, atento ao seu próprio lucro, ignorando as obrigações desagradáveis, indulgente para com as suas motivações secretas, ignorando a todos contanto que possa fazer o que deseje, e detestando até o fim a todos os que se atrevam a enfrentá-lo! Mas a maneira particular pela qual este pecado foi colocado sob

¹⁷ Por exemplo Gn 4:10; Sl 51:3, 4; (cf. 2 Sm 12:9-14); Mt 25:40, 45; 1 Ts 4:6-8

¹⁸ Quando apresentei este material no "Keswick Bible Readings", empreguei as palavras: "Não conheço bênção maior nas igrejas cristãs do que permitir que a purificação do sangue de Cristo aja sobre as nossas memórias". Esta forma de expressão (sem premeditação, posso afirmar) parece que tomou conta da imaginação de alguns ouvintes, que não captaram a idéia explícita do seu significado! Mas certamente é isto que as Escrituras querem dizer quando nos advertem contra a "raiz de amargura" (Hb 12:15): guardar algum ressentimento, algum motivo de queixa mantido vivo na memória para prejudicar o presente com o seu sabor amargo. Por outro lado, o arrependimento, que traz purificação, varre todas as teias de aranha do passado e nos liberta para vivermos para Deus agora. A mesma linha de pensamento poderia, naturalmente, ser seguida em conexão com todos os aspectos acima mencionados da observação divina em nossas vidas.

O RUGIDO DO LEÃO

a nossa atenção é a sua manifestação no contexto dos relacionamentos humanos e a sua origem na ignorância da voz da consciência. Assim, aprendemos a clareza da ambição do apóstolo, e portanto do cristão apostólico: . . . *me esforço por ter sempre consciência pura diante de Deus e dos homens* (At 24:16).

Amós 2: 4 - 3: 2

O PERIGO DA SINGULARIDADE

Temos pouquíssimas informações positivas sobre como os profetas realmente transmitiram as suas mensagens: foram sempre pregações ao ar livre? Ou será que falaram a grupos selecionados? Teriam feito circular as suas mensagens ou experiências na forma escrita? Na maioria dos casos, ficamos limitados à especulação. Uma coisa da qual devemos nos precaver é pensar que a mensagem tenha sido uma improvisação ou apresentação inoportuna sob a pressão de uma súbita inspiração de Deus. A clara evidência de haver uma estrutura em seus oráculos, de haver deliberadas elaborações de casos indica ter havido um cuidadoso preparo do seu material.

Amós é um exemplo disso. Como já vimos, a chamada das nações (1:3-2:3) não é, de maneira nenhuma, uma improvisada divagação ao redor das fronteiras de Israel. Pelo contrário, as nações foram colocadas numa seqüência que apresenta um exame estruturado dos relacionamentos humanos como aparecem diante do observador divino. As mesmas evidências de um pronunciamento planejado perpassam todo o ministério de Amós.

Mas quanto ao momento da pregação, se Amós foi um pregador de ar livre, ele não poderia ter agido com maior sutileza para captar a atenção do transeunte casual. Dificilmente erraríamos em adivinhar que uma palavra de condenação contra a Síria e a Filistia, o mais recente e o mais antigo inimigo, sempre seria popular; da mesma forma, como Tiro vivia em franca violação às obrigações convencionais, não haveria também muita simpatia nessa direção. Edom seria outro objeto popular de condenação, e poucas lágrimas seriam derramadas pela sua candidatura à des-

truição divina. E quanto a Amom e Moabe, sabemos até o dia de hoje o quanto pesam as notícias de atrocidades que acontecem em lugares distantes.

Cerco moral

Enquanto Amós estava, assim, captando a atenção do auditório para a sua mensagem, é provável que alguns tenham notado o fato de que o exame das nações vizinhas também era um nó corredio de julgamento que estava para se apertar ao redor dos seus próprios pescocões. As três primeiras nações examinadas — Síria, Filistia e Tiro — pertenciam ao ambiente político de Israel e nada mais. Mas no aspecto bíblico, as outras três — Edom (cf. Gn 25:29 ss.), Amom e Moabe (cf. Gn 19:36-38) — eram “primas” de Israel: o julgamento divino estava agora caindo, por assim dizer, sobre a família.

Seria bom observar aqui que, ao condenar estas nações (tanto os pagãos rematados, como os pagãos aparentados), a base da acusação não foi simplesmente que tivessem agido em detrimento de Israel. Assim, a aliança que Tiro violou (1:9) provavelmente foi com Israel e Judá, mas os seus nomes não foram mencionados e a acusação que permanece é exclusivamente de violação de promessa; da mesma forma, no caso de Edom (1:11 ss.), o “irmão” em questão não foi mencionado e o pecado é o de conduta não fraternal, seja qual seja o seu contexto. Outros profetas, no exame do julgamento vindouro para as nações pagãs, às vezes especificam que a acusação contra elas é o que fizeram para com o povo de Deus.¹ Isto, colocado no seu devido lugar, é justo e apropriado, pois o Senhor sempre é representado como zeloso pelo bem-estar do seu povo (cf. Sf 2:8). Mas não é esta a mensagem de Amós quando ele começa a desvendar para Israel a mente de Deus.

O povo ao qual Amós falou tinha depreciado a doutrina da eleição, transformando-a numa doutrina sem moral de favoritismo divino. Israel era o “bichinho de estimação” de Deus, cercado por uma preferência imperial divina, protegido, subvenciona-

¹ Por exemplo, Is 14:1, 2; Jr 50:33, 34; 51:11, 33-37, 49; Ez 25:3, 4, 6-9, 12, 13, etc.

do, o recipiente de muitas concessões sem par, e de privilégios especiais. A palavra dirigida a este povo baseia-se na justiça inflexível e imutável do Senhor Deus, e o fundamento de tal mensagem fica claramente colocado quando Amós faz acusações contra as nações. Ele fala em nome do Deus da justiça, e nem aqui, nem em qualquer outra passagem do seu livro, aparece o título “Deus de Israel”. Da mesma forma, o apelo à consciência, à humanidade com um subjacente ao exame que faz do mundo, é outro passo que dá para deixar Israel sem qualquer base ou reivindicação especial. Não existe neste ponto nada que distinga Israel das outras nações, pois as mesmas regras morais operam dentro e fora. Assim, o nó se aperta até que, como veremos agora, a posição especial garantida pela graça do povo de Deus, longe de excusar ou até mesmo amenizar a ofensa, agrava a situação, de modo que a quarta transgressão de Israel é até menos compreensível ou perdoável do que a das nações pagãs que não conheciam Deus. A condição de ser povo de Deus acarreta-lhe com exclusividade uma responsabilidade específica.

A voz da revelação

Será que houve algum sinal de desconforto no auditório de Amós quando ele pronunciou o nome de Judá como o próximo objeto do desprazer divino (2:4)? Provavelmente não. As relações entre as duas partes do povo de Deus mal tinham atingido o estágio da coexistência pacífica, e ainda estava na memória dos que viviam que Jeoás (798-782 a.C.), pai de Jeroboão, foram provocado à guerra por Amazias de Judá e levava a efeito diversas represálias, destruindo parte dos muros de Jerusalém (2 Rs 14:8-16; 2 Cr 25:17-24) e saqueando o templo e os tesouros reais. É bem provável, portanto, que o nome de Judá não produzisse nada além de exclamações derrisórias, ainda que Judá fosse parte do povo de Deus e, para Amós, parte de uma unidade estabelecida pelo ato de Deus no Egito (cf. 3:1). Suas flechas de condenação estavam finalmente atingindo o seu alvo principal.

Imediatamente, a sua linha de ataque se transforma: a quarta transgressão de Judá era que *rejeitaram a lei do Senhor* (2:4), e a quarta transgressão de Israel, pela primeira vez apresentada em seus visíveis atos de injustiça (2:6-8), fica rapidamente denunciada até às raízes, na sua recusa de ouvir a voz de Deus nos profetas

(2:12). Sejam quais forem os seus pecados contra a voz da consciência, estes já não estão mais em primeiro plano. Eles passaram o ponto sem retorno, ignorando e silenciando a voz da revelação. Eles sustentavam que tinham o privilégio único de um relacionamento pessoal com Deus, o que era negado às nações vizinhas, “as raças inferiores sem lei”; agora isso se torna para eles o perigo primordial de uma condenação que não pode ser evitada.²

A preocupação do Senhor com a sua verdade

A estrutura da passagem que temos agora diante de nós e a seguinte: Judá (2:4, 5) e Israel (2:6-16) receberam, primeiramente, oráculos separados³ e, então, Amós, usando o nome de “Israel” referindo-se ao povo de Deus, coloca os reinos do Norte e do Sul sob a mesma mortal condenação (3:1, 2). O oráculo de Judá declara a acusação divina em termos de teoria e o oráculo de Israel declara em termos de prática.

² Em todos estes oráculos, onde o hebraico simplesmente diz: “não o sustarei”, a ERAB acrescenta a palavra explicativa “o castigo”. Mays sugere de maneira interessante que “o” pode referir-se ao rugido do leão (1:2). Sobre o mesmo verbo com uso semelhante, veja Nm 23:20; Is 14:27b.

³ Parte do argumento de Mays contra a autenticidade do oráculo contra Judá é que o caráter da acusação está fora de harmonia com as outras da série, sendo uma “acusação teológica de grande alcance”. Mas esse é exatamente o ponto. Se é verdade que “todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão”, também é igualmente verdade que “todos os que com lei pecaram, mediante lei serão julgados” (Rm 2:12). Mesmo quando as acusações feitas contra o povo de Deus coincidem com aquelas que são feitas contra os pagãos, a base da acusação difere. Estes deveriam saber, aqueles sabiam porque a verdade lhes foi revelada. A diferença entre os cristãos e “os gentios” foi apresentada de maneira precisa em Ef 4:17-24 (ver em especial vs. 20, 21). Não obstante, a brevidade do oráculo de Judá é surpreendente, chegando a admitir que o principal grito de Amós foi para a seção norte do povo de Deus. Ele tinha um conhecimento firme da unidade do povo pois examinou a sua história comum (3:1, 2) e olhou para o seu destino comum futuro (9:11-15), e deveria se esperar uma declaração mais elaborada sobre o fracasso de Judá. Talvez Amós tivesse apenas preservado os títulos de um oráculo mais extenso pregado em alguma ocasião em Judá (observar as quatro “palavras chaves”: lei, estatutos, mentiras, pais), deliberadamente desbastando-o aqui para declarar, em sua forma mais rígida, a verdadeira acusação de rejeição da revelação.

Qual foi, então, a “quarta transgressão” com a qual o Senhor acusou o seu próprio povo? Dentro da ampla unidade de 2:4-3:2, como a esboçamos, a acusação pode ser estudada em quatro seções.

Primeiro, vimos que *o povo de Deus desprezou a sua verdade* (2:4, 5). Embora este seja especificamente o pecado de Judá, também se aplica a Israel, como indica o versículo 12. Três contrastes se nos apresentam no versículo 4, começando com o contraste entre o divino e o humano. Amós fala da *lei do Senhor* e também de *mentiras*, dizendo que *após elas andaram seus pais*. Eles possuíam a lei do Senhor, mas preferiram as tradições dos homens. O antigo povo de Deus estava onde o povo de Deus agora está (e sempre estará), constantemente assaltado por vozes rivais dizendo: “Este é o caminho, ande por ele.” Onde se encontra a verdade? Como conhecer a verdade? Este é um problema para os reis, para que possam orientar a política nacional de maneira correta (cf. 1 Rs 22:5-7); é um problema para os profetas, para que tenham certeza de que aquilo que pregam foi ditado por Deus e não pela preferência de suas congregações (cf. Ez 2:6, 7); é um problema para os sacerdotes, para que o conselho pastoral não degenera naquele tipo de “parcialidade” ou “acepção de pessoas” que diz às pessoas aquilo que elas desejam ouvir (cf. Ml 2:7-9). Mas o problema não se limita aos grandes da terra. Amós não faz referência a eles. Foi o próprio povo, cada pessoa por si mesma, que enfrentou a escolha e escolheu de maneira errada. O passado não é um guia seguro, pois (como diz Pusey), “o erro popular de uma geração torna-se o axioma da próxima”. A autoridade humana não é um guia seguro, pois (citando Pusey novamente), “os filhos canonizam os erros de seus pais”. Nada garante um ancoradouro seguro para a vida, exceto a palavra que o próprio Deus falou. O povo de Deus a possui (nos dias de Amós, na forma escrita e pregada pelo seu passado e na voz contemporânea da profecia; em nossos dias, na forma registrada, nas Escrituras completas), e evidencia-se a autenticidade do povo de Deus no reconhecimento da divina palavra da verdade, no uso dela como critério para julgar todas as coisas, e na rejeição de tudo mais que queira falsamente tomar-lhe o lugar.⁴

⁴ “O homem”, diz Pusey, “prosegue com a primeira farsa da serpente: ‘É assim que Deus disse?’”. O primeiro ponto de ataque em Gn 3 é o primeiro ponto da acusação em Am 2:4. De Adão a Amós e de Amós até os dias de hoje, o povo de Deus continua sofrendo a mesma pressão e cai no mes-

Na controvérsia entre as Escrituras e a Tradição, a palavra de Deus e a sabedoria herdada pelo homem, é precisamente o contraste entre a verdade e a mentira que se destaca, e este é o segundo contraste que devemos observar. A *lei* permanece em contraste com as *mentiras*. Amós não está dizendo que o homem nunca seja capaz de descobrir a verdade. Ele também não está dizendo que se uma coisa não pode ser verificada pelas Escrituras, então deve ser falsa. Ele está dizendo o seguinte: quando qualquer coisa, além da palavra de Deus, recebe o lugar supremo, de modo que passamos a fundamentar as nossas vidas nessa coisa e a orientar as nossas vidas por ela; quando uma parte da verdade é aceita como se fosse toda a verdade, ela se torna uma inverdade, simplesmente porque é esticada além dos seus limites, e se torna torcida e alterada. E quando uma “verdade” assim deformada é aceita como guia para a vida, o que pode acontecer senão o tomar um caminho errado?

Por outro lado, enquanto a “verdade” que deriva do homem se transforma em mentira e fonte de mentiras, a verdade de Deus, aceita e obedecida, salvaguarda-nos das mentiras. Nos dias de Amós, o povo caiu em “mentiras” apenas quando se afastou da verdade; se tivesse permanecido na verdade, não teria caído em mentiras. Eis um princípio vital muito esquecido. É certo que a Igreja foi chamada por Deus para salvaguardar, publicar e transmitir a sua verdade (p. ex., 2 Tm 1:13, 14; 2:1, 2), mas também é certo que a verdade é a proteção da Igreja, tanto no sentido corporativo de preservação de todo o corpo, como no sentido individual de guardar, defender e proteger cada membro.⁵ A vida que anda na verdade é inabalável (cf. Jo 8:31, 32, 34-36).

mo erro perigoso: sujeitar a Palavra de Deus a alguma forma de critério ou julgamento humano, alguma tradição ou qualquer outra coisa, venerada talvez no processo lógico dos processos do pensamento humano decaído, ou nas pressuposições herdadas, ou nos sistemas eclesiais. Fazer disso o árbitro supremo ou mesmo o árbitro no mesmo pé de igualdade é perpetuar o erro e o destino do Éden. Nosso Senhor Jesus não nos deixou sem orientação ou sem advertência: ver Mt 15:1ss.; Mc 7:ss., e a penetrante interpretação destas passagens feita por J. R. W. Stott, *Christ the Controversialist* (Cristo, o Controversista, Tyndale Press, 1970), págs. 65ss.

⁵ Pusey cita Jerônimo: “Eles não teriam sido enganados por seus ídolos se não tivessem antes rejeitado a lei...” e acrescenta: “Assim acontece sempre... (o homem) primeiro age desprezando a lei de Deus (e quem não a

São dois os lados desta segurança. A verdade que Amós observou estar sendo desprezada foi a *lei do Senhor* e *os seus estatutos*. Nenhuma destas expressões transmite de maneira exata o seu significado. “Lei” não significa “legislação” (que são idéias relacionadas com legalismo, imposição, recompensa e castigo), mas sim “instrução”, com a idéia de contato pessoal entre professor e aluno. A lei do Senhor implica em sua aproximação pessoal como um professor, e o estabelecimento de um relacionamento pessoal entre ele e aquele a quem ele pretende transmitir a sua verdade.⁶ A outra palavra, “estatutos”, vem de um verbo que significa “esculpir, gravar”. Seu significado no contexto fica bem ilustrado na referência às “tábuas” dos mandamentos escritos na rocha pelo dedo de Deus. O “estatuto” é símbolo da lei de Deus no seu aspecto de ser a verdade imutável, imperecível. E destas duas coisas surge o segredo da força da vida obediente: é uma vida em comunhão com o Deus vivo; é uma vida que repousa sobre o fundamento da verdade, o qual é como a rocha.

O contraste final com o qual Amós descreve a rejeição da verdade do Senhor pode ser agora percebido em sua desonra total: o contraste entre a rejeição e o cultivo da verdade. Eles *rejeitaram* e *não guardaram* a palavra de Deus, mas, pelo contrário, *desgarraram-se* após mentiras nas quais seus pais *andaram*. O ser humano se envolveu totalmente no que eles rejeitaram e no que adotaram. *Rejeitar* aponta para um estado mental que primeiro despreza e, então, dispensa; *mentiras* também pertencem à atividade mental de aprovar e (neste caso) de adotar a falsidade como se fosse a verdade. Mas, em contraste, *guardar* e *andar* implica naquele tipo de vida que vem das decisões mentais que tomamos: uma vez desprezada a verdade, ela não é mais guardada numa vida obedi-

guarda, a despreza) e, então, passa a ser enganado por algum ídolo próprio”.

⁶ Hammershaimb observa que a raiz verbal de “leij” significa “jogar” e sugere que a transformação do significado de “jogar” para “ensinar” veio através da revelação da vontade de Deus que era consultada através do Urim e Tumim. Isto pode ser, ou não, verdade mas serve, pelo menos, para chamar a atenção para o relacionamento direto implícito em “leij” ou “ensinamento”: Deus veio para tornar a sua vontade conhecida. Tanto o substantivo, como o verbo, são amplamente usados em todo o Antigo Testamento no sentido de “ensinamento”.

ente e harmoniosa; uma vez abraçada a mentira, ela orienta a caminhada, a direção que a vida toma.

Neste ponto, em completa harmonia com o ensino da Bíblia, Amós enfatiza a fonte interior da conduta e, então, a manifestação externa da conduta. A vida começa por dentro. O abandono da comunhão com Deus e da força da verdade de Deus tinha começado na mente e nada poderia, então, impedir aquela rejeição de aparecer visivelmente; igualmente, a disposição de adotar a mentira expressou-se numa vida extraviada. Assim, em poucas palavras, Amós resume a doutrina bíblica da santidade de vida como a vida daquele que ama e obedece à verdade. Mas quando já não se ama mais a verdade e já não se lhe obedece mais diariamente, a sua rejeição é completa: e esta foi a acusação feita contra Judá. O povo de Deus tinha desprezado a verdade de Deus.

A contradição da salvação

Embora Amós se volte, agora, contra *Israel* (2:6), chamando-a pelo nome, na realidade ele continua acusando o povo de Deus, denunciando o colapso da vida social e pessoal que decorre da rejeição à verdade. Talvez possamos expressar isso da seguinte maneira: Amós, como pregador ao ar livre, dirigindo-se ao povo do reino do Norte, captou a atenção de todos enunciando condenações com as quais eles podiam concordar alegremente e, gradualmente, foi aproximando suas acusações, até que se tornou impossível ao seu auditório resistir à lógica que, agora, os coloca também sob o hostil julgamento divino. Mas Amós, como redator, sem perder o senso da inevitabilidade do julgamento que começa com a casa de Deus, faz mais alguma coisa: ele liga os oráculos de Judá e Israel de modo que fiquem juntos, constituindo uma análise dos pecados de todo o povo de Deus.

Podemos, assim, partir desta acusação básica de rejeição da verdade de Deus para a segunda e conseqüente acusação de que *o povo de Deus negou a sua salvação* (2:6-12). O ponto aqui é que, quando Deus se aproxima do seu povo revelando-se a si mesmo, além dele revelar a sua verdade e além de apresentar um novo tipo de vida, ele também opera para tornar essa vida possível. Assim é a sua salvação, totalmente aperfeiçoada por ele, totalmente negada

pelo seu povo.⁷

Amós começa sua profecia contra Israel com uma denúncia impetuosa dos pecados do povo de Deus. Ele os vê de três pontos de vista: os pecados contra os outros, contra a revelação e contra a graça (2:6-8).

O aspecto pessoal do pecado deles é tratado nos versículos 6 e 7a, e embora haja alguma possibilidade de dúvida em alguns aspectos de interpretação, e num ponto até mesmo quanto à tradução correta,⁸ a ERAB traz muito bem a denúncia das tendências da vida como era vivida naquele tempo. Três princípios eram defendidos e agia-se de acordo com eles: a importância primordial de se buscar os bens materiais (o pecado da cobiça), a irrelevância dos direitos das outras pessoas (o pecado da indiferença e da opressão)⁹ e a promoção irrestrita do benefício próprio (o pecado da arrogância).

O que é absolutamente devastador em tudo isso é que estes são precisamente os pecados descobertos e condenados nos pagãos. Foi por isso que Damasco, Gaza, Tiro, Edom, Amom e Moabe

⁷ A passagem gira em torno das palavras iniciais dos versículos 9 (*Todavía eu*) e 12 (*Mas vós*). O elemento de contradição pode ser visto observando a estrutura dos versículos: Os atos de Israel (vs. 6-8) contradizem os atos do Senhor (vs. 9, 10); as palavras do Senhor (v. 11) eram contrariadas pelas palavras de Israel (v. 12).

⁸ “Justo” (2:6) pode significar “com a razão num processo” (isto é, inocente da acusação), como também no sentido mais geral de “aquele que tem a lei do seu lado” e no sentido particular de estar “bem com Deus”. Talvez, portanto, o versículo 6a aponte para o suborno do magistrado para alterar o veredito, e o versículo 6b, para o ato de levar uma pessoa ao tribunal por pequenas dívidas, tais como o preço de um par de sapatos. Alguns comentaristas usam as duas metades do versículo referindo-se ao suborno das autoridades; outros acham que as duas metades se referem à execução de devedores. No versículo 7, a ERAB capta bem o significado original, que revela uma atitude generalizada de opressão contra o desamparado. Traduzindo literalmente o hebraico, fica “que suspira pelo pó da terra sobre a cabeça do pobre”, sugerindo uma ganância tão grande de adquirir propriedades a ponto de invejar o ex-proprietário expulso por causa do pó que ele joga sobre a cabeça em sinal de luto.

⁹ “Necessitado” (v. 6b) significa aquele que não pode oferecer resistência, “pobres” (v. 7a) significa mais os fracos do que os atacados pela pobreza, e “mansos” é mais o que nós entendemos por “miseráveis”. Com referência a “pervertem o caminho”, comparar expressões semelhantes em Êx 23:6; Dt 24:17; 27:19; 1 Sm 8:3; Pv 17:23; 18:5; Is 10:2, apontando

cafram sob a ira de Deus, e a acusação, como vimos, foi o fracasso em ser e agir como seres humanos. Mas agora estes mesmos pecados são os pecados do povo de Deus! Eis aí lições a ponderar. Quando a graça de Deus alcança o homem, o seu propósito é torná-lo verdadeiramente humano: diríamos que o propósito da obra salvadora de Deus é tornar-nos semelhantes a Jesus, o Homem perfeito. É uma perversão (na verdade, uma negação) desta graça quando nos isolamos de maneira errada do mundo e das suas necessidades e quando (talvez inconscientemente) restringimos a nossa percepção de pecado àquelas ofensas que cometemos contra o primeiro e grande mandamento e descartamos, como se fossem irrelevantes, os pecados contra o segundo. Quando o Senhor apresenta contra o seu povo a acusação da rejeição da sua lei (2:4, 5), ele encontra evidências que propiciam essa acusação nas contravenções sociais.

O segundo aspecto do pecado de Israel é a desobediência a mandamentos divinos específicos: pecados contra a revelação. *Um homem e seu pai coabitam com a mesma jovem, e assim profanam o meu santo nome* (2:7b). Para sermos fiéis ao hebraico, temos de fazer duas alterações: primeira, devemos ler “a fim de” e não “e assim”. Em outras palavras, quando as pessoas fazem o que sabem ser ofensivo a Deus, a Bíblia insiste claramente que o fazem a fim de ofendê-lo. Por trás de todo pecado deliberado, consciente, há esta descuidada afronta a Deus. Deus e a sua lei, Deus e a sua palavra não podem ser separados. Quando a sua palavra é rejeitada, Deus é rejeitado (cf. 1 Sm 15:23), e quando a palavra é deliberada e conscientemente rejeitada, não pode haver fuga à acusação de que se deseja separação de Deus.

Outra retificação da tradução seria omitir a palavra “mesma”. A acusação não é contra alguma curiosa perversão, mas, antes, (se podemos usá-la uma expressão um tanto fora de moda) que “cada homem adulto, sem exceção, é um adúltero”. Sem dúvida é isto que Amós queria dizer, embora usasse uma construção peculiar que as pessoas envolvidas poderiam explicar de maneira um tanto diferente. Para elas, suas atividades sexuais tinham um significado religioso, e as mulheres envolvidas não seriam prostitutas, mas mulheres “santas” que se dedicavam a Baal, dispondo-se a realizar

aqui para o significado de “privando os miseráveis dos seus direitos”.

este aspecto daquele culto.¹⁰ Porém Amós não estava se dirigindo a cananeus, mas a pessoas que tinham recebido declarações explícitas da vontade divina para a vida, tendo permitido que as práticas e os princípios cananeus apagassem os padrões característicos e as práticas próprias de sua santa religião. Eles podiam falar levemente, se desejassem, sobre as visitas às santas mulheres dos santuários religiosos, mas Amós dizia que estavam correndo atrás de raparigas, e ele vê que toda a população masculina está envolvida, “pai e filho”. O pai era infiel ao seu voto matrimonial e cometia o pecado de adultério; o filho infringia a lei de Deus contra a fornicação; os dois igualmente transgrediam a proibição divina de usar as mulheres “santas” no culto de Iavé.¹¹ Eles pecaram contra a revelação.

Assim, não foi apenas na manifestação social dos seus pecados que o povo de Deus se tornou igual aos pagãos, mas também por procurarem constantemente a sua própria auto-satisfação. O prazer sexual tinha substituído o *santo nome* de Deus como princípio orientador da vida; até mesmo a revelação divina tinha de se

¹⁰ Acharmos muito difícil acomodarmo-nos a este aspecto da religião cananéia e uma ilustração bem simples pode ajudar. As crianças devem aprender a assoar o nariz muito antes de que pais e a criança tenham um vocabulário comum suficiente para que a tarefa se torne fácil. Portanto o que a maior parte dos pais faz é segurar um lenço junto ao nariz da criança, fazendo ruídos de sopro com o seu próprio nariz! A teoria é que se fizermos alguma coisa mais ou menos igual ao que desejamos que a criança faça, ela vai captar a idéia e agirá de acordo. A comunicação entre os adoradores de Baal e o seu deus era segundo esta linha. Quando, portanto, eles desejavam que o seu deus agisse fertilizando a terra, os animais e o homem, realizavam os atos humanos da fertilidade na esperança de que ele se sentisse incentivado a realizar a sua função equivalente. Baal era uma força amoral. Sua “santidade” era uma simples “diferença” ou “separação” dos homens. A santidade de Iavé era, desde o princípio, “moral” ou “ética”. Por isso, em Israel, a fertilidade ou a prosperidade era ligada à obediência moral. Cf. Dt 28:1-14.

¹¹ A IB capta o espírito da denúncia de Amós exatamente no comentário, “Jovens e velhos freqüentam o santuário juntos... como se participassem de algum tipo de passeio”. Hammershaimb destaca que o verbo “entrar” não é geralmente usado em relação à relação sexual (por exemplo, Gn 16:2) e sugere “dedicavam-se publicamente”: eles tinham perdido todo o senso de obediência aos mandamentos e às implicações da lei do seu Deus. (Cf. Êx 20:14; Dt 22:13-29; 23:17 (“prostituta cultual” é literalmente “mulher santa”).

inclinam às exigências superiores do insistente egocentrismo (cf. 1Ts 4:3-8).

Na denúncia dos pecados do povo de Deus, Amós adotou o padrão de trabalhar partindo da periferia para o centro. Ele começou, tendo o ponto de vista do observador, com a evidência da vida social, com os relacionamentos de pessoa à pessoa em Israel. A seguir adotou um padrão mais interno de declarações, julgando-os à luz de regras específicas reveladas. Agora, finalmente, ele os coloca no secretíssimo lugar da presença de Deus, no *altar da casa do seu Deus* (2:8), para ver como estão se comportando quando desfrutam do que eles sem dúvida consideravam ser o que mais os distinguiu como povo de Deus. Assim, vamos considerar os seus pecados contra a graça.

A realidade central na religião de Israel era a permanência de Deus no meio do seu povo. Era neste ponto que toda a obra de Deus, remindo o seu povo do Egito, alcançou o seu clímax. Este sempre fora o seu algo (Ex 29:43-46). A *casa de Deus* era o sinal externo e visível dessa habitação; o *altar* era Deus estendendo a mão para atrair o povo à sua presença por meio da virtude do sangue derramado dos sacrifícios. Deus em sua graça condescende em habitar entre pecadores; Deus em sua misericórdia torna possível que eles habitem com ele.

Mas o que estava acontecendo na Israel de Amós? A misericórdia estava sendo destruída por omissão, com o abandono da misericórdia (2:8a), e a comunhão estava sendo corrompida em orgia (2:8b). A lei fundamental é evidente: é impossível estar em paz com Deus se não estamos em paz com os homens, ou, dizendo de outra forma, se as nossas atitudes e os nossos atos para com os homens não seguirem os padrões das atitudes e dos atos de Deus para conosco, então não podemos realmente reivindicar que lhe pertencemos. Quando Amós observava os homens do seu tempo, ele os via se aproximando do altar de Deus, o lugar da misericórdia, porém traziam vestes que tinham aceito como penhor e que tinham tirado, sem misericórdia, daqueles que as tinham empenhado. A lei, em Êxodo 22:26, 27, é explícita dizendo que as vestes podiam ser tomadas como garantia para um empréstimo, mas só durante o dia, devendo ser devolvidas à noite; e é claro o motivo: a capa era usada à noite como cobertor; privar o seu proprietário desta necessária proteção era um ato de insensível falta de con-

sideração, a essência da impiedade e da ganância, o que (note-se bem), ofendia ao Deus compassivo. Em outras palavras, quando a compaixão divina não encontra reflexo na compaixão humana, então o altar é visitado em vão. Quem não está interessado na misericórdia, quando ela se encontra em sua própria esfera, não pode sinceramente interessar-se pela misericórdia divina ou pedi-la da parte de Deus; nem ele vai estender a sua misericórdia àqueles que a odeiam (Mt 18:32-35).

Além disso, não era comunhão com Deus que eles buscavam ou desfrutavam. O hebraico não diz “e se deitam” (2:8a), mas “eles (as) tomam”¹² referindo-se às “raparigas do templo”. Outro aspecto de sua orgia era o vinho, condenado não por si mesmo, mas por ser a fonte de riquezas mal-adquiridas. De acordo com as leis bíblicas, as multas não eram pagas ao “estado”, mas à “parte prejudicada”. Temos a liberdade de imaginar (à luz do versículo 6) que as formas de lei ficavam abertas à manipulação financeira e se constituíam numa fonte de lucros dignos de celebração. Mas a questão básica é mais importante do que a forma em que então tudo acontecia: se a comunhão em nível humano contraria a lei de Deus, sendo impura e opressiva, então toda a possibilidade de comunhão em nível divino foi destruída. Não podemos estar bem com Deus e mal com os homens; não podemos estar bem com Deus a não ser que o que ele é para nós nos forneça o padrão para assim sermos perante os outros. É possível pecar contra a graça e é assim que acontece.

O Deus dos contrastes

Os versículos 6-8 proclamam os atos pecaminosos de Israel; os versículos 9-11, os atos redentores de Deus: o verbo na primeira pessoa do singular aparece cinco vezes, e uma vez é reforçada (no começo do versículo 9) com o pronome pessoal. A salvação vem toda de Deus; o homem não contribuiu nem com poder nem com mérito.

Veremos estes dois aspectos operando, passo a passo, ao acom-

¹² Não parece que haja na Bíblia Hebraica algum lugar onde esta forma do verbo sustente um significado reflexivo. Ele é sempre transitivo e, de acordo com a prática regular hebraica, devemos suprir o objeto pronominal na forma acima.

panharmos a obra de Deus como Amós a expõe.¹³ Em cada passo, o Senhor, com a ação do seu poder sem igual deu vitória ao seu povo sobre os inimigos deles, com a destruição do que era “fruto e raízes” da então população da terra prometida, os amorreus (2:9). Mas, antes disso, ele já tinha realizado a redenção do seu povo, tirando-os da terra do Egito (cf. Êx 6:6, 7), dando-lhes não só uma simples possibilidade de se tornarem os seus remidos, mas também o dom real de uma salvação pronta que eles não poderiam recusar (cf. Êx 12:33) e que o poder do homem não poderia desfazer (cf. Êx 14:13, 14, 30, 31). Ele tinha, ainda mais, lhes proporcionado a comunhão da graça (2:10b). A referência aos *quarenta anos* traz à lembrança a rebelião contra Deus que transformou a peregrinação no deserto numa disciplina divina (cf. Nm 14:26-35), mas lemos “*vos conduzi*”: o Senhor não abandonou o seu povo pecador; antes, com a sua liderança, mesmo quando estavam sujeitos ao seu desprazer, declarou que a comunhão da qual desfrutavam com ele tivera a sua base na graça. E quando os quarenta anos se passavam, ele introduziu o seu povo na herança prometida, sua atual possessão da terra dos amorreus (2:10b). Mas os atos de Deus não terminaram aí. A orientação divina, através de palavra e atos, tais como foram experimentados no Êxodo e no deserto, continuou na voz dos profetas e na demonstração de vida consagrada dos nazireus (cf. Nm 6:1 ss.). O Deus da revelação manteve a sua verdade revelada pela palavra e pelo bom exemplo.

Salvação plena

Vamos observar três coisas que se referem tanto a nós quanto ao povo do tempo de Amós. Primeira, o objeto da salvação divina é um grupo de escravos desamparados, pecadores culpados, frágeis mortais. Não podem nem mesmo sair do Egito, manter a sua caminhada com Deus, nem vencer o poder dos seus oponentes amorreus. Sozinhos estão perdidos. Isto não apenas destaca que

¹³ A ordem na qual Amós relembra os acontecimentos históricos é fora do comum; Conquista, Êxodo, Deserto, Posse. Felizmente, já não está mais na moda que os comentaristas sugiram uma reorganização destes versículos, pois eles reconhecem que “esta ordem fora do comum tem a sua própria lógica” (Mays).

a salvação vem toda de Deus, que coloca os seus escolhidos numa posição privilegiada de nenhuma contribuição própria, mas também ilumina o tema de que os relacionamentos humanos dos remidos devem refletir o que o seu Deus fez por eles. Conseqüentemente, se, como na Israel de antigamente, continuar havendo um egoísmo insistente, desprezo pelo bem-estar dos outros, pressa em pisar esperanças desfeitas para engrandecimento próprio (numa palavra, negligência para com a pessoa do nosso irmão, abrangendo sua dignidade, necessidades e pedido de compaixão), então como se pode declarar com coerência que verdadeiramente experimentamos a graça salvadora de Deus?

Em segundo lugar e diretamente relacionada com isto, vem a observação de que o que o Senhor fez por seu povo foi fornecê-les uma salvação plena, destituindo-os (e a nós) de qualquer desculpa para deixar de ser como o seu Deus. Eles foram remidos pelo sangue do cordeiro pascal e efetivamente libertados da escravidão; eles foram alimentados e cuidados na comunhão da graça divina; tiveram a vitória sobre os seus inimigos e foram participantes da herança do povo de Deus; foram totalmente instruídos e continuaram sob a divina instrução por meio de palavra e atos.¹⁴ Isto é salvação plena. Eles ficaram, como nós também ficamos, indesculpáveis se falharmos em nos tornarmos semelhantes a Deus.

O pecado enfatizado

Mas, em terceiro lugar, em todo este catálogo de luto divino, uma coisa se destaca de maneira assombrosa. Se há uma coisa que (como diremos?) mais deixa Deus perplexo quanto à vida do seu povo, é ele tornar-lhes evidente o caminho, por palavras e atos, e eles o rejeitarem e o negarem. Israel não quis nem o exemplo das vidas santas nem a declaração da verdade divina.

Amós fechou o círculo. Verdadeiramente, os pecados exterior-

¹⁴ Cf. Pusey, *in loc.* "O nazireu era um fruto da graça de Deus em suas obras morais e religiosas... como os profetas eram alvo dessa mesma graça, conferindo-lhes sabedoria e conhecimento sobrenaturais... A vida dos nazireus era... uma vida acima da natureza... Eles não tinham nenhuma tarefa especial a não ser viver essa vida... (Não havia) nada que os distinguisse dos homens comuns exceto a graça extraordinária... uma evidência do que todos deveriam ser e fazer se usassem a graça de Deus."

res do povo de Deus iam lado a lado com os pecados dos pagãos mas, por trás desta semelhança, há uma diferença aterradora. Deus falou a Israel, o seu próprio povo, e Israel respondeu “não”. O pecado mais profundo do povo de Deus, o pecado do qual brotam todos os outros pecados, o pecado que, segundo o seu profeta, o Senhor destaca para reafirmação final, é o pecado de possuir a revelação de Deus e ignorá-la.¹⁵ Esta é a “quarta transgressão” do povo de Deus.

O mesmo Deus, mas agora diferente

Das quatro seções que compõem a acusação de Amós contra o povo de Deus, a terceira, à qual chegamos agora (2:13-16), é um tanto diferente das outras três, embora vitalmente relacionada com elas. A primeira (2:4, 5), a segunda (2:6-12) e a quarta (3:1, 2) seções tratam de erros e transgressões do povo de Deus: a rejeição da verdade de Deus, a contradição na vida de salvação que ele operou para eles, e (como veremos em 3:1, 2) a má interpretação do “status” que lhes foi conferido por causa do amor dele. A terceira acusação destaca-se em contraste a tudo isto, pois esboça a reação severa do Senhor: *o povo de Deus perdeu o seu favor*.

Este título expressa a verdade explícita dos versículos no seu contexto. Quando fala de Deus, Amós não só usa a primeira pessoa do singular três vezes (vs. 9, 10 e 13), como também acrescenta uma ênfase adicional, usando um pronome pessoal separado: *“Eu destruí”* (2:9). O Deus da vitória e da redenção é o Deus da hostilidade. A seqüência do emprego da primeira pessoa proclama as ações do mesmo e único Deus, e quanto mais Israel exalta o poder divino que podia expulsar os amorreus e desamarrar os grilhões de ferro do Egito, mais certamente Israel devia se tornar consciente de que se esse Deus se transformasse num inimigo, então não haveria esperança de escape.

Israel convenientemente se esquecera da “espada vingadora da minha aliança”, o zelo de Deus operando dentro das fronteiras do povo escolhido para punir a transgressão, para disciplinar a fim de que houvesse mais santidade e para purificar do mal. As palavras

¹⁵ Quanto à oposição aos profetas, ver, por exemplo, 1 Rs 13:4; 18:10-12; 19:2, 3; 22:26, 27; 2 Rs 1:9-13; 6:31; 2 Cr 16:7, 10; 24:20, 21; 25:15, 16; Is 30:10, 11; Mq 2:6.

“espada vingadora da minha aliança” aparecem em Levítico 26:25 e o contexto se encontra nos versículos 14-45 do mesmo capítulo; a declaração da verdade que a obra salvadora de Deus, introduzindo o povo na sua aliança da graça, não tem a intenção de criar um espírito de complacência moral mas de ambição moral em busca da santidade por meio da obediência às ordens divinas. A desobediência será contemplada com o castigo, até o ponto da aparente destruição de tudo o que Deus construiu, ainda que, no final, a fidelidade divina não tenha nunca violado a aliança, uma vez que a salvação depende da vontade de Deus e não do homem. Esta é a passagem chave para entender a vida dentro da aliança como a Bíblia a descreve. Um “teólogo da aliança” como Amós jamais poderia ser acusado de proclamar o fim do relacionamento pelo pacto entre o Senhor e o seu povo. Passagens tais como Levítico 26:31-38), Deuteronômio 28:58, 68, Amós 2:13-16 e outras talvez pareçam destruir todo o relacionamento feito pela aliança entre o Senhor e o seu povo, mas quando são mantidas dentro dos seus próprios contextos (Lv 26:14-45; Dt 28:1-30: 10 etc.), como também dentro do contexto de todos os ensinamentos da Bíblia sobre a aliança, torna-se claro que estas terríveis destruições devem ser consideradas como atos de Deus pela manutenção do seu pacto, e não pelo rompimento do mesmo. Tais atos excluem os membros falsos e purificam os membros verdadeiros. “A espada vingadora da aliança” nos adverte que não devemos permitir que a nossa membresia dê abrigo à complacência moral, pois embora as promessas de Deus não possam nunca ser mudadas, a realidade da nossa possessão ou herança dessas promessas deve sempre ficar sujeita ao juízo para que a nossa certeza seja bem e não falsamente fundamentada.¹⁶

A idéia, portanto, da “vingança da aliança” tem muito a dizer-nos como indivíduos, mas também a nós como Igreja. Pois nós somos tão propensos, como eram também no passado (inclusive nos dias em que Amós falou à “nação-igreja” de Israel), a descansarmos em nossas habilidades naturais e aptidões adquiridas; a nos queixarmos da adversidade das circunstâncias atuais e das dificuldades peculiares do tempo em que vivemos; e a desprezarmos a oposição e a alienação de Deus. Coloque-se esses três itens na ordem inver-

¹⁶ Cf. 1 Co 10:1-3; 2 Pe 1:10, 11.

O RUGIDO DO LEÃO

sa e elas darão o resumo do conteúdo de 2:13-16: Deus voltou-se para o seu povo aflito (v.13);¹⁷ ele se propôs a fazê-lo através de um inimigo forte demais para eles, diante do qual nem a habilidade nativa (v.14), nem a aptidão adquirida (v.15), nem as qualidades mais notáveis tinham algum valor.

O caso aqui pode muito bem ser exemplificado, recordando uma queixa geralmente feita sobre como a Bíblia conta, por exemplo, a história do rei Jeroboão em cujo reinado Amós profetizou. Foi um reinado de quarenta e um anos (2 Rs 14:23ss.), mas teve só sete versículos de texto; foi um período de enormes progressos políticos, militares e comerciais para o reino de Israel, mas a Bíblia não conta nada disto a não ser numa simples linha, com o único comentário de que Jeroboão fez o que o Senhor considerou mau e que ele continuou nos pecados de seu homônimo. Nenhum historiador moderno consideraria esta como sendo uma maneira satisfatória de escrever história, mas a Bíblia está simplesmente sendo fiel ao seu próprio axioma de que “a justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos” (Pv 14:34). Somos condicionados por uma mentalidade herdada e por nossa educação para considerar as causas políticas, sociais e econômicas do desenvolvimento e da queda das nações e dos impérios; a Bíblia deveria reformar a nossa mente para buscarmos a causa das coisas no reino moral e espiritual de onde tudo o mais é conseqüência. O pecado é a dobradiça sobre a qual o destino gira, ocasionando quedas que a boa política jamais poderia por si mesma evitar, as quais a política, por mais errada que seja, não pode realizar de maneira tão completa. Para a Bíblia, a história é a arena das decisões morais, dos conflitos morais e das conseqüências morais.

Estes quatro versículos, portanto, nos quais Amós afirma que o povo de Deus perdeu o seu favor, são profundamente significa-

¹⁷ O versículo 13 é peculiarmente difícil de traduzir por causa da incerteza que envolve o verbo que a ERAB traduz por “oscilar... oscila”. A ERAB e a BJ apresentam as possibilidades mais generalizadamente consideradas, embora seja francamente difícil entender o que a BJ quer dizer, ou porque, como na ERAB, seria em especial a forte pressão de um carro carregado de colheita a escolhida para tipificar a pressão divina sobre o seu povo. Tornase mais fácil, se entendemos “carro” como um instrumento de debulhar, ou trilhar os grãos (cf. Is 28:28), tomando “feixes” como o objeto do verbo: “como uma pesada debulhadora pressiona os feixes”.

tivos em sua mensagem para nós. Eles falam do nosso primeiro dever prático e da nossa preocupação básica decorrente: estamos bem com Deus? Podemos realmente crer que ele está do nosso lado? Tudo depende da resposta a estas perguntas.

A disciplina do amor

Examinemos agora três das quatro acusações que Amós fez contra o povo de Deus: eles rejeitaram a lei de Deus (2:4, 5), negaram a salvação de Deus (2:6-12) e (conseqüentemente) perderam o favor de Deus (2:13-16). A quarta acusação leva esta seqüência de volta às suas raízes: é o próprio “status” do povo de Deus que o torna sujeito a tal vingança. A um povo saturado de complacência espiritual por causa de seus privilégios ancestrais, Amós insiste que *eles interpretaram mal o amor de Deus* (3:1, 2).

Uma pequena emenda na tradução talvez nos ajude a entender melhor o espanto e a surpresa que as palavras de Amós nestes versículos devem ter causado. Em vez de “contra” (v. 1) leia-se “sobre”.¹⁸ A palavra neutra “sobre” tem uma simplicidade que torna as sentenças seguintes muito mais vigorosas.

O Senhor tem cinco verdades a acertar com o seu povo: quatro são descritivas e a quinta é conseqüente. O vocativo *Israel* faz lembrar que este é o povo da eleição e da adoção. Eles eram os eleitos de Deus, pois ele tinha prometido a Abraão que seria o seu Deus e dos seus descendentes depois dele (Gn 17:7); eles tornaram-se coletivamente filho adotivo de Deus, no acontecimento histórico do Êxodo (Êx 4:22). Em terceiro lugar, eles eram os seus remidos, sendo *toda a família*¹⁹ *que fiz*²⁰ *subir da terra do Egito* (3:1).

¹⁸ Esta é de fato a tradução adequada na maioria das passagens onde o verbo “falar” ocorre com esta preposição (*al*). Cf. BDB, pág. 181b. É apenas o sentido geral da hostilidade divina que tem enganado todos os tradutores nesta passagem.

¹⁹ A BJ observa, corretamente, em uma nota de rodapé, que Amós está “aparentemente se dirigindo a todas as doze tribos”. Assim, toda a seção, começando com 2:4, está unificada: o oráculo contra Judá declara, em princípio, o pecado de todo o povo (2:4, 5), contra Israel (2:6-16) declara seus pecados em detalhes, e 3:1, 2 conclui a seqüência com suas particularidades e conseqüências surpreendentes.

²⁰ A mudança da terceira pessoa para a primeira pessoa (“o Senhor fala... (eu) fiz subir...”) leva a IB a indicar que um editor posterior inseriu a segunda

Quarto, eles possuíam estes privilégios numa intimidade²¹ só deles, decorrente do pacto com Deus, já que eram os únicos escolhidos *de todas as famílias da terra* (3:2a). Para desenvolver mais estas quatro facetas do relacionamento seria preciso recordar toda a história da Bíblia, ainda que um profundo sentimento de admiração, amor e louvor nos proíba a pressa, pois aqui está todo o espantoso amor de Deus para com o seu povo. Compelido tão somente por seu próprio coração (cf. Dt 6: 7ss.), Deus escolheu, mas não como um homem escolhe uma ferramenta nem como um empregador, um escravo. A escolha resultou em laços de família, em filiação com Deus e, quando este relacionamento foi ameaçado pela hostilidade terrestre (Êx 1:22), o Senhor ficou ali, entrando no Egito em cumprimento à lealdade do seu pacto (Êx 2:24ss.), remindo (Êx 6:6), como os acontecimentos demonstraram, pelo sangue do cordeiro (Êx 12:13). Agora examinemos toda a história humana: até onde existem registros, e além deles; entre os grandes povos que ganharam impérios e mudaram o mundo; e entre as obscuras tribos que vivem e morrem no isolamento remoto; nunca, em lugar nenhum, nenhum povo, exceto este, pode registrar a reivindicação de que Deus disse: “somente vós outros” e repetir “só nós”.

Portanto, diz Amós, eu vos punirei por todas as vossas iniquidades (3:2b). O pecado é desesperadamente sério no meio do povo de Deus. Os pagãos ficam sob a condenação por violarem a cons-

frase (“contra toda a família...”). Certamente é preciso explicar por que o editor posterior achou necessário um tal acréscimo e por que foi tão estúpido fazendo-o sintaticamente discordante com o seu contexto! Hammershaimb é muito mais perceptivo ao dizer que cavilações sobre a mudança de pessoa aqui cria “a exigência irracional que os profetas... se ativessem à precisão que esperaríamos de uma narrativa literária cuidadosamente revisada”. Tais alterações são, contudo, comuns no estilo de um pregador vigoroso e o fato de que permaneceram nos livros dos profetas é, antes, uma indicação do cuidado que foi tomado para preservação das formas do original falado.

²¹ Mays e Hammershaimb destacam que “conhecer” tem muitas nuances de significado, inclusive “escolher” (cf. Jr 1:5), “cuidar” (cf. Sl 1:6), e que, nos Tratados Heteus, foi usado no sentido de “reconhecer por aliança”. O uso supremo do verbo “conhecer” num sentido mais relacional do que cognitivo encontra-se em Gn 4:1, onde, de maneira alguma, é um eufemismo sexual, mas uma expressão adequada da mais profunda comunhão possível em amor e identidade. Tudo isto encontra-se no uso de “conhecer.” para descrever o relacionamento do Senhor com Israel.

ciência; o povo de Deus deve, portanto, ficar três vezes mais, por violar a consciência, a revelação e o amor que fez dele o que é. E parece que nada é mais fácil: se o amor de Deus é tão grande, que diferença faz a sua santidade? Se ele escolheu, não vai guardar, aconteça o que acontecer? E, assim por diante, a voz da *complicência apagando a realidade espiritual. Mas o amor nos aproximou do Santo; o sangue do Cordeiro nos remiu para a obediência: “Ser escolhido é ser colocado sob julgamento”*.²² “Quanto mais perto de sua própria luz Deus coloca alguém, mais maligna é a escolha das trevas.”²³

Naturalmente o Senhor não escolhe para então inverter a escolha; ele não faz das pessoas seus filhos para depois desfazer. Amós não está em discrepância com o restante das Escrituras e, tanto para ele como para Paulo, “os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis” (Rm 11:29). Amós declara a vingança que se encaixa na aliança; não existe uma vingança divina anulando uma aliança feita ou revogando uma promessa dada. Dentro da aliança, a vingança purifica, removendo de entre o povo da aliança aqueles que se dizem membros mas não são (cf. Jo 15:2,6), e a vingança castiga, disciplinando aqueles que são membros verdadeiros mas que, como filhos, precisam do castigo amoroso do Pai (cf. Hb 12:7ss.). Destas coisas é que Amós fala. Andar com Deus na aliança da filiação não é uma opção fácil (cf. Fp 2:12; 1 Pe 1:17). O Pai exige que seus filhos sejam perfeitos como ele é perfeito; o Filho que é o único que conhece o Pai (cf. Mt 11:27) disse isso (Mt 5:48).

É *tendência nossa resumir os ensinamentos da Bíblia de modo a diferenciar entre os verdadeiros crentes e os simples professos pelo conteúdo do seu testemunho verbal quanto à sua experiência com Deus. Mas Jesus diz (e será que Amós disse alguma coisa diferente na passagem que estamos agora examinando?) que não tem nenhum significado dizer: “Senhor, Senhor” e, então, deixar de fazer a vontade do seu Pai celestial (Mt 7:21).*

Privilégios especiais, obrigações especiais; graça especial, santidade especial; revelação especial, escrutínio especial; amor especial, obediência especial . . . a Igreja de Deus não pode jamais escapar dos perigos de sua singularidade.

²² Mays, *ad loc.*

²³ Pusey, *ad loc.*

Amós 3:3 - 8

APELO E APOLOGIA

Em tudo na vida há um “antes” e um “depois”, um tempo de oportunidade e um tempo em que a oportunidade já passou; um tempo para se dizer “devo e posso fazer” e um tempo quando tudo o que resta é “eu não posso”. Na formação dos hábitos, há um momento ou período quando a mente, as emoções e a vontade estão suficientemente desimpedidas para fazerem uma mudança completa; há também um ponto em que não há retorno, além do qual não se tem mais liberdade e a vida já está comprometida para o bem ou para o mal. Cada dia temos um “agora” de oportunidades que se desfazem ou morrem.

O significativo “agora”

Foi num momento crucial desses que Amós apareceu para dirigir-se aos seus ouvintes na passagem final da primeira seção do seu livro. O Leão ainda está rugindo (3:8), portanto a presa ainda não foi apanhada. Ainda há uma oportunidade de se chegar a um acordo. As esperanças ainda não se desvaneceram.

Um “antes e depois” é a característica de todos os versículos centrais (3:4-6). No versículo 4a, o leão ruge pronto para saltar (cf. 1:2), e no versículo 4b, a presa foi apanhada e o rosnado da fera está sendo ouvido em sua toca para a qual a carcaça foi levada para servir de alimento; no versículo 5a, a ave cai no laço, e no versículo 5b, a armadilha se fechou;¹ no versículo 6a, a trombe-

¹ Em 5a, *armadilha* deveria ser “isca”. A palavra foi usada com referência

ta faz advertência de um perigo iminente, mas no versículo 6b, o golpe já foi dado. Este movimento dos versículos, da ameaça à execução, constitui um poderoso apelo conclusivo da mensagem que Amós acabou de pregar. Considere-se o que as ilustrações dizem, uma da cada vez. Primeiro, as ameaças não são vãs (v. 4): escolher Sansão foi um triste erro de julgamento mas, quando o leão ruge e salta, geralmente é o fim de tudo. Certamente não é bom presumir o contrário. Davi entendeu que foi com a ajuda divina que ele conseguiu salvar o seu rebanho de um leão (1 Sm 17: 34ss.). E quando o Leão divino ruge, então o povo deve pôr fora a sua autocomplacência. O Senhor vai agir. Segundo, o julgamento não foi gratuito (v. 5). A ave caiu no laço unicamente por culpa sua. Portanto, que o povo se examine, que examine o destino que escolheu, os seus desejos e ambições, pois foi unicamente o seu coração que o levou a desviar-se. Terceiro, de Deus não se zomba. Existe uma providência divina totalmente justa que controla a história do mundo. As calamidades² jamais caem sem a mão diretiva de Deus.³ “Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?” (v. 6). Ele não é um senhor ausente no mundo que criou; ele não abdicou nem delegou os seus poderes. Ele governa e executa o julgamento e a justiça. Isto deve ser aceito por todos, e ninguém deve pensar que qualquer oração especial será ouvida. Este é o Deus com o qual todos hão de haver. Mas, neste momento particular, como indica a passagem, pode-se agarrar a oportunidade para tratar com ele em outros termos que não sejam o julgamento e a derrota.

à armadilha ou laço, mas o seu uso mais restrito é para com aquilo que atrai, a coisa que seduz, mais do que o lugar para aonde ela atrai. A figura é, portanto, de uma ave apressando-se para um destino que ela mesma escolheu.

² “Mal” (v. 6b) é uma palavra usada cerca de 640 vezes no Antigo Testamento. Seu uso principal é com referência ao mal moral, uma afronta contra a lei de Deus, uma afronta contra Deus ou contra o homem (cerca de 350 vezes); e a uma calamidade física, um desastre, uma lesão do corpo ou uma perda de bens (cerca de 270 vezes). Deve sempre ser interpretado de acordo com o contexto. Aqui (como na muito discutida passagem de Is 45:7) refere-se à calamidade histórica ou à derrota na guerra.

³ A doutrina da providência divina indicada aqui vai nos ocupar mais quando tratarmos de 4:6ss.

O momento, o homem e a mensagem

Vamos agora considerar o significado do versículo 3. Lendo a partir dos versículos introdutórios do capítulo, o seu significado fica bem claro. Duas pessoas não “andam juntas” se não estiverem de acordo.⁴ Um acordo assim foi feito entre o Senhor e o seu povo, no Êxodo, e eles começaram a “andar juntos” (cf. Jr 2:2, onde o verbo *andar* é traduzido por “seguir”), mas agora o povo se tornou infiel e tem de ser disciplinado.

Mas quando lemos a partir do versículo 3, temos uma ótima surpresa. Já percebemos o padrão do “antes e depois” dos versículos 4-6, mas onde está a “segunda metade” do versículo 3 que o tornaria de conformidade com este padrão? Não seria difícil propor uma pergunta que preenchesse essa falta:

Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?

Poderá um casamento ser restaurado se o certificado do divórcio já foi assinado?

Mas esta segunda pergunta final não foi feita. A primeira parte permanece esperando uma resposta. Enquanto aguarda, vemos três vezes que coisas inevitáveis acontecem no período intermediário até o seu fim: o momento da esperança não se alarga indefinidamente. Depois das ilustrações, os versículos 7 e 8 explicam por que o versículo 3 foi deixado incompleto: novamente se ouve o rugido do leão (3:8a), mas não foi seguido do rosnar do leão sobre a sua presa. O leão que ruge provocou a voz da profecia (3:8b). A mensagem completa é a seguinte, portanto: o “acordo” entre o Senhor e o seu povo está ameaçado, está correndo um profundo e sério risco. Se alguma coisa não for feita, o castigo (3:2, literalmente “visitação”) não tardará: o rugido será seguido do rosnar (3:4). Mas nesse ínterim (o precioso e crucial momento quando, ainda que retardada, uma decisão pode ser tomada), a

⁴ O significado geralmente proposto deste versículo, de que nos campos de Tecoa, onde Amós morava, as reuniões só podiam ser realizadas com permissão, dificilmente pode ser aceito. Amós está aqui (presumivelmente) pregando em Betel (cf. 7:13) e está fazendo uma pergunta aos seus ouvintes. Não há nenhuma indicação de que ele espera transportá-los, nas asas da imaginação, das ruas de sua cidade apinhada até os campos desertos, antes de responderem! Cripps sugere acertadamente que tomemos o verbo *andar* num sentido contínuo: “continuem andando juntos”. Quanto ao *acordo*, ele prefere a sutil correção sugerida pela LXX, “se não se co-

mutilação da estrutura do versículo 3 deixa o futuro em aberto, e a voz do profeta (3:7, 8) convoca o povo a renovar o seu “acordo” com o Senhor e a agir imediatamente, pois enquanto ele está falando o Leão está rugindo.

A palavra decisiva

Esta, então, era a grande tarefa para a qual Amós foi chamado. Ele teve de andar no período intermediário entre a advertência e o desastre e tornar a sua mensagem explícita ao povo. É a tarefa que cabe a cada pregador em relação à sua congregação; é a tarefa que a Palavra de Deus tem para a Igreja e para o mundo: a sirene está soando, o fim de todas as coisas está se aproximando, eis o caminho da salvação, o retorno a Deus, a mensagem da reconciliação.

Os versículos 7 e 8 são ricos em ensinamentos sobre a profecia (e, por decorrência, sobre toda a Bíblia). Podemos vislumbrar na mensagem a inspiração e a autopercepção do profeta.

A tarefa do profeta do Antigo Testamento era abordar o presente à luz do futuro. Vimos como Amós trabalhou para tornar a sua mensagem relevante aos seus ouvintes, recordando a sua história, os seus pecados e o seu comportamento. Neste sentido, a sua mensagem originou-se das circunstâncias em que ele falava e ela tem algo da natureza política, social e pessoal do momento. Mas também se originou de uma conscientização do futuro, pois o presente só possuía seriedade ou urgência por causa do que ia acontecer a seguir. Que importância teria os crimes de Damasco se o Senhor não pretendesse enviar o seu fogo para puni-los? Excetuando esta sanção final da ira divina e da iminente subversão divina, seria apenas uma questão de relativa ênfase da opinião humanitária de Amós contra o egoísmo insensível de Damasco e dos outros. Esta particular integração do presente e do futuro, este

nhecem” (ainda que o sentido recíproco desta forma do verbo “conhecer” não tenha outros exemplos no AT). D. W. Thomas (*Journal of Theological Studies*, 1956) propõe que o significado para a forma corrigida não deveria ser “conhecer”, mas “ficar sossegado, quieto”, isto é, “em paz um com o outro”. Mas sem a correção do texto, o sentido de “haver acordo entre eles” está bem exemplificado em Js 11:5; Jó 2:11; Sl 48:4 e se aplica bem à presente passagem.

controle da predição como parte integrante da essência da tarefa profética não poderia ficar melhor expresso do que nos comentários penetrantes de Emil Brunner: “A idéia que permeia a profecia do Antigo Testamento é a de um Deus que vem e de um reino futuro de Deus. O profeta é o arauto do advento de Deus . . . Toda a sua proclamação deve ser entendida apenas com referência a este futuro. Pois neste futuro a sua mensagem tem o seu significado, o seu alvo, a sua necessidade... O que transforma o momento histórico em momento de decisão de maneira tão sem precedentes é simplesmente esta referência escatológica... O histórico Agora torna-se bastante sério como enfoque do fim de todas as coisas.”⁵

Amós defendia que a predição pertencia à essência do ofício profético a tal ponto que ele esteve pronto a se incluir no princípio geral de que *o Senhor não fará coisa alguma, sem primeiro revelar o seu segredo aos seus servos, os profetas* (3:7).⁶ Mas há também um outro aspecto nestas palavras que nos leva a discutir a inspiração do profeta. O futuro que foi o assunto de sua predição não se refere simplesmente a “acontecimentos futuros”, futuros atos de Deus gerados pela natureza de Deus e por sua reação para com os negócios do mundo. Brunner expressou isso admiravelmente, chamando o profeta de “arauto do advento de Deus”. O ponto é que não seria correto falar de um dom profético de prognóstico, se não houvesse um privilégio profético de conhecer a Deus. A predição surgiu como parte da comunhão consciente do profeta com o Senhor.

Examinando agora os versículos 7 e 8, temos em primeiro lugar uma declaração da política divina: é plano geral de Deus revelar acontecimentos futuros informando os seus servos, os profetas,

⁵ No ensaio “The Significance of the Old Testament for our Faith” (O Significado do Antigo Testamento para a nossa Fé), em *The Old Testament and Christian Faith* (O Antigo Testamento e a Fé Cristã), editado por B. W. Anderson (SCM Press, 1964), pág. 259. A mesma idéia perpassa toda a Bíblia. A mensagem de João Batista não foi “Arrependei-vos para que o reino venha”, mas “Arrependei-vos porque está próximo o reino”: era o fato futuro estabelecido e penetrante que lhe dava uma mensagem presente urgente. Da mesma forma, a ética do Novo Testamento geralmente tem uma estrutura de referência escatológica: por exemplo, Rm 13:11-14; 2 Pe 3:11.

⁶ Cf. A perplexidade de Eliseu quando alguma coisa pertinente ao seu ministério não era questão de revelação divina anterior, 2 Rs 4:27.

do que ele pretende fazer. Segundo, esta informação lhes vem através de uma comunhão com Deus na qual eles são admitidos: as palavras *revelar o seu segredo* também significam “franquear a sua comunhão”. Jeremias expressa o mesmo pensamento (e usa a mesma palavra) quando descreve o profeta como alguém que *esteve no conselho do Senhor, e viu e ouviu a sua palavra* (Jr 23:18; cf. v.22). Miquéias nos faz entender o assunto explicitamente quando faz alusão a um conselho celestial do qual ele faz parte e no qual ele é comissionado a prestar contas na terra (1 Rs 22:19-23). Terceiro, o resultado desta comunhão foi a tarefa especial de falar na terra as próprias palavras de Deus: *Falou o Senhor Deus, quem não profetizará?*⁷ Precisamos ter o cuidado de entender o que está sendo proclamado e o fundamento sobre o qual essa proclamação se baseia. Amós é o seu próprio intérprete quando descreve o seu livro desta maneira: *Palavras, que . . . vieram a Amós . . . Assim diz o Senhor* (1:1,3). Ele fez cada declaração de maneira igual: as palavras eram suas, e podemos entender claramente que o estudo, a meditação e a escolha das palavras certas, que naturalmente fazem parte do preparo dos sermões, estavam por trás de cada declaração; as palavras eram do Senhor, naquele sentido afirmativo único que levou Amós (ou qualquer outro dos profetas ou escritores da Bíblia) a dizer: “Eis a mensagem de Deus nas palavras de Deus”, e não: “Eu penso que é isto que Deus quer dizer”, nem: “Eu sei que é isto o que ele quer dizer e vou dizê-lo da melhor forma possível.” O fato de serem as *palavras de Amós* não nos permite pensar que tenha sido algo um tanto mecânico, como se Amós fosse o datilógrafo de Deus, ou uma espécie de gravador vivo. Ele estava de posse da plenitude da sua personalidade individual, do seu temperamento e da sua humanidade; o fato de serem *as palavras do Senhor* não nos permite imaginar que, ao serem originalmente dadas, elas tenham sido, um pouco que fosse, infectadas pelo pecado ou erro humano. Estamos lidando com uma coisa muito especial e isto faz parte da sua singularidade.

⁷ Cf Êx 4:15, 16; 7:1, 2 descrevendo exatamente este relacionamento entre a mensagem profética e as palavras de Deus; e Jr 1:9; Ez 2:7 (Notar que “minhas palavras” nestes versículos representa a forma realmente verbalizada da mensagem), *etc.*, registrando a mesma declaração.

É neste ponto que as doutrinas da inspiração e da revelação precisam ser mantidas dentro do contexto da comunhão com Deus, como Amós faz na presente passagem. Quanto mais perto de Deus alguém fica, mais verdadeiramente humano se torna; quanto mais reflete a semelhança de Deus, mais homem é. Jesus pode ser o Filho do homem porque ele é o Filho de Deus. Com o propósito de comunicar a sua mensagem, Deus teve com os seus servos, os profetas, uma comunhão especial. Esta mesma experiência que lhes deu o conhecimento de Deus e dos seus caminhos, dos seus planos para o futuro e da sua mensagem para agora, também os introduziu num desabrochar mais pleno, mais verdadeiro, mais excelente de sua humanidade. Assim (poderíamos dizer), o Amós que enunciou as palavras do próprio Deus não foi (como um datilógrafo) menos humano do que antes, desvalorizado como uma pessoa total, mas tornou-se “mais Amós” do que nunca, um ser humano mais verdadeiro, mais pleno, maior. Este é o motivo da impressão “maior do que a vida” que os profetas (e, na verdade, todos os escritores da Bíblia) nos deixam: eles nos causam esta impressão porque essa é a pura e simples verdade e respeito deles.

Finalmente, Amós estava plenamente consciente de tudo isso a seu respeito e da tarefa para a qual fora chamado. Não lhe faríamos injustiça se colocássemos as suas palavras na primeira pessoa do singular: “Vocês sabem que o Senhor adverte através dos seus servos e profetas antes de agir. Ele me transformou num deles e, considerando que ele me falou, como deixaria eu de lhes proclamar a mensagem profética?” Coragem, urgência e autoridade, tudo aparece neste ponto. Foi com este fundamento que Amós foi capaz de, mais tarde, enfrentar a autoridade do sumo sacerdote e corajosamente permanecer na sua posição diante da acusação de traição (7:10-17). Com esse mesmo fundamento Amós tem a coragem de agora reiterar ao povo essa desagradável verdade de que estão em perigo de perder uma herança que eles chegaram a imaginar que fosse deles automaticamente como um inalienável direito hereditário. Observemos como a declaração do versículo 8 chega como um clímax de uma série de versículos que proclamam que não existe efeito sem causa: a visão da presa estimula o leão a saltar; o succulento pedaço provoca o rosnado satisfeito da boca cheia de saliva (3:4); o vôo rasante da ave denota haver a armadilha do chamariz (3:5); o temor do povo surge por causa do

som de advertência da trombeta (3:6); e a mensagem do profeta é causada pela voz de Deus (3:8). Amós está consciente do seu privilégio, da sua posição, da sua mensagem e do seu ministério concedidos por Deus.⁸

“Há um Amós em casa?”

Será que nos defrontamos aqui com um simples estudo de antiguidades sobre um certo homem especial e um fenômeno especial do mundo antigo? Num certo sentido, Amós e os profetas são tão impossíveis de serem repetidos como Paulo e os apóstolos, e a Palavra de Deus nunca mais virá à igreja com a mesma qualidade e precisão que foi pregada e escrita por eles. Mas, num outro sentido, as revigorantes verdades deste estudo pertencem a cada cristão, como algo inquestionável e como uma chamada ao ministério.

Consideremos o povo de Deus no tempo de Amós: ele era desesperadamente necessitado e (embora totalmente inconsciente do fato) estava ameaçado pelo desprazer iminente do seu Deus; faltava-lhe o verdadeiro conhecimento, a verdadeira espiritualidade, o verdadeiro arrependimento; estava cheio de corrupção; tinha se afastado da verdade; era presunçoso, complacente e egoísta; tinha se colocado sobre um pedestal e desprezava o mundo. Ele tinha todas as evidências que hoje fazem as pessoas clamar a Deus por um reavivamento, convencidas de que nada pode impedir esta podridão e reconstruir as ruínas, a não ser alguma efusão poderosa do alto que coloque o remanescente fiel na devida condição de serviço, que lance o incrédulo num profundo sentimento de incurável culpa do pecado e diga ao mundo que há um Deus que vive e reina.

O que, entretanto, Deus fez? Enviou um homem que estava em comunhão com ele para pregar a sua palavra.

Não podemos realmente ser o que Amós (ou Paulo) foi; mas podemos ser como eles, em princípio. Graças à inspiração única

⁸ À luz de tudo isso, não parece improvável que Amós não tivesse transcrito as suas profecias e as arranjado de forma a refletir exatamente a mensagem dada por Deus? Como um homem versado, numa era culta, seria de todo irracional pensar que ele, sabendo que as suas palavras eram as palavras de Deus, então as deixasse desaparecer no ar depois de transmitida a mensagem. O fundamento da profecia escrita é a autopercepção da pessoa do profeta.

e à revelação que lhes foi concedida de possuírem a palavra de Deus; graças à obra de reconciliação de Jesus, pela qual nós temos, nele e pelo Espírito, o acesso do Pai (Ef 2:18). Nesta preciosa comunhão, centralizados na sua santa Palavra, o livro das Escrituras, nós — nós mesmos — podemos nos tornar aqueles que vão ao encontro da Igreja dos nossos dias, com coragem e autoridade, aproveitando a oportunidade que nos é dada, no período intermediário da graça, entre o rugido do Leão e o início do julgamento.

SEGUNDA PARTE

O INIMIGO CIRCUNDANTE

Amós 3: 9 - 6: 14

Introdução

Como na primeira parte do seu livro, Amós determina os limites desta seção retornando ao final dos pensamentos que lhe ocuparam a mente no começo. Neste caso, a idéia chave encontra-se declarada no capítulo 3, versículo 11: *Um inimigo cercará a tua terra*, com a conseqüente derrubada das *casas* (3:15), as quais por si mesmas simbolizam o espírito amante do luxo dos seus edificadores; estes mesmos pensamentos, na ordem inversa, concluem a seção: a derrubada de todo tipo de casas (6:11) e o inimigo avançando de Hamá, ao norte, até o ribeiro de Arabá, ao sul (6: 14).

Assim, enquanto a primeira parte foi cheia de ameaças, indicando o que o Senhor fará para punir o seu povo e analisando as razões pelas quais os israelitas mereciam ser punidos (e Amós foi capaz de se colocar no papel daquele que salta por sobre a brecha a fim de apresentar ao povo a Palavra como meio de escape e salvação), agora a sorte foi lançada e é só uma questão de tempo antes da derrota final acontecer realmente. Amós expõe todas as advertências que não foram ouvidas (p.ex., 4:6-11; 5:4, 6, 14). Ele até lamenta como se fosse o funeral de Israel (5:1, 2). A majestade (4:13; 5:8, 9) e a alienação de Deus (5:21; 6:8) foram apresentadas. Mas, como sempre, a Bíblia não gosta de simples denúncias, meros avisos do destino iminente e inevitável. A seção é um argumento ponderado da razão por que as coisas têm de ser assim: portanto, denuncia os pecados do povo de Deus; denuncia as áreas da vida nas quais se apresentam evidências de que as pessoas não estão vivendo em harmonia com o seu Deus; denuncia as coisas que (por menos importantes que possam ser aos olhos humanos) o fazem lamentar; denuncia as razões por que as igrejas não têm poder na face da terra. Nestas linhas, o que seria, de outro modo, a história de uma tragédia passada, permanece como a voz de Deus vi-

O INIMIGO CIRCUNDANTE

vo falando a nós e a todo o seu povo nos dias de hoje.

A bem da simplicidade, a seção pode ser considerada em três divisões, com uma passagem de apelo (4:6-13; 5:1-27) inserida entre duas passagens de análise (3:9-4:5; 6:1-14). A primeira análise cobre os aspectos social (3:9-11), pessoal (3:12) e religioso (3:13-15) da vida e a denúncia do pecado básico da indulgência para com o prazer (4:1-5). Mas o Senhor não ficou inativo: ele falou ao seu povo através de circunstâncias (4:6-13) e através da voz inteligível da profecia (5:1-27), chamando-o de volta (4:6, 8, 9, 10, 11; 5:4, 5, 14, 22-24). O seu chamado ao arrependimento (4:6 *etc.*), focalizou os aspectos espiritual (5:4-13), moral (5:14-20) e religioso (5:21-25) da vida, mas de nada adiantou. E, realmente, por que se voltariam para ele quando se sentiam tão auto-suficientes? A análise conclusiva revela a auto-satisfação pretenciosa do homem (6:1-7) e como Deus a odeia, levando-a à derrota total e iminente (6:8-14).

Amós 3: 9 - 15

“... SE LHE TORNOU EM INIMIGO”

Cada verdade bíblica foi, no devido tempo, proclamada como a verdade que o povo de Deus esqueceu e precisa desesperadamente recuperar! Não foi assim com a verdade sobre a Segunda Vinda, ou o reavivamento, ou o Espírito Santo? Mas por começarmos este estudo dizendo que há uma verdade esquecida que deve ser recuperada não estamos empregando uma fórmula de sermão já vulgarizada. Esquecemo-nos de que o nosso Deus pode se tornar nosso inimigo (Is 63:10) e com toda a nossa conversa de tomar cuidado para não cair sob o poder de Satanás, ficamos cegos para a possibilidade muito mais perigosa, de perder o poder de Deus. Nós o dispensamos, o ignoramos ou nos esquecemos dele, para nosso perigo. Por que o crente individualmente não tem poder contra os seus inimigos, ou por que toda a igreja não tem poder? Deus teria perdido o seu poder? Não, nós é que o perdemos. *Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem surdo o seu ouvido, para não poder ouvir. Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça* (Is 59:1, 2). As Escrituras estão cheias de exemplos de alienação divina,¹ mas devemos focalizar esta passagem de Amós onde ela tem o pensamento dominante.

Amós descreve-nos uma nação sem poder e uma religião sem poder. Nacionalmente, eles podem apontar a sua *fortaleza* (3:10), mas quando o inimigo rodeia a terra, *a tua fortaleza, e os teus castelos serão saqueados* (3:11). Eclesiasticamente, estão igualmente

¹ Por exemplo, Gn 3:24; Js 7:11, 12, 26; Jz 3:7, 8, 12; Sl 78:58-64.

sem defesa. O versículo 14 reflete a suposição pagã de que agarrar-se às *pontas do altar*² dava à pessoa (não importa o que tivesse sido anteriormente) uma sacrossantidade, mas no dia em que esse asilo for mais dolorosamente necessário, descobrirão que até mesmo o imaginado refúgio desapareceu: o altar estará sem pontas.³ Com um toque, o mais caprichado possível, Amós denuncia todo o fracasso da religião do povo na proteção contra o desastre. Se traduzirmos *Betel*, no versículo 14, teremos a seguinte seqüência interessante: “. . . casa de Deus . . . casa de inverno . . . casa de verão . . . casas de marfim . . . grandes casas . . .” Onde a religião não tem poder, tudo fica sem poder; quando a casa de Deus é derrubada, nenhuma casa fica de pé.

Mas em toda esta falta de poder, é o Senhor que é o seu inimigo. Eles não têm poder porque o perderam. Ao inimigo que os cercará, de acordo com o versículo 11, segue-se um ilustrativo ataque de leão (v.12). Amós não tinha conclusões, mas deixa que façamos a nossa própria comparação com a primeira parte do seu livro. O inimigo circundante fala da inimizade do Deus-Leão. Nos versículos 14 e 15 as palavras são diretas: (no dia em que) *eu punir . . . , visitarei . . . Derrubarei . . .* A vingança da aliança é uma realidade,⁴ e seria bom pensarmos no que é que leva Deus

² Não havia um “asilo no altar” no meio do povo de Deus. Os versículos que às vezes são citados a favor de tal prática (Êx 21:12ss.; 1 Rs 1:49ss.; 2:28ss.) revelam, quando são examinados, que os chifres do altar não ofereciam refúgio. Os “chifres” eram projeções nos quatro cantos do altar e foram especialmente mencionados em conexão com a aspersão do sangue: Êx 29:12; Lv 4:7, 18, 25, 34.

³ A IB acha que o oráculo contido em 3:13-15 deveria ser considerado como uma inserção por um editor posterior por “interromper a seqüência dos oráculos diretamente relacionados com Samaria”. Mas não destaca o fato de que, nesta série de oráculos, como se apresenta, Samaria (a capital política) e Betel (a capital religiosa) se alternam: ver 3:9 e 4:1 quanto a Samaria, 3:13, 14 e 4:4 quanto a Betel. Este entrelaçamento dá testemunho do destaque que Amós dá ao fato da religião e da sociedade pertencerem uma à outra: a falsa religião produz valores sociais falsos. Os crimes da sociedade não podem ser denunciados se não forem considerados como pecados contra Deus. Portanto, Samaria não pode ser diagnosticada sem Betel.

⁴ Nada do que aconteceu em Cristo anula esta verdade. Nós somos o povo da aliança com Deus, sujeitos às bênçãos dessa aliança ou às maldições dela. O estudo das Cartas de Jesus às Sete Igrejas (Ap 2:1ss.) particularmente revela-nos quanto a este assunto (por ex., 2:5, 16, 23; 3:3, 16).

a se alienar do seu povo e deixá-lo desamparado diante dos seus inimigos.

Relacionamentos sociais

Esta é uma passagem particularmente fácil de analisar, pois inclui três expressões introdutórias distintas: *Fazei ouvir isto* (3:9) . . . *Assim diz o Senhor* (v. 12) . . . *Ouvi* (v. 13). Cada uma delas chama a atenção para um aspecto específico da vida do povo de Deus, em função do qual cai em condenação e experimenta a alienação divina. A primeira (vs. 9-11) sonda a sociedade e apresenta o princípio de que o Senhor transforma-se em inimigo quando o seu povo vive abaixo do nível da graça no que se refere ao relacionamento social.

Seus pecados são especificados nas palavras *tumultos* . . . *opressões* (v. 9) . . . *a violência e a devastação* (v. 10). O primeiro e o quarto apontam para o desprezo pela ordem e pela estrutura da sociedade; o segundo e o terceiro se relacionam com o comportamento opressivo, injusto e egoísta para com as outras pessoas. Considerado do ponto de vista do Estado, este não se preocupava que determinada linha de ação inevitavelmente fosse despedaçar a boa ordem da vida social. A lei e a ordem neste sentido não eram importantes. Do ponto de vista clerical parecia não importar que alguma determinada linha de palavras ou de conduta fosse prejudicar a comunhão. A coesão social e a harmonia religiosa não eram fatores operantes. Tudo o que importava era alguma nova aquisição para o ego, alguma coisa para *entesourar* (v.10). E o mesmo acontecia nos relacionamentos pessoais. Se outras pessoas fossem “pisadas” quando o ego subisse na escala da importância e das riquezas, pior para elas. Não seria bom identificarmos com o que Amós está dizendo e observarmos que ele fala de uma conduta oposta à que considera *cada um os outros superiores a si mesmo*, que não tem *cada um em vista o que é propriamente seu* e tendo *o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus* (Fp 2:3-5)? Frequentemente as coisas que Amós condena abertamente e que Paulo condena por contraste são as que deixam de ser categorizadas como pecados no curso geral da vida, mas estão aqui no topo da lista, e o Senhor as condena francamente, *dizendo que Israel não sabe*

fazer o que é reto (v. 10).⁵

Este é um dos quatro gritos de condenação que Amós faz soar aqui contra a conduta que desrespeita a sociedade e a fraternidade, e desvaloriza as outras pessoas. Ele também diz que tais atos levam à cegueira espiritual: *Israel não sabe fazer o que é reto* (v. 10). “Faz parte”, diz Pusey, “da miserável cegueira do pecado, que, enquanto a alma adquire uma rápida visão do mal, fica finalmente não só paralisada para o *fazer* o bem, como também incapaz de percebê-lo.”⁶ Além disso, esta linha de conduta é inerentemente destrutiva. Um *portanto* liga os versículos 10 e 11. Uma lógica liga *violência e devastação* à sua justa recompensa em um inimigo que destrói tudo e leva tudo. Realmente, a forma das palavras usada por Amós insiste que tem de ser assim. Ele não diz que eles *entesouraram* o que ganharam através da *violência e devastação*, como alguns comentaristas limitam o seu significado e o que, naturalmente, ele quis dizer em parte. Em termos de balanço bancário ou de caixa-forte, realmente é assim. Mas Amós está dizendo que eles estão, por meio da *violência e devastação*, armazenando, entesourando, preservando, guardando os meios da sua própria destruição. A Bíblia geralmente representa o pecado como um bumerangue, mas aqui mais claramente do que em qualquer outra parte, e em relação aos pecados que geralmente nós consideramos insignificantes.

Mas a sua maior condenação nesta linha de conduta vem no começo da passagem (v. 9), quando se dirige a *Asdode*⁷ e ao *Egito*.

⁵ Mays diz que Amós usa aqui “um termo normativo pelo qual os atos podem ser medidos”. Ele oferece a seguinte análise do significado: o que é direito, honesto, reto, em contraste com o que é mentiroso e falso (Is 30:10); o reto/bom em oposição ao ruim/mau; sinônimo de justiça, de retidão, de fidelidade (Is 59:14); aquilo que é “direito” em um processo legal (2 Sm 15:3); prática aceitável no tribunal e no comércio.

⁶ Cf. Is 5:12, 13, 18, 19; Jr 4:22, etc.

⁷ A BJ, a IB, etc. preferem traduzir por “Assíria” aqui, segundo a LXX. Como a nota do rodapé da BJ esclarece, o hebraico diz Azoto. J. L. Mays diz que a “LXX traduz por ‘Assíria’, provavelmente porque Azoto parecia fazer um par pouco apropriado como Egito”. Ele (e Hammershaimb) preferem reter o *Azoto*. Amós, aliás, em nenhum outro lugar, chama a Assíria pelo nome: o local do exílio é obscuramente mencionado como *além de Damasco* (5:27), e Gwynn (*The Book of Amos*, O Livro de Amós, Cambridge, 1927) está provavelmente certo em dizer que Amós “conserva deli-

Que ferroada para os presunçosos súditos do reino do Norte, contemporâneos de Amós, saber que esses odiados e ancestrais inimigos seriam aqueles que se assentariam para julgá-los! Ser julgado por aqueles que são conhecidos e desprezados como carentes da graça e espiritualmente ignorantes vai muito além da indignidade de ficar sujeito ao julgamento da grande, mas remota, Assíria. Mas este ainda não é o ponto preciso que Amós está querendo atingir quando convoca Asdode e o Egito. Asdode nós já conhecemos, citada por Deus pelos mesmos crimes de injustiça social e desumanidade que agora estão sendo lançados contra Israel (1:6-8): claramente o menos culpado vai julgar o mais culpado. Mas, nessa ocasião, Asdode foi enumerada entre as nações que não receberam uma revelação especial de Deus, e contudo Asdode pode julgar o povo que a possui! Da mesma forma, o Egito foi um povo opressivo e escravizador (e Israel, mais do que ninguém, sabia disso) mas, embora culpado de injustiça social e de opressão, o Egito poderia julgar o povo de Deus por ser este obviamente mais culpado. Além disso, no Egito, Israel experimentara redenção particular, operada por Deus, negada aos egípcios e, ainda assim, os não privilegiados passam a ser os juízes dos privilegiados.

Eis a investida real da condenação de Amós. Aqueles que não tinham revelação especial e que nunca experimentaram redenção especial podem levantar-se e julgar as contravenções sociais daqueles que eram especialmente privilegiados para com Deus, mas que não se importavam em desprezar, abusar e oprimir os seus companheiros da família da graça. E ele lhes oferece um julgamento justo: os *castelos* de Asdode e do Egito (v. 9) para julgar os *castelos* da Samaria (v. 10). Neste sentido, o semelhante julga semelhante mas, sob outros aspectos, como os envolvidos são desiguais! Eis um povo sem revelação e sem redenção; e, aqui, outro cheio de graça e luz de Deus, e o primeiro pode julgar o segundo por perturbar a comunhão da boa ordem social e por desprezar e desvalorizar os seus semelhantes!

Este é o âmago da primeira explicação da alienação de Deus do seu povo: viviam abaixo do nível da graça na questão dos relacionamentos pessoais e considerações sociais. Certamente eles cumpriam seus preceitos religiosos (4:4, 5), mas os próprios pagãos po-

beradamente a Assíria como um terror anônimo”.

diam ser seus mestres: no que dizia respeito às devidas considerações pelo bem-estar e pela dignidade de seus semelhantes. A acusação penetra fundo. Deus definiu o seu nome e a sua natureza pelo que fez na escravidão, opressão, humilhação e desamparo do seu povo no Egito. Tem Deus alguma outra alternativa que não apartar-se do povo que reivindica conhecer o seu nome, mas que se recusa a imitar na vida e nos pensamentos o que esse nome representa: interesse humano e humanitário, boa ordem social, justiça imparcial, dignidade e bem-estar de homens e mulheres?⁸

Espiritualidade pessoal

A explícita divisão do texto na BJ ajuda-nos a perceber que a ilustração usada no versículo 12 é um oráculo separado e, portanto, apresenta-nos uma verdade distinta. É totalmente irônico. A lei (Êx 22: 12ss.) exigia que um ajudante de pastor de ovelhas provasse que um animal fora arrebatado do rebanho: ele tinha de apresentar algo que indicasse que o animal fora dilacerado como presa de uma fera; caso contrário, seria acusado de ter se apropriado do animal e tinha de pagar total compensação. Tal *salvamento* não era nenhum salvamento; era apenas a evidência de algo que fora antes, mas já não é mais.

Eis, aí, a ironia. O remanescente do povo de Deus, o salvamento que não é salvamento, a prova viva do que já foi, consiste de *o canto da cama e parte do leito*. Podemos fazer a pergunta: *se duas pernas, ou um pedacinho da orelha* apontam para a existência anterior de uma ovelha, que tipo de povo está representado pelas evidências

⁸ Pusey relembra da maneira imaginativa pela qual Cipriano, ao comentar esta passagem, convoca os “judeus, turcos e todos os hagarenos” a contemplar os pecados da Cristandade: “ ‘...um mundo exalando massacres mútuos; e homicídios, um crime, se individual, mas chamado virtude quando executado pelas nações’ ... o homem imortal grudado nas coisas passageiras e perecíveis! Os homens, remidos pelo sangue de Jesus Cristo, enganam os seus irmãos por causa do lucro, irmãos remidos pelo mesmo preço, pelo mesmo Sangue! Não nos admiremos, então, que a Igreja esteja aflita e rodeada de inimigos invisíveis e que as suas forças fossem exauridas de seus estabelecimentos deteriorados”. O único ponto em que este notável comentário precisa ser adaptado para a igreja dos dias de hoje é que os nossos inimigos já não são mais invisíveis.

salvadas de partes de camas e de leitos?⁹ Esses são os vestígios do povo de Deus! Apesar da abundância de sua religião (4: 4, 5), não é nas ruínas do templo ou dos altares derrubados que Amós encontra evidência do caráter e da preocupação do povo que antes vivia ali. Camas, leitos, travesseiros resumem a vida e os hábitos do povo. Sensualidade, luxo, ociosidade, cuidados com o corpo, mas nenhuma evidência de religião, nenhuma espiritualidade. Amós não acrescenta nenhum “portanto”; ele deixa que tiremos nossas próprias conclusões. Por que Deus se afastaria de um povo assim? Porque não havia nada na vida desse povo que correspondesse a um interesse sincero pelas coisas espirituais; poderia escrever-se uma carta de referência para eles sem mencionar Deus, oração, ou santidade; seu legado para o futuro era todo um testemunho de uma vida vivida para o corpo. E eles reivindicam ser o povo de Deus! Eis, portanto, o segundo motivo para a alienação de Deus, o segundo motivo por que o seu povo perdeu contato com ele e o seu poder: a espiritualidade pessoal desaparecera de suas vidas. O sono e o conforto, a luxúria e os cuidados com o corpo, a indolência e a indulgência, mas nada de oração e Palavra de Deus, nenhuma mortificação pessoal, nenhum morrer para o pecado, nenhuma armadura de Deus, nenhuma disciplina ou luta pela santidade! Assim Deus se afasta e o povo de Deus é derrotado.

Avançando para a próxima seção de sua penetrante análise das enfermidades do povo de Deus do seu tempo, Amós recorda as duas coisas que ele já disse que desagradam a Deus: ficar abaixo do nível da graça nos relacionamentos e no interesse por aspectos sociais,

⁹ As palavras *o canto da cama e parte do leito* poderiam ser associadas ao verbo *habitar* (“que habitam em Samaria”), ou serem tratadas como paralelas de *duas pernas, ou um pedacinho da orelha* (“assim serão salvos os filhos de Israel – apenas o canto da cama e parte do leito!”). Em qualquer um dos casos (e preferimos o último), há uma referência ao amor ao luxo, a pessoas sensuais e indolentes, como fica claro em seu significado geral. O hebraico diz “o canto de uma cama e o *d’meseq* de um leito”. São tantas as explicações dessa palavra controversa quantos são os comentários e as traduções. Sobre todas elas, Hammershaimb acertadamente diz que são “duvidosas”. Alguns relacionaram *d’meseq* (de maneira impossível) à palavra “damasco” mas ela, pelo menos, fornece uma tradução vigorosa e determinada: “a perna de um divã e um travesseiro de seda”. Travesseiros e pernas de camas não nos deixam em dúvida quanto aos interesses e ocupações dos seus antigos habitantes.

e perder as dimensões espirituais da vida pessoal. O dia do castigo para estas coisas fica descrito como *o dia em que eu punir Israel, por causa das suas transgressões* (3:14): *transgressões*, desobediência intencional da vontade de Deus revelada! Precisamos ficar de olhos abertos para o significado disto. Quando o povo de Deus se comporta entre si como se o manto sem costuras da comunhão em Cristo não tivesse importância; quando o povo de Deus não se importa com a justiça e o bem-estar social; quando, insensivelmente, se faz de senhor absoluto dos outros, nas coisas grandes e pequenas; quando se esquece de andar pessoalmente com Deus, lendo a Bíblia, orando, tendo comunhão com os outros crentes, participando da Mesa do Senhor, testemunhando de Jesus; então isso é rebeldia, desobediência, contradição da vontade revelada de Deus para as nossas vidas. E não podemos esperar nada além da falta de poder e a adversidade de um Deus alienado enquanto permanecermos nessa posição de rebeldia.

Declínio religioso

A terceira área na qual Amós diagnostica o povo de Deus e denuncia a causa da alienação divina é encontrada nas palavras *os altares de Betel*. Ele passa a recordar (3:13-15) a religião que eles tão assiduamente praticam e descobre que eles se afastaram das ordenanças e normas dadas por Deus, degenerando em compromisso teológico e religioso. Por causa disso também o Senhor se afasta do seu povo.

A religião de Betel teve a sua origem (1 Rs 12:25-33) nas tentativas de Jeroboão de afastar as afeições do povo do templo de Jerusalém e da dinastia de Davi. Politicamente, ele agiu com astúcia, pois se o seu recém-rebelado povo continuasse a freqüentar as festas religiosas de Jerusalém, ele não teria nenhuma esperança de consolidar a soberania nacional do Reino do Norte e a posição da sua própria casa real. Portanto, além de ser um rebelde político (contra a casa de Davi), também foi um cismático religioso (contra o culto de Jerusalém) e um herético teológico (contra a verdade divina). Ele foi levado pelo expediente político, mas preferiu estender a sua rebelião aos campos religioso e teológico.

Ao apresentar estas acusações, Amós dirige-se primeiro ao povo

da *casa de Jacó*. Ele usa estes títulos ancestrais¹⁰ como lembretes do que realmente significam, sua verdadeira posição, privilégios e obrigações. Se fossem simplesmente o povo de Jeroboão (seja do reinado do primeiro Jeroboão de 1 Reis 12, ou do último Jeroboão do tempo de Amós, não importa), poderiam crer e adorar como bem entendessem. Mas se eram o povo de Jacó, de Isaque e de José, então tinham tradições herdadas, verdade recebida por revelação. Sua posição religiosa e teológica é totalmente diferente. Eles não tinham liberdade de inventar e inovar; só podiam fazê-lo rebelando-se, com a conseqüente perda de privilégios.

Aqui também, pela primeira vez, Amós explicita os títulos de Deus: *o Senhor DEUS, o Deus dos Exércitos* (3:13), o Iavé Soberano, o Deus Onipotente. Aqui está implícita a repreensão por causa do deus diminuto da religião de Jeroboão, que, embora ainda levasse o nome de "Iavé" nas bocas dos crentes, tinha se tornado menor que o Deus de Moisés, do Êxodo e da Lei. Quando Jeroboão mandou fazer os bezerros de ouro (1 Rs 12:28), conseguiu confundir o visível com o Invisível. Sem dúvida, ele pretendia que os bezerros representassem não a natureza divina, mas um pedestal visível para que Deus fosse invisivelmente entronizado. Mas na mente dos homens um objeto visível inevitavelmente projeta a sua natureza sobre a natureza do ser que o adota, mesmo que seja parte de sua manifestação externa. Assim Iavé ficou identificado com o bezerro, o Criador com a criatura.

Na prática cananita, o bezerro era o símbolo da fertilidade, e o deus (Baal) identificado com o bezerro era adorado por causa de sua suposta capacidade de dar fertilidade e, portanto, prosperidade à nação. Deste modo, o moral (ou santo) foi trocado pelo não-moral (ou natural). Quando Israel entrou na terra prometida, trouxe consigo uma "religião de fertilidade" (por assim dizer): podemos dizer que tinha a garantia da fertilidade, da prosperidade com base na obediência da lei santa do seu Deus santo (cf. Dt 28; 29). Sua religião era uma religião para este mundo, atendendo os seus adeptos nas necessidades reais e materiais da vida na terra. O Senhor prometeu fartura. Mas, sob a liderança de Jeroboão, o seu povo escolheu finalmente um caminho imoral de prosperidade, o caminho de Baal, através do qual, a fim de incitar Baal a

¹⁰ Cf. 5:15; 6:8; 7:2, 5, 9, 16; 8:7.

realizar suas funções fertilizadoras, eles recorriam à realização pública dos atos humanos da procriação como cerimonial religioso, e o santo ficou corrompido com o não-santo.

O visível substituiu o invisível; a criatura, o Criador; o não-santo, o santo. E tudo aconteceu tão facilmente, tão conscientemente, de acordo com a política nacional mais acertada! Em outras palavras, religiosa e teologicamente a mente do homem tomou o lugar da mente de Deus. A revelação foi adaptada, distorcida e aparada de se encaixar na sabedoria humana.¹¹

Ademais, a heresia não fica inativa. Jeroboão I construiu um altar em Betel (1 Rs 12:32ss.), mas Amós fala de *altares* (3:14). A verdadeira religião perdeu-se no formalismo, no ritualismo em busca do seu próprio bem, atuando até o ponto do disparate. Eis outro modo ainda pelo qual a heresia não permanece inativa: a falsa religião produz uma sociedade falsa e uma religião de tijolos e aparências produz gente materialista e cheia de aparatos, com casas de inverno e verão, palácios de marfim (até Salomão em toda a sua glória tinha apenas um trono de marfim!) e grandes casas (3:15). O que sobe como um rojão, cai como uma vareta: a falsa religião com todo o seu aparato acaba em total colapso dos santuários e da sociedade. A mão de Deus levanta-se contra a religião que adaptou a revelação aos seus próprios gostos e trocou a verdade de Deus pelo seu próprio modo de vida. Mas o Deus das Escrituras tem de ser aceito na sua totalidade, ou, então, ele se afastará de nós e não conheceremos nada do seu poder.

A passagem que estivemos esquadrinhando proclama palavras de magnificência e poder: castelos (3:9,10), defesas, fortalezas (v. 11), casas de todos os tipos e grandes casas (v. 15). Mas tudo era vazio. A glória tinha se ausentado, banida junto com a sensibilidade e a preocupação com questões sociais, com a espiritualidade pessoal e uma religião em harmonia com a revelação de Deus. Estes são os pontos pelos quais o povo de Deus tem de viver e morrer.

¹¹ O paralelo entre tudo isso e Romanos 1:18-32 é surpreendente e deveria ser estudado. Observar especialmente a ênfase colocada sobre o conhecimento que foi rejeitado, e a corrupção teológica precisamente nos pontos da invisibilidade, da criatividade e da santidade.

Amós 4: 1 - 13

ALTERNATIVAS

A santidade é a qualidade que faz de Deus o que ele é. Primeiramente, é o que faz ser Deus e, em segundo lugar, é o que o faz ser um tipo particular de Deus, em distinção de quaisquer outros pretendentes possíveis.

Por estranho que seja, para tornar mais fácil com que as nossas mentes pensem corretamente sobre a santidade, é preciso ler uma história desabonadora sobre o patriarca Judá, registrada em Gênesis 38. Algum tempo depois que Judá perdeu a esposa, ele sai para supervisionar a tosquia de suas ovelhas. No caminho, encontra-se com uma mulher que julga ser uma prostituta, mas que, na deliciosa sutileza da narrativa, era a sua nora, a quem ele anteriormente tinha enganado.¹ Mais tarde ele envia um amigo para que vá pagar a sua dívida imoral. Não conseguindo encontrar a mulher, o amigo pergunta (v. 21): “Onde está a prostituta?” O interessante para nós é que, no hebraico, ele usa uma palavra diferente: “a mulher santa”.² Como, perguntamos nós, uma mulher assim poderia ser

¹ Esta história deveria salientar a absoluta honestidade e veracidade das Sagradas Escrituras. Nem mesmo os pecados do antepassado de Davi (e, posteriormente, do antepassado do Senhor Jesus) ficaram escondidos. Mas ela também tem um papel significativo no desenvolvimento da narrativa do Gênesis. Sem este incidente, culminando na desgraça pública da confissão franca de Judá, não há meios de explicar como o caalejado e confiante homem de Deus de Gn 37:26ss. transformou-se no homem sensível, tímido e abnegado que fez um dos discursos mais comoventes registrados nas Escrituras, Gn 44:18ss.

² A ERAB nos dá uma pista para entender a divergência aparente de sentidos, quando traduz “prostituta cultural”. No hebraico, *kedeshab* literalmente é uma mulher dedicada ao culto pagão impuro.

chamada de “santa”?

Basicamente, a palavra traduzida por “santo” em todo o Antigo Testamento parece ter o significado de “separado”, ou “diferente”. Infelizmente, ambas são palavras comparativas. Elas nos levam a perguntar: “separado do quê? diferente do quê? alternativa do quê?” Mas a palavra “santo” não é comparativa. Ela expressa aquele “algo” distinto e positivo que faz com que os deuses pertençam à sua própria categoria de seres. Nós, por exemplo, consideraríamos inadequado definir o “homem” em termos do que o torna diferente de um “cachorro”. Diríamos que há muito mais coisas implicadas além do que poderia ser expresso pela comparação, que há muitas diferenças positivas, únicas, que as comparações não poderiam captar. Da mesma forma, “santo” não é uma palavra que define como Deus, ou os deuses, são diferentes dos homens, mas é uma palavra para aquela excepcionalidade básica, aquela especialidade positiva, que constitui a base de todas as reais diferenças. E a “mulher santa” ganhou esse título pelo fato de que a sua “dedicação” a fez pertencer a essa outra categoria de gente, com suas diferenças e peculiaridades.

Assim, “santidade” é o que faz de Deus o que ele é. Não é “uma palavra que expressa qualquer atributo da Divindade, mas expressa a própria divindade”.³ No Antigo Testamento, o “nome” de Deus é mencionado cerca de trinta e seis vezes com um adjetivo qualificativo. Destas, a expressão “santo nome” encontra-se vinte e uma vezes, e as quinze restantes estão distribuídas numa variedade de adjetivos. Quando consideramos que o “nome” não é uma simples etiqueta, mas “é a expressão do próprio Ser”,⁴ esta associação freqüente de ser com santidade é muito impressionante.

Mas há santidade e santidade. Há a espécie de deus cuja “santidade”, isto é, cuja singularidade como deus funciona através da dedicação de jovens à prostituição (Gn 38:21) e há o Deus que repudia esse culto e essa prática como “abominação” (cf. Dt 23:17, 18). Em outras palavras, exatamente como a simples noção de “santo” distingue a categoria de “deus” de todas as outras categorias de seres, assim as diferentes categorias de santidade distinguem

³ A. B. Davidson, *The Theology of the Old Testament* (A Teologia do Antigo Testamento, T. and T. Clark, 1925), pág. 151.

⁴ T. C. Vriezen, *An Outline of Old Testament Theology* (Blackwell, 1960), pág. 198.

um tipo de Deus dos outros, e “na fé de Israel foi dado ao termo um conteúdo moral”.⁵ O lugar onde o Senhor habitava em isolamento era chamado de “santo dos santos” (p.ex., Êx 26:33-34), literalmente, “a santidade das santidades”. Mas na teologia do tabernáculo e do templo, este isolamento do Senhor não era causado pela simples ou neutra “singularidade” de Deus. Era um produto de sua santidade moral: o mobiliário especial da “santidade das santidades” era as mesas da lei moral, o código perfeito para o comportamento santo e a vida santa, e o propiciatório onde era aspergido o sangue que reconciliava o Santo com os pecadores e os colocava na categoria de remidos. Esta singular santidade moral do Deus de Israel permeia todo o Antigo Testamento. Por que o homem teme por sua vida quando vê ou se coloca diante de Deus? “O que o faz temer,” diz Rowley,⁶ “não é a consciência de sua humanidade na presença do divino poder, mas a consciência do seu pecado na presença da pureza moral.” Esta foi a experiência de Adão: ele não temeu o seu Deus até que se tornou pecador (Gn 3:8). Apenas então ele se escondeu.⁷ O testemunho de Isaías compreende tudo o que o Antigo Testamento tem a dizer sobre este assunto. O “Santo, Santo, Santo” dos serafins (Is 6:3) é mais adequadamente compreendido quando se entende que o hebraico geralmente expressa os superlativos e a perfeição por meio da repetição.⁸ Raramente a repetição recebe u na expressão tripla e aparentemente em nenhum outro lugar uma qualidade pessoal foi “elevada à terceira potência” exceto no hino dos serafins. Seu significado, portanto, é que o Senhor é “completa e totalmente santo”: a santidade não apenas descreve a totalidade da sua natureza, mas também que a santidade que possui é a perfeição da Santidade. A consequência desta revelação de Deus é o sentimento de desolação de Isaías e a

⁵ H. H. Rowley, *The Faith of Israel* (SMC Press, 1956), pág. 66.

⁶ *Ibid.*, pág. 66.

⁷ Sobre este temor diante de Deus, cf. Jz 6:22, 23; 13:32.

⁸ Quanto à inteireza, por exemplo, Gn 14:10 (lit. “poços, poços”, isto é, “cheio de poços”); Êx 17:16 (lit. “geração, geração”, isto é, “todas as gerações sem exceção”); Ez 21:27 (Hb 21:32) é especialmente notável porque é uma das poucas “tríades”: “Ruína, ruína, ruína” significa “ruína completa e total”. Quanto à perfeição, por ex., 2 Rs 25:15 (“de ouro”, lit. “ouro, ouro”, significando “ouro excelente”); Is 57:19 (“paz, paz”, isto é “paz perfeita”).

sua exclusão como pecador (Is 6:5), até ser levado a aproximar-se de Deus pelo ministério do serafim do altar (6:6, 7), conferindo-lhe purificação e redenção.

O juramento do Santo

A santidade, portanto, faz do Senhor o que ele é (Deus) e também o que ele é distintivamente (o Deus da total perfeição moral). Em ambos os sentidos, e em qualquer outro, ela O caracteriza como o ser mais profundo, mais extenso e mais elevado. É o que o torna singularmente distinto do homem, e o que o distingue de todos os outros pretendentes a Deus.⁹

Agora, na passagem de Amós que temos diante de nós, lemos *que jurou o Senhor Deus pela sua santidade* (4:2). A questão de jurar “por” alguma coisa naturalmente significa acrescentar uma nota de certeza ao juramento. É o equivalente a dizer: “O juramento que faço é tão certo como a existência daquilo pelo qual o faço”. Considerar isto dá tremendo peso à passagem na qual esta fórmula de juramento encontra-se embutida. Deve ser algo de grande peso intrínseco e grande urgência que a própria natureza de Deus tenha de ser invocada para apoio. Mas Amós não diz simplesmente que o Senhor já jurou “por si mesmo” (cf. Is 45: 23), mas por sua santidade. Somos levados a perguntar o que há nesta passagem que o afronte de maneira tão especial na qualidade de Santo, de Divino, que, na plenitude de sua natureza, é inexprimível e perfeitamente moral. É um juramento violento. Relaciona-se com o que é mais profundo, mais elevado e mais penetrante em Deus. O que poderia levá-lo a agir assim? Uma sociedade e uma religião organizada com base na auto-satisfação humana.

Seria bom fazermos uma pausa para refletir. Certamente é um anticlímax, depois de esquadrihar todo este material em busca de uma compreensão bíblica para a santidade divina, chegar finalmente a algo tão comum como a auto-satisfação humana. Pode muito bem ser assim, e na medida em que é assim revela até que ponto o nosso senso de proporção e de valores desviou-se do que existe no céu. Quando descobrimos que os nossos pensamentos

⁹ Cf. Is 40:25. A força da descrição, até certo ponto inesperada, dada por “diz o Santo” é negar *a priori* a possibilidade de qualquer outro ser se apresentar reivindicando igualdade ou semelhança com o Deus de Israel.

não são os dele, e que os seus caminhos não são os nossos, então vamos prestar atenção e vamos nos preparar para reformar os nossos pensamentos e o nosso modo de pensar, os nossos valores e os nossos critérios de avaliação. Quando é natural escarner (na pior das hipóteses), ou desviar-se complacentemente (na melhor), devemos nos incitar ao arrependimento e nos prostrar diante do Senhor, nosso Deus. Quando a auto-suficiência humana toma conta do palco, o Senhor Deus enuncia um grande juramento para que seja destruída.

A relação entre 3:9-15 e 4:1-5 é a de reduzir as amplas considerações numa só coisa que ocupa o centro. Não há nada de novo em 4:1-5; o que era difuso, agora se resume num ponto. Subjacente no capítulo 3, versículo 10, com a sua descrição de pessoas armazenando tesouros em fortalezas, encontra-se pensamento gêmeo da auto-satisfação e da autopreservação; o capítulo 3, versículo 12, aponta francamente para uma sociedade dedicada à auto-indulgência; os versículos 14 e 15 do capítulo 3, centralizados na casa de Deus e nas casas dos homens, denunciam uma religião autodidata, resultando numa sociedade orgulhosa de sua riqueza e propriedades. Amós reuniu os fatos; agora ele permite que os mesmos formem quadros nitidamente focalizados, o primeiro em uma abastada casa samaritana (4:1-3) e o segundo nos bem-freqüentados templos de Betel e Gilgal (4:4,5). O destaque em cada caso é o mesmo: tudo está organizado pelo ego e para o ego.

As mulheres são as que determinam o rumo da sociedade. Elas sempre foram as guardiãs finais da moral da moda e dos padrões. Conseqüentemente, Amós (como Isaías depois dele, cf. Is 3:16ss.) pode tomar o pulso da sociedade examinando suas mulheres típicas. Ele começa observando, nessa sociedade samaritana típica, dois aspectos que já foram denunciados. Primeiro, um modo de vida que exclui completamente as dimensões espirituais pessoais: as mulheres são exatamente como o escol do gado (4:1), contentes com uma existência puramente animal, não desejando nada mais. Eram campeãs de sua espécie (Basã era notável pelo seu gado, Dt 32:14; Sl 22:12), mas era um concurso de carne e ossos, todo centralizado no corpo, no qual elas eram vencedoras. Talvez algumas das excelentes senhoras estivessem mais preocupadas em perder peso do que em ganhá-lo, mas ainda assim era o corpo e não a alma que preenchia as suas horas ativas. Em segundo lugar, Amós

torna a notar que a sociedade da qual elas eram as determinantes não passava de um grupo que florescia nas misérias e indignidades acumuladas sobre os indefesos. Os *pobres* e os *necessitados* eram despojados e oprimidos sem escrúpulos de consciência.

Mas agora Amós leva as duas linhas do seu diagnóstico até as raízes. As *vacas de Basã* são descritas em três frases paralelas, as quais, segundo o particípio hebraico, oferecem um quadro imutável de situações constantes: “oprimis os pobres, esmagais os necessitados, e dizeis a vossos maridos: Dai cá, e bebamos!” Se quisermos descobrir uma ênfase diferente em cada uma destas descrições, teríamos: a primeira aponta para a auto-solicitude, quando até mesmo o pobre tem de perder o pouco que tem para satisfação das necessidades da senhora do feudo; a segunda destaca a auto-importância, através da qual cada um na classe social inferior tem de aceitar a posição de recruta do exército para servir à causa da “casa grande”; e a terceira (como Amós deve ter gostado da ironia por chamar os maridos destas matriarcas de “seus senhores”, como seria a tradução literal do hebraico. Estava mais do que claro quem era o senhor desses casamentos!) aponta para a autodeterminação, através da qual ninguém pode opor-se às ordens da senhora.¹⁰ E tudo é feito assim para que não falte bebida na casa: não por necessidade, mas pelo luxo; não pela vida, mas pelo prazer.

¹⁰ A análise oferecida aqui parte do uso das palavras chaves que aparecem na Bíblia. *Pobres* aparece 22 vezes referindo-se aos de categoria social inferior, mas 16 vezes referindo-se aos financeiramente pobres. *Necessitados* tem por raiz o verbo que significa “estar querendo alguma coisa” e é usado basicamente em relação aos que “concordam” com alguma coisa ou com alguém, voluntariamente ou sob coação. Assim, esta última tem um “bom” uso com referência àqueles que desejam fazer a vontade de Deus e estão prontos a concordar com ela; seu “mau” uso refere-se às pessoas que não têm influência na sociedade, aquelas que estão sujeitas a “encostar-se” nas classes dominantes, aquelas que podem ser enganadas com facilidade porque não têm defesas, etc.. Foi usada 28 vezes com referência àqueles na camada inferior da influência e da importância social e apenas cinco vezes com referência aos financeiramente pobres. Portanto, parece melhor aceitar *pobre* como significado daqueles que não têm recursos materiais e, portanto, que são alvo fácil de exploração; e deixar que *necessitado* signifique “o homem pequeno” que pode ser facilmente engolido pelo supermercado, etc., e que pode, em alguns casos, ser “pequeno” por falta de capital.

Em seu grande juramento, o Senhor, especificado como “o soberano Iavé”, empenha todo o recurso excepcional de sua natureza à completa revogação e destruição desta ordem de coisas. Parece que o seu mundo não dá lugar à vida organizada sobre uma base egocêntrica. O status desaparecerá na derrota, pois eles *vos levarão* (4:2), com perda do conforto físico nos *anzóis* torturantes do cativeiro (v.2), com perda de segurança na derrota da cidade, quando já não terão mais de sair pelos portões, pois cada um poderá facilmente sair dela sabendo que os muros foram desfeitos (v.3).¹¹

Dos três aspectos da vida nacional examinados em 3:9-15, Amós remontou à origem de dois deles, a imperícia social e a indulgência pessoal, sendo essa origem a auto-satisfação. Um outro aspecto ainda permanece por examinar: a religião. Será que a óbvia alusão à heresia betelita da religião humana é uma verdadeira descrição dos motivos de todo este entusiasmo religioso nacional? A resposta se encontra em 4:4, 5 e é afirmativa. O tom dos dois versículos é de zombaria e ironia sem dó. Amós zomba do convite à peregrinação, do hino que os peregrinos cantam enquanto caminham: *Vinde a Betel*,¹² ele zomba dos seus propósitos, dizendo-lhes que o resultado do exercício será apenas a transgressão multiplicada pela transgressão; ele zomba da meticulosidade ritualista deles nos *sacrifícios* e *dízimos*.¹³

¹¹ *E vos lançareis para Harmom* tem provocado tantas conjecturas quantos são os comentaristas. Se é o nome de um lugar, até agora não foi identificado. O NCB talvez enunciasse a última e a melhor palavra ao dizer que “de qualquer forma, um destino desagradável foi indicado”! A simples correção de Harmom para Hermon (cf. BJ) tem mais a ser elogiada do que pareceria à primeira vista. O Hermon fica na serra de Basã. Temos a ironia sobre as vacas de Basã indo para casa: todo o seu modo de vida em Samaria não sugere que seriam mais felizes como novilhas soltas em Basã? Mas, mesmo então, não encontramos bons motivos para que, em toda a serra de Basã, Hermon fosse destacada.

¹² Esta esplêndida sugestão vem de Hammershaimb. Quanto a essas convocações de peregrinos, cf. Is 2:3; Sl 122:1.

¹³ Há quem encontre aqui um reflexo do costume dos peregrinos sacrificarem no dia da chegada e trazerem os seus dízimos no terceiro dia: cf. a BJ. Neste caso, a zombaria de Amós se refere à meticulosidade, à concentração nas minúcias de fazer a coisa exatamente da maneira aprovada e tradicional. Outros defendem que esta ironia refere-se ao seguinte: se apegar às práticas rituais, resulta em algum benefício, então, quanto maior o ritual, maior a bênção. Portanto, por que não fazer um sacrifício todos os dias

No versículo 5, entretanto, as coisas tomam uma outra direção. Amós sublinha os regulamentos inventados por eles mesmos em relação ao uso do fermento, que era estritamente proibido na lei de Moisés,¹⁴ o qual, por motivos não especificados aqui, tinha sido, pelo que parece, introduzido na Israel do Norte; e destaca a ostentação com a qual faziam espalhafato público sobre as *ofertas voluntárias*, assunto essencialmente privado entre o indivíduo e Deus; e denuncia a motivação íntima que era a mola de tudo: *porque disso gostais* — “isto os deixa muito orgulhosos” (BV). Tudo ego-centralizado. Ele falou de privilégios religiosos: ter a casa de Deus para visitar e o *sacrifício* expiador para oferecer; deveres religiosos, a apresentação do *dízimo*; alegrias religiosas, o *sacrifício de louvores*; devoção religiosa, as *ofertas voluntárias*; inutilidades religiosas! Pois tudo era irreal diante de Deus, e mais do que irreal, era positivamente prejudicial ao praticante, motivo de mais pecado: pois de uma forma ou de outra era uma manifestação do âmago da auto-satisfação que ofende a santidade de Deus.

Mas se o Senhor, em seu ímpeto de santidade, revela o que em nós mais o entristece e provoca, também revela que a sua santidade é completamente consistente com a sua misericórdia e piedade. Ele não deixa o seu povo sozinho, não importa quanto este tenha se apaixonado por si mesmo. Suas misericórdias são perenes, e ele revela o antídoto que, de boa vontade e com paciência, aplica para a cura de nossas almas.

(em vez de uma vez por ano) e dar o *dízimo* cada três dias (em vez de dá-lo uma vez em três anos)? Cf. 1 Sm 1:3, 7, 21; Dt 14:28. É difícil decidir quanto à interpretação correta: aquela é quase extraordinária; esta um tanto exagerada. Mesmo assim, certamente preferimos a última.

¹⁴ O fermento era proibido numa oferta queimada oferecida ao Senhor: Lv 2:11; 6:17; 10:12. Era obrigatório no caso de parte da oferta de ação de graças ser partilhada entre o crente e o sacerdote na refeição de confraternização (Lv 7:12, 13) e na “oferta movida” oferecida “ao Senhor pelo sacerdote” (Lv 23:15-20). Adotando-se o simbolismo da “corrupção” para o fermento, estes regulamentos destacam a necessidade da absoluta pureza nas ofertas feitas ao Senhor e a permanência da impureza do ofertante e do sacerdote. Amós apresenta o caso aqui juntando as palavras “sacrifício (lit. “holocausto”) que é levedado”, a coisa que a própria lei proibia. Cf. E. W. Bullinger, *Leaven* (Longmans, 1907).

Os propósitos de um Deus soberano

A passagem iniciada em Amós 4:6 começa com um verbo na primeira pessoa do singular e contém mais oito ações na primeira pessoa antes de findar o versículo 11. O primeiro verbo (v. 6) também é enfático porque o pronome “eu” foi usado para reforçar a forma verbal. O decorrente e enérgico “quanto a mim. . .” faz uma comparação viva entre o Senhor e o seu povo. Realmente eles estiveram ocupados, ocupados fazendo dinheiro, armazenando-o para o futuro, sendo extraordinariamente religiosos. Ele, por sua vez, estivera ocupado também, com a estranha ocupação de enviar a fome (v.6) e a seca (v. 7),¹⁵ doenças e praga de gafanhotos (v.9), epidemias (v.10a),¹⁶ guerra (v. 10b) e terremoto (v. 11). Um Deus ocupado realmente, mas decididamente em negócios estranhos!

Todo leitor da Bíblia tem de decidir, mais cedo ou mais tarde, se está pronto a se harmonizar com a maneira da Bíblia pensar, e é notavelmente fácil soltar-se de sua cadeia de pensamentos. Linhas de causa e efeito são para nós tão naturais como a respiração: fazem parte da estrutura da nossa tradição educacional. A Bíblia não se preocupa em desfazer cadeias de causa e efeito, mas igualmente não está acostumada a embaralhar o seu raciocínio, dando-lhes um destaque indevido. Ela retrocede diretamente ao Agente divino do qual vem todas as coisas e através de cuja vontade elas acontecem.

Os problemas da vida nos foram apresentados por Amós: problemas causados pela privação (fome e seca), problemas causados pela inflação (doenças e epidemias), problemas causados pela opo-

¹⁵ A observação de Hammershaimb sobre as chuvas da Palestina é de grande ajuda: “Na segunda metade de outubro as chuvas começam a cair novamente, depois de um período de seca... Estas chuvas... marcam o início da estação chuvosa (e) duram até o começo de dezembro. (Elas) são chamadas de “primeiras chuvas”... Depois disso, as chuvas caem a intervalos até o final de fevereiro... Então, na primavera, em março e abril, chegam as chuvas pesadas novamente... as últimas chuvas... que determinam o crescimento final e o amadurecimento da colheita. A colheita (chega) no final de abril e maio”. Ele descreve a situação como Amós a expôs: “As chuvas do inverno pararam cedo demais, e as últimas chuvas falharam... as cisternas ficaram vazias e a colheita foi muito prejudicada”.

¹⁶ Sobre a maneira do Egito, cf. Êx 15:26; Dt 7:15; 28:60. A referência em Amós pode, naturalmente, ser apenas às pragas divinas no Egito, mas parece mais que se refram notoriamente à natureza insalubre do Egito.

sição (guerras e terremotos). Todos os problemas da vida aqui mencionados acabam, em princípio, caindo em uma categoria ou outra. Bem no centro está uma das coisas que mais nos preocupam: problemas que aparentemente são devidos ao acaso: chove aqui, faz seca lá; aparentemente, por acaso; sorte para uns, azar para outros (4:7b, 8). Mas sobre tudo isso acha-se a primeira pessoa do singular que afirma a decisão e a ação divina. Tudo na terra vem de um Deus que governa e reina no céu.

Se temos um pouco de sensibilidade, rebelamo-nos. Nossas emoções se rebelam: ficamos doentes ao imaginar um Deus como esse; nossas mentes se rebelam, pois queremos uma lógica que funcione para fundamentarmos nossas vidas sobre ela; nossas vontades se rebelam, pois desejamos desesperadamente dar lugar em nossa visão do mundo à amada liberdade da causa humana. Mas a Bíblia continua firmemente. Amós diz: *Sucedará algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?* (3: 6); Isaías: *Eu formo a luz, e crio as trevas; faço a paz, e crio o mal; eu o Senhor, faço todas estas coisas* (45: 7); Jesus: *Nenhum deles (os pardais) cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai* (Mt 10:29); Paulo: *Porque dele e por meio dele e para ele são todas as cousas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém* (Rm 11:36). A lista poderia se prolongar e o testemunho não seria alterado. Esta é a visão bíblica da soberania de Deus sobre a História e sobre as experiências do homem. As palavras não poderiam ser mais claras e, a não ser que queiramos podá-lo aos limites deficientes de um Deus bastante agradável para se encaixar em nossas emoções, bastante pequeno para ser aceito por nossa lógica e bastante fraco para dar lugar à nossa vontade, temos de nos prostrar diante do Soberano que é revelado nesta passagem e em toda a Bíblia.

Prestamo-nos um imenso desserviço e enfraquecemos o nosso ministério uns para com os outros quando ignoramos ou diluimos esta grande doutrina. Amós escreve sobre catástrofes grandes e pequenas, coisas incertas como a chuva (para nós pelo menos), coisas tão indiscriminadas como a morte na batalha, mas nenhuma destas coisas nos separa de Deus. Ele reina até mesmo sobre elas. Ele até criou o destruidor para destruir e nenhuma arma forjada contra o seu povo pode prosperar (Is 54:16, 17). Se pararmos para pensar nisso, teremos aqui a razão *pela qual nada* pode nos separar do amor de Cristo! Pois tudo é uma manifestação da sua vontade,

controlando, dirigindo, ordenando. Como a Bíblia o vê, é uma confirmação da responsabilidade humana. Isaías usa a imagem do cavalo e o cavaleiro (37:29) e é para onde nos leva qualquer ilustração ou raciocínio: todo o imenso poder e vitalidade pertencem ao cavalo; todo o propósito e a direção pertencem ao cavaleiro. Isaías usou-o numa situação de batalha na qual o seu rei, Ezequias, sofreu perdas. Ele conhecia a seriedade do que estava dizendo. Senaqueribe, orgulhoso de sua força inexpugnável, vinha invadir Jerusalém com toda a confiança do imperador do mundo. Não tinha ele o direito de fazê-lo? E, ao fazê-lo, foi levado totalmente por seus impulsos imperialistas e pecadores. Mas havia um cavaleiro divino em suas costas; os propósitos celestiais estavam sendo realizados. O Senhor não foi, de maneira alguma, o autor do orgulho e do pecado, estes eram propriedade exclusiva de Senaqueribe; mas o Senhor, de maneira alguma, ficou ausente do seu posto de direção e controle.

Um Deus ausente dos problemas da vida, um Deus ausente sempre quando é necessário, um Deus ocupado demais para perceber um garoto de quatro anos caminhando no meio do tráfego. . . de que valeria um Deus como esse *neste* mundo? O nome desse deus é Baal (1 Rs 18:27). Não e não, precisamos ser capazes de encarar a tempestade de frente, e reconhecer que o nosso Pai é diferente; Ele é o Deus para hoje.

Mas temos de retornar à trilha que Amós está seguindo. Se quisermos partilhar da sua visão da soberania de Deus operando, temos de fazer uma pausa e até nos afastar um pouco do que ele está dizendo nesta passagem, sem nos desviar, queira Deus, do que ele cria e aprovava. Mas tendo visto a soberania de Deus operando, eis agora a ação por ele direcionada:

“Tenho estado tão ocupado”, esta é a palavra divina do versículo 6. Vocês andaram ocupados com a religião (vs. 4,5); eu estive ocupado procurando trazê-los ao arrependimento (vs. 6, 8, 9, 10, 11). É certamente significativo que nas referências às obras religiosas e aos rituais deles não houvesse nenhuma menção da oferta pelo pecado. Auto-satisfação, egoísmo prenunciam a morte do arrependimento; e a ausência de arrependimento prenuncia a morte da verdadeira religião. O que eles queriam? Uma religião que agradasse aos seus próprios gostos; sem dúvida, como eles mesmos diriam: “Uma religião útil!” O que o Senhor queria? Uma

religião que trouxesse o seu povo de volta para si,¹⁷ uma linda metáfora para o verdadeiro, total e ininterrupto arrependimento. E a operação de Deus era suficiente para abrir os olhos cegos do seu povo. Primeiro, ele fez exatamente o que disse que faria. Se tivessem examinado seriamente os seus infortúnios, teriam discernido a mão de Deus por trás deles: o Deus da aliança aplicando a maldição da aliança.¹⁸ Além disso, eles se dedicavam ao culto falso de Betel, uma religião para este mundo, se é que era uma religião: nada de tolices sobre o céu, apenas coisas práticas como safras e colheitas, saldos bancários e prosperidade. E o Senhor lutava para lhes abrir os olhos ao fato de que isso era falsificação e fingimento; muita promessa, nenhum resultado. Onde estavam os seus deuses da chuva quando não havia chuva, os seus deuses da colheita quando as plantações estavam cheias de praga?

“É uma grande dádiva de Deus”, diz Pusey, “que ele possa cuidar de nós a ponto de nos castigar”. Mas, além disso, também é uma grande dádiva de Deus ele poder cuidar de nós a ponto de nos castigar porque ele não fica satisfeito até que todos nós voltemos para ele. Ele quer arrependimento, não por prazer sádico de nos ver rastejando, mas porque não há outro meio de voltarmos a ter com ele aquela comunhão que o deleita. Ele quer arrependimento, porque não quer nos ver vivendo no meio da ruína do pecado, e o arrependimento é o portão para o prazer. Pensemos em *um tição arrebatado da fogueira* (4:11), morto, estorricado, preto e feio, desamparado, inútil, não podendo ser salvo pelo homem. Mas até mesmo esse tição poderia “retornar direto ao lugar em que eu estou”. A religião sem arrependimento mata; a religião centralizada no arrependimento dá a vida. Que Deus nunca cesse de se ocupar conosco!

O grande apelo

À luz desta insistência divina para com o arrependimento, devemos certamente interpretar o *portanto* do versículo 12 como introdução

¹⁷ A frase que Amós usa (*šabtem 'aday*) significa um retorno que chega exatamente até o seu marco (e não pára antes). Pusey comenta habilmente que assim como “Deus não perdoa pela metade, o homem também não deve arrepender-se pela metade”!

¹⁸ Cf. Dt 28:15-29:28. Por ex. Am 4:9; Dt 28:22. Ver também o comentário de “a vingança da aliança”, pág. 50 acima.

à continuação e conclusão do mesmo tema: com base na reafirmação de suas ameaças (*assim te farei*, isto é, continua com os julgamentos destruidores dos versículos 6-11 e executa o desastre previsto em 3:9-15), ele enuncia uma convocação grande e final ao arrependimento que há tanto tempo tem desejado conseguir.

Há cinco indicações nestes versículos que tornam admissível e certo detectarmos neles notas de encorajamento, de graça e de boas-vindas.¹⁹ Primeiro notamos as palavras *prepara-te . . . para te encontrares com o teu Deus* (4:12). Sempre que encontramos, na Bíblia, a idéia do encontro com Deus, há uma conotação de graça. O paralelo mais próximo deste versículo de Amós é Êxodo 19:17, onde Moisés leva o povo para fora do acampamento “ao encontro de Deus”. A situação era de graça imensa, condescendente: Deus descendo, vestido na majestade de sua santa lei, com o propósito de falar ao povo na qualidade de seu Salvador e Remidor. A linguagem de Amós, neste ponto, aponta mais para a graça do que para a ira.²⁰

¹⁹ O fato das palavras “Prepara-te para te encontrares com o teu Deus” serem na mente popular o estoque que o pregador “do fogo do inferno” tem para vender (e palavras que o profeta do juízo costuma usar) reflete apropriadamente a opinião quase uniforme dos comentaristas. Calvino parece ficar do lado de “uma simples e séria exortação ao arrependimento”. Infelizmente, Calvino foi freqüentemente mal-servido pelos seus tradutores que confundiram frases cheias de dignidade com arcaísmos extremos, quando ele diz: “tu não podes diminuir a ira de Deus, a não ser que te prepares para te encontrares com ele.” Pusey observa igualmente que “Deus nunca, nesta vida, convida as pessoas a que ‘se preparem para encontrar-se com ele’ sem que haja um propósito bom para aqueles que se preparam... Ele não disse ‘vinde e ouvi o vosso fim’, mas ‘prepara-te para te encontrares com o teu Deus’”. Sem dúvida, os versículos podem ser entendidos com toda a legitimidade exegética, como uma denúncia final; é ponto de vista aceito e a sua exposição no NCB segue razoavelmente a “linha principal”, exceto que nem todos concordam que o versículo 13 possa ser acertadamente atribuído a Amós. Sobre isso, contudo, Hammershaimb dá, sensatamente, prioridade ao argumento exegético: “A doxologia final... serve para assegurar aos ouvintes que ele também será capaz de realizar as suas ameaças. Portanto, é um completo equívoco... explicar esta doxologia e as outras duas de 5:8ss. e 9:5ss. como adições por não se encaixarem no estilo e no contexto”.

²⁰ Cf. Gn 18:2; 19:1; Êx 5:3; Nm 23:3; Zc 2:3. Onde aparece o verbo “encontrar-se” com significado hostil trata-se do inimigo ou agressor que vem “ao encontro” de sua vítima. Com base nisso, Amós estaria convidando o

Em segundo lugar, é impressionante ver as palavras *teu Deus* nos lábios de Amós. Percebemos que ele nunca fala do Senhor como sendo “o Deus de Israel”. Ele achava que a terminologia da aliança de um “relacionamento especial” entre Deus e Israel tinha se tornado uma expressão adulterada no seu tempo, um convite à complacência moral e espiritual, como veremos novamente quando estivermos examinando 5:18-20. Não estaríamos exagerando se dissessemos que ele parecia fugir de qualquer expressão que fizesse Israel parecer incondicionalmente um “favorito” de Deus. Mas aqui ele foge à regra: *teu Deus*. Certamente, aqui e na outra única vez em que ele usa esta expressão (9:15), é uma palavra de grande conforto e segurança, e se encontra aí para que se saiba que é assim. O pronome pessoal possessivo é inexplicável a não ser em termos de esperança.

Terceiro, referências ao status e ao poder do Senhor como Criador são geralmente feitas para reforçar a verdade de que ele não só controla tudo para o bem-estar do seu povo como também intervém para o bem dele.²¹ A referência à doutrina de Deus como Criador não é por si mesma decisiva (como indicam as notas de rodapé), mas acrescenta o seu devido peso ao testemunho dos quatro outros fatores mencionados.

O quarto aspecto destes versículos, que sugerem uma interpretação cheia de esperança, de um certo modo participa da mesma ambivalência do terceiro aspecto: as palavras que foram traduzidas por *faz da manhã trevas* (4:13) poderiam também significar “que transforma as trevas em manhã”, ou “que das trevas faz manhã”. Simbolicamente, há uma diferença total no objetivo da obra divina, mas é possível que Amós esteja aqui descrevendo o Deus que permite que o choro dure uma noite, mas que traz alegria pela manhã (Sl 30:5).²²

povo a atacar o seu Deus. Êx 4:24 usa um verbo diferente (*pāgaš*, não *qārā*) com referência ao assalto divino hostil.

²¹ Por ex. Sl 74:12ss.; Is 40:24ss.; 50:2, 3. Referências a Deus como Criador também são usadas para reforçar suas ameaças de julgamento, como realmente acontece em Am 5:8ss.; 9:5ss. A implicação da referência deve ser de acordo com cada caso. Ela se opõe de leve, embora, naturalmente, não de maneira decisiva, à interpretação promissora desta passagem de que as outras duas passagens semelhantes do mesmo livro são inteiramente dedicadas à ruína inescapável.

²² O hebraico desta controversa frase simplesmente coloca dois nomes la-

Finalmente, Amós fala em nome do *Senhor* (Iavé), *Deus dos Exércitos*, “Iavé, o Deus onipotente” (4:13). Ao usar o nome divino, Iavé, Amós automaticamente coloca misericórdia e graça redentora no primeiro plano do quadro. Iavé é, principalmente, o Deus que foi ao Egito remir um povo desesperado, carente da graça e ingrato. Junto com esse surpreendente uso da descrição *teu Deus* (v. 12), não podemos deixar de sentir que é o mesmo Iavé (que redime os que não merecem) que, na sua onipotência,²³ solicita deles o retorno na última hora. Mas o assunto está muito bem equilibrado. O grito *prepara-te* é feito no cenário de um julgamento confirmado, *assim te farei*. A misericórdia e a ira defrontam-se. Ora de um jeito, ora de outro, ora demonstrando esperanças, ora advertência. Amós desperta consciência com as suas ambigüidades: as trevas vão se transformar em manhã, ou a manhã em trevas? O Criador vai surgir para salvar ou para destruir? Mas, ainda assim, a fé tem muito em que se apoiar: Deus convoca uma reunião, não uma confrontação; ele fala como o *teu Deus*; ele se chama pelo nome da graça soberana, *Iavé*. Para os arrependidos o caminho está totalmente livre; esses ainda podem fugir da ira vindoura.

Uma fortaleza segura

As fortalezas eram a paixão do dia (3:9, 10, 11). Segurança era o te-

do a lado: “criador da manhã, trevas”. Sentindo a necessidade de expressar o relacionamento, a LXX inseriu “e” em alguns manuscritos e esta redação foi adotada na BHS. *Hammershaimb com certeza não tem razão em dizer que o hebraico “tem de ser traduzido por ‘aquele que faz da manhã trevas’”* (como também na ERAB). Naturalmente, não é possível ter certeza de que se reuniram todas as evidências sobre tais construções, mas já se fez o suficiente para mostrar que, pelo menos, seria igualmente possível entender “que faz a manhã (a partir) de trevas”, ou “que faz (transforma) das trevas a manhã”. S. R. Driver, *Hebrew Tenses* (Tempos Hebraicos, OUP, 1892), parágrafo 194ss., deveria ser consultado. Ele defende que o princípio da aposição no hebraico ou que o uso do “acusativo” de limitação exigem que a palavra que expressa a coisa, a partir da qual algo é composto, venha em segundo lugar. Por exemplo, Gn 2:7; 18:6; Êx 20:25; 1 Rs 7:15; Sl 104:4. Que o pensamento de Amós não se opõe à idéia de “fazer da manhã trevas” encontra-se em 5:8.

²³ “Dos Exércitos” provavelmente significa “aquele que em si mesmo é todo um exército de potencialidades e poderes”. Isto reflete-se bem na tradução sugerida, “o onipotente”.

ma da cogitação predominante. O Deus que nunca fica ausente nas necessidades do seu povo, nem esquivo aos seus temores, não propõe o arrependimento como um exercício espiritual não relacionado com as necessidades e ansiedades da vida. O arrependimento é a porta para a segurança. Como esta passagem nos revelou, são três os pontos principais da ênfase: primeiro (3:9-4:5), o total colapso de tudo o que o homem constrói para a sua própria segurança, pois tudo se deteriora por causa do egoísmo e fica sob a animosidade divina; segundo, a prolongada obra de Deus de convocar o seu povo para que abandone a religião e se arrependa (4:6-11), culminando, em terceiro lugar, finalmente, com o grande apelo (4:12, 13). Este é, portanto, o argumento principal de Amós: mostrar, na conclusão, que andando com Deus, ouvindo o seu chamado ao arrependimento e vindo ao encontro do *teu Deus*, atendendo ao convite que ele faz, a segurança que o homem jamais poderia alcançar encontra-se no Deus reconciliado. A passagem que começou com fortalezas (3:9) termina com onipotência, *o Deus dos Exércitos* (4:13).

Esta é, primeiramente, a onipotência do poder completo (v. 13a). São três as áreas da capacidade divina: a visível, *é ele quem forma os montes*; a invisível, *e cria o vento*; a pessoal e racional, *e declara ao homem qual é o seu pensamento*.²⁴ O mundo inteiro está nas suas mãos, *os montes*; os poderes do mundo, simbolizados pelo *vento*, são seus; e a maravilha de todas as maravilhas do mundo, a mente do homem, está sujeita e aberta a ele. Seu poder é completo.

Segundo, o seu poder é um poder transformador (v. 13b). Ele toma a negrura da noite e a transforma na claridade da madrugada. Este é o poder que considera o *tição arrebatado da fogueira*, negro e chamuscado, e sabe, sem a menor sombra de dúvida ou desespero, que *pode ser renovado*.

Terceiro, o seu poder está aqui na terra (v. 13c): (ele) *pisa os altos da terra*. O quadro é de triunfo (cf. Hc 3: 19), mas é triunfo aqui, neste mundo. É aqui que ele é soberano, não apenas no céu. Portanto, através do arrependimento, o povo de Deus penetra na

²⁴ *Seu pensamento* refere-se ao pensamento do *homem*, não de Deus. A verdade aqui não é a revelação (Deus revelando a sua mente), mas o poder da onisciência (Deus conhecendo a mente do homem). Cf. Jr 11:20; Sl 139:2; etc.

estera do poder todo-poderoso, transformador e sempre presente. Que tragédia o povo do tempo de Amós não ter ouvido o seu chamado! E nós, faremos melhor?

Amós 5:1-5

A HISTÓRIA DOS TRÊS SANTUÁRIOS

O ponto central de Amós, no capítulo 5, é o impressionante chamado que ele faz para o povo desistir de suas peregrinações festivas aos três grandes santuários de Betel, de Berseba e de Gilgal. Como veremos, a mensagem do capítulo foi construída ao redor desses santuários. Se quisermos apreciar a força do que Amós está dizendo, devemos tentar entender o que motivava o povo à jornada (presumivelmente anual) a estes lugares: no caso de Gilgal, uma viagem até Jericó, no extremo sudeste do país,¹ e no caso de Berseba, uma viagem que os levava por mais de oitenta quilômetros ao sul de Judá. O fato desses santuários serem sacralizados por causa de sua associação com Abraão, Isaque e Jacó poderia por si mesmo constituir um motivo para que fossem visitados, em especial no caso desse povo cismático, como o do norte, ansioso por demonstrar a legitimidade de suas reivindicações quanto aos títulos ancestrais. Mas há mais do que isso.

Betel

Em Gênesis, Betel está especialmente associada ao patriarca Jacó, o que a faria ter naturalmente muito significado para esse povo que adotara "Israel" como seu nome nacional. Em dois momentos importantes de sua vida, Jacó foi a Betel. Na primeira ocasião (Gn 28:10-22), Jacó foi até lá involuntariamente, como um pere-

¹ Hammershaimb observa que se costumava defender a idéia de que havia um santuário em Gilgal, perto de Betel, onde morava Elias (2 Rs 2:1; 4:38), "mas agora a opinião geral é de que havia apenas um Gilgal, perto de Jericó". O NDB, em seu art. "Gilgal", concorda de maneira generalizada, mas acha que talvez outro Gilgal fosse mencionado em Js 12:23. Isto não tem

grino sem lar, sem nenhuma certeza do futuro. Foi ali que ele dormiu e sonhou, acordando consciente de que *o Senhor está neste lugar* (Gn 28:16). Na segunda vez, Jacó foi a Betel, quando voltava de Padã-Arã (Gn 35:1-15). Ele se lembrou de sua experiência anterior e de *que ali Deus se lhe revelou* (35:7) mas, ali, passou por uma nova experiência (35:15): Deus lhe falou. Betel recebeu este nome por causa da realidade espiritual: Deus estava lá, revelando-se, falando com o seu povo.

Mas havia algo mais na experiência de Betel além da visão e da voz de Deus. Na sua primeira visita, Jacó chegou sendo um homem com um passado e partiu sendo um homem com um futuro (28:13-15); na sua segunda visita, ele chegou como Jacó, mas partiu como Israel (35:10), isto é, com uma nova certeza de que, na realidade, recebera um novo nome de Deus e era, portanto, um novo homem.² Em outras palavras, de acordo com estas tradições de Betel, a presença de Deus era ali experimentada no poder renovador e reorientador. Sendo assim, que surpresa e ofensa as seguintes palavras de Amós teriam suscitado!: *Buscai-me, e vivei. Porém não busqueis a Betel* (5:4, 5). Haria alguma coisa em toda essa síndrome de Betel que inibia os peregrinos, privando-os de experimentar a realidade que Betel supostamente proporcionava, a presença doadora de vida do Senhor.

Berseba

Vamos agora examinar o segundo destes santuários populares, Berseba. Em Gênesis, Berseba estava associado a cada um dos membros do grande trio: Abraão, Isaque e Jacó. Abraão fez a sua primeira visita a Berseba (e foi, na verdade, a ocasião em que ela recebeu esse nome, em Gênesis 21:22-33) e foi lá também que, dos lábios de um rei pagão, ouviu as palavras que se transformariam no tema de Berseba: *Deus é contigo em tudo o que fazes*. Em Gêne-

relação com o lugar mencionado em Amós, que pode ser acertadamente aceito como Gilgal perto de Jericó.

² A análise de documentos coloca a narrativa relacionada com o nome de Gn 35 na fonte P, e a de Gn 32:24ss, na J. Concordando com este esquema, von Rad (*Genesis*, SCM Press, 1961) insiste que "as palavras *outra vez* do v. 9 são um acréscimo redacional à vista da história precedente sobre Betel". Mas não há motivos para as tratarmos como tal a não ser

sis 26:23, Isaque veio a Berseba. É interessante notar, nas histórias de Isaque, que ele meditava muito sobre o que o seu pai lhe transmitira. De qualquer forma, em Berseba ele teve a visão noturna do Senhor que se anunciou como o Deus de Abraão e enunciou a promessa: *Não temas porque eu sou contigo*. Anos mais tarde (Gn 46:1-4), Jacó dirigiu-se para o Egito, atendendo ao convite de seu filho José, a quem ele julgava perdido. Viajando na direção do sul, ele chegou a Berseba onde, mais uma vez, sua permanência foi marcada por *visões de noite* (v. 2) e uma comunicação do *Deus de teu pai; não temas . . . Eu descerei contigo* (vs. 3, 4). Assim, em Berseba, cada um dos três patriarcas recebeu, por sua vez, a certeza da companhia de Deus com eles: “Eu sou contigo”. Com que horror e incredulidade, então, o povo do tempo de Amós ouviu-o dizer: *Não busqueis a Betel . . . nem passeis a Berseba* (5: 5), ampliando depois o pensamento no versículo 14, que diz que *o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis*, em condições totalmente diferentes. É claro que eles reivindicavam a certeza da companhia divina, sem dúvida com base na sua peregrinação a Berseba, mas para Amós não era assim. Tal como Betel, Berseba era o depósito de promessas, mas de uma certa forma não poderia conceder o que expressava, a companhia viva do Senhor.

Gilgal

Gilgal entrou na história do povo de Deus quando eles invadiram a terra prometida sob a liderança de Josué. Foi o local do seu primeiro acampamento (Js 4:19) e o lugar onde eles levantaram um monumento comemorativo de doze pedras em homenagem à milagrosa travessia do Jordão quando puderam colocar os pés em Canaã (Js 4:20). Foi em Gilgal que eles foram constituídos como o povo da aliança através da circuncisão e da páscoa (Js 5:2-12); foi ali também que experimentaram as primícias da posse da terra quando o maná cessou e eles *comeram das novidades da terra de Canaã* (Js 5:12). De Gilgal, seu quartel-general, Josué investiu para o oeste, sul e norte, nas guerras da conquista (Js 9:6; 10:6, 7, 9, 15, 43; 14: 6), e foi em Gilgal que Saul, o primeiro rei, foi confirmado no seu

que o esquema documentário o exija. Como o texto se apresenta, 35:9ss, é reconhecidamente a história da reafirmação das promessas anteriores.

O INIMIGO CIRCUNDANTE

reino (1 Sm 11:14, 15), um fato que tornava o santuário ainda mais atraente para as dez tribos do norte com sua especial lealdade (cf. 2 Sm 2:8-10 *etc.*) à casa de Saul. Está claro, então, que Gilgal era o santuário que proclamava a herança e a posse da terra prometida de acordo com a vontade de Deus.

Então, mais uma vez, podemos apreciar inaceitável horror nas mentes dos ouvintes de Amós diante das palavras que diziam que *Gilgal certamente será levada cativa* (5:5) e que *vos desterrarei, para além de Damasco* (5:27). Gilgal, como os outros santuários, fazia uma promessa que não podia ser cumprida; falava de uma herança, mas não podia tornar a herança em posse; antes, o contrário, pois, apesar da muita veneração do santuário, o exílio seria a sua experiência, e pela mesma mão divina que lhes concedera a terra.

Esta, então, é a história dos três santuários. Amós dedica o restante do capítulo 5 a um exame mais detalhado de cada um deles (Betel, vs. 6-13; Berseba, vs. 14-20; e Gilgal, vs. 21-27) e é o que vamos examinar agora, mas antes devemos considerar a sinistra seriedade e solenidade com a qual ele transmite a sua mensagem.

Pregando no funeral

Os cinco primeiros versículos de Amós 5 consistem de lamentação (vs. 1, 2),³ de aplicação (v. 3, a “morte” de Israel será por meio de dizimação militar) e de explanação (vs. 4, 5): tudo aconteceu porque eles confiaram que os santuários cumpririam as suas promessas e isto não ocorreu, como já vimos. Nessa busca dos santuários, o Senhor, propriamente dito, acabou sendo deixado de fora.

Examinando a mensagem dos santuários, podemos entender a mensagem do canto fúnebre. Ela fala de morte onde deveria haver vida: *estendida está na sua terra, não há quem a levante* (v. 2a). Eis a deficiência de Betel: ser a casa de Deus, o local da promessa, “Deus está neste lugar” como o doador da esperança e da nova vida, aquele que pode tornar realidade o nome “Israel”. Segundo, o canto fúnebre fala de abandono onde deveria haver

³ A métrica poética do hebraico no versículo 2 é típica dos cantos fúnebres. Poderemos imaginar melhor o efeito que este artifício literário teria produzido sobre os ouvintes de Amós se lembrarmos como os nossos próprios corações batem mais forte quando ouvimos a Marcha Fúnebre de

companheirismo: *Caiu a virgem de Israel, nunca mais tornará a levantar-se . . . não há quem a levante* (v. 2b). Eis o fracasso da promessa de Berseba, “Deus está contigo”. Israel foi levada para a morte como uma virgem que nunca conheceu as alegrias do companheirismo conjugal e que, mesmo em seu estado de virgindade, não conseguia encontrar ninguém que se compadecesse dela na hora da necessidade. Terceiro, o canto fúnebre fala de expropriação onde deveria haver herança: *Caiu . . . estendida na sua terra, não há quem a levante*, o fracasso da promessa de Gilgal, o povo de Deus derrotado, morto, onde no auge de Gilgal de Josué eles gritaram em triunfo a derrota dos inimigos.

Certamente foi um sermão severo que Amós pregou no funeral, mas ele não estava errado. “Como um povo, ele diz, não poderiam mais ser restaurados; e não foram” (Pusey). Os últimos vinte anos do reino de Israel foram de ruína da política doméstica, um golpe político após o outro, até que, em 722 a.C., Sargão II da Assíria acabou com o reino de Israel para sempre, deportando o remanescente que sobreviveu ao cerco e à matança, e povoando a terra com uma população estrangeira. É neste cenário de realismo, o realismo do cumprimento histórico, que lemos as palavras de Amós. Ele não estava errado em sua previsão; nem estava errado na sua análise de causa e efeito. Os acontecimentos comprovaram as palavras, de modo que podemos dizer, como no caso de Moisés, *o qual recebeu palavras vivas para no-las transmitir* (At 7:38).

Confirmemos a nossa vocação e eleição

Não podemos errar na suposição de que, afinal de contas, a maioria daqueles que afluíam a Betel, Berseba e Gilgal pensavam que eram legítimos participantes das promessas de Deus. Amós e a história se uniram para proclamar que a maioria estava errada. No desenrolar dos amargos acontecimentos, eles descobriram que uma coisa é conhecer a promessa, mas uma outra totalmente dife-

“Saul”. Pusey sugere que seria como “se um homem vivo... pudesse ver o seu próprio funeral, e ouvir a respeito de si mesmo as palavras ‘à terra o que é da terra’ ...”. Mays observa acertadamente que a escolha desta métrica “dá testemunho da tristeza do próprio profeta diante do que as suas palavras estão predizendo”.

rente é ser herdeiro dela; uma coisa é estar por perto para ouvir a proclamação da promessa, mas outra totalmente diferente é ser capaz de registrar uma reivindicação válida para possuí-la.

E as promessas das quais os santuários falavam não eram irrelevantes ao povo de Deus naquele tempo, como não são irrelevantes para nós atualmente. A vida, a paz e a segurança são coisas preciosas, mas ainda quando falam da vida de Deus, da paz com Deus e da segurança em Deus. Como já vimos, quando os sacerdotes de Betel proclamaram “Deus está aqui”, a tradição ensinava que ele estava lá como o doador da esperança e da vida; Berseba declarava “Deus está contigo”, nada se interpõe entre ele e você, você tem paz com Deus; e Gilgal apontava para uma herança inalienável concedida por Deus. São exatamente as promessas de Deus em Cristo. Ouvi-las e conhecê-las não basta. Só a herança não basta. Temos a certeza de possuí-las? A pergunta é feita diretamente a nós. Nada é mais certo nas Escrituras, quando o Senhor realmente concede as suas promessas a alguém, do que o fato de que ele nunca vai retirá-las, nunca permitirá que as retirem ou, nem de qualquer forma, tolerará alguma coisa que não seja a eterna glória para essa pessoa. Mas quem pode reivindicar e sentir esta certeza?

É uma falsa humildade e uma hesitação desnecessária replicar que ninguém poderia presumir com certeza a respeito destas coisas, principalmente pecadores como nós. Para Amós, o povo só tinha de se culpar a si mesmo pela perda da herança. As Escrituras exigem que creiamos que há uma coisa chamada certeza e que, na providência ordinária de Deus, pretende-se que seja a experiência comum do seu povo.

Continuando o estudo⁴ em Amós 5, a nossa oração é que vejamos claramente ali os fundamentos da certeza humilde, para nos colocarmos sobre eles e assim confirmarmos a nossa vocação e eleição como povo de Deus.

⁴ Até certo ponto, o tratamento dado ao capítulo 5 na análise respectiva do papel de Betel, Berseba e Gilgal na vida religiosa de Israel deve permanecer hipotético e depender da comparação entre o que Amós diz e o que Gênesis nos conta sobre as tradições destes lugares sagrados. No interesse da hipótese, os três capítulos seguintes são desenvolvidos com a pressuposição de que Amós se dirigia aos devotos de cada um destes santuários, um a um.

Amós 5: 6 - 13

DEUS PODE ALTERAR A SITUAÇÃO

Quando Jacó sonhou em Betel (Gn 28: 12ss.), viu uma escada que ligava a terra ao céu. O propósito, surpreendentemente, não era o de fornecer ao homem um meio de subir até Deus, mas permitir a descida de Deus. A escada trouxe Deus a Betel, de modo que a partir daquele acontecimento o seu nome passou a significar “Deus está aqui”.¹ Mas Deus transforma o lugar onde está. Em Betel, ele alterou as circunstâncias em que Jacó se encontrava, dando-lhe promessas e esperanças (Gn 28:13-15) e, no final, transformou o próprio Jacó, confirmando tudo o que fazia parte inerente da dádiva do seu novo nome, Israel (Gn 35:9ss.). Betel era o lugar onde a vida velha se transformou em vida nova e onde o velho homem se transformou no novo homem.

O grande Transformador

O âmagô do oráculo de Amós sobre Betel recai no Hino ao Deus Transformador (5:8, 9). É uma conjectura atraente (embora, naturalmente, não passe de uma conjectura), imaginar que Amós tenha citado aqui os peregrinos betelitas um dos hinos do próprio hinário deles. Que lugar seria melhor do que Betel para cantar ao Deus que pode alterar a situação?

Deus faz a mudança das estações. Esta (v. 8a) parece ser a força da referência ao *sete-estrela* e ao *órion*, constelações que foram usadas no mundo antigo para indicar a mudança das estações. Deus tam-

¹ Jacó, o grande oportunista, viu logo que, logicamente falando, Betel devia também ser “a porta dos céus”, mas apenas porque, em primeiro lugar, trouxe Deus até ele.

bém faz as mudanças do dia, quando *torna a densa treva*² em manhã e, subseqüentemente, *muda o dia em noite*. Ele faz as mudanças (v. 8b), como quando o quebra-mar é rompido e o mar inunda a terra;³ e as mudanças históricas, como quando *o forte e a fortaleza* caem diante do destruidor (v. 9).

Mas este belo hino se encontra colocado num parêntesis em meio a referências a um povo que resiste às mudanças. Eles vinham a Betel (v. 7) e eles iam de Betel (vs. 10-12) totalmente inalterados. O fracasso, portanto, não estava nas promessas de Betel, nem no Deus de Betel, mas na obstinação que não queria ser transformada e libertada da anarquia e da transgressão.⁴ A exposição que Amós faz de uma religião que deixa a vida intacta não poderia ter sido feita com maior brilhantismo. Eles iam, eles cantavam, eles voltavam e nada, simplesmente nada era mudado. A justiça continuava insatisfatória (vs. 7a, 12c) e a retidão permanecia subvertida (vs. 7b, 12b). Este é um argumento contra aqueles que desejam inserir o versículo 7 imediatamente antes do versículo 10, onde ele se torna ocioso, e não acrescenta nada ao conteúdo dos versículos 10-12. É um argumento supremo para a ordem dos versículos como está, pois nos ajuda a acompanhar o crente através do que era uma experiência espiritual soberba (se este hino for um modelo), para vê-lo emergir do outro

² Por causa da qualidade emotiva da antiga tradução “sombra da morte”, especialmente à luz de sua existência em Sl 23:4, vale a pena indicar o uso geral desta palavra no Antigo Testamento. Ela é usada em relação às trevas físicas (Jó 12:22, 24:17; 28:3; 34:22), em relação àquilo que é ameaçador, melancólico, com efeitos frustrantes da dor, do desapontamento, dos problemas (Jó 3:5; 16:16; Sl 44:19 (Hb 20); 107:10, 14; Is 9:2; Jr 2:6; 13:16), e como a escuridão da própria morte (Jó 10:21, 22; 38:17). No atual contexto, não estamos autorizados a destacar qualquer uso metafórico. A passagem parece enfatizar as mudanças criacionais.

³ Esta interpretação deve ser preferida à que vê aqui uma referência à chuva e à circulação das águas, cf. Ec 1:7.

⁴ Numa nota marginal, a BJ dá a conjectura de alguns comentaristas de que o versículo 7 deveria seguir-se ao versículo 9. É um aspecto lamentável e injustificável desta tradução (que geralmente é excelente e útil) assim brincar com a ordem dos versículos, mesmo não havendo justificativa objetiva nos manuscritos para fazê-lo. Tudo muito bem se os comentaristas gostam de “soltar papagaios”, mas admitir tais fantasias em versões públicas da Bíblia concede-lhes uma certa autoridade que eles não possuem e tira a tarefa da interpretação da Bíblia das mãos dos leitores comuns. O caso da ordem alterada dos versículos é discutido por Mays e Hammershaimb.

lado sendo exatamente a mesma pessoa.

O que pode ter acontecido

A verdade aparece imediatamente. Uma nova vida é a primeira evidência de alguém ter tido um contato de fé com Deus. Onde não há mudanças, estamos dizendo que Deus não faz diferença! Ou que o Transformador não transformou!

O primeiro sinal da pessoa transformada, em contraste com o versículo 10, é que ela ama a voz da lei de Deus. Na situação em que as coisas se encontravam, os fiéis voltavam de Betel para o seu antigo modo de proceder em relação à justiça ao adentrarem a porta da cidade. Não queriam nem o juiz que dava um veredicto correto, que *repreende*, nem uma testemunha que contava os fatos como aconteceram, *o que fala sinceramente*. O ponto em debate não é a injustiça social envolvida, o que aparecerá mais tarde, mas a recusa em permitir que a vida seja governada pela verdade. Amós coloca isto em primeiro lugar. A evidência de ter se colocado em contato pessoal com o Deus transformador é que a partir dali a pessoa anseia ter a sua vida transformada de acordo com os ditames, princípios e exemplos da Palavra Divina. O Deus de Betel não era uma simples visão para ser admirada; ele era o Deus que fala (Gn 35:13-15). Mas eles se afastavam como alguém que não tivesse ouvido nada. Eles não podiam exclamar: “Quanto amo a tua lei!” (Sl 119:97), pois este é o grito que se levanta com o verdadeiro contato com Deus e que dá a certeza de que o contato foi real. Isaac Watts expressou o âmago da doutrina de Amós quando escreveu:

Tuas maravilhas mais nobres percebemos aqui,
Nas almas renovadas e nos pecados perdoados:
Senhor, renova a minha alma, purifica os meus pecados,
E torna a Tua Palavra no meu guia para o céu!⁵

A segunda evidência da transformação sob a mão de Deus, deduzimos do versículo 11a: submissão no relacionamento com o povo de Deus. Amós se volta do relacionamento com a verdade para o relacionamento com outras pessoas. O *pobre* é aquele que não tem re-

⁵ Do hino “Os Céus Declaram a Tua Glória, Senhor”.

cursos e, portanto, não tem alívio. Ele é fraco em todos os sentidos. Ele pode ser maltratado em impunidade. A palavra *tributo* pode ter dois sentidos. Em 2 Crônicas 24:6, 9, ela aparece como “imposto” e foi usada ali com um sentido perfeitamente bom. Mas aqui envolve extorsão. Parece que precisamos, portanto, de uma palavra que tenha a aparência de algo correto mas que no fundo envolve o que é mau. Forçavam tanto o homem indefeso (seria uma espécie de “máfia” daqueles tempos?) que, para ele, o pagamento era tão compulsório como uma exigência de imposto legal, mas, para alguém que questionasse o recebedor, tudo não passava de “apenas uma gorjeta oferecida por um amigo”. O princípio sobre o qual a vida era vivida era de que as outras pessoas estão para serem exploradas. Certamente o grande Transformador teria colocado a sua mão sobre isto em Betel se fosse procurado, pois quando, finalmente, ele próprio veio visitar o seu povo, não disse: “Eu sou como quem serve” (Lc 22:27)?

Continuando a delinear a verdade através do contraste com o falso, o terceiro ponto no qual a vida deve mudar com base num real relacionamento com Deus é que deveria haver uma nova preocupação por obter a aprovação de Deus (v. 12a). A introdução do vocabulário de *transgressões* e *pecados* não causa surpresa em Amós (ou em qualquer outro lugar da Bíblia). Nada pode ser feito contra a verdade ou contra as pessoas que não seja feito diretamente contra Deus. Eles saíam de Betel com grande peso em suas consciências e ainda presos a *graves pecados*, mas sem nenhum interesse de serem transformados. Aquele que transformou Jacó em Israel poderia ter resolvido esta situação, mas infelizmente só ele se preocupava com isso; eles não se preocupavam. Externamente, eles pecavam; suas motivações íntimas vinham de um coração rebelde (assim as palavras do versículo 12a se equilibram no significado). Mas não havia preocupação em ser diferente. Obviamente não poderia haver certeza de pecados perdoados onde não houvesse nenhuma preocupação com os pecados! Certamente seria um sinal de que a pessoa teve algo a ver com Deus se, daquele momento em diante, ela se preocupasse em ter a aprovação divina, se amasse o que ele ama e se odiasse o que ele odeia.

O versículo 12b busca delinear a pessoa que teve um encontro com o Deus transformador; ou, pelo menos, é isso que podemos deduzir. E coloca diante de nós o aspecto da integridade moral.

O quadro no versículo 12b é de um homem que fica do lado das

peessoas, não pelo que elas são, mas pelo que elas têm e estão preparadas a dar. Ele avalia o suborno em sua mão, mas não avalia os valores morais em sua cabeça, em seu coração e na sua consciência. Este homem, sugere Amós, deveria ter se colocado sob a influência transformadora do Deus de Betel. Realmente deveria ser assim, pois Deus não se interessou por Jacó, sozinho e desamparado, quando ele acidentalmente entrou em sua casa? Mas este “colocavam-se em oposição ao homem que estava certo . . . e deixavam de lado o que era influente quando buscava justiça junto à porta da cidade; mas quando viam a cor de ouro de uma pessoa, ah! essa era uma história diferente”. E esta paráfrase (não muito bem elaborada) nos ajuda a ver o que estava sendo discutido: os intangíveis valores morais versus os tangíveis valores financeiros. Por contraste, há uma determinação moral da pessoa que tem buscado ao Senhor.

Finalmente, no versículo 13, Amós dá a entender que, se eles tivessem estado realmente na presença do Deus de Betel, teriam procurado alcançar uma ordem social favorável à justiça, mas o clima social da época ameaçava qualquer que enunciasse uma opinião contrária ao espírito de injustiça e egoísmo predominantes. Essa era a lei da violência (cf. 6:3), onde a pessoa temia abrir a boca para protestar: a prudência aconselhava o silêncio. Deveria haver algo mais do que apenas isto: o silêncio prudente. A palavra traduzida por *prudente* poderia bem significar “uma pessoa que deseja progredir” ou “ter sucesso”.⁶ À luz disto, podemos facilmente ver o tipo de pressões que a sociedade daquele tempo exercia: “Você não gostaria de prejudicar os seus projetos, não é?” Silenciavam-se tanto os protestos que poderiam ser feitos em benefício dos outros que estavam sendo injustiçados, como também colocavam-se severas pressões contra a pessoa que desejasse viver, ela própria, uma vida reta. Era uma sociedade que encorajava o erro e desencorajava a defesa dos princípios. Quando a graça transforma uma pessoa, ela focaliza este aspecto da vida: a determinação de criar uma sociedade na qual habita a justiça.

Riscos e autorizações

Está claro agora que as peregrinações a Betel eram como um passeio

⁶ É traduzido assim em Js 1:8.

num feriado, isentas de intenções religiosas ou espirituais sérias. Era brincar com Deus e, então, segundo Amós, eles ficavam sob o duplo perigo do fogo e da frustração. O *fogo* representa a demonstração final da rejeição divina deste modo nada sério de vida (5:6). O versículo apresenta os dois lados de tal situação: primeiro, a realidade da ira de Deus contra uma religião vazia de renovação, um grupo de atividades e não uma comunidade de Deus (v.6b); e, em segundo lugar, a total incapacidade de tal religião oferecer qualquer paliativo no dia em que Deus agir (v. 6b). Foi isto precisamente que Jesus ensinou em Mateus 7:21-23. Ele enfrentou pessoas que se diziam religiosas (... *me diz: Senhor! Senhor!*), que alegavam comunicar a verdade (*não temos nós profetizado em teu nome?*) e ocupavam-se de um ministério sobrenatural (*expelimos demônios . . . fizemos muitos milagres*), mas, segundo o seu julgamento, tudo não passava de inutilidade, pois faltava-lhes a realidade de um relacionamento real com Deus (*Nunca vos conheci*) e a evidência de uma vida transformada pela obediência (*faz a vontade de meu Pai*), Jesus aponta enfaticamente para esta confrontação *naquele dia*. É o dia do juízo final, a ruína de uma religião que produziu muita aparência, mas nenhuma renovação.

A frustração encontra-se descrita no versículo 11b. Sob a fachada da peregrinação, o que eles realmente buscavam era o lucro (vs. 11a, 12b). Mas acabaria sendo uma vida sem estabilidade (casas construídas, mas não habitadas), sem prazer (vinhas plantadas, mas não experimentadas). Não era uma ameaça de que outros iam possuir o fruto do seu trabalho, mas de que esse trabalho não produziria a recompensa esperada àqueles que o fizeram. É a frustração, a limitação, a improdutividade de uma vida separada de Deus.

Há um impressionante senso de atemporalidade na censura do profeta. Estabilidade e satisfação (adquirir aquilo que vai durar e desfrutar os benefícios de tê-lo adquirido) sempre foram objetivos do homem. Mas não podem ser alcançados à parte de uma vida e de um revigorante relacionamento com Deus.

Isto nos leva, finalmente, ao ponto no qual Amós iniciou o seu oráculo. Consideremos novamente os cinco pontos nos quais a verdadeira religião manifesta a sua realidade na vida: o amor à verdade de Deus, a submissão nos relacionamentos, a preocupação com a aprovação de Deus, a integridade moral e a ordem social. Não são os degraus de uma escada que leva para o céu, nem são cinco gran-

des boas obras que merecem a aprovação de Deus para receber a glória eterna. São cinco evidências paralelas de que uma pessoa teve um encontro com Deus em Betel, ao pé da escada, onde ele veio e se revelou, falando e abençoando. A verdadeira religião não é um caminho que parte de Deus! Brota de uma união e comunhão com Deus e sela a sua veracidade ao revelar uma transformação quántupla. Portanto, o grande grito inicial de Amós é este: *Buscai ao Senhor e vivei* (5:6). Façam dele o seu lugar de peregrinações. Vocês tiveram de reservar tempo para ir a Betel; reservem tempo para Deus. Vocês tiveram de organizar suas vidas para poder fazer a peregrinação; organizem suas vidas em torno de Deus. A peregrinação os envolveu em oração, em louvor e em ouvir a Palavra de Deus; mantenham essas coisas, mas focalizadas nele. *Não busqueis a Betel . . . Buscai ao Senhor* (vs. 5, 6). Este é o caminho da vida. Caso contrário, vocês vão pelo caminho do fogo (v. 6b) e da frustração (v. 11b); este é o caminho da vida: *Buscai ao Senhor, e vivei*.

No hebraico, esta palavra *vivei* está no imperativo, mas aqui, segundo a expressão idiomática, é mais uma promessa do que uma ordem. Naturalmente tem de ser uma ordem, pois toda a força dessa transformação quántupla reside em deliberadamente vivermos deste modo. Mas, mesmo assim, é na realidade uma promessa. Quando, no hebraico, deseja-se expressar enfaticamente que alguma coisa vai real, verdadeira, automática e inevitavelmente seguir-se a outra, expressa-se a coisa conseqüente com um imperativo. Quando Deus diz através do seu profeta “vivei”, ele está prometendo vida, está realmente doando vida. Foi assim quando Jesus chamou Lázaro para fora da sepultura: a ordem deu a capacitação. Assim, o Deus de Betel diz “vivei” porque pertence à sua natureza transformar, através da sua permanente ação e do seu poder, as vidas daqueles que entraram em comunhão com ele.

Amós 5: 14 - 20

SEMENTES DE INCERTEZA, COLHEITA DE GARANTIA

Às vezes é tarefa de um bom pastor semear dúvidas nas mentes daqueles que estão sob os seus cuidados. É uma coisa que requer sabedoria. Foi um verdadeiro coração pastoral, por exemplo, que falou no Salmos 73:15: *Se eu pensara em falar tais palavras, já aí teria traído a geração de teus filhos.* Cada estágio da experiência cristã enfrenta os seus próprios problemas; não faz parte do dever do pastor (ou do dever de qualquer cristão para com outro) implantar os problemas de uma experiência amadurecida na mente de um crente imaturo. Mas, por outro lado, em cada estágio de experiência, podemos muito facilmente nos perder em proposições e suposições que nossos irmãos e irmãs mais instruídos e amadurecidos sabem muito bem estarem erradas. O ataque direto apenas estimula o orgulho e levanta barreiras mais fortes. Então, o que faz o pastor? Ele cuidadosamente semeia dúvidas. De um modo ou de outro, a tendência do seu ministério é levar a mente a perguntar: “Será que foi assim como eu pensei?”

É numa tarefa destas que vemos Amós ocupar-se aqui. Ele está investigando uma posição fortalecida. Ele não desfere golpes repetidos; ele procura inserir um “talvez” na esperança de que ele se torne um “impossível”. Se isto entra em conflito com o quadro tradicional de Amós, com o rugido incessante de suas metáforas leoninas, isso apenas nos mostra até que ponto a nossa impressão dos homens da Bíblia depende do tom de voz com o qual lemos as suas palavras. Certamente Amós foi “o profeta que não temia nenhum homem”,¹ mas isto não significa que ele andou sacudin-

¹ Gosto de declarar a fonte das palavras citadas. No começo da década de

do o seu punho na cará das pessoas ou que ele se comportasse desnecessariamente de maneira provocativa. Percebemos acima a sugestão de J. L. Mays que a escolha de Amós de uma forma de lamentação para 5:2 evidenciou a tristeza do seu próprio coração e a profundidade de seus sentimentos para com os seus conterrâneos. Seria um exercício salutar (pelo menos para aqueles que escrevem comentários) ler os oráculos de Amós com a voz sossegada de alguém que esteja apresentando argumentos racionais bem mastigados e especialmente ler as passagens do julgamento com a voz de quem só com dificuldade consegue conter as lágrimas.

De qualquer forma, Amós investiga aqui o caminho à sua frente, para ver se, semeando dúvidas, ele pode penetrar nos corações duros e seguros de si (mas erroneamente). O problema é que eles presumiam serem os herdeiros da promessa de Berseba, “o Senhor está contigo”. Eles criam que, no tempo presente desta vida, eles podiam dizer: “O Senhor está conosco”(5:14) e olhavam para o futuro com total serenidade para o dia em que ele estaria com eles no sentido particular e dramático transmitido pelas palavras *o dia do Senhor* (v. 18). O sentido mais profundo da expressão “o Senhor está contigo” é paz com Deus. Entre o homem e Deus não há barreiras, não há nenhum empecilho; tudo está bem; reina a harmonia; os dois podem andar juntos porque se entenderam. O teste de uma crença assim é antecipar o *dia* em que o Senhor estará presente, não como uma coisa invisível e com restrições impostas por si mesmo, mas de forma visível, total, gloriosa.. Mesmo assim haverá paz? Seríamos capazes, então, de *suportar o dia da sua vinda* (Ml 3:2)? Foram estas considerações que levaram o escritor do hino a perguntar:

quarenta, foi privilégio meu, um cristão muito jovem naquela época, pertencer à Igreja St. Kevin, em Dublin, e beneficiar-me com o ministério do então reitor, Rev. Martin Parsons. Por isso não cesso de agradecer a Deus. No decorrer de uma série de sermões sobre os Profetas Menores, ele pregou sobre Amós, usando o título “O Profeta que não temia o homem” e esta foi a minha primeira e mais proveitosa introdução a esta porção da Palavra de Deus.

² T. Binney, “Eternal Light!” (Luz Eterna!).

Oh! Como poderia eu,
 Nesta esfera escura,
 Com esta mente confusa,
 Perante o Inefável aparecer;
 E sobre o meu espírito nu
 A luz eterna receber?

Mas essas dúvidas não assaltavam o povo do tempo de Amós que pensava poder *desejar o dia do Senhor* (v. 18).

Desprevenidos e inconscientes

Por que Amós não podia partilhar do alegre otimismo deles? Por que ele sentiu ter a incumbência de semear dúvidas?

Parece-me honesto começar a interpretar os seus pensamentos desta maneira: Pode alguém declarar que anda com Deus e, ao mesmo tempo, não ter consciência da grandeza e da majestade de Deus? A leviana presunção de paz com Deus mostrava ao profeta que eles tinham uma percepção imperfeita do Deus sobre o qual falavam. De qualquer forma, parece que ele se referia precisamente a este estado de coisas. Podemos examinar os oráculos de Amós um a um, e veremos que a passagem que temos diante de nós é única na ênfase que dá à grandeza de Deus. Em nenhum outro lugar encontramos em três versículos sucessivos *o SENHOR, o Deus dos Exércitos . . . O SENHOR, o Deus dos Exércitos . . . o SENHOR, o Senhor Deus dos Exércitos* (vs. 14, 15, 16). Não dá a impressão de alguém tentando insistir num ponto sem expressá-lo com muitas palavras? “Iavé, o Deus onipotente . . . Iavé, o Deus onipotente . . . Iavé, o Deus onipotente, o Soberano”; essa é a descrição de Deus. Talvez alguém falasse impensadamente sobre andar com Deus; mas com um Deus assim de onipotência soberana? Não vemos aqui um corretivo para toda essa autocomplacência, isto é, pensando eu que estou andando com ele, não teria ele dúvidas de que está andando comigo? Adão teria alegremente permanecido no jardim contanto que pudesse ficar escondido; foi Deus quem sabia que ele tinha de ser expulso e que o mandou sair (Gn 3: 8, 23ss.).

Amós continua desenvolvendo este ponto (vs. 16-20). A partir da mais completa apresentação dos majestosos títulos de Deus

(v. 16), ele passa a descrever, como uma mensagem vinda de Deus, uma situação de completo desespero: pranto por toda parte nas cidades (*praças . . . ruas*) e no interior (*lavrador . . . vinhas*); pranto de todos, até daqueles que têm mais dificuldade em chorar (*lavrador*) e daqueles que abrem a torneira com entusiasmo profissional (*os que sabem prantear*); o pranto tomando conta da vida de modo que os negócios são interrompidos nas *praças* e nas *ruas*, o trabalho é interrompido pois o *lavrador* abandona a sua tarefa, e as alegrias da vida são substituídas pelo pranto que enche os lugares tradicionalmente alegres, as *vinhas*. Ele prossegue: o desespero completo origina-se de um julgamento de autocondenação que toma conta de todos, e do reconhecimento de que não há como escapar. Segundo Amós (v. 19, restaurando o “e” do hebraico, onde na ERAB inexplicavelmente lê-se *ou*) seria o caso de (*per impossibile*) um homem que, fugindo de um *leão*, encontrasse um *urso* e, no momento crucial, descobrisse uma porta a lhe oferecer asilo; fecha a porta no focinho do urso, finalmente em segurança; encosta-se na *parede* para respirar e é mordido por uma *cobra*. A figura tem um humor negro! Mas devemos notar de maneira especial quando Amós volta à retórica do leão! O leão é um perigo inesperado e assustador. Não fazia parte do rumo planejado. Quando tudo parecia estar em paz, subitamente tudo se transforma em perigo, num perigo tal que não há mais saída. (É o Leão que rugem de Sião . . .) Escapar seria um milagre, cada evasão sucessiva transforma-se numa armadilha até que, quando o veredito passa do desespero para a “paz finalmente”, a serpente dá a picada mortal.

Mas a mensagem do Deus majestoso ainda não terminou. O pranto e o julgamento inescapável vêm seguidos de trevas totais (v. 20). Por causa da autocomplacência, as pessoas se armaram de lógica irrepreensível, dizendo que, quando o Senhor viesse, seria para ficar do lado do seu povo. Esse dia seria a coroa de glória deles; todos os que os desprezavam veriam como estavam errados; todos os que os prejudicavam teriam fim; tudo seria alegria e luz. Não, diz Amós, *é dia de trevas e não de luz* (v. 20). Em outras palavras, eles andaram se enchendo de falsas esperanças. Quando chegar o dia de Deus, ele se tornará inimigo deles! Será o pior de todos os dias que já tiveram, sem a menor vislumbre (*nenhuma claridade*) de esperança.

E qual a causa de todo este desespero (vs. 16, 17), deste destino inescapável (vs. 18-19) e destas trevas (v. 20)? Nada espetacular, *apenas porque passarei pelo meio de ti, diz o Senhor* (v. 17). O Senhor não faz nada; ele apenas caminha calmamente no meio do povo, exatamente o que eles tinham por certo em sua descuidada presunção de que pela promessa de Berseba tinham o companheirismo divino! E quando ele (sem ostentação!) se apresenta no meio deles, tudo nele, a sua glória, a sua Pessoa, a sua grandeza, a sua majestade, a sua divindade, tudo, sem exceção, provoca o pranto inconsolável e o reconhecimento de que estão perdidos.

Aspirações morais

Assim, Amós semeia neles a dúvida quanto a terem paz com Deus: será que eles conhecem o Deus com o qual dizem que estão em paz? Mas temos ainda uma segunda pergunta: será que sabem o que significa paz? É um estado de objetivos partilhados, entre outras coisas, e (se lermos Amós corretamente) ninguém pode andar com Deus se não está determinado a fazer o bem. Amós diz: *Buscai o bem e não o mal, para que vivais: e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco* (v. 14).³ É uma exigência

³ A IB defende que os versículos 14 e 15 (e também o 6) devem ter sido inseridos por alguém posteriormente porque contêm uma nota de esperança que discorda da mensagem severa de juízo pregada por Amós. No versículo 6, a expressão “para que não” sugere que, através do arrependimento, o golpe final poderia pelo menos ser abrandado, senão totalmente evitado, e nos versículos 14 e 15 há a doutrina dos remanescentes. A inserção deve ser explicada com a suposição de que um autor posterior levou a sério a doutrina do juízo como Amós a pregou e procurou, por meio de inserções, impressionar o seu próprio povo que “foi (então) confrontado com a necessidade de tomar uma decisão momentosa de vida e morte”. Parece que os comentaristas que propõem este tipo de inserção no livro de Amós não percebem que, se estão certos em dizer que Amós foi um perfeito profeta do fim, então as inserções não são “adaptações” mas contradições; e que, se numa data posterior ainda havia um povo de Deus para o qual Amós (que supostamente previu o fim total do povo de Deus) foi assim “adaptado”, então Amós provou ser um profeta falso que, portanto, não deveria ser ouvido, naquele tempo ou agora. Mesmo Mays, que finalmente nega que o final esperançoso (9:13ss.) seja de Amós, acha que a “exortação”, como “um aspecto lateral da profecia de Amós, oferece uma alternativa àqueles que vão ouvir a sua instrução”. Acertadamente, ele en-

de aspirações morais genuínas com quatro aspectos que vamos examinar rapidamente.

Primeiro, o compromisso com uma vida santa é tanto positivo como negativo (v. 14a). Há um “buscar” e também um “abster-se”: *Buscai o bem e não o mal . . . Aborrecei o mal e amai o bem* (vs. 14a, 15a). Isto é o que evita que a santidade seja algum tipo de máscara usada pelo povo de Deus. Há uma profunda verdade, entretanto, no fato de Amós colocar a ação antes da emoção, *buscai* (isto é, coloque-o como o alvo de sua vida diária), antes de *amai*. Comumente a Bíblia representa a santidade a partir do “homem interior”, operando de dentro para fora. Provérbios 4:23 pede que se guarde em especial o *coração*, uma vez que a vida brota a partir dele; Romanos 12:2 considera a *renovação da vossa mente* como ponto básico para as diferenças positivas (*transformai-vos*) e negativa (*não vos conformeis*) da vida exterior. Referências como essas poderiam ser citadas sem parar. Mas também é verdade que muitas, muitas vezes, se esperarmos que a emoção provoque a ação, esperaremos em vão, e longas listas de deveres cristãos apodreceriam no lixo porque não “sentimos” nenhum estímulo para a sua realização. Portanto, é uma sacudidela salutar à nossa tendência de exaltar as emoções acima do dever pensar que é mais piedoso “sentir-se levado” a fazer uma coisa do que fazê-la porque “devo”, quando Amós coloca o “buscar” antes do “amar”. É a explicação prática daquilo que elogiamos em nossos melhores momentos: que as emoções são um guia caprichoso e falso. No que se refere à santidade, as emoções podem não passar de uma racionalização da ociosidade moral. Mas a ênfase de Amós simplesmente nos assusta para que comecemos a agir. É realmente verdade que, quando agimos com amor em relação a um irmão ou irmã cristãos, acabaremos sentindo a emoção do amor cristão por essa pessoa, e que, se nos dedicarmos à obediência, Deus vai graciosamente acrescentar-nos o prêmio de despertar em nós o sentimento correspondente. Mais do que isso: ainda que nunca sintamos a emoção, ainda temos o dever; portanto Amós está simplesmente colocando as coisas nos seus de-

raiza esta opinião na teologia de Amós: “Javé continua sendo a vida do seu povo, mesmo em uma situação na qual o povo merece a sentença de morte”.

vidos lugares no alto da lista. O certo tem de ser feito porque é certo e não porque haja alguma satisfação emocional em fazê-lo.

Terceiro, a santidade deve ser buscada para o bem da pessoa e da sociedade: *Aborrecei o mal e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo* (v. 15). Não se trata de “uma virtude efêmera e protegida” no fundo do coração, ou que ocorre apenas num relacionamento pessoal entre Deus e o indivíduo. Seu desabrochar se dá numa sociedade fundamentada e dirigida pelos princípios da justiça, na qual há ainda punição para os praticantes do mal e louvor para os que fazem o bem. A *porta* é o tribunal de justiça; por trás dela jaz a lei da terra, venerada naquele tempo e agora em princípio e em precedentes, com o clamor particular de justiça diante dela e a boa ordem da sociedade por trás dela. A *porta* guarda, aplica e atualiza a justiça, aquilo que é bom para todos. Ao convocar o povo de Deus para que se preocupe com o *juízo na porta*, Amós transforma em dever deles a preocupação básica com a ética social, com o bem-estar social, com a melhoria de condições, com a proteção e com a provisão dos pobres, dos fracos, dos potencialmente explorados. Mas o grito para *estabelecer na porta o juízo* é dado àqueles que se comprometeram consigo mesmos a buscar o bem, e não o mal, odiando o mal e amando o bem: isto é, devem procurar entesourar no coração da sociedade a mesma distinção entre o bem o mal, entre o certo e o errado, pela qual vivem, e estabelecer uma sociedade na qual o bem será buscado e o mal rejeitado.

Que apelo para os cristãos bíblicos redescobrirem os ensinamentos morais e sociais das Sagradas Escrituras! Com que frequência as nossas contribuições nas questões sociais e sócio-éticas são tão pequenas, insignificantes, ou inibidas simplesmente porque não nos esforçamos por adquirir definições bíblicas das questões envolvidas! Se não nos esforçarmos para *estabelecer na porta o juízo*, seremos acusados por esta passagem de Amós de uma moralidade parcial, falha na preocupação bíblica pela sociedade; ficaremos expostos, de acordo com Amós 3:9-4:5, a brincar com uma religião inútil, enquanto a sociedade apodrece; descobriremos, de acordo com Amós 6:3 que, quando estávamos despreocupados, outras forças sinistras estiveram operando para entronizar a violência e a desordem.

Finalmente, a busca da santidade é que produz a vida, essa

busca não apenas é um modo de viver ou uma regra de vida, mas é o significado da vida: *Buscai o bem e não o mal, para que vivais: e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco, como dizeis. Aborrecei o mal e amai o bem, e estabelecei na porta o juízo: talvez o Senhor . . . se compadeça . . .* (vs. 14, 15). Os ensinamentos são que, quando o povo de Deus se coloca no caminho da santidade, o caminho que concorda com a vontade e com o coração de Deus, então o povo de Deus entra na posse da vida (v. 14a), da realidade da presença do Iavé onipotente com eles (v. 14b) e, auspiciosamente, de uma nova experiência da sua graça (v. 15b). A graça não deve nunca ser uma questão de presunção. Se ela pode ser ordenada ou aceita como garantida, então deixa de ser graça. Amós nos ensina a andarmos humildemente com o nosso Deus! Mas veja como ele inverte o que nós geralmente ouvimos: que por meio de uma nova “bênção” do céu somos capacitados a andar em santidade. Sempre queremos a bênção primeiro e o dever depois, mas Amós diz que são aqueles que se colocam no caminho que agrada a Deus é que receberão a vida, o poder e a graça dele e nele. Jesus colocou as coisas da mesma forma quando prometeu que aqueles que têm fome e sede de justiça serão satisfeitos (Mt 5:6). Nós gostaríamos de ter o inverso: “Senhor, enche-me e, então, eu desejarei a justiça com todo o meu coração”. Mas não, primeiro a aspiração e, depois, a satisfação. Pedro seguiu a mesma linha de ensinamentos (At 5:32) quando se referiu ao *Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem*. O caminho da santidade é um caminho de vida. Prossigamos obedecendo que Deus prosseguirá nos abençoando!

Graça o tempo todo

Ao acompanharmos os ensinamentos de Amós nestes versículos, observâmo-lo investigando as justificativas do seu povo autocomplacente. A presunção negligente de que ficar na companhia de Deus é uma coisa corriqueira e fácil foi cuidadosamente contestada pela denúncia de sua percepção defeituosa pelos dois lados do suposto companheirismo: como Deus é grande, e como eles carecem do necessário envolvimento com aquela santidade sem a qual ninguém pode ver a Deus. Mas há um aspecto final e importante nesta passagem que é uma exortação incisiva para se re-

pousar na suficiência da graça onipotente.

Notamos que este oráculo contém uma coleção de títulos divinos especiais, mas não notamos de maneira completa. Nos sete versículos (vs. 14-20), apenas um deixa de se referir, de alguma forma, a Deus pelo nome ou pelo título (v. 19). Três nomes diferentes foram usados: *o Deus dos Exércitos* ocorre três vezes (vs. 14, 15, 16), *o Senhor* (Soberano), uma vez (v. 16) e *o SENHOR* (Iavé), sete vezes, quase duas vezes mais freqüente do que os outros dois juntos. Como seria possível dizer que Amós é o profeta que prega sem uma nota de esperança, quando ele é tão destacadamente um pregador de Iavé? Qualquer um que assim julgasse a psicologia desse profeta, acharia que a sua teologia é produto de uma mente ignorante, preconceituosa e visionária. A questão básica não é: “Amós tem uma mensagem de esperança?”, mas: “Iavé esqueceu-se de ser misericordioso?”, ele, cujo nome foi definido pela primeira vez quando, na fidelidade de uma aliança com um povo miserável, perdido e ingrato, desceu ao Egito porque se identificou com o sofrimento desse povo (Êx 2:24-3:8)? Assim neste oráculo, o nome divino aparece repetidas vezes nos lábios do profeta, um gotejar contínuo para corroer corações de pedra. O “talvez” da graça (v. 15) repreende corretamente os complacentes corações humanos, mas no coração divino não existe um “talvez”. O Deus da graça não pode esquecer a sua misericórdia.

Certamente por causa disto ele chamou o seu povo aqui de *o restante de José* (v. 15). Amós está muito interessado no uso dos nomes patriarcais, aplicando-os ao povo do seu tempo. Por que *José* aqui? José foi o homem em que a promessa de Berseba se realizou, mesmo quando todas as evidências davam a entender que fora esquecida. Quando ele foi vendido como escravo, *o Senhor era com José* (Gn 39:2); quando as coisas foram de mal a pior e ele foi preso, *o Senhor era com José* (Gn 39:21) e com o passar dos dias na prisão, *o Senhor era com ele* (Gn 39:23). Finalmente, quando as esperanças sumiram no horizonte, José foi levado da cadeia para a sala do trono num salto espantoso porque o Faraó olhou para ele e disse: *Acharíamos, porventura, homem como este, em quem há o Espírito de Deus?* (Gn 41:38). O Senhor era com ele!

Por mais que os nossos corações nos falem do fracasso, do fracasso em discernir a grandeza e a maravilha do nosso Deus, do

O INIMIGO CIRCUNDANTE

fracasso em andar no caminho da santidade, da nossa estúpida autocomplacência, auto-satisfação, seja lá o que for, “a graça nos tem conduzido até aqui, e a graça vai nos levar para casa”.

Amós 5: 21 - 27

RELIGIÃO EM UMA CAIXA

Chegou a hora de fazermos um pequeno inventário antes de nos lançarmos neste estudo final de Amós 5. O que realmente Amós esteve ensinando? Será que ele andou dizendo: “salvos hoje, perdidos amanhã”? Naturalmente é a impressão que dá. Ele definiu claramente a sua congregação como aqueles que Deus remiu (3:2), mas chegou ao ponto de fazer pairar sobre as suas cabeças a perspectiva do desamparo total (5:16, 17), a inescapável sentença de morte (5:18, 19), e as trevas de desesperança (5:20) no dia em que Deus vier. E, como já notamos, alguns defendem que esta era a mensagem característica de Amós: uma mensagem sem esperanças para um povo sem possibilidade de salvação. Ficamos imaginando, entretanto, se esta seria uma interpretação correta de Amós, já que, para sustentá-la, é necessária a extração cirúrgica daquelas partes do livro que não se encaixam nessa teoria!

Mas a quem Amós estava falando? Mesmo uma leitura mais superficial do livro revela que os seus ouvintes tinham confundido certeza com complacência. Além de professarem a salvação, também falavam de uma certeza despreocupada de salvação (cf. 5:14, 18). Mas quando Amós olhou para eles, entretanto, viu um povo que, mesmo professando a salvação, *revelava uma ausência total de qualquer evidência dessa profissão*. Tinham uma confiança totalmente desprovida de fundamento, que não suportaria o peso da majestade divina no dia da vinda do Senhor.

Naturalmente não seria lógico supor que não havia outro lado na vida do povo de Deus no tempo de Amós, além da infundada complacência. A espada dizimaria a nação, mas um décimo permaneceria (5:3) e, até mesmo no horror indizível de 5:14-20, fica-

va à disposição de qualquer um identificar-se com *o restante de José* (5:15) e com o sempre presente Deus da graça, no dia da graça.

Veremos mais desta graça sobreexcelente antes de concluirmos o livro de Amós mas, até lá, a passagem final do capítulo 5 chama a nossa atenção para o santuário de Gilgal, onde as tradições sagradas proclamavam o presente do Senhor, a terra, como herança do seu povo para sempre. Nos versículos 21-27, vemos a consumação da ameaça expressa no versículo 5, *Gilgal certamente será levada cativa* (cf. v. 27).¹

Segurança eterna

Gilgal apresenta a terceira das três perguntas vitais tanto para os dias de hoje, como para o dia em que Amós as apresentou. Em relação a Betel, a pergunta é a seguinte: Qual é a prova de que o povo teve algum relacionamento com o Deus doador e transformador da vida, o qual se encontra presente naquele local? O que torna o testemunho deles neste ponto uma certeza? Em relação à Berseba, a pergunta era: Se alguém está realmente andando na companhia divina, como é que isto se evidencia? Quais as provas de que é real? E, agora, em relação a Gilgal, eis a terceira pergunta: Com que fundamento se pode ter certeza da herança da terra prometida? Qual é a evidência de que o arrendamento se tornou propriedade?

Para nós, a “terra prometida” recebeu um significado bíblico permanente da eterna herança dos santos de Deus. Como podemos saber que temos vida eterna? É uma possessão preciosa. Quem não a deseja? Além do mais, uma vez concedida a herança, ela não pode mais ser confiscada e não será mais retirada (Jo 10:28). Mas como posso ter certeza de que é minha? Qual é a evidência? Qual é a prova que elimina qualquer dúvida?

A religião de Gilgal

Quanta religiosidade nos versículos 21-23: festivais, sacrifícios e música em abundância! Não há dúvida de que eles freqüentavam

¹ Amós não diz, naturalmente, de maneira explícita que esteja aqui se dirigindo aos peregrinos de Gilgal. Os motivos para que assim entendamos os versículos foram expostos no capítulo anterior. Ver especialmente a nota 4.

Gilgal na prática de uma religião fabulosa. Eles levavam a sério os seus deveres religiosos, as *festas* cuja freqüência era obrigatória por lei, as *assembléias solenes*, os feriados religiosos de então que deviam ser observados (v. 21); eles participavam plenamente dos seus privilégios religiosos, apresentando *holocausto*, *ofertas de manjares e ofertas pacíficas*, símbolos do seu status como povo de Deus e da comunhão com ele e de uns com os outros (v. 22); eles expressavam plenamente a sua alegria religiosa, com *cânticos* acompanhados de *liras* (v. 23). A vivacidade de tudo isto e o entusiasmo são comunicativos. Até podemos ouvir os seus cânticos. Mas Deus, não! Tudo o que ele ouvia não passava de barulho!

Não pode haver uma passagem na Bíblia que mais demonstra a expressão do desgosto divino do que esta: *Aborreço, desprezo . . . não tenho nenhum prazer . . . não me agradarei . . . nem atentarei . . . Afasta de mim o estrépito . . . não ouvirei*. A religião deles era zelosa, excessivamente suntuosa (pensemos na despesa dos animais para o sacrifício), aparentemente sincera, emocionalmente satisfatória; mas a religião, não chegando até Deus, é falha em tudo.

Onde ela falhou? Os versículos 23 e 24 estão diretamente ligados à palavra *antes*. Amós chama a nossa atenção para o fator negligenciado. A palavra *corra* é interessante. Ela deriva do mesmo verbo hebraico que deu a Gilgal o seu nome. De acordo com Josué 5:9, a cerimônia da circuncisão foi seguida de um comentário divino: *“hoje removi a vergonha que vocês sentiam por não estarem circuncidados”*. Daí o nome do lugar em que isso foi feito: *“Gilgal”*. . . (remover). (BV) É como se, em Amós 5:24, o Senhor estivesse dizendo: Sim, vocês se deslocam à Gilgal, mas há uma corrida de que vocês se esqueceram, a corrida da justiça e da retidão.² Eis novamente o quadro de uma religião que não leva a nada. Eles iam a Gilgal para serem religiosos, mas deixavam a religião lá quando voltavam para casa. Os peregrinos corriam

² Embora o substantivo derivado *gal* seja usado em se tratando de “águas correndo”, o verbo *gālal* não se encontra em nenhum outro lugar da Bíblia referindo-se ao “correr” das águas. Cf Sl 78:16; 105:41; 124:4, 5; 147:18, etc., onde alguma parte de *gālal* poderia muito bem ter sido usada em lugar de outro verbo. Podemos defender que Amós escolheu *gālal* na presente passagem para aproveitar o jogo de palavras que reforça a sua mensagem.

aos festivais, mas a justiça e a retidão deixavam de correr pelos canais da irrigação da vida e dos relacionamentos diários. Portanto, a sua religião era estanque no que se referia a Deus. No versículo 21, *aborreço* é literalmente: “Não aspirarei o seu odor” (cf. Gn 8:21).

O que são a *justiça* e o *juízo*? Em 5:7, a transformação do *juízo* em *alosna* indica que o juízo é uma palavra que envolve o tratamento de outras pessoas: a *alosna* tem que ser experimentada para que saibamos como é amarga. O juízo, portanto, é o comportamento adequado no relacionamento com os outros, para que eles “experimentem” o que é bom e agradável. Podemos comparar com 5:15, onde amar o bem leva ao estabelecimento do juízo. O homem bom deseja o bem para os seus vizinhos como elemento certo na vida social e, igualmente, o seu ódio ao erro significa que deseja a aplicação devida da lei. Retornando a 5:7, a *justiça* é descrita como uma coisa ou pessoa reta jogada ao chão, sugerindo um padrão ou norma rejeitada. Isto combina com a evidência de 6:12b, onde as duas expressões estão paralelas, *haveis tornado o juízo em veneno*, isto é, *o fruto da justiça em alosna*. De acordo com isto, o juízo é o fruto da justiça. Amplamente falando, portanto, o juízo é a prática moral correta na vida diária pessoal e social, e a justiça é o cultivo dos princípios morais corretos (tanto para si como para a sociedade); o juízo é principalmente externo, enquanto que a justiça é interna. Naturalmente, para a Bíblia a justiça sempre tem uma conotação de “estar de acordo com Deus”, “o que Deus considera certo”, e, portanto, quando o Senhor deseja que o fluxo da religião seja justiça e juízo, ele está exigindo o estabelecimento de princípios e de práticas da vida diária que se conformam com a sua palavra e com a sua lei.

Jeremias enunciou uma palavra irrefutável que podemos usar como comentário final deste aspecto particular dos ensinamentos de Amós. *Será esta casa que se chama pelo meu nome, um covil de salteadores aos vossos olhos?* (Jr 7:11). O que ele quis dizer? Um covil de salteadores é o lugar para onde eles vão em busca de segurança e do qual eles saem moralmente inalterados. Jeremias viu o templo de Jerusalém sujeito a este abuso: as pessoas buscavam ali, reconhecidamente, a paz com Deus e todo o tipo de práticas religiosas, mas saíam de lá sem nenhuma transformação, continuando a orar de joelhos no templo e, fora dele, oprimin-

do o próximo! O mesmo acontecia com Gilgal, segundo Amós observava nas multidões de peregrinos, nos sacrifícios meticulosos, nos cânticos alegres, com coro e orquestra, mas sem nenhuma intenção de se entregarem deliberadamente ou de alguma forma à justiça e ao juízo.

“Este lado para cima”

As expressões que Amós usa no versículo 24 falam de abundância (*corra . . . como as águas*) e de eternidade (*como ribeiro perene*). Às vezes, a figura de águas correndo tem sido usada na Bíblia para a consagração da vida a Deus (p.ex., 1 Sm 7:6; 2 Sm 23:16). É como se o derramamento de água simbolizasse a direção a partir da qual toda a energia da vida seria canalizada. Aceitando esta idéia na interpretação de Amós, então o Senhor está buscando vidas cujas energias fluem, abundante e perpetuamente, em justiça e em juízo: o cultivo e o apego aos sadios princípios morais da vida, e a prática destes princípios no comportamento pessoal e social. E a religião se torna sem sentido se esse não for o seu resultado.

O problema com Gilgal era que eles guardavam a sua religião numa caixa, num compartimento selado sem qualquer comunicação com o exterior. A vida antes ou depois não fazia diferença e, portanto, não tinha significado diante de Deus.

Mas essa nunca foi a intenção de Deus para o seu povo. O significado do *antes* que liga os versículos 23 e 24 é o mesmo que dizer que, se pelo menos eles restaurassem o fator esquecido e orientassem a sua religião no sentido daquelas coisas que são os frutos adequados e desejados por Deus, então Deus afastaria o seu desprazer e tornaria significativas as observâncias religiosas do povo, aceitando-as e deleitando-se nelas.³

³ Não me proponho a especificar aqui as diferentes opiniões quanto à interpretação dos versículos 24, 25. Quanto ao versículo 24, parece-me pelo menos igualmente sensato considerar que o “antes”, com o qual ele começa, acrescenta algo ao versículo 23 como uma proposta de alternativa exclusiva. Quanto ao versículo 25, lembrando-nos que é uma pergunta que Amós espera que os seus ouvintes respondam, não me parece haver outra possibilidade a não ser a resposta “sim”. Mays defende que Amós reflete aqui uma tradição irreconciliável com as fontes do Pentateuco, uma tradição do período no deserto no qual não havia sacrifícios. Mas não me pa-

Retornando um pouco à narrativa que Amós faz dos festivais de Gilgal, notamos novamente a ausência de qualquer referência à oferta pelos pecados. Esta importante falha na sua consciência e na sua teologia invalidava tudo. Se eles fossem conscientes de que eram pecadores, certamente teriam uma clara percepção de que a religião, se possui algum significado, resulta num modo de vida transformado. Se eles tivessem consciência do Deus santo, certamente se sentiriam compelidos a acertar as suas vidas de acordo com o caráter e com a vontade de Deus, que lhes haviam sido revelados. Mas, ainda assim, as ofertas que constituíam o centro das festividades deveriam falar alto. O significado essencial do holocausto é a total consagração a Deus: a atitude do que nada retém (cf. Gn 22:12ss.). O significado essencial da oferta pacífica é a comunhão, com Deus e com o próximo (cf. Dt 16:10-12), com especial referência ao desamparado, ao desprezado. Que utilidade tinham as ofertas de consagração, ou as ofertas de comunhão, que não resultavam em uma comunhão de justiça? Tudo era sem sentido porque não ia além dos portões do santuário; não atingia o ponto central; não resolvia a situação (cf. 8:4-6).

Mas isto não significa que Amós esteja sugerindo uma permuta direta: abandonem a religião e assumam a ética. Se esta foi a sua intenção, ele cometeu um erro fundamental em fazer uma pergunta aos seus ouvintes: *Apresentastes-me, vós, sacrifícios e ofertas de manjares no deserto?* (v. 25). Todas as cabeças na congregação sacudiram-se afirmativamente; os mais extrovertidos gritaram “sim”; pois era a tradição unânime que tinham herdado e era o que sabiam.⁴ Moisés recebera uma lei ritual do Senhor e eles viviam em obediência a ela. Mas a pergunta de Amós contém algo mais. “Foram sacrifícios e ofertas que vocês me apresentaram. . .?” Por que fez ele a pergunta de maneira invertida, desta-

rece acertado: Amós não está expressando a sua própria opinião, ele está pedindo a opinião dos seus ouvintes. À vista do Pentateuco, eles só poderiam responder afirmativamente. Portanto Amós está dizendo “sim” aos sacrifícios; eles estavam de acordo com a vontade de Deus para o seu povo. A síntese da passagem acima apresentada procura levar em conta este raciocínio.

⁴ Para uma pergunta deste tipo que espera a resposta “sim”, usaríamos a forma “Não...?”, como 1 Sm 2:27. A BJ tira o mesmo efeito em “Por acaso...?”.

cando “sacrifícios e ofertas”? Quando nos lembramos que nesta passagem ele está atacando um falso departamentalismo que mantinha a “religião em uma caixa”, a força da sua pergunta é a seguinte: “Foi isso que vocês apresentaram, isso e nada mais?”

Na narrativa do Êxodo, o Monte Sinai não é uma parada casual no itinerário do deserto, mas um alvo importante para os viajantes que vinham do Egito. Foi apresentado a Moisés como um “sinal” de que ele estava sendo divinamente comissionado para a tarefa de conduzir o povo, que *serviriam a Deus neste monte* (Êx 3:12). A chegada do povo ao Sinai foi o clímax imediato do Êxodo. Eles aproximaram-se do monte como povo remido de Deus (Êx 6:6) e, sem dúvida, como o Êxodo o apresenta, a Páscoa foi o momento e o meio dessa redenção. Eles saíram do Egito porque, na qualidade de primogênitos do Senhor (Êx 4:22), foram guardados pelo sangue do cordeiro (Êx 12:13), na noite em que os primogênitos do Egito pareceram sob a ira divina. O sacrifício de sangue era, assim, uma necessidade fundamental.

O Monte Sinai acrescia uma outra dimensão à experiência deles: os remidos ouviram, concordaram e receberam a lei do seu Deus remidor (Êx 20:1ss.). A lei, portanto, foi dada, não como uma escada pelo qual os não-salvos poderiam meritariamente alcançar o céu pelos degraus de suas próprias boas obras, mas como um padrão de vida para aqueles que já eram filhos de Deus pela redenção operada pelo sangue. Assim, havia dois lados na experiência do povo de Deus, a redenção e o sacrifício de sangue de um lado, a lei e a obediência do outro. Estes dois lados foram completamente sintetizados quando o sistema mosaico alcançou sua total expressão nas revelações subseqüentes outorgadas no Sinai, das quais o tabernáculo era o clímax simbólico. Este personificava os propósitos de Deus na redenção (Êx 29:43-46), e especialmente no seu santuário interior, o santo dos santos, que era ocupado pelas tábuas da lei sobre as quais o sangue era aspergido uma vez por ano. Agora consideremos a mensagem deste simbolismo. O que permanece é a lei, a natureza de Deus escrita em uma série de preceitos em cuja guarda o seu povo demonstrava sua semelhança com ele (cf. Lv 19: 2ss.). Esta é a exigência perpétua de Deus, em consequência da qual a obrigação constante do povo é a obediência. Mas, conforme a necessidade, os lapsos na obediência são acertados pelo derramamento do sangue da ex-

pliação.

Exatamente como no Novo Testamento, o resultado da obra salvadora de Deus em Cristo *é que não peques. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado* (1 Jo 2:1). No Antigo Testamento (pois a Bíblia é um livro único), o resultado final da redenção era a vida de obediência mas, ao mesmo tempo, o sangue da expiação mantinha um povo desobediente na comunhão de um Deus santo. É desta integridade bíblica da religião que Amós dá testemunho e para ela é que convoca o povo. Certamente houve sacrifícios e ofertas no deserto, mas no ideal mosaico tinha a sua *raison d'être* na exigência da lei para a obediência e para a santidade. Privá-las desse contexto só serviu para transformá-las em um jogo religioso realizado em Gilgal.

Deus não é um jogo

Tendo levado o povo até esse ponto, Amós o enfrenta francamente com questões críticas. Há um meio de garantir a sua herança da terra: retornar à síntese bíblica que constitui a verdadeira religião: de um lado, compromisso com uma vida de obediência, vida de justiça e de retidão (v. 24) e, de outro, a alegre apropriação de todos os benefícios e bênçãos do sangue derramado nos sacrifícios para suprir pelas desobediências e manter aqueles que amam a lei de Deus em comunhão com Aquele que a concedeu. A Bíblia não conhece nenhuma outra prescrição para a segurança eterna. Mas, falhando esta, só resta a expropriação e o banimento.

Uma religião puramente cerimonial jamais pode salvaguardar a verdade ou manter o povo na verdade. Eles tinham sido meticulosos nas cerimônias dos santuários, mas descuidados com a verdade divina. Agora, quando Amós tão inesperadamente levanta a tampa de toda vida religiosa nacional, o que encontramos? Meticulosidade idêntica às cerimônias religiosas dos outros deuses (v. 26)! Os deuses da Assíria ocupavam os corações de Israel muito antes dos exércitos assírios ocuparem as ruas e cidades de Israel. *Sicute*, o deus da guerra assírio, identificado com o planeta Saturno, chamado *Quium*,⁵ estava ali, em Israel, cultuado pelo próprio povo que tão assiduamente afluía a Betel, a Berseba e a Gilgal.

⁵ Os detalhes textuais do versículo 26 não estão confirmados totalmente.

Que blasfêmia (v. 26a) trocar “Iavé, Deus onipotente, o Soberano” (cf. v. 16) pelo “rei Sicute”! Que loucura adorar uma estrela em lugar do Criador das estrelas (v. 26b; cf. v. 8)! Que estupidez exaltar como Deus aquele *que fizestes para vós mesmos* (v. 26b)! Mas lá estava tudo aquilo; e o ritual dos santuários, divorciado da Palavra de Deus, ainda que ouvido, amado e obedecido, não constituía um salvo-conduto. Existe alguma coisa tão perigosa ou tão instável quanto a experiência religiosa isolada da mensagem inteligível de Deus dirigida à mente, ao coração e à vontade?

A questão foi assim examinada. Um povo que realmente nunca possuiu os títulos de propriedade da herança (por mais que sonhasse com isso) tinha de receber a bênção ou, então, perdê-la. Um juízo irônico os levaria *para além de Damasco* (v. 27), para onde, no coração e na mente, eles já estavam seguindo após os falsos deuses. Mas *o Senhor, cujo nome é o Deus dos Exércitos*, “Iavé, o Deus onipotente”, não seria ridicularizado.

A evidência da verdadeira religião é que ela toca a vida inteira com a santidade da obediência à sua Palavra e às suas ordens. Deus não vai viver infinitamente com o mau cheiro da religião falsa em suas narinas e com esse barulho em seus ouvidos.

Amós 6: 1 - 14

O INIMIGO DO POVO

Um dos maiores problemas no estudo dos livros dos profetas é a dificuldade, geralmente sentida, de se entender o conjunto. Os versículos isolados e as seções são bastante explícitas nos seus significados, mas por que uma coisa segue outra? Será que há algum plano ou padrão discernível no todo?

Cada livro deveria ser estudado na presunção de que há um plano, simplesmente porque seria irracional crer que um homem consciente de sua mensagem (tão distinta de simples pronunciamentos individuais) vinda de Deus para uma época, não se preocupasse em colocar as suas “mensagens” numa ordem tal que esclarecesse a totalidade da verdade confiada a ele. Ao mesmo tempo, devemos ser bastante humildes para reconhecer o nosso próprio deficiente poder de compreensão e, portanto, não vamos declarar que não há um padrão ou conexão simplesmente porque no momento não conseguimos percebê-lo.

Neste ponto do nosso estudo da segunda parte do livro de Amós, seria bom recordar o que já estudamos e tentar perceber a mensagem no seu todo. Em 3:9-15 Amós procurou apresentar o tema característico desta seção: o inimigo invasor. Num estilo verdadeiramente bíblico, ele não se preocupou em agir como um prognosticador, mas muito mais como um comentarista perspicaz dos seus próprios tempos. Portanto, ele apresenta este acontecimento futuro à luz das condições sociais (3:9-11), pessoais (3:12) e religiosas (3:13-15) existentes, e como consequência delas. Uma análise mais profunda (4:1-5) revela as motivações interiores de auto-satisfação que fez deles o que eram social, pessoal e religiosamente, expondo-os à oposição séria do Senhor. Cada uma destas seções (3:9-15; 4:1-5)

chegou ao clímax na questão da religião (3:14, 15; 4:4, 5). Agora Amós prossegue com a sua análise, compelido a fazê-lo pelas circunstâncias, pois o que seria mais inaceitável a um povo religioso do que saber que a sua religião o expunha à ira de Deus? Conseqüentemente, ele ensina que a religião, como eles a tinham organizado com base na auto-satisfação, não leva ninguém a Deus (4:6-13), faltando-lhe o componente vital de “voltar diretamente para mim”, isto é o verdadeiro arrependimento, e também não leva ninguém na direção do homem (5:7, 10-13, 14, 15, 24), faltando-lhe o fruto da justiça no culto e para com os outros.

Amós agora chega ao final da seção. Ele vai na direção da declaração culminante sobre o inimigo que virá (6:14), o que ele demonstra ser inevitável, decorrente do que acabara de dizer. Ele não está se dirigindo (como veremos) apenas ao mesmo povo que só faz o que quer e está satisfeito consigo mesmo mas, num nível puramente literário, ele reúne a seção central e as finais de sua mensagem em uma só. Assim, o vocativo “Ai de vós!” de 5:18 encontra eco em 6:1, dando a impressão de que o mesmo pregador está passando para o ponto seguinte do seu discurso para a mesma congregação; o versículo 27 do capítulo 5 anuncia o castigo do exílio e o oráculo do capítulo 6 repete o mesmo a meio caminho (6:7), desenvolvendo-o com a ameaça da invasão no final (6:14); e o terrível “dia do Senhor” (5:18-20) está claramente apresentado no *dia mau* (6:3) e na terrível catástrofe indicada em 6:9, 10 com a implícita e tardia percepção de que o Senhor não está do lado deles.

“Olho por olho”

O oráculo de 6:1-14, portanto, apresenta-se a nós nesta parte do livro de Amós como um lembrete final da terrível seriedade do erro religioso. O erro deles em particular foi o de isolar dois componentes da religião verdadeira que lhes fora revelada — a sinceridade e a cerimônia — e agir como se não houvesse nada mais a ser questionado na vida religiosa. Por que deveríamos supor que eles não eram sinceros quando buscavam a Deus nos santurários? Era porém, uma sinceridade em descompasso com a verdade sobre Deus; era uma crença sincera em um Deus de sua própria imaginação. Além disso, suas cerimônias eram em noventa e nove por cento de acordo com o que Deus tinha ordenado com respeito ao seu processual. Amós só

pôde acusá-los na questão do fermento (4:5), e eles cumpriam dois terços dos sacrifícios ordenados, deixando de fazer apenas a oferta pelo pecado. Mas eles tratavam as cerimônias como um fim em si mesmas, realizando-as para receber os benefícios automáticos e inerentes ao ato cerimonial, e as divorciavam do contexto pretendido por Deus numa vida de obediência moral, de princípios retos e de conduta justa. Assim, a sinceridade anulava a teologia (isto é, no interesse pelo que eles gostariam que Deus fosse, modificavam o ensinamento revelado acerca do que Deus de fato é) e a cerimônia obscurecia a ética. Sua religião era despida de credo e de conduta. Não se originava do que Deus é, nem se importava com o que o homem é. Atendia tão somente o princípio do prazer individual. Sobre esta religião e sobre este povo, o Senhor traria um justo juízo, a devida retribuição.

A retribuição, a devida recompensa pelos atos praticados, é o tema central de 6:1-14.¹ O oráculo começa com uma nota de complacente segurança, e a presunção orgulhosa de pertencer à *principal das nações* (v. 1); e termina com a chegada em cena de uma nação ainda “mais superior”, através de cuja invasão a “principal das nações” entraria num período de sofrimento (v. 14).² A voz da propaganda se ouve nos versículos 2 e 13, vangloriando-se da moral pública com referência aos sucessos, pretensos ou reais, do reino. No versículo 2, citam-se exemplos das nações vizinhas (Calne e Hamate no norte, Gate no sul), cujos visitantes poderiam se impressionar

¹ A retaliação é um conceito quase completamente rejeitado nos dias de hoje, mas é central na doutrina bíblica da justiça civil e divina. A Lex Talionis (cf. Êx 21:33ss., Lv 24:19, 20; Dt 19:21; Mt 5:38) geralmente é denegrida como selvageria ultrapassada, mas não é verdade: é a salvaguarda da justiça imparcial e justa; diz que o crime e o castigo devem se equilibrar de maneira exata. Em todo o contexto do Antigo Testamento, este princípio da justiça exata se aplica aos tribunais de justiça; era a orientação dos magistrados. O Senhor Jesus estava corrigindo um abuso em Mt 5:38, através do qual se advogava um princípio de vingança particular nos relacionamentos pessoais. Devemos também notar que as palavras “olho por olho”, etc., declaram um princípio, mas não advogam a prática. A lei criminal do Antigo Testamento estava totalmente consciente da possibilidade de converter sentenças em multas, de levar em conta circunstâncias e casos individuais, etc.

² Sobre o verbo *oprimir*, cf. Jz 4:3, onde se menciona um período de opressão.

com uma fartura ainda maior (*melhores* no sentido de “em melhor situação”) e um território mais extenso que o de Israel;³ no versículo 13, é mais simples perceber uma referência ao sucesso de Jeroboão na Transjordânia, apontando possivelmente para locais de recentes vitórias em Lo-Debar e (Astarote-) Carnaim.⁴ Mas a vanglória dos propagandistas era oca. O versículo 3 denuncia-os como deliberadamente cegos para a calamidade vindoura (*o dia mau*) e permissivos à degeneração do estado num reino de terror.⁵ No final do capítulo, sua “vanglória” (v. 13) é a terceira das três comparações do absurdo: tentar cavalgar sobre uma rocha, ou arar o mar com uma junta de bois e inverter os valores morais públicos⁶ (v. 12);

³ Esta é a maneira mais simples e mais eficaz de se entender o versículo 2. Amós arremeda o que o governo faz como publicidade. Alguns comentaristas preferem considerar o versículo num sentido de advertência: são exemplos de um esplendor já passado, malogrado. Isto, contudo, envolve colocar o versículo em uma data posterior ao período de Amós, pois Hamá e Calne não foram invadidas pelos assírios antes de 738 a.C. e Gate, ainda mais tarde. Envolveria também correção da última linha do versículo 2. Caso se objete que estes lugares antigamente não eram famosos por seu esplendor, e portanto, não eram provas muito apropriadas da grandeza superior de Israel, a isto pode-se responder que este é sempre o carimbo da propaganda ilusória: escolher comparações demasiado distantes para que se faça um exame, e transformá-las em alguma coisa impressionante, por isso “a grande Hamá” e “Gate dos filisteus”. Da mesma forma, naturalmente, deve ter havido algum motivo oportuno para a escolha destes lugares.

⁴ A ERAB, de forma correta, toma o versículo 13 com referência a lugares. Isto envolve o exame das consoantes do hebraico indicando o lugar mencionado como, por exemplo, em 2 Sm 9:4; 17:27. As vogais que aparecem no texto hebraico de Amós indicam duas palavras que podem ser traduzidas por “nenhuma coisa”. Notamos que Amós seria capaz de, deliberadamente, pronunciar mal *lô' d^ebar* como *lô' dâbâr* para lograr o seu intento! “Vós vos alegrais com Lo-Debar, sim, vocês estão certos, eu digo “Nada”...!” Hammershaimb prefere tomar Carnaim com o significado de “chifres”, metáfora, como sempre, de “força”.

⁵ No versículo 3, *trono da violência* poderia bem ser “entronização da violência”, isto é, “reinado do terror”, o que, de fato, deve ter sido o reino do Norte nos últimos vinte anos, se nos lembrarmos de que nos dez anos posteriores à morte de Jeroboão II (746 a.C.) houve dez reis, três deles tomando o poder através de golpes políticos. 2 Rs 15:16 ilustra as atrocidades políticas daquele tempo.

⁶ A ERAB consegue manter o texto hebraico inserindo a palavra “ela”, e além disso envolve a dificuldade da palavra “bois” aparecer no plural,

Trabalhando com a passagem deste modo a partir do começo e do fim, podemos ver como Amós cuidadosamente equilibra um fator com outro: a complacência com o desastre; a vanglória com a denúncia de sua falsidade. Da mesma forma os versículos 4-6 e 9, 10 se equilibram. Os primeiros revelam cenas de grande auto-indulgência: preguiça extravagante (v. 4a), glotonaria imprevidente (v. 4b),⁷ frivolidade enganadora (v. 5),⁸ estímulo artificial (e até sacrítudo resultou no “dia mau”, o dia em que o Senhor deixa o reino em ruínas (v. 11).

lego)⁹ (v. 6a) e vaidade pessoal excessiva (v. 6b). Por outro lado (vs. 9, 10), vemos dez homens aconchegados uns aos outros no terror da situação do cerco, assaltados pelas pragas, meros esqueletos (*ossos*) das pessoas bem nutridas que foram: uma sociedade sem desodorantes!¹⁰ O versículo 6 aponta para o principal defeito da queles dias de luxo e indolência: o descuido para com a desintegração do estado e as vidas desfeitas do povo; o versículo 10 completa o quadro: eles tinham ignorado licenciosamente as necessidades humanas (v. 6), por isso chegaram ao ponto de ignorar que Deus se desassociara de suas necessidades com tão profunda alienação que já não é mais permissível nem mesmo usar o seu nome para fazer juramentos provocados pela extrema desgraça.¹¹

uma forma não encontrada em nenhum outro lugar do Antigo Testamento, onde é sempre um substantivo singular coletivo. É óbvio que as consoantes hebraicas têm sido erroneamente separadas entre as palavras. Uma separação diferente nos dá dois exemplos esplêndidos do absurdo: impossível cavalos correrem sobre uma rocha; sem qualquer sentido é lavar o mar (ver a BJ).

⁷ Comer cordeiros e bezerros “do ponto de vista do pastor era ... manifestar uma terrível e imprevidente falta de preocupação pelo futuro” (IB). “Dói ao pastor de Tecoa ver que bons animais são usados para festas deste tipo” (Hammershaimb).

⁸ A zombaria de Amós é que ao passar os dias de maneira ociosa, inútil, compondo canções, eles pensavam que eram legisladores como Davi! *Inventar* pode significar “improvisar” (no sentido musical).

⁹ Hammershaimb sugere que *taças* significam “taças sacrificiais”, isto é, eles usavam objetos sagrados para coisas comuns.

¹⁰ O versículo está totalmente desprovido de detalhes que nos capacitam a ter certeza da situação que Amós tinha em mente. Geralmente, as condições de um cerco, com mortes por fome e pragas, e o inevitável recurso de queimar os cadáveres (o que não era procedimento comum no AT), dão o sentido do versículo.

¹¹ É preciso ter muita imaginação para interpretar “Silêncio! Não devemos

Chegamos, agora, aos versículos centrais (vs. 7, 8). O versículo 7 resume tudo o que veio antes e o faz com a típica clareza de Amós. Esse povo vangloriava-se de sua inquestionável supremacia. Três vezes aparece a palavra “primeiro” ou “principal”: principal das nações (v. 1), *o mais excelente* (primeiro) *óleo* (v. 6), primeiros no cativo (v. 7)! Não vamos deixar de observar as conveniências! Isto é o que eles pensavam de si mesmos. Eram orgulhosos o tempo todo, e o orgulho seria sua ruína. Assim, o tema que termina no versículo 7 fornece o elo para o versículo 8: *Abomino a soberba de Jacó* e, ao mesmo tempo, completa o círculo desta seção do livro de Amós. Aqui novamente, temos algo que vai contra a natureza divina (cf. 4:2): *jurou o SENHOR Deus por si mesmo, o SENHOR Deus dos Exércitos*. . . As duas palavras em letras maiúsculas estão no lugar de Iavé, o divino nome, o Deus da santidade, da redenção e da ira; *Senhor* significa rei ou soberano; *Deus dos Exércitos* é Deus onipotente. Quando este Deus jura *por si mesmo*, empenha toda a sua natureza (o Santo, o Redentor e o Juiz), a totalidade do seu status como Soberano Senhor do mundo, e a totalidade do seu poder efetivo como Onipotente. Novamente o que é que tanto irrita e antagoniza o Senhor? O orgulho humano. E quando o orgulho é atacado, *os seus castelos e a cidade* (capital) (Cf. v. 1) que constituem a sua personificação, também caem.

Lições da História

Consideramos este oráculo como uma série de círculos concêntricos revolvendo-se ao redor de um ponto comum chamado orgulho ou auto-satisfação. Este defeito desastroso existia em primeiro lugar e notavelmente nos líderes da nação: *homens notáveis*. . . *aos quais vem a casa de Israel* (6:1). A palavra traduzida por “notáveis” aparece como “designados” em Números 1:17, onde lemos, literalmente, “designados pelos seus nomes”. Refere-se aos homens “muito conhecidos”, em posições de liderança. O verbo “vem” aparece em Êxodo 18:16 exatamente com o mesmo uso: vir para a resolução

mencionar...”, mas é fácil perceber que, numa situação em que o cortejo fúnebre só encontrava um sobrevivente, eles se sentissem inclinados a usar o nome de Deus de maneira imprudente. Mesmo isto não era permissível. O sentido de alienação de Deus tinha finalmente atingido o alvo.

de casos, para a resolução de disputas ou de complicações. Como estamos procurando extrair as principais lições das seções do oráculo, uma a uma, precisamos entender o seguinte: ele fala primeiro de todos os líderes, e os líderes nunca vivem nem morrem para si mesmos, como qualquer outra pessoa, mas num sentido particular moldam o destino daqueles a quem lideram; *envolvem outros nos moldes* que a sua liderança impõe à organização ou comunidade que estejam liderando; e, portanto, se a sua liderança se coloca sob a bênção de Deus, jamais serão abençoados sozinhos, mas atrairão para a bênção aqueles que os seguem; e, do mesmo modo, se a sua liderança atrai a ira de Deus, jamais irão sozinhos para seu destino: pois quando *será destroçada em ruínas a casa grande, a pequena será igualmente feita em pedaços* (v. 11). De acordo, portanto, com o tom e a tendência da passagem, os quatro importantes princípios seguintes são primeira e principalmente para os líderes, mas, considerando que o líder apenas difere na posição, na responsabilidade nos riscos, e não é de uma espécie diferente dos outros, os quatro princípios têm óbvia aplicação a todo o povo de Deus.

O primeiro princípio que surge é que jamais deveríamos nos contentar com as coisas como estão, pelo simples motivo de que, em cada arranjo humano, há sementes e forças da desgraça e seu solo de cultura mais fértil é a liderança complacente, auto-satisfeita. Esta era a situação nos versículos 1-3. Privilégio: viver nas capitais (v. 1a); reputação: nomeados e procurados (v. 1b); comparados com outros menos afortunados (v. 2a); todas estas coisas engendram o convencimento. As coisas realmente não poderiam ser melhores; tinham chegado ao zênite. Mas, o tempo todo, *o dia mau* estava ali e a liderança convencida era de fato e simplesmente uma forma incipiente de anarquia (v. 3). Nem todos são chamados para a liderança neste sentido, mas todos nós somos líderes do bem-estar de nossas próprias almas e o princípio tem o mesmo peso: mas com que clareza e destaque Amós fala àqueles que são chamados para a liderança da igreja de Deus! Com que frequência, em resposta a pergunta: “Como vão as coisas?”, dizemos: “Tudo na mesma”. Mas não é verdade, pois, pelo menos uma coisa mudou, o dia mau está mais próximo!

Em segundo lugar, o bem-estar da comunidade deve sempre ter a primazia sobre a autocomplacência (vs. 4-7). A palavra “pândegas” é de importância vital na última sentença. Há um cuidado pes-

soal piedoso, sem o qual jamais nos equiparemos, física, mental, ou espiritualmente, para cuidar dos outros; mas há uma autopreocupação ímpia que progressivamente nos cega para a *ruína de José* (v.6). Nestes versículos, a questão se resume no interesse pelo corpo: cama e alimento no versículo 4, bebida e desodorantes no versículo 6 e, o mais significativo de todos, no versículo 5, descobrir novas maneiras de encher o tempo com motivações especiais para fazê-lo. E o tempo todo *José* avança para a *ruína* (v.6). A palavra literalmente significa “destruição de José”, e o seu significado é tão amplo: circunstâncias, tristeza, finanças, família, passado, futuro, alojamentos, escolas — tudo o que destrói o espírito e o coração! Mas a liderança está na cama, ou junto a uma mesa bem servida, ou compondo algumas canções mais, ou talvez ali mesmo na farmácia! Foi a sagacidade de Amós que descreveu a nação como *José*, o rapaz que chorava desesperadamente no fundo do poço enquanto os seus irmãos estavam assentados comendo (Gn 37:23-25; 42:21). É esta referência que nos ajuda a extrair as palavras de Amós do ambiente nacional no qual automaticamente as colocamos e (lembrando que, no seu tempo, o estado e a religião eram apenas dois lados da organização do povo de Deus) percebê-las aplicadas diretamente ao povo e família de Deus. Todos nós somos “José” uns para com os outros, objetos de mútuo cuidado que deveriam marcar a nossa comunhão; mas especialmente para o líder: para ele, o choro de José deveria constituir um precedente.

O terceiro princípio é que deveríamos desejar a paz com Deus e permitir que ele dite os termos nos quais esta paz será desfrutada. A paz aqui mencionada e a paz dos relacionamentos diários harmoniosos, através dos quais podemos assegurar que Deus está conosco e que o seu poder está operando em nosso favor. Não é, neste sentido, a realidade básica da paz com Deus mediante nosso Senhor Jesus Cristo. A tragédia daquele tempo de avaliação para Israel (vs. 7-10) era que, então (já tarde demais), os israelitas perceberam o que tinham perdido. Quando chegou a crise, já tinham andado fora de passo com Deus há tanto tempo que não tinham liberdade de mencionar o seu nome. De todos os lados da questão do andar com Deus, Amós focaliza apenas um: Deus se opõe aos soberbos. O que aconteceria se todos nós decaíssemos do poder de Deus? O que aconteceria se ele, o Soberano Iavé, o Deus onipotente (v. 8), voltasse o seu poder contra nós? Deus se opõe aos soberbos, disse

Tiago (4:6), e mesmo que o tivesse citado dos Provérbios (3:34, LXX), poderia muito bem tê-lo aprendido nesta passagem de Amós.

Finalmente (vs. 11-14), Amós apresenta-nos a necessidade de discernir as coisas que são mais excelentes: o princípio de colocar considerações morais acima de qualquer outra coisa. Se alguém descobrisse a maneira de levar cavalos a escalar rochas ou arar e plantar no mar estéril, que era maravilhosa seria esta! Quando Jeroboão obteve suas vitórias em Lo-Debar e Carnaim, como o povo deve ter se maravilhado e louvado o seu rei! Inverter as leis naturais, inverter o destino nacional, são coisas que o mundo nota; inverter os valores morais não leva ninguém a achar que tenha acontecido alguma coisa significativa. Mas, com base exclusiva na politicagem, uma vez que Jeroboão permitiria que o *juízo* de sua terra fosse transformado em *veneno* (v. 12), a partir dali nenhuma proeza militar poderia salvá-lo. Um inimigo fortíssimo o mantinha nas garras de uma tenaz a partir do extremo norte, *desde a entrada de Hamá até ao ribeiro de Arabá* no extremo sul (v. 14). É assim que as coisas são na visão bíblica do mundo. Nacionalmente, não é a tecnologia que vence as impossibilidades naturais (v. 12a), nem são as armas que ampliam ou garantem as fronteiras nacionais (v. 13), mas a exatidão dos valores morais, mantidos dentro da justiça e praticados com juízo, é que decide o bem-estar, a continuidade e o progresso. Isto também é verdade em se tratando de uma igreja, assim como de um estado; e nós, que estamos acostumados a dizer que as nossas armas ou a nossa luta não são carnais, deveríamos desejar viver de acordo com estas palavras.

Por quê?

Quando o povo viu Samaria em ruínas em 722 a.C., quando as mães foram despojadas de seus filhos, e os maridos das esposas, quando aumentou o número dos órfãos, dos mendigos, dos desabrigados, eles perguntaram: por quê? Os assírios o fizeram, diziam alguns, e estavam certos (v. 14). Deus o fez, diziam outros, e também tinham razão, anto em relação à direção (v. 8) quanto à permissão (v. 11). Nossos líderes o fizeram, era a opinião de outros ainda, e eles também estavam certos (vs. 1-3, 4-7). A soberba o fez, disse Amós (v. 8), e esta foi a avaliação mais realista do inimigo do povo.

TERCEIRA PARTE

O SOBERANO IAVÉ

Amós 7: 1 - 9: 15

Introdução

A seqüência dos ensinamentos no livro de Amós até agora nos leva a esperar que estes últimos capítulos contenham a visão da desgraça sobreindo ao povo de Deus. E este é, de fato, o caso. Na primeira parte, o rugido da ira e a aproximação do julgamento foram ouvidos; na segunda parte, o inimigo começou a cercar a terra; na terceira parte, são desferidos os golpes preditos (cf. 8: 1-3 que ameaça com a sua conclusiva palavra de *silêncio!*, e 9:1-6).

Ao tornar patente o juízo divino, Amós apresenta dois diferentes aspectos na terceira parte do seu livro. Primeiro ele usa, repetidas vezes, o título “o Senhor DEUS”, o Soberano Iavé. Em todo o livro, Amós emprega-o vinte vezes, das quais onze aparecem nos três últimos capítulos. Embora contando os versículos de um modo mais ou menos arbitrário, ainda assim existem cem versículos nos primeiros seis capítulos e o título aparece nove vezes; quarenta e seis versículos nos três últimos capítulos e o título aparece onze vezes, uma vez em cada quatro ou cinco versículos, em comparação com uma vez em cada onze ou doze versículos do primeiro grupo. A sua mensagem requer que se destaque a absoluta liberdade de Iavé realizar a sua própria vontade, fazendo aquilo que esteja de acordo com o seu divino nome. E o que seria, além do fato do juízo e da salvação estarem ambos de alguma forma garantidos: a derrota dos seus inimigos e a segurança do seu povo? Pois isto é que o nome Iavé significa.

Em segundo lugar, nestes capítulos e apenas aqui, Amós fala de Israel, chamando-o de “meu povo”, isto é, o povo de Iavé: cinco vezes nos quarenta e seis versículos, uma vez em cada nove versículos. Sintamos o elemento surpresa aqui! Este é o Amós que trabalhou (a palavra não é suficientemente forte) para acabar com a autocomplacência. Ele nunca falou do “Deus de Is-

rael”; ele se atreveu a dizer que o desejado dia de Iavé seria um dia de calamidade e trevas sem alívio, mas, agora, como as batidas de um relógio: “meu povo . . . meu povo”, estas palavras ecoam até que, na última vez, têm um eco de clímax: “teu Deus” (9:15).

Assim, ao introduzir os seus ouvintes no mais negro vale da sua profecia e descrever toda a ruína que se desencadeará sobre eles, Amós aponta para cima, para um Deus que é soberano para salvar além de julgar, e aponta para o status e para a posição deles como povo desse Deus. Esse é, naturalmente, o perigo que enfrentam, afora o privilégio, pois é o fundamento do juízo inevitável daqueles que se escoram nessa reivindicação sem poder prová-la (3:2), como também o fundamento da salvação eterna daqueles que a reivindicam bem-fundamentados.

Podemos, agora, observar que Amós começa e termina, mais uma vez, esta parte de sua mensagem com a mesma nota. Ele começa com visões de calamidade total que, em resposta à oração, o Senhor compromete-se a não executar: não haverá uma total obliteração (7:1-6), *Não acontecerá . . . Também não acontecerá* (vs. 3, 6). Ele conclui com um julgamento discriminatório a destruição de todos os pecadores presunçosos (9:10) e a bem-aventurança ininterrupta do reino messiânico (9:11-15).

Amós 7: 1 - 6

O DEUS ARREPENDIDO

Raspe-se a superfície da profecia de Amós e aparece a doutrina da segurança eterna, a qual, em termos plenamente bíblicos, significa que o povo de Deus, escolhido por ele, por sua própria, deliberada e livre vontade, também é guardado por ele através de todas as mudanças e contingências, quedas e fracassos da vida e, finalmente, levado por ele ao completo e eterno desfrute de todos os benefícios e bênçãos que ele, desde a eternidade, propôs que seria desse povo. Amós não precisaria modificar seu fraseado se quisesse transformá-lo numa profissão de fé do seu tempo. Ele não possuía o conhecimento da plena operação divina em Cristo Jesus, mas possuía o princípio dessa obra na religião revelada do povo de Deus. A Bíblia realmente fala com uma voz única, principalmente em sua insistência de que Deus nunca abandonará o seu povo.

Na primeira parte do seu livro, Amós lutou para recuperar esta grande verdade no meio dos abusos da época e, particularmente, na presunção doutrinária de que um fato histórico (Êx 3:2) fazia uma diferença eterna entre um povo e todos os outros na terra, de modo que, sem considerar qual fosse o seu modo de vida, esse povo estaria seguro em Deus. Ele apresentou ao povo a falsidade de suas reivindicações de ser o povo de Deus e herdeiros da segurança prometida aos seus escolhidos.

Na segunda parte do livro, suas considerações sobre este tema vão mais longe. Ele desnuda os pecados que denunciam a falsidade das reivindicações comuns de pertencer aos eleitos de Deus e, contrastando, desnuda também aquelas evidências explícitas sobre cuja base uma verdadeira reivindicação poderia ser feita.

Mas, agora, na terceira parte, o assunto se torna decisivo. O juízo iminente, quanto mais se aproxima, revela-se totalmente destruidor. A questão, portanto, não é mais quem pertence ao povo de Deus, mas, resumindo, está Deus preparado para cumprir as suas promessas e colocar uma defesa em volta dos eleitos no dia da ira universal, irresistível e inevitável?

A vontade de Deus

A terceira parte de Amós começa com duas visões de destruição total (7:1-6). Em cada caso, é de tais proporções e de tão oportuno senso que a sobrevivência nacional torna-se impossível: “Como poderá Jacó subsistir? Ele é tão pequeno” (vs. 2, 5, BJ). Em ambos os casos, o Senhor se arrepende e promete que uma coisa dessas não vai acontecer. A repetição torna a mensagem enfática. Duas vezes o Senhor rejeita a idéia de um juízo de total destruição sobre o seu povo. Mas a repetição também é cumulativa. No versículo 3 lemos simplesmente: *Não acontecerá*, mas no versículo 6 encontramos quase uma espécie de réplica afetiva: *Também não acontecerá*. É como se o Senhor se voltasse para o profeta que ora: E nem isto acontecerá! Mais adiante, no versículo 3, quem fala é Iavé, mas no versículo 6, “o soberano Iavé”; uma vez que, na teologia de Amós, Iavé sempre é o Deus soberano, o adjetivo “soberano” não lhe acrescenta nada, mas acrescenta o elemento de garantia absoluta ao que ele se compromete a fazer. Com este sentido, então, de repetição enfática, com força redobrada e com solene afirmação divina, a idéia de total destruição do povo de Deus fica excluída do processo. Não acontecerá, e considerando que é o próprio Senhor que o diz, não pode acontecer.¹

¹ Mays adota um ponto de vista um tanto diferente sobre as visões no contexto. Observando que Amós não ora contra as visões em questão (7:7-9; 8:1-3; 9:1-6), ele defende que é como se Amós estivesse dizendo: “O julgamento de Israel não é a minha vontade, pois eu já afastei a ira de Iavé por duas vezes com a minha intercessão: é decreto final de Iavé e até a intercessão me foi proibida agora”. Mas Amós não diz em parte alguma que foi proibido de orar e é inútil imaginar que uma proibição dessas esteja por trás da subsequente falta de intercessão. Seguindo esta linha de argumentação, Mays fica finalmente obrigado a negar a autoria de Amós nas maravilhosas passagens de esperança do final do capítulo 9, crendo que

Cada uma destas visões dá a sua contribuição para delimitar a extensão na qual o Senhor guarda o seu povo em segurança. A primeira (vs. 1-3) relaciona-se com a calamidade material. Existem alguns aspectos desta visão que não são plenamente explicáveis no atual estágio do conhecimento, mas que, felizmente, não prejudicam a compreensão do todo. Podemos apenas presumir que *as ceifas do rei* eram uma forma de imposto em voga naquele tempo. A referência à *erva serôdia* indica que o rei reclamava as primícias para ele. O restante, então, seria para o lavrador usar como alimento dos seus animais até o ano seguinte. Se essa erva fosse totalmente devorada pelos gafanhotos, como aconteceu na visão, então haveria ruína total nos campos. Isto é o que o Senhor proíbe de acontecer. Nenhuma calamidade terrena pode ameaçar a continuidade do povo de Deus.

Apoiando-nos nesta verdade, vamos avançar um pouco mais e, então, voltar atrás. Quando avançamos, vemos, nas predições de Amós, a destruição dos santuários e a queda da casa real (7:9), um “fim” no qual as cerimônias religiosas serão abafadas pelos gritos de desespero e o silêncio vai encher a cidade dos mortos (8:3) com lamentações (8:10), e a espada perseguirá até a última pessoa (9:1). Amós enuncia tudo isto tendo a mesma tela de fundo: nenhuma calamidade terrena pode destruir o povo de Deus. O Senhor o prometeu; tem de ser assim, e será. Tais calamidades podem parecer arrasadoras, destrutivas e indiscriminadas, mas são delicadas operações de peneiramento (9:9) realizadas por uma mão precisa e todo-poderosa.

Com esta observação, retrocedamos. Amós, na visão, viu uma praga de gafanhotos de proporções e rapidez mortais. De onde viria? A resposta a esta pergunta *me fez ver o Senhor Deus* (7:1) quando desvendou a origem da história: foi ele quem criou os gafanhotos com a presteza e o talento artístico de um oleiro (é o que o verbo *formar* indica). O recado de Amós para o povo de Deus nos ensinamentos desta visão é, portanto, o seguinte: vocês estão vendo a aproximação de problemas, de crises despropor-

ele seja um profeta em cuja mensagem a esperança, se não totalmente ausente, tem apenas um significado marginal. Se este for o caso, a força da inserção das passagens de esperança são, naturalmente, para fazer de Amós um profeta falso, embora Mays, nem é preciso dizer, não defende, nem argumenta, que este seja o caso.

cionais, de desgraça, de calamidade? Olhem para além dos problemas e vejam quem os criou e quem os dirigiu, qual é a mão que os controla e os limita. É a mão do Deus soberano e cheio de graça, “o Senhor Iavé”, que prometeu de antemão que nenhuma calamidade material poderia destruir o seu povo.

A mensagem da segunda visão é significativamente diferente. Todos os detalhes aqui indicam o sobrenatural (7:4-6). O inimigo é o fogo e o nosso pensamento retrocede imediatamente ao capítulo 1 com a sua repetida ameaça *meterei fogo* (1:4, 7, 10 etc.) Segundo as palavras de Mays, é “o fogo divino o instrumento da sua ira”. A promessa, portanto, no âmago desta visão, é que nenhuma ameaça sobrenatural ou divina pode colocar em perigo o povo de Deus. Mesmo aí estão seguros. Amós nos convida a comprovar a força desta garantia. Conforme ele observa (7:4), *o grande abismo* esgotou suas águas sobre o fogo, sem efeito. Certamente era o fogo de Deus. Exatamente como em Êxodo 3:2, não era necessário combustível para alimentá-lo e, em Amós 7:4, não havia o que pudesse apagá-lo.² Seu avanço foi até concentrar-se sobre a *herança*. A palavra usada aqui significa “porção”, ou “quinhão”. Certamente deve se referir àquela terra particular que o Senhor deu ao seu povo.³ Neste ponto, ele é detido pelo decreto divino: *Também não acontecerá* (7:6).

Novamente podemos olhar adiante através das profecias futuras de Amós. Em cada ponto, a calamidade é um ato divino: É ele que se levanta *com a espada* (7:9), *jamais passarei por ele* (8:2), *entenebrecerei a terra e converterei . . . vossos cânticos em lamentações* (8:9, 10), *enviarei fome . . . de ouvir as palavras do Senhor* (8:11), *de lá os farei descer* (9:2), *de lá buscá-los-ei* (9:3), *darei*

² Pode haver uma dimensão quase sobrenatural na referência que Amós faz ao *grande abismo*. Antigamente, o “abismo” (*i^ehôm*) era considerado, na cultura pagã, como a habitação das forças espirituais opostas ao Deus Criador. Seria muito do estilo de Amós (cf. 9:3) brincar com esta idéia: o fogo divino expulsando com o fogo o pobre e velho Tiamat de sua casa e seu lar! Ele tinha mais de uma maneira de declarar a sua fé monoteísta! Alguns comentaristas (cf. BJ com a sua nota de rodapé) crêem que a referência seja a algum suposto armazém ou reservatório dos quais os mares e as chuvas também derivavam suas águas. Tudo isto reforçaria a noção de um fogo completamente irresistível: nada conhecido na terra ou no mundo dos deuses poderia impedi-lo.

³ Esse é o seu significado em Dt 32:9; Mq 2:4.

ordem à espada, e ela os matará (9:4). Mas, novamente, ainda permancece a promessa de que, apesar do que o Senhor vai fazer, ele não pode ameaçar a segurança do seu povo. Apesar de tudo parecer inteiramente certo para a sua aniquilação, a promessa permanece. O povo do Senhor está seguro tanto contra as ameaças sobrenaturais quanto contra as calamidades naturais.

O mistério da oração

Esta determinação de Deus de ter o seu povo para si e de guardá-lo em segurança constitui um total mistério para nós. A única explicação oferecida pela Bíblia é que *não vos teve o Senhor afeição, nem vos escolheu, porque fosseis mais numerosos . . . mas porque o Senhor vos amava* (Dt 7:7, 8). Não é nenhuma explicação, mas é uma imensa garantia. Seu amor é expansivo por natureza; deve haver algum motivo que faz sentido para Deus amar e escolher e, considerando que ele é Deus, esse motivo não pode deixar de ser bom! Amós não se ocupa em explicar o inexplicável mais do que o restante da Bíblia, mas oferece-nos duas visões da vontade de Deus para que sintamos a segurança que nos pertence e o calor do amor que ele expressa.

Ele chama a nossa atenção para o mistério da oração. Os versículos 2, 3, 5 e 6 revelam que é através da oração que a vontade de Deus opera na terra. Mesmo que (como outras passagens nos dizem) Deus determinasse quem seria dele e determinasse guardá-los, a decisão eterna, imutável e infalível só é realizada através da oração. E é, realmente, como se o Senhor desejasse as orações, pois, caso contrário, por que teria permitido que Amós entrasse no segredo do que ele estava fazendo (vs. 1, 4)? “A oração”, diz Pusey, “sugerida por Deus, move Deus, o Legislador de tudo”. Trezentos anos depois de Amós, Malaquias (4:5) predisse a vinda do precursor messiânico e mais de setecentos anos depois de Amós chegou o momento de cumprir essa promessa, mas a palavra do anjo ao idoso Zacarias não foi “a profecia vai ser cumprida”, mas *a tua oração foi ouvida* (Lc 1:13). A oração é um meio pelo qual o Senhor de tudo realiza as suas determinações.

Antes de começar a examinar a segunda das duas visões que Amós nos oferece em relação à vontade de Deus, façamos uma rápida pausa diante deste mistério da oração. Eis aí uma oração

que (poderíamos dizer) Deus incitou, e certamente uma oração que ele ouviu e atendeu. No seu modo de ser, portanto, é um modelo de oração eficiente. São duas, pelo menos, as coisas dignas de nota. Primeiro, ela adota a perspectiva divina da situação: *como subsistirá Jacó? pois ele é pequeno . . . pois ele é pequeno* (vs. 2, 5). Estava longe de ser a auto-avaliação do povo pelo qual Amós estava orando! Não era assim que os *homens notáveis da principal das nações* (6:1) entendiam a sua capacidade, nem pensava assim o prelado Amazias (7:11 ss.)! A oração começa por adotar a postura divina, vendo as coisas e as pessoas como ele as vê, focalizando suas necessidades conforme são avaliadas no céu. Em segundo lugar, a oração olha para a misericórdia e a onipotência de Deus. As duas palavras intercessórias de Amós foram *perdoa* e *cessa*. No primeiro caso, ele age do ponto de vista do pecador e daquele que merece castigo: na natureza de Deus, existe algo para o que podemos apelar, a misericórdia que perdoa. O verbo “perdoar” foi usado unicamente para com Deus no Antigo Testamento. Aponta, portanto, ao que, no seu devido senso, pertence exclusivamente a ele, o poder e a disposição de perdoar. Com a palavra *cessa*, Amós parte da fraqueza e desamparo do homem, e olha para Deus naquilo que é capaz de enfrentar, por maiores que sejam as dimensões da crise:

Ainda que hostes da morte,
E ocultos poderes do inferno,
Com o seu mais horrível porte
Com ira e maldade vierem,
Seguro estarei, pois mais forte
É Cristo meu bom protetor.⁴

E, seja qual for o seu mistério, a oração funciona (vs. 3, 6)!

O arrependimento de Deus

A segunda visão que Amós nos apresenta da vontade todo-poderosa de Deus encontra-se nas palavras *o Senhor se arrependeu* (vs. 3, 6). Com esta expressão (como nos seus ensinamentos sobre

⁴ Isaac Watts, “Join all the glorious names”.

a oração), Amós está dizendo que Deus não deseja um destino sombrio e insensível mas, antes, trata-se de uma preocupação cheia de amor pelo seu povo frágil e necessitado.

A revelação dos gafanhotos e do fogo é uma declaração do que merecemos, agora e sempre. Igualmente, representa um elemento perpétuo na natureza divina: a incessante ira de Deus contra o pecado. Não devemos pensar que subitamente a ira de Deus explodiu contra o seu povo, mas que, felizmente, Amós estava por perto para orar e colocá-lo numa disposição mais branda de espírito. A ira de Deus é perpétua: reação automática de uma natureza santa diante da rebeldia e da impiedade. Mas, igualmente eterna é a sua determinação de receber, de salvar e de guardar o seu povo. É isto que as Escrituras querem dizer quando falam de Jesus como o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13:8; cf. 1 Pe 1:19, 20) e dos cristãos como seus escolhidos antes da fundação do mundo (Ef 1:4). É porque não conseguimos unir estes dois filamentos revelados da natureza divina que o Senhor acomodou graciosamente a verdade à nossa capacidade de expressão, e fala de seu “arrependimento”. Ele se apresenta ouvindo a oração e voltando-se da ira para a misericórdia para que, assim, possamos entender alguma coisa do que está envolvido em seu amor por nós e entender como é grande esse amor quando ele nos contempla nas nossas necessidades. De um lado, deve haver no seu amor aquilo que satisfaz e abranda a sua ira: pois o exercício de um atributo não pode ameaçar a existência de outro, pois assim haveria guerra e não harmonia na natureza divina. Foi-nos revelado que é o sangue de Jesus, o grande dom do amor divino, que satisfaz a ira divina (Rm 3:25). Por outro lado, quando o Senhor olha para o seu povo, a misericórdia triunfa sobre a ira.

Tudo está sendo humanamente expresso. Lutamos com a unidade e unanimidade da natureza divina e o assunto ultrapassa a nossa lógica deficiente. Mas ele, que sabe todas as coisas, permite que vejamos que, em relação a nós, seu povo miserável, desamparado e merecedor da ira, o seu amor vence e nesse amor estamos seguros.

Amós 7: 7 - 9

EDIFICADO CONFORME AS ESPECIFICAÇÕES

As realidades celestiais estão sujeitas à verificação terrena. Esta é uma das características da doutrina bíblica. Vamos examinar, por exemplo, as coisas que pertencem inteiramente ao reino divino. Na religião do Oriente Próximo antigo, havia uma doutrina clara de que o mundo fora criado pelo deus-criador, mas que na proposição e execução desta tarefa ele não teve um plano explícito. Havia também um deus da destruição determinado a não tolerar uma coisa tão ordenada e estável como a criação. Portanto, antes que o mundo fosse criado, estes dois deuses tiveram de lutar e, no final, o deus-criador triunfou e foi aclamado como vitorioso e rei dos deuses. É muito interessante notar em que ponto este mito espia para dentro da Bíblia: não na criação que é um dos aspectos mais notáveis da história do Gênesis, livre de qualquer marca de politeísmo, e especialmente de qualquer inferência de uma luta pré-criativa. A vitória de Iavé sobre todos os supostos deuses aconteceu no Mar Vermelho (cf. Is 51:9-11), onde Rahab, o deus do caos, foi destruído. O depoimento da Bíblia é que isto foi feito na terra, diante de testemunhas oculares (cf. Js 4:23, observando que Josué diz “nós”). Conseqüentemente, enquanto o poder de Marduque, o deus-criador, sobre o poder de Tiamate ou Rahab, o deus do caos que habita nas profundezas, é assunto de credulidade sem provas; o poder de Iavé sobre as forças das águas é um fato observado e comprovado.

No Novo Testamento, a mesma importância é concedida à evidência da sepultura vazia: a ressurreição de Jesus não é um modo de dizer que “alguma coisa” aconteceu no céu entre Deus e Jesus (como na idéia cananita de que “alguma coisa” aconteceu entre o

deus-criador e o deus dó caos); a ressurreição está sujeita à verificação terrena: o testemunho das pessoas que foram e viram a sepultura vazia e as outras evidências da realidade do que aconteceu. Igualmente, o milagroso aquietamento da tempestade é a prova objetiva de que Jesus tem poder para aquietar todas as tempestades (inclusive as tempestades particulares de nossas vidas) e, sem essa certeza objetiva, estaríamos vivendo em um mundo de faz-de-conta.

Estas ilustrações são passíveis de serem estendidas quase infinitamente, mas a questão é a seguinte: exatamente como as verdades invisíveis e intangíveis sobre Deus foram verificadas através de acontecimentos pela observação e foram, assim, introduzidas no reino da verdade, assim também as realidades invisíveis e intangíveis do nosso relacionamento com Deus precisam ser verificadas através de um testemunho visível. É preciso que haja evidências claras de que possuímos paz com Deus, perdão e segurança eterna, pois na falta de evidências temos apenas rumores e boatos, nenhuma certeza.

Sem oração

É nesta esfera que Amós nos apresenta a visão do Senhor de pé, com um prumo em sua mão. A coisa toda é terrena, cheia de muros e tijolos tangíveis, medidas e testes verificáveis. Em relação a isto, é preciso notar, Amós não ora, pelo simples motivo de que provas fazem parte inseparável da experiência do povo de Deus: provas destinadas a demonstrar a realidade ou a irrealidade da sua profissão de fé. Eis a diferença entre esta visão e as duas precedentes. Estas não continham elementos de teste; falavam de mecanismos eficientes de destruição total, dragando tudo diante do povo. Já o prumo é delicado, preciso, diferenciador, observando o que atende os requisitos e o que não atende. Assim, a visão do prumo desenvolve o que até agora ficou inexplicado. O Senhor afastou-se da idéia da eliminação total do povo, mas o que ele resolveu fazer? Eis a resposta: uma prova discriminatória, de separação, separando isto daquilo; uma prova não de reivindicações, mas de evidências sobre as quais poderiam ser feitas reivindicações válidas. Vamos expô-lo assim, dentro dos termos da própria visão: uma pessoa pode declarar que possui toda qua-

lificação e aptidão para construir, mas o prumo aplicado à parede revela logo se a declaração é válida ou espúria. Exatamente o mesmo tem de acontecer com o povo de Deus: este pode muito bem reivindicar todas as bênçãos e qualificações celestiais e espirituais, mas o prumo da prova divina aplicado a determinados aspectos avaliáveis de suas vidas logo mostrará com que realidade essa reivindicação está sendo feita. Amós, portanto, não ora nesse sentido, pois uma prova como essa pertence aos termos de referência do povo de Deus; faz parte da sua constituição.

O prumo: o que é?

Lemos (7:7) que Amós viu o Senhor que *estava sobre um muro levantado a prumo; e tinha um prumo na mão*.¹ Existem dois elementos distintos nesta descrição do que Amós viu: primeiro,

¹ A frase “um muro levantado a prumo” proporciona aos comentaristas dificuldades excepcionais e muitos deles o amputam do texto como, por ex., Cripps e Hammershaimb. A BHS orienta (mas não oferece evidências) que deveríamos ler “muro” e amputar o “prumo”. No hebraico, isto envolve a remoção de apenas uma palavra, mas por que isto deveria ser feito? O problema é de interpretação, não de manuscritos ou de estudo textual. Os comentaristas mencionados (também Mays que, contudo, não discute a frase “um muro levantado a prumo”, e a IB que advoga alterações muito mais completas do texto hebraico) supõem que a visão do prumo é de condenação total. As duas primeiras visões (gafanhotos e fogo) apontam para ameaças às quais o povo não sobreviveria; a prova do prumo, para um teste no qual o povo não passaria. É neste cenário que Mays propõe que se Amós deixou de orar, podemos interpretar que foi proibido de fazê-lo: o Senhor pôde deixar de lado os gafanhotos e o fogo para alcançar o seu propósito, mas sente-se inclinado à total destruição. É um ponto de vista totalmente irracional. Não há nada que sugira que o prumo, quando aplicado, reprovava a todos sem exceção, embora, naturalmente, se os comentaristas estão corretos em identificar o prumo simples e exclusivamente com a lei de Deus, então, de fato, todos falhariam. E, por outro lado, seria irracional explicar o símbolo deste modo restritivo. Este assunto, entretanto, deve ser resolvido comparando-se uma exegese com outra. Aquilo que é apresentado neste livro é oferecido para exame como a mais óbvia explicação em seu próprio contexto, mais realístico no cenário da religião do livro de Amós, e como que possuindo o que deveria ser tomado como o seu mérito máximo, a capacidade de preservar o livro de Amós intacto até o versículo final do capítulo 9.

o muro fora “levantado a prumo”,² e, segundo, o muro estava sujeito a uma prova de prumo. Em outras palavras, possuía desde o começo aquilo que era necessário a fim de passar na prova que lhe seria feita no final.

Se quisermos interpretar o prumo corretamente, então deveremos procurar aquilo que foi inicialmente dado ao povo de Deus e que poderia no final (ou em qualquer momento) ser usado como medida padrão para provar a sua realidade. Não é difícil descobrir o que é. A auto-revelação de Deus transformou esse povo em um povo separado: Deus os escolheu e revelou-se a eles. Essencialmente, foi o “Eu sou” da revelação divina que os criou. Através de todos os anos preparatórios, patriarcais, foi o reiterado “Eu sou Deus, o Deus de teu pai” (cf. Gn 46:3) que mantinha a família unida e distinta de todas as outras. Isto atingiu proporções finais e definitivas no “Eu sou Iavé” (p.ex., Êx 6:6) do período mosaico.

A lei

Mas uma auto-revelação dessa natureza tem a capacidade de re-
cuar ao passado. Como o Senhor transformou a auto-revelação numa coisa de relevância contemporânea para o seu povo? Ele o fez exigindo que, no todo da vida diária, eles refletissem a sua imagem: *Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (Lv 19:2). Esta passagem de Levítico é especialmente esclarecedora porque, mais do que a maioria, dá uma explicação da natureza e do propósito da lei que o Senhor deu ao seu povo. Levítico 19 é uma das declarações mais completas da lei para a vida do povo de Deus. Os preceitos dados cobrem virtualmente todas as áreas; são intensamente variados, mas têm um denominador comum: foram dados porque *Eu sou Iavé* (19:3, 4, 10, 12, 14, 16, 18, 25, 28, 30, 31, 32, 34, 36, 37). Este refrão não é principalmente uma declaração de autoridade (Façam porque eu disse), embora seja também isso; é, antes, uma declaração de relaciona-

² O hebraico diz “um muro a prumo”, uma fórmula adjetiva muito bem exemplificada na qual o segundo substantivo age qualificando o primeiro. Exatamente como um “homem de Deus” é um homem piedoso”, assim um “muro levantado a prumo” é um muro edificado com um prumo, como na ERAB. Não há problema textual aqui quanto à correção ou quanto ao significado das palavras.

mento entre o Legislador divino e a lei que ele dá: é um reflexo de sua natureza; a lei é o que é, porque ele é o que é. A lei é a extensão verbal da pessoa e da presença de Deus entre o seu povo; expressa em preceitos aquelas coisas que existem como princípios dentro de sua natureza. Deuteronômio 4:7 apresenta estas verdades em perfeito equilíbrio: *Pois, que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o Senhor nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? E que grande nação há, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho?* A auto-revelação do Senhor que fez de Israel o que ela é dentre todas as nações foi cristalizada na lei preceitual, e a característica do povo de Deus veio a ser revelada externamente na sua vida de obediência.

Redenção

Mas a lei não era o único nem o primeiro elemento na auto-revelação do Senhor ao seu povo. Permanecendo ainda mais perto do âmago da questão estava a sua obra de redenção. A clássica definição de lavé não é “que lhe deu esta lei”, mas “que o tirou da terra do Egito” e é esta atividade redentora que foi escolhida como prefácio adequado para a apresentação dos dez mandamentos (Êx 20:1 ss.). Os dois aspectos da auto-revelação de Deus pertencem um ao outro; um sem o outro deixaria a revelação imperfeita e truncada. Mas na ordem cronológica, considerando que ele foi em primeiro lugar Redentor, através do sangue do cordeiro pascal, ele se tornou também o Legislador, ordenando a lei como o padrão de vida adequado para aqueles que a redenção aproximou de Deus. Novamente Deuteronômio dá uma expressão teológica perfeita a isto: *Porque o Senhor vos amava . . . o Senhor vos tirou com mão poderosa e vos resgatou. . . Saberás, pois, que o Senhor teu Deus é Deus . . . Guarda, pois, os mandamentos, e os estatutos e os juízos que hoje te mando cumprir* (Dt 7:8-11). O amor resulta em redenção e dá início a uma vida de obediência aos mandamentos. Na vida do povo de Deus há uma lei da graça: apenas por meio da graça de Deus concedida gratuitamente é que eles foram aproximados dele e apenas pela graça podem ser mantidos em sua presença como um povo aceito. Se abandonam a lei da graça, perdem a comunhão com o seu Deus. A lei da graça foi expressa no código dos sacri-

fícios, os quais, precisamos lembrar, não foram dados como um meio para que os pagãos pudessem se reconciliar com o Deus de Israel, mas como um meio pelo qual Israel, o povo remido pelo sangue do cordeiro no Egito, pudesse ser mantido em comunhão com o seu Deus-Redentor.³

Igualmente, na vida do povo de Deus há a graça da lei. Em sua perfeita bondade para com o seu povo, Deus não o deixou na ignorância da vida que o agrada. Ele se revelou nos preceitos que são em si mesmos um modo de vida através do qual o crente pode testemunhar que *andarei com largueza* (liberdade), *pois me empenho pelos teus preceitos* (Sl 119:45).

O que, então, resumindo, é a vida peculiar do povo de Deus? Foram atraídos pela graça, remidos pela graça expressa no sacrifício de sangue; andam com ele de acordo com padrão da lei, o padrão da própria vida dele; e são acompanhados pela mesma graça redentora para que possam recorrer a ela para expiação, purificação, perdão, renovação e qualquer coisa que possam precisar para continuar na sua santa comunhão. A graça da lei e a lei da graça formam os fios entrelaçados do prumo divino.

Será que Amós acreditava nisto? Poderia acreditar em algo diferente? Como vimos, sua pergunta retórica: “Apresentastes-me . . . sacrifícios e ofertas . . .?” (6:25) reafirmou a autorização divina do culto no seu devido lugar e uso. Sua constante ênfase sobre a justiça e o juízo demonstram a força de sua compreen-

³ O Antigo e Novo Testamentos são idênticos aqui em princípio, embora diferindo na apropriação. No Antigo Testamento, o sacrifício da páscoa foi oferecido na terra do Egito; era o sacrifício-redentor e, uma vez realizada esta redenção e tendo o povo saído do Egito, o sacrifício pascal do cordeiro só poderia ser lembrado, não repetido. Ele tinha feito o seu trabalho uma vez por todas. Entretanto, por causa da fraqueza de um sacrifício meramente animal, o povo precisou do sistema repetitivo, a páscoa tinha de ser “lembrada” por meio de um sacrifício anual idêntico em espécie ao que fora oferecido no Egito, e a eficácia diária do sangue redentor estava à disposição do povo de Deus através dos repetidos sacrifícios do código levítico. Se um estrangeiro quisesse juntar-se ao povo de Deus, ele o fazia através da circuncisão, o que lhe dava acesso à páscoa e, a partir daí, a todos os sacrifícios. No Novo Testamento, o sacrifício do Cordeiro de Deus, o Senhor Jesus, é de eficácia eterna (Hb 10:12, etc.); ele é lembrado em uma refeição não-sacrificial, indicando que o que foi feito uma vez por todas sobre a cruz está constantemente à disposição por meio da fé para apropriação, simplesmente “alimentando-se” dele.

são da importância fundamental da lei que Deus deu ao seu povo. Quando, portanto, o Senhor apresenta-se com o prumo, não é para condenar a todos sem exceção através de uma aplicação direta da lei à vida individual, aplicação do padrão da vida divina, diante da qual cada um é desesperadamente culpado; como também não é para isolar o sacrifício cerimonial rejeitado, através de Amós, como religião parcial e inaceitável; mas é para ligá-los na devida ordem bíblica e para declarar condenação a todos os que tentam viver pela lei e se esquecem da graça; para declarar igualmente que são condenados os que buscaram a graça dos sacrifícios, mas se esqueceram da justiça e do juízo da lei; e para aceitar a todos aqueles que edificaram a estrutura de suas vidas de acordo com o fundamento horizontal da graça e de acordo com a ereção vertical da lei. Esses serão examinados pelo prumo, que vai aprová-los.

Os rejeitados

A intenção do Senhor é introduzir este prumo discriminador *no meio do meu povo* (7:8). A expressão “meu povo” é, naturalmente, significativa. Neste contexto particular, tem a mesma força que notamos em 3:2. As pessoas que se aproximam de Deus não podem evitar que sejam testadas e julgadas. Como observa Mays: “O nome teológico ‘meu povo’ torna claro que Israel vai ser julgado precisamente em sua identidade como povo da aliança”. A frase seguinte amplia o pensamento: *E jamais passarei por ele*. A expressão idiomática completa que se encontra aqui resumida, como também em 8:2, encontra-se na seguinte forma em Miquéias 7:18: *te esqueces da transgressão do restante*. Em Amós temos a elipse “passarei por eles”. Comparando-se as duas passagens, vemos o significado “perdoá-los”. O Senhor não vai mais desviar o “olho cego” do perdão paciente; o prumo está colocado no meio e apenas aqueles que vivem pelo seu padrão podem se reconhecer como participantes do seu povo real e verdadeiro.

Os primeiros a cair com este teste serão *os altos de Isaque . . . e os santuários de Israel* (7:9).⁴ Não precisamos recordar cada

⁴ Não temos certeza por que “Isaque” foi citado aqui. Isaque está associado, no Gênesis, apenas ao santuário de Berseba (Gn 26:33; 28:10). Calvino

detalhe da religião dos áltos e dos santuários. Eram lugares onde a graça era abusada e a lei, negligenciada. A graça era abusada primeiramente em sua natureza. A graça de Deus na tradição mosaica era o amor de Deus livremente derramado para atrair os pecadores a si. Era totalmente espiritual: em sua origem em Deus e em seus benefícios entre os homens. Mas, nos santuários, a graça buscada era o benefício da prosperidade terrena através da fertilidade da terra, do gado e da família. A graça era abusada, em segundo lugar, em sua apropriação, pois nas Escrituras a graça é concedida em resposta à oração, mas nos santuários a bênção de Deus era buscada por meio de rituais de fornicção: o ato da fertilidade humana era usado como um subsídio visual para incitar Deus a realizar sua função paralela para o mundo. Ficariamos admirados vendo este abuso da graça cair diante do prumo? Outrossim, como já vimos, não havia nada mais nos santuários além disso, nenhuma pressão para uma vida reformada, nenhuma voz da lei de Deus chamando à obediência. Os santuários, portanto, foram julgados pelo prumo e foram achados inadequados: abusaram da graça e esqueceram-se da lei.

O segundo candidato à rejeição foi *a casa de Jeroboão* (v. 9). Este rei politicamente hábil, que foi chamado pelo nome do rei fundador do cismático reino do norte e o último rei a angariar riquezas e estabilidade para o seu reino, recebe pouca atenção na narrativa do livro dos Reis, mas está registrado que ele *fez o que era mau perante o Senhor; jamais se apartou de nenhum dos pecados de Jeroboão, filho de Nebate, que fez pecar a Israel* (2 Rs 14:24). O pecado de Jeroboão, filho de Nebate, falando do assunto de maneira geral e não entrando nos detalhes, foi basicamente o pecado da desobediência à lei do Senhor. O seu reino lhe foi dado sob condições morais: *Se ouvires tudo o que eu te ordenar, e andares nos meus caminhos, e fizeres o que é reto perante mim, guardando os meus estatutos e os meus mandamentos . . . eu serei contigo, e te edificarei uma casa estável . . .* (1 Rs 11:38). Mas Jeroboão não agiu assim. Para dizer a verdade, seu

zomba que “os israelitas pretendiam absurdamente imitar o seu antepassado em suas superstições”. Talvez fosse uma versão religiosa de alguma expressão humorística popular do Israel do Norte, com muitos santuários rivalizando no patrocínio ancestral de Isaque.

primeiro ato importante foi desobedecer Iavé na questão dos santuários de Betel e de Dã e na criação dos bezerros de ouro. Jeroboão, portanto, é o homem que rejeitou a lei do Senhor e continuou corrompendo a graça do Senhor também.

Vemos nestes dois exemplos de rejeição a unidade da vontade de Deus. Nos santuários, quando a lei da graça foi abusada, a graça da lei foi esquecida; na casa real, quando a graça da lei foi esquecida, a lei da graça foi abusada. Ambas falharam no teste do prumo.

Mas entre o povo do tempo de Amós, existiram também aqueles cujo testemunho de um lado era: *Quanto amo a tua lei! . . . Por meio dos teus preceitos consigo entendimento; por isso detesto todo caminho de falsidade* (Sl 119:97, 104), e de outro: *Quão amáveis são os teus tabernáculos, Senhor dos Exércitos! . . . O pardal encontrou casa, e a andorinha, ninho para si, onde acolha os seus filhotes; eu, os teus altares, Senhor dos Exércitos, Rei meu e Deus meu!* (Sl 84:1, 3).

Nosso Pai de paz e Deus de amor,
Temos da salvação teu poder
Pelo qual Jesus nosso Pastor
Da morte vitória veio obter.

A Ele dos mortos levantaste,
Que com o seu sangue confirmou
E para todo o sempre selou
A eterna aliança que firmaste.

Vem o teu Espírito selar
Nossas almas com o teu poder
Para nunca mais se desviar
Nossos corações do teu querer.

Para que mais nos aproximemos
Do teu porte sagrado e perfeito;
Para o que pensamos e fazemos
A tais olhos agrade e seja aceito.⁵

Philip Doddridge.

Amós 7: 10 - 17

O HOMEM DE DEUS

Chegamos, agora, a um interlúdio muito vívido e interessante no livro de Amós: uma entrevista pessoal entre ele e um personagem conhecido como *Amazias, o sacerdote de Betel*. Este pedacinho de narrativa pessoal sobre Amós revela sua grande coragem, mas, mais do que isto, instrui-nos profundamente sobre a natureza e a função do homem de Deus, as experiências que ele pode esperar, os recursos que ele pode suscitar e a perseverante força que marca a sua carreira.¹

O aparecimento da narrativa pessoal neste ponto do livro pode ser explicado de três maneiras. Primeiro, está cronologicamente no seu devido lugar. Podemos presumir que seja a predição franca de 7:9 que se comprovou ser a última gota para Amazias, que imediatamente levou o assunto ao tribunal e, aparentemente não obtendo nenhuma reação de Jeroboão, decidiu enfrentar o próprio Amós. Segundo, a narrativa tem uma função autenticadora (cf. 3:3-8). Amós acabara de apresentar um argumento bem fundamentado quanto à inevitabilidade da queda do estado

¹ É interessante especular se esta narrativa tinha uma história separada antes de ser incorporada ao livro de Amós. Mays atribui a autoria a um discípulo ou a um grupo de discípulos, explicando assim o seu uso na terceira pessoa do singular em Amós. Talvez seja. Está implícito nas críticas de Amazias (v. 10) que Amós era uma pessoa de influência alastrante. Pessoas assim, tal como o próprio Amós, usando discretamente a terceira pessoa, poderiam ter usado esta narrativa como um folheto de propaganda, ou como um cartaz (cf. Is 8:1; 30:8), com a intenção de autenticar o ministério de Amós, fazendo circular o seu testemunho de uma chamada divina.

com suas instituições, a nacional e a eclesiástica (7:7-9). A maioria dos seus ouvintes deve ter achado uma coisa incrível. Não é fácil para um povo muito religioso aceitar que a sua religião está ofendendo a Deus! Amós lhes apresenta também as credenciais que tem, e o fato dele estar em sintonia com a realidade de sua vocação de profeta e seu encargo de profetizar no Norte, enfrentando a desaprovação oficial, dá peso e credencia a forte possibilidade de que ele realmente veio da parte de Deus para enunciar esta verdade desagradável. Em terceiro lugar, dentro do contexto, o encontro entre Amós e Amazias fornece um exemplo claro da operação do prumo. É essencialmente um teste pessoal: o Senhor colocando o seu prumo nas vidas de cada um. Até aqui, Amós o aplicou apenas às instituições: ao clero e à monarquia (7:9). Entre ele e Amazias, o prumo terá de decidir os destinos de cada um e, como veremos, seus princípios de operação permanecem os mesmos. Mas vamos deixar estes diversos fios de ligação entre os versículos 10-17 e 7-9 em segundo plano por um momento, para prestarmos atenção e este retrato de um homem de Deus.

As provas são inevitáveis

Não há serviço prestado a Deus sem oposição, sem perseguição e sem provação. Esta verdade jaz à superfície da história que temos diante dos olhos, e vale a pena enfrentá-la e aceitá-la como ela é. Com que freqüência os servos de Deus são derrubados com o aparecimento de dificuldades e oposições! As Escrituras são suficientemente explícitas para que não estranhemos *o fogo ardente que surge no meio de vós, destinado a provar-vos* (1 Pe 4: 12), mas é exatamente o que acontece: estranhemos! Amós se depara com as suas provas e oposições exatamente como nós. Parece que o sucesso faz um convite especial à oposição. As palavras de Amazias constituem “um tributo involuntário ao poder e à magnitude da influência divina de Amós” (IB): *a terra não pode sofrer todas as suas palavras*. Amós era um bom estrategista da palavra de Deus. Ele pregava onde o povo estava, nos santuários onde o povo fazia suas peregrinações, e a mensagem e a influência se espalhavam a partir daí. Amazias e seus companheiros começaram a tremer. Amós e os seus amigos não teriam sido reais se ninguém tivesse lamentado essa oposição “quando as coisas

estavam começando a ir tão bem”. Mas, naturalmente, Satanás também é um bom estrategista! Elê sabe quando e como atingir para alarmar mais e criar o maior abatimento.

Amós foi provado de três maneiras. A primeira foi a deturpação de suas palavras (7:10, 11). Amazias apresenta a mensagem de Amós de tal maneira que parece uma pequena coleção de fatos, muitos deles verdadeiros, dando uma impressão totalmente falsa deste homem, de sua mensagem e (particularmente) de suas motivações. Ele foi acusado de conspiração (isto é, sua lealdade foi posta em dúvida: um truque favorito daqueles que desejam desacreditar uma pessoa e que sabem que os fatos reais e o significado verdadeiro não são esses!); suas palavras foram torcidas, como se ele tivesse dito que Jeroboão morreria na batalha; e a citação final de algo que ele disse foi feita como prova final da intenção da traição. As palavras de Jesus *mentindo, disserem todo mal contra vós* (Mt 5:11) são uma advertência do que temos de enfrentar; portanto, estejamos prevenidos.

A segunda prova foi a tentação (v. 12). Esta prova enfocou principalmente as motivações de Amós de servir a Deus. Primeiro ele é tentado a agir em interesse próprio. As palavras hebraicas *vai* e *foge* incluem uma ênfase adicional: “para o teu próprio bem”, dando a entender que, em caso contrário, uma coisa desagradável aconteceria.² Depois, ele é tentado a buscar o sucesso para o seu próprio bem: *vai-te . . . foge para a terra de Judá*, dando a entender que uma mensagem de condenação contra Israel encontrará um auditório natural entre os sulistas, de modo que Amós é tentado a enunciar a sua mensagem onde seria ouvida e não onde precisava ser ouvida. Em terceiro lugar, ele é tentado pela segurança: *e ali come o teu pão*. Amazias tem por certo, ou pretende tê-lo, que Amós está trabalhando por dinheiro e que, portanto, estará interessado em saber que o pagamento de Judá é melhor e feito com mais regularidade, garantindo a próxima

² Não há necessariamente nada de pejorativo no vocativo *ó vidente* (v. 12). A palavra é usada como sinônimo de “profeta”. Possivelmente Amazias pretendia falar de um modo chistoso, e usou este jeito pelo fato das recentes mensagens de Amós terem sido referentes à experiência visionária (7:1-9). “Muito bem, mais alguma boa visão hoje? Escute aqui, um conselho para você, eu sairia do norte se estivesse em seu lugar...” Podemos ouvi-lo, acrescentando: “Para o seu próprio bem!”

refeição. Não sabemos se o próprio Amazias acreditava nisso, mas essa foi a tentação que lançou sobre Amós.

A terceira prova veio na forma de uma confrontação com as autoridades (v. 13). Amazias se reveste de toda a sua arrogante posição eclesiástica: o clero não permitirá que esse tipo de coisas aconteça junto à sua porta! Betel é uma Capela Real e uma Catedral Nacional e gente como Amós está decididamente como peixe fora d'água! Mas Amós não foi o único que teve de enfrentar as autoridades. Não disseram aos apóstolos: *Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome, contudo encheis Jerusalém de vossa doutrina* (At 5:28)? Que resposta esplêndida: *Antes importa obedecer a Deus do que aos homens* (At 5:29)! Amós não se orgulharia de Pedro?

Um fundamento que permanece

O fogo passa de Amazias (vs. 10-13) para Amós (vs. 14-17) e permanece ali, apresentando-nos mais duas facetas do homem de Deus.

O homem de Deus permanece com a sua autoridade divinamente concedida. A essência do que Amós diz a Amazias pode ser resumida nas palavras: “Não eu . . . o Senhor”.³ Ele coloca todo o seu argumento sobre o simples fundamento da obediência à palavra vocacional de Deus. Contra a tentativa de Amazias de colocar Amós “no seu devido lugar”, este replica que tem, em primeiro lugar, a autoridade da vocação, *o Senhor . . . me disse: Vai; e*, em segundo, a autoridade da revelação, a posse de uma palavra vinda de Deus para falar: *Vai, e profetiza*; em terceiro, a autoridade do comissionamento: *Vai . . . ao meu povo Israel*. Amós destaca esta autoridade com uma negação e com uma afirmação. Ele nega

³ Controvérsias tremendas rodeiam a tradução de 7:14. O âmagô da questão é que o hebraico não usa nenhum verbo no versículo 14 e, na maioria dos casos, quando isto acontece, a pressuposição correta é que deve ser subentendido o verbo “ser” no presente. Assim fizeram a ERAB e BJ. O problema parece que se encontra no fato de fazer Amós negar, no versículo 14, o que ele muito enfaticamente afirma no versículo 15 (como coisa básica a todo o seu ministério): “Eu não sou profeta... O Senhor me disse: ‘Vai e profetiza’ ...” isto é (mais literalmente), “Vai, cumpre o papel do profeta”. Diante desta contradição, parece muito mais razoável adotar o tempo pretérito no versículo 14, como a ERC, dando uma tradução plenamente inteligível e realmente eficaz.

que a sua autoridade seja de alguma forma autogerada. Ele não era um *profeta* por natureza, nem se nomeara ele próprio como tal; não tinha também ambições ou planos que o colocassem no estágio probatório de *filho de profeta*, membro de uma escola ou sociedade presidida por um profeta mais velho (cf. 2 Rs 6:1). Sua vida e atenções estavam dirigidas para um trabalho secular, trivial, de criar gado e plantar sicômoros. Por outro lado, ele afirma que *o Senhor me tirou*. As palavras seguintes *de após o gado* implicam no elemento de surpresa e de instantaneidade, por assim dizer, quando ele estava (com satisfação) ocupado com suas tarefas diárias e foi detido, preso, recrutado. Uma mão autorizada vinda de fora agarrou-o e ele se tornou o que não era antes e o que nunca teria pretendido ser.

Não nos causa admiração que Amós não fosse um “profeta com temor do homem”. Ele sabia qual era a sua posição com Deus. Quando chegou o momento da prova e especialmente quando uma forte autoridade humana o pressionou para desistir, certamente podemos perceber os pensamentos que ele teve: Tenho uma vocação divina que devo obedecer, uma palavra de Deus a falar, uma obra de Deus a executar. Foi isto que manteve o homem de Deus firme no momento da provação e da oposição: estava naquela posição por decreto divino.

E, tendo feito tudo, permanecer

O terceiro aspecto do homem de Deus que encontramos neste retrato de Amós é que ele permaneceu fiel à Palavra de Deus (vs. 16, 17). Impressiona muito ouvir Amós tomando a iniciativa: *Ora, pois, ouve a palavra do Senhor*. Amazias dissera: *Em Betel, daqui por diante, já não profetizarás*, e Amós respondeu: *Ora, pois, ouve a palavra do Senhor*. Mas ele torna o assunto ainda mais enfático, repetindo as palavras de Amazias: *Tu dizes: Não profetizarás . . . Portanto, assim diz o Senhor . . .* Amós foi fiel às suas palavras anteriores: *Falou o Senhor Deus* (o soberano Iavé), *quem não profetizará?* Contudo, por favor, não pensemos que ele foi vulgar, fanfarrão ou insensível ao responder a Amazias. O produto de um profundo sentimento de autoridade e de um profundo respeito pela palavra de Deus é, na melhor e mais pura forma, a palavra calma da razão e do respeito, nunca a palavra mal-educada

da ou abusiva, nunca a palavra da controvérsia vociferante. A ira do homem não pode alcançar os propósitos justos de Deus (Tg 1:19).

Ouçamos, portanto, como Amós descreve a palavra que tão fortemente se apossou dele, não podendo deixar de enunciá-la. *Tu dizes: Não profetizarás . . . nem falarás . . .* (v. 16). A primeira proibição aponta para a origem divina da palavra: é uma palavra de profecia, portanto, é uma declaração equivalente a “Assim diz Iavé”; é uma palavra que Deus idealizou e deu ao homem para falar. A segunda proibição aponta para a utilidade humana e o benefício da palavra. *Nem falarás* é, literalmente, “não deixe nem mesmo gotejar sua palavra”. Refere-se àquilo que é amável, bem-vindo, refrescante, como uma chuvarada sobre a terra seca.⁴ Que descrição maravilhosa da palavra de Deus e da tarefa do pregador! Muito diferente da repreensão que passa às vezes por pregação; muito distante do ministério que deixa o povo de Deus danificado e machucado! Como precisamos aprender hoje que a palavra de Deus é este brando gotejar divino para refrescar, abençoar e despertar as almas e que aqueles que a manejam também precisam ser gentis, aplicando o refrigério e o bálsamo das promessas divinas!

Mas, sendo branda e requerendo um ministério gentil, a palavra de Deus tem uma insistência inflexível que deve ser ouvida, e exige um ministério insistente. Não importa que os Amazias deste mundo digam: *Não profetizarás*, ou, nas palavras de hoje: “Não pregue a Bíblia”, a resposta tem de ser sempre a mesma: *Portanto, assim diz o Senhor* (v. 17). O homem de Deus sujeita-se fielmente à Palavra de Deus.

A palavra, a separadora

A palavra dita a Amazias, embora ministrada com a brandura de

⁴ A IB parece achar que a palavra precisa ser resguardada de um significado insolente, mas não há nenhum exemplo do seu uso no Antigo Testamento onde qualquer nota de zombaria estivesse presente. Faz parte do vocabulário comum do profeta. Pusey associa a palavra com os propósitos de Deus de frutificar e fertilizar por meio de sua palavra: “um suave orvalho ou chuva mansa, não deitando por terra, mas refrescando... encharcando... amolecendo mesmo o solo duro...; suave para que pudessem agüentar...”

uma chuva ligeira, foi severa e criteriosa. Primeiro tocou os que eram mais caros a Amazias, pois a verdade é que não podemos ser julgados sozinhos e, no plano de Deus, a família é ligada numa unidade e solidariedade, com grande potencial, para o bem e para o mal. Sua esposa é aviltada, seus filhos, mortos. A terra que ele tentou defender dos maus efeitos do ministério de Amós (v. 10) é ocupada e trinchada pelo inimigo. Ele mesmo perde tudo o que estimava em sua vocação sacerdotal: fica sem nenhum santuário para cuidar e, ao seu redor, fica com toda a impureza cerimonial que fazia parte de seus deveres evitar. E a palavra que rejeitou, ele verá cumprida no cativo da nação.

Causas desprezíveis provocaram essas terríveis catástrofes para Amazias. Ele rejeitou a palavra do Senhor e o Senhor o rejeitou (cf. 1 Sm 15:23). Não há nenhuma referência aqui dele ser uma luz que lidera uma falsa religião. Seu sacerdócio foi mencionado indiretamente (v. 17), sem nenhuma sugestão de opróbrio ou sanção a ele vinculados. Essas coisas não foram mencionadas. Apenas um fator operou. Amós profetizou e Amazias replicou: *Não profetizarás*. Ele ouviu a palavra do Senhor, mas não prestou atenção, não a aceitou, nem a obedeceu. E o Senhor do prumo se aproximou e mediu estes dois homens. Um foi levado e o outro foi deixado, porque um se inclinou diante da palavra e outro, não.

Amós 8: 1 - 10

O OUTONO DA OPORTUNIDADE

Primavera, verão e, então, o outono, assim é o processo gradual de amadurecimento no reino da natureza e, aqui, como freqüentemente acontece na Bíblia, descreve-se o amadurecimento da conduta humana e do caráter até o seu pleno desenvolvimento, para o bem ou para o mal.

Um cesto de frutos de verão devia ser algo que Amós via constantemente. No outono comemorava-se a Festa dos Tabernáculos (cf. Dt 16:13ss.), na qual eram oferecidas ao Senhor ofertas simbólicas de toda a prosperidade que o Senhor dava ao seu povo, em sinal de gratidão e alegria. Como em todas as festas de Israel, havia uma orientação histórica, de modo que ela também recordava ao povo o fato de que eles também foram colhidos de entre as nações para ser o povo de Deus (cf. Lv 23:39ss.). O senso de prosperidade, com o conseqüente otimismo para com o futuro, a alegria e a lembrança de pertencer ao povo único do Senhor devia encher as mentes dos crentes que traziam as colheitas aos santuários de Israel.

Nesta situação, surge uma palavra severa do Senhor: Maduro? Sim, maduro para o julgamento! A compreensão dos versículos 1-3 depende de entendermos um trocadilho do hebraico. Em resposta à pergunta do Senhor (v. 2), Amós respondeu: *qayis, então o Senhor me disse . . . qês*. No som o efeito destas duas palavras é idêntico e a transição de uma para a outra viria com facilidade natural para a mente sutil e receptiva de Amós. Eles vinham à presença de Deus, não simplesmente com frutos maduros, mas como frutos maduros, amadurecidos através de todos os meses e anos de testes morais e espirituais que Deus lhes forneceu (cf.

4:6-11) e, agora, é triste dizer, estavam prontos para uma colheita particularmente assustadora.¹

O fim

Esta é, portanto, a situação. A religião falhara totalmente para alertá-los quanto ao Deus do julgamento e, portanto, a realidade os surpreenderia, estando eles totalmente despreparados, com expectativas de resultados diametralmente opostos. Este tema do súbito desencadear do desastre aparece nas ilustrações que Amós emprega: *cânticos* se transformam em *uivos* (v. 3), a *terra* sólida *estremece*rá, *será agitada* e *abaixará* (v. 8), *o sol* se porá *ao meio-dia* e a *terra* se *escurecerá em dia claro* (v. 9), *festas* se converterão *em luto*, *cânticos em lamentações* particularmente amargas (v.10).

Alguma coisa na estrutura da passagem começa a aparecer quando focalizamos estas ilustrações. Amós inicia e conclui o oráculo mostrando o Agente divino (vs. 2b, 7) e a desolação do dia (vs. 3, 8-10). Nos versículos 2b e 7, embora as palavras hebraicas sejam outras, o sentimento é idêntico, isto é, que o Senhor não pode perdoar ou esquecer. A expressão exata no versículo 2b já apareceu antes em 7:8b, onde entendemos que significa “Jamais lhes perdoarei”. Esta determinação na mente de Deus produz terror e morte na experiência do povo. Com que leviandade são usadas expressões como “esquecido por Deus”! Elas fazem parte da terminologia da blasfêmia casual nas culturas onde prevalece o formalismo religioso ou onde o grosso da população encontra-se em uma fase de pós-religião. Nem a religião formal nem o homem sem religião podem aceitar seriamente que uma coisa dessas possa acontecer. Naturalmente, Deus não é assim! Mas ele é! Se ele decidir que o período experimental já acabou, que o período de “ainda este ano” (cf Lc 13:1-8), da última oportunidade da vida, já se esgotou com a chegada da colheita do outono, então o ar se encherá dos gemidos da graça perdida (v. 3a; cf. Êx 12: 30) até que a morte que o pecado produz tenha realizado o seu intento (v. 3b) e um silêncio ainda mais terrível que os gemidos envolva

¹ A BV apresenta a idéia do processo de amadurecimento do juízo divino: “... frutos maduros... cheio de frutos maduros...”; “... Meu povo... maduro para receber o castigo...”.

tudo (v. 3c).

A reafirmação destas coisas aparece nos versículos 7-10. Não vamos imaginar que a incredulidade incipiente nas mentes daqueles que ouviam Amós e a reação à sua primeira proclamação nos versículos 2b, 3 tenham agora se tornado incredulidade franca, incredulidade para com um resultado tão desproporcional a uma causa tão tem importância, pois os pecados dos versículos 4-6 nem mesmo são pecados reais; são apenas o modo de vida a ser vivido neste mundo difícil: onde está o pecado de ser um homem de negócios bem sucedido? Naturalmente, é um pequeno exagero se a religião insiste que é preciso perder dinheiro em benefício dos concorrentes! Certamente isso seria uma loucura religiosa!

Vamos falar um pouco mais sobre isso: vamos simplesmente notar que Amós não vai abandonar a questão da consequência do pecado. Ela tem de ser enfrentada. Novamente, o Agente é o Senhor (v. 7), e ele afirma a impossibilidade eterna de esquecer estes pecados. Para tornar o assunto mais enfático, ele jura *pela glória de Jacó*. Que ironia! Ele jurou *pela sua santidade* (4:2) — a sua própria natureza básica e imutável — e eles não prestaram atenção; ele jurou *por si mesmo* (6:8), ampliando o juramento e chamando a atenção deles para a sua onipotência como Redentor-Juiz, mas eles não prestaram atenção. Será que esses juramentos foram demasiado vagos para eles? Pois bem, então, eis aí algo que certamente é imperecível: *a glória de Jacó*. A própria obstinação deles talvez tenha sucesso onde o desafio divino fracassou!²

² Mays prefere ficar indefinido quanto à interpretação. A “estranheza” de uma fórmula de juramento como essa o perturba. A IB, Hammershaimb e Pusey consideram *a glória de Jacó* como descrição de Iavé, quer fosse uma glória na qual eles se orgulhassem gratuitamente, quer fosse aquilo que, de fato, era verdadeiro a respeito deles, ainda que não o reconhecessem. Tudo isto parece ser pouco impressionante. Cripps defende firmemente a interpretação irônica e Driver a aceita, mas Gwynn a rejeita como “artificial”. Calvino segue uma linha própria. Traduzindo a frase (como é lícito) por “a excelência de Jacó”, a “excelência” que o Senhor vê é o lugar especial no qual ele colocou o seu povo por adoção: “Eu juro pelos benefícios que conferi a vocês que não permitirei que aquilo que é tão precioso aos meus olhos seja desgraçadamente profanado”. A certeza de Calvino é divertida, mas ele falha em apoiar Harper (*International Critical Commentary*) que decide que Amós está falando “zombeteiramente”, isto é, a interpretação irônica acima apresentada.

Quais são as marcas de uma sociedade que atingiu o outono do período de prova e para a qual Deus traçou a linha final? Insegurança total (vs. 8, 9), desgraça, morte e amargura eterna (v. 10). Podemos tratar os versículos 8 e 9 como metáforas de uma sociedade que já perdeu a estabilidade e a regularidade, isto é, onde os absolutos já não são mais reconhecidos e as leis podem ser transgredidas, onde talvez a personalidade humana esteja cada vez mais dando sinais de decomposição e de irresponsabilidade. Isto é verdade: quanto mais o homem se afasta do seu ancoradouro em Deus, mais ele se afasta de todo e qualquer ancoradouro.

Mas há também, e principalmente, uma dimensão da doutrina bíblica da conservação do mundo. Quando o homem desacerta o seu passo com Deus, a “natureza” desacerta o seu passo com o homem e fica corrompida a poluída em sua pureza. Assim, em Gênesis 3, a brecha entre Deus e o homem teve o seu corolário imediato nos cardos, nos espinhos e no suor que, dali em diante, passaram a marcar o relacionamento do homem com o seu ambiente físico (Gn 3:17ss.). O Antigo Testamento segue este ensinamento de maneira consistente. A própria terra fica poluída com os pecados dos seus habitantes (cf. Jr 3:1-3), e as suas belezas são destruídas pela presunção humana (Is 2:12-17). Sempre vemos isto em ação quando vales, antigamente belos, são desfigurados pelos montes de escória e pelo entulho da ambição industrial, ou onde os rios são transformados em chagas purulentas da poluição negligente.³ Foi Deus, o Criador do átomo, que libertou o seu poder espantoso para cegar, aleijar e poluir? Qual será o fim de tudo isto no dia em que a graça comum for retirada e o homem for abandonado ao seu pecado?

Este dia virá, e quando vier, o homem não poderá fazer nada. Quando ele vier, as esperanças morrerão. Amós fala de esforços conscientes para demonstrar o reconhecimento do pecado (v. 10b): *pano de saco* (cf. Jn 3:6) e cabeças rapadas em sinal de luto (cf. Mq 1:16), mas então, será tudo em vão: será um sofrimento que

³ Passagens tais como Amós 9:13; cf. Is 11:6ss., *etc.* são, como veremos, o outro lado da mesma moeda. Não são quadros exagerados da “vida no além”, mas o produto da doutrina da criação levada a sério. Quando o relacionamento entre Deus e o homem tornar-se novamente perfeito, haverá um novo céu e uma nova terra, e a “natureza” se deleitará em produzir o que tem sido negado aos pecadores.

o tempo não vai curar. O sofrimento será tão intenso como o luto por um ente querido. No curso normal dos acontecimentos, até um sofrimento desses perde a sua intensidade, mas o sofrimento do pecador perdido permanece, e no *fim*, isto é, “posteriormente”, o resultado, as conseqüências continuam exatamente como no *dia de amarguras* quando se sentiu o primeiro golpe.

É um quadro terrível, mas é o que Amós diz e a Bíblia não contradiz em parte alguma.

O círculo íntimo do pecado

O povo de quem se profetizou esta desgraça foi descrito em suas atitudes características no versículo 5, onde o verbo introdutório *dizendo* tem, no contexto, a força de “sendo, como são, o tipo de pessoas que dizem. . .” Quando examinamos os detalhes deste versículo, descobrimos o pecado por trás de todo pecado.

Primeiro, estas pessoas amavam o lucro mais do que amavam a Deus (v. 5a). Coisa típica da época, elas são descritas como interessadas nas formas religiosas. Seu lugar nunca ficaria vazio no festival da *lua nova* (cf. 1 Sm 20:18), nem sonhariam em profanar o *sábado* com o comércio mas, em nenhum momento das festividades, a religião desalojou os negócios, nem o templo substituiu o escritório, nas suas disposições. O dia santo era um dever, mas não um deleite, um dia longe dali, mas não desligado: as preocupações financeiras venciam outros interesses.

Além disto (v. 5b), eles amavam o lucro acima da honestidade. Elas usavam um *efa* adulterado (isto é, diminuía a medida padrão) para medir os bens comercializados e aumentavam o *siclo* (isto é, este era mais pesado do que o Departamento de Pesos e Medidas autorizava) para pesar o dinheiro que recebiam nos negócios. Eles vendiam menos do que deviam por mais do que deviam, “usando balanças falsas e medidas erradas!” (BV) ou, conforme a ERAB, *procedendo dolosamente com balanças enganadoras*.⁴

O pecado por trás de todo pecado é a cobiça, o lucro para si.

⁴ Mays registra de maneira interessante a descoberta de casas comerciais em Tirza com dois jogos de pesos, um para comprar e outro para vender. Esta descoberta data do século oito.

Amós referira-se a ele anteriormente, como o pecado da auto-satisfação na sociedade e na religião (4:1-5); retornou ao mesmo tema falando de auto-satisfação (6:1-3) e auto-indulgência (6: 4-6). Agora, pela terceira vez, ele o condena na forma da vantagem própria, o que leva o Senhor à demonstração extrema de sua ira. Já que aceitavam que tudo tinha de levar à vantagem própria, essas pessoas desprezavam a graça de Deus que lhes dera a lua nova e os dias de sábado para festa e para repouso, e desobedeciam à lei de Deus que ordenara justiça imparcial em todas as transações da vida (cf Lv 19:35, 36). Observemos cuidadosamente esta caracterização do pecado deles: é uma ofensa denunciada pelo prumo de Deus, pois suas vidas não repousavam sobre o fundamento uniforme da graça, nem eram construídas de acordo com a justiça da lei.

Desta forma, 8:1-10 fica integrado aos ensinamentos precedentes de 7:7ss., e podemos desenvolvê-lo de um modo que demonstre este relacionamento. Qual era a manifestação característica deste pecado por trás de todo pecado, que era o pecado da busca do proveito próprio? O versículo no qual Amós descreve a cobiça deles (8:5) encontra-se entre duas declarações virtualmente idênticas apontando para uma atitude predatória e insensível para com os homens desamparados (vs. 4, 6). Poderia parecer, portanto, que, operando o prumo na separação dos verdadeiros membros do povo de Deus e daqueles que não podem provar suas reivindicações, são três os sinais da verdade que aqueles possuem e estes não. O primeiro é discernir, no seu interior, em sua atitude pessoal, o pecado e a santidade (7:7-9): o prumo que lhes foi dado para edificar a estrutura da vida consistia na lei de Deus para ser obedecida e na graça de Deus à sua disposição no sacrifício de sangue para cobrir a sua desobediência. A vida pessoal edificada sobre este padrão traz o sinete do verdadeiro povo de Deus. Em segundo lugar, o encontro de Amós com Amazias destacou a dimensão vertical de se ouvir e obedecer a palavra de Deus (7:10-17), e em 8:1-10, surge, externamente, a terceira dimensão de uma vida verdadeiramente piedosa na preocupação pelos homens desamparados e necessitados. O fracasso de qualquer um dos três provoca pesado e desastroso julgamento divino (7:9, 17; 8:3, 8-10), mas há um elemento de ira divina reservado para este último fracasso que o leva muito além das ameaças dos outros dois casos. Como o Senhor odeia a desumanidade!

Três pecados separados foram especificados: tirania (v. 4), tratar as pessoas como coisas (v. 6a) e a exploração (v. 6c). A natureza implacável de sua tirania sobre os *necessitados* (aqueles que não têm influência, fácil de serem levados, cf. 4:1) e os *miseráveis*⁵, era tal que Amós vê esta categoria de pessoas (pessoas independentes, mas não ricas) simplesmente desaparecendo da terra. Fazem isto (v. 6a) usando dívidas insignificantes, como a de um par de sapatos, para justificar a venda de uma pessoa como escravo. É o mesmo que dizer que o pobre (aqui a mesma palavra de 4:1) é exatamente igual a uma peça de mercadoria, como um saco de cereal, uma coisa que pode ser usada para se obter o mais alto lucro. Já não é mais uma pessoa, mas apenas uma coisa. E, como coisa, pode ser tratada com o máximo desprezo. Pode até ser forçada a comprar *o refugio do trigo*, isto é, o que “caiu” e (presumivelmente) foi varrido no final do dia e colocado de lado para ser revendido! Olhavam para as pessoas e viam coisas; olhavam para os outros e só pensavam em si mesmos, e isso resultava no pecado acima de todos os pecados.

Deus odeia a desumanidade

Quando Jesus descreveu o quadro de um servo que não mereceu misericórdia porque falhou em demonstrar misericórdia (Mt 18: 23-35), ele nos informou que estava possibilitando vermos o próprio coração de Deus Pai. *Assim também*, ele disse, *meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão* (Mt 18:35). Ele fala de *meu Pai celeste*, isto é, ele fala de sua própria posição de conhecimento único de quem e do quê o Pai é (Mt 11:27), e ele diz que o seu Pai, o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, não perdoará os que não perdoam, nem terá misericórdia dos que não têm misericórdia. Ele o apresenta de outra forma quando diz: *Sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer*, um pecado que, na estimativa de Jesus, coloca os seus agentes no *castigo eterno* (Mt 25:45, 46). É como se Jesus dissesse: “O que vocês querem dizer quando dizem que me amam? Vocês estão dizendo que amam a miseri-

⁵ A palavra usada em 8:4 é diferente de 8:6a ou de 4:1 e significa muito mais do que “pobre diabo” para nós.

córdia que livremente alcança os desamparados, os necessitados, os ingratos. Mas está claro que vocês não amam essa misericórdia, pois vocês não a praticam!” Mas colocar estes sentimentos nos lábios de Jesus simplesmente aumenta a importância da verdade bíblica. Iavé é o Deus que ouviu o grito dos necessitados em seu desamparo diante do opressor (Êx 2:23), ouviu os seus gemidos (2:24), viu a sua aflição e sentiu o fardo de sua desgraça (Êx 3:7), resultando que ele mesmo desceu para libertar (Êx 3:8) e, ao fazê-lo, criou um nome para si (2 Sm 7: 23). Assim é Deus e ninguém pode declarar que o ama se não amar esse tipo de vida. Não é apenas uma falta de lógica as pessoas amarem a misericórdia quando a buscam de Deus para si mesmas, mas a odiarem quando ela tem de ser demonstrada aos outros. As Escrituras dizem que isso é impossível. Os que não perdoam não podem ser perdoados, os que não têm misericórdia não podem receber misericórdia.

A impotência de Deus

Eis aí, então, uma coisa que o Todo-Poderoso não pode fazer: ele não pode conceder misericórdia para aqueles que não demonstram misericórdia. Nada resta para aqueles que desviam o seu rosto dos necessitados (ou que exploram os necessitados para o seu próprio lucro) a não ser Deus desviar o seu rosto deles. Esta é a verdade implacável, mas bíblicamente realista, de Amós 8: 1-10. O prumo pende verticalmente na mão imóvel de Deus, uma convocação muda para que a ira eterna irrompa, de maneira terrível, desastrosa, infinita, contra aqueles que são impiedosos para com os pobres, a maior evidência da falsa religião (cf. Tg 1:27) e da fé morta (cf. Tg 2:14-17).⁶

⁶ A centralidade da falta de piedade, ou do fracasso da piedade, como o pecado acima de todos os pecados, é percebida de maneira notável no padrão geral de Amós 7-9. Lembremo-nos de que o tema desta passagem é a distinção entre aqueles que podem reivindicar corretamente que são o povo de Deus e aqueles que, digam o que quiserem, não produzem evidências que provem tal reivindicação. O ensinamento central da passagem encontra-se em 7:7-8:10. Se as pessoas quiserem passar pelo teste do prumo, então as suas vidas devem ser pessoalmente edificadas sobre os fundamentos da lei e da graça, sendo a obediência e o arrependimento as características notáveis de tais vidas (7:7-9); devem possuir a característica que conduz a Deus, de reconhecimento e obediência à sua palavra (7:10-17); devem

ser marcadas externamente pela preocupação com os necessitados (8:1-10). Observemos agora o padrão do conjunto:

- a) Prólogo (7:1-6): Rejeição decisiva da total destruição do povo de Deus.
- b) A manifestação do povo de Deus: convicções pessoais sobre a santidade e o pecado (7:7-9).
- c) A manifestação do povo de Deus: obediência à Palavra de Deus (7:10-17).
- d) A manifestação do povo de Deus: preocupação com os necessitados (8:1-10).
- c¹) A fome da Palavra de Deus: uma fome que chegou tarde demais (8:11-14).
- b¹) A guerra do Senhor contra o fingimento e contra a complacência na questão do pecado e da santidade (9:1-10).
- a¹) Epílogo (9:11-15): A anunciação e o desfrutamento da herança eterna do povo de Deus.

O propósito central de colocarmos esta análise aqui é o de mostrar como o todo gira ao redor da seção *d*. Quando Deus, de prumo em punho, examina o seu povo, esse é o seu interrogatório central. Como nos ensinamentos de Jesus, nada revela mais claramente a membresia do seu povo ou o amadurecimento para o juízo do que a atitude adotada para com os desamparados e desesperados, pois, naturalmente, isto revela se nos parecemos ou não com aquele que reivindicamos adorar.

Deve-se notar, a propósito, que este tipo de estudo analítico dos livros dos profetas felizmente está se tornando um pouco mais comum e menos suspeito do que antes. Ver por exemplo *Justiça e Esperança para Hoje – A Mensagem dos Profetas Menores* de Dionísio Pape (ABU Editora, 1982).

Amós 8: 11 - 14

O DIA DOS CULTOS

Os juízos de Deus operam no corriqueiro e no ordinário. Não estão limitados às grandes explosões sobrenaturais da ira do “último dia”, como se o Senhor estivesse simplesmente aguardando, nos bastidores do drama da vida, que a cortina finalmente desça. Ele é Deus Criador e, portanto, os seus juízos serão vistos dentro das operações da natureza humana e física. Assim, como já vimos, podemos entender 8:8, 9, tanto metafórica, como literalmente. Quando vemos a sociedade se desfazendo, os velhos laços se enfraquecendo, as velhas normas relaxando, os antigos absolutos rejeitados, quando vemos a pessoa humana já não mais tão capaz de enfrentar as tensões da vida, e quando vemos maior número de colapsos, mais suicídios, então Deus está dizendo ao homem, coletiva e individualmente, que a vida sem ele não é possível, que o capital espiritual herdado se esgota e que o homem, abandonado a si mesmo, torna-se progressivamente incapaz de sobreviver. De maneira correspondente, as evidências de sua pecadora alienação de Deus infeccionam o mundo ao seu redor, seus recursos são desperdiçados, seus tesouros perdidos, suas belezas devastadas e os seus poderes esvaziados para a sua própria destruição. Os juízos de Deus operam, como já dissemos, na rotina imperceptível da vida.

A graça da advertência

Outro aspecto dos juízos quase imperceptíveis de Deus é a retirada das bênçãos que foram desprezadas. Um exemplo particular disto encontra-se nestes versículos, mas antes de examiná-lo,

vamos notar que o julgamento não vem sem que seja anunciado. Através de Amós, Deus não oferece a análise de um perigo existente, mas uma advertência de um perigo iminente. *Eis que vêm dias*, ele diz (8:11). É por isso que as predições do Antigo Testamento são morais e não simplesmente um passatempo para a curiosidade carnal sobre o futuro. Falam do futuro a fim de preparar para o futuro. Ele diz *eis que vêm dias*, para que o tempo que resta possa ser preenchido para total proveito e para que os perigos alertados não atinjam um povo desabrigado, despreparado. Podemos até inverter a mesma verdade: a própria natureza da moralidade exige algum conhecimento do futuro. Paulo está correto quando diz que, se não houvesse vida futura, então seria melhor que fôssemos aconselhados a comer e beber, pois amanhã morreremos (1 Co 15:32); Isaías foi ainda mais penetrante quando usou estas palavras pela primeira vez (Is 22:13), isto é, que se não houver nenhuma continuidade nesta vida, então vamos nos entregar somente ao prazer. Apenas a perspectiva de algum bem ou mal previsto podem efetivamente orientar o homem no presente.

O Senhor nos trata neste nível e enuncia a graça da advertência: particularmente advertindo que a verdade de Deus pode ser perdida sem remédio, mas que nunca é perdida sem trágicas conseqüências.

Quando a cerca cai

O Senhor já enviara antes fome e seca a fim de trazer o seu povo ao arrependimento (4:6-8), mas sem resultados. A dureza da falta de arrependimento agora vai impor a sua vontade. Eles perderão a verdade em uma *fome . . . de ouvir as palavras do Senhor* (8:11). E quando esta bênção for retirada, não haverá meios de recuperá-la (v. 12). Amós anteviu a preocupação tardia pela verdade, exatamente como previu um arrependimento tardio (v. 10), mas que será de todo ineficiente. O verbo traduzido por *andarão* (v. 12) é usado em relação ao andar dos bêbados (Is 28:7), do balanço das árvores ao vento (Is 7:2), dos lábios que tremem agitados (1 Sm 1:13). Assim, aqui, aqueles que nem sabem o que estão fazendo, ou que estão “agitados” pelo pânico, vagueiam pela terra tentando descobrir o que antes consideraram tão levemente. Mas aqueles

dias já se foram há muito e a verdade, com eles.

Contudo o vácuo não permanece vazio. Os cultos apressam-se ansiosos para enchê-lo (v. 14), não apenas um, mas muitos, e o povo que não queria ouvir a Palavra de Deus experimenta o pobre alimento da religião feita pelos homens.

Na parábola da vinha, Isaías retrata o que acontece quando a cerca cai. É uma ilustração dos juízos de Deus operando na ordem natural da providência (Is 5:5): quando a proteção de Deus desaparece, as feras estão prontas a pilhar. E exatamente como o homem é impotente para recuperar a verdade, também o é para reconhecer o erro e resistir a ele.

Estas coisas são para nossa advertência. Ainda temos uma Bíblia em nossas mãos? Vamos lhe dar o devido valor, vamos lê-la e guardar as suas preciosas verdades no coração e na mente. Ela não é uma propriedade inalienável; talvez não seja nossa para sempre. A Bíblia ainda está sendo pregada em nossa igreja? Vamos ouvir a Palavra de Deus; vamos nos apressar em levar outros a ouvi-la. Não é um privilégio garantido; a voz do pregador pode ser silenciada. A verdade de Deus é a nossa única proteção contra o erro. Nisto, como nas outras coisas, o poder vem da proximidade de Deus e mais no temor do perigo de perder o seu poder e a sua verdade do que no temor de cair no poder e no erro de Satanás.

Talvez haja uma advertência contra o perigo da presunção em tudo isto, e é muito importante declarar, ainda que não passe de uma hipótese, que esta foi a intenção de Amós. Ele vê estes pobres e amedrontados mendigos, agitados e apressados pelos caminhos. *De mar a mar* pode significar do Mar Morto, ao sul, até o Mediterrâneo, ao oeste, completando os quatro pontos cardeais na referência ao *norte* e ao *orient*e, isto é, eles buscam por todo o país. Mas *de mar a mar* também pode significar do Mar Morto como fronteira ao leste, ao Mediterrâneo no oeste, depois para o *norte* e de volta ao *leste* de onde partiram, com uma omissão deliberada do sul, porque significaria Jerusalém e a verdade de Iavé estava guardada ali onde fora cismaticamente rejeitada duzentos anos antes. Seria admitir o erro e engolir o orgulho. Sem dúvida, o propósito principal de Amós foi o de mostrar o desamparo e a falta de rumo do homem sem a verdade revelada de Deus para mantê-lo firme e sossegado, mas há um toque muito típico

do estilo de Amós no que ficou sem ser dito: “Ah, sim, vocês andarão por toda parte, menos no lugar onde a verdade se encontra; por toda parte, menos onde o seu orgulho for humilhado. Vocês preferirão permanecer no erro com o orgulho de serem tidos como os que buscam a verdade, em vez de encontrar a verdade às-custas de perder o seu orgulho”.

Onde o golpe será mais pesado

Nesta fome da verdade, Amós vê a juventude sofrendo de maneira especial (vs. 13, 14). Quando a verdade desaparece, tanto a esperança como a realização desaparecem com ela. A futura geração é a esperança do futuro, mas é a herdeira da presente geração e, com toda a sua efusante energia e confiança, não consegue enfrentar as tensões da vida: *as virgens formosas e os jovens desmaiarão*; a juventude por si só não consegue, com toda a sua perspicácia, reconhecer o erro: foi a juventude da nação que foi apanhada pelo ídolo de Samaria, o deus de Dã e o culto de Beseba. A própria disposição para alguma coisa nova, que é própria da juventude, faz dela presa fácil das charlatanices, dos “ismos”, das coqueluches e das fantasias. Mas, como Amós o vê, estão desmaiando de sede, isto é, com um anseio não diagnosticado pela verdade divina (pois é o que a metáfora da sede significa nesta passagem), mas a geração anterior os privou da possibilidade de encontrá-la. Os erros de uma geração se tornaram os dogmas da próxima, a verdade está um pouco mais escondida e a nova geração um pouco mais afastada da realidade.

Administração

Tudo isto certamente foi escrito para nos advertir. A verdade deve ser recebida, guardada e transmitida. Amós nos diria isso; Paulo o disse a Timóteo,¹ expondo-o positivamente em termos de posse, de custódia, de estudo, de permanência e de pregação. A palavra de Amós é mais negativa: existem erros contra os quais devemos resguardar a verdade. Como ele a vê, não é um simples intelectualismo. Ele fala (v. 14) de coisas que põem em perigo

¹ Cf. 2 Tm 1:13, 14; 2:1, 2, 15; 3:10-17; 4:1-5.

o culto como também a verdade: seria o mesmo que dizer que elas fazem incursões em nossa vida total com Deus. Jesus teve a mesma compreensão quando aprovou as palavras de Isaías de que *em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens* (Mc 7:7). Na adoração, a sinceridade e a antigüidade não bastam. Os homens pensam, diz Calvino, “que qualquer zelo religioso, ainda que absurdo, é suficiente. Mas eles não percebem que a verdadeira religião tem de se conformar à vontade de Deus como regra universal . . . que nenhuma religião é genuína se não estiver aliada à verdade”.²

Primeiro, então, a verdade e o culto a Deus devem estar resguardados de coisas estranhas. Este é o primeiro elemento na lista das pseudo-religiões no versículo 14. Na religião de Samaria, esta coisa veio a ser o culto prestado à deusa Asima.³ De acordo com 2 Reis 17:30, Asima foi adorada pelos posteriores colonizadores de Samaria, os homens de Hamate. Mas Hamate estivera em contato com Israel desde o tempo de Davi (2 Sm 8:9), e no tempo de Amós foram feitos cativos por Jeroboão II (2 Rs 14:28). Não há nada anacrônico com a referência, portanto, e podemos naturalmente entender que a referência foi feita à importação de um culto estrangeiro. Em Samaria, portanto, ou havia sincretismo ou aceitação de uma situação de fé múltipla, e nenhuma destas situações concordaria com a teologia de Amós ou com a verdade. O sincretismo assume os aspectos característicos de muitas religiões e as tentativas de fundi-las em uma “grande religião” que vai presumivelmente atrair e prender os adeptos dos sistemas anteriormente separados. O método da fé múltipla é menos sofisticado, tolerando a adoração, lado a lado, de deuses diferentes, embora

² *Institutes of the Christian Religion* (Institutas da Religião Cristã) de J. Calvino (Clarke, 1959), págs. 49, 50.

³ *Asima de Samaria* envolve uma pequena, mas sensível, correção de vogais do texto hebraico que, na forma em que está, diz “o delito de Samaria” (ERC). Amós era bem capaz de permitir que as duas palavras ficassem deliberadamente confundidas para dar uma idéia dupla: “sua adoração culposa de Asima”. Alguns preferem uma correção um tanto mais extensa (embora não excessiva): “a Asera de Samaria”. Isto se referiria à importação generalizada dos elementos cananitas na religião e na teologia de Samaria. Asera era uma deusa-mãe cananita, o nome sendo também usado para a sua imagem. Cf. 1 Rs 15:13; 18:19; 2 Rs 23:4. Ver o NDB, art. “Asera”.

possa, naturalmente, ser mais sofisticado ao dizer que se trata simplesmente de diferentes nomes do mesmo Deus e que Iavé era adorado “incógnito” em tudo o que era verdadeiro no culto prestado a Asima.

Os nomes podem parecer estranhos aos nossos ouvidos, mas os fatos não deveriam ser, e a advertência permanece. Quando estudamos⁴ o significado da santidade de Iavé, vimos que envolvia a necessidade de aceitar a sua reivindicação de ser o único Deus e de reconhecê-lo como uma espécie diferente de todos os outros deuses. É um exclusivismo que existe no Deus da Bíblia. O “Iavé” do Antigo Testamento se transforma na Santa Trindade do Novo Testamento e não há outro Deus, nem qualquer outro suposto deus reivindica uma natureza igual. Qualquer coisa que prejudique estas distinções deve ser rejeitada. É nossa tarefa transmitir a herança bíblica da verdade genuína àqueles que nos seguem e não podemos fazê-lo (mais do que o povo do tempo de Amós) se admitirmos o sincretismo ou se aceitarmos os cultos de uma fé múltipla e coisas parecidas.

Em segundo lugar, temos de resguardar da corrupção a verdade e o culto a Deus. *Dã* (v. 14b) era um dos santuários cismáticos e corrompidos construído por Jeroboão I (1 Rs 12:29). Era a obra de Jeroboão mais corrompida em suas tendências e na sua influência. Por exemplo, os bezeros de ouro eram um pedestal para o trono invisível de Iavé, exatamente como os querubins no santuário de Jerusalém. Em sua idéia, portanto, eles não poderiam ser chamados de heréticos mas, inevitavelmente, como vimos, sua visibilidade criou uma identificação popular entre o Deus invisível e o símbolo com o qual era identificado. Na realidade, portanto, Iavé transformou-se num deus da fertilidade. Este tipo de erro transpassava o culto que Jeroboão estabeleceu. Sua festa principal era “igual” à festa em Judá (1 Rs 12:32), mas suas motivações eram errôneas: Jeroboão aparece na Bíblia como o homem que procurou fazer a religião servir a fins políticos. O culto foi uma técnica para estabelecer a sua própria monarquia (1 Rs 12:26-30): até Deus se transformou num meio para alcançar um fim. Por isso foi chamado de “o pecado de Jeroboão, filho de Nebate, que fez Israel pecar”. A verdade e o culto a Deus

⁴ Ver o capítulo que trata do texto 4:1-13.

têm de ser resguardados de tudo aquilo que (ainda que pouco) avilte o Deus revelado nas Escrituras; cada crente tem a responsabilidade de purificar os pensamentos e as motivações do seu próprio coração para que Deus seja adorado pelo que é e não pelo que se deseja dele.

O terceiro assunto que Amós focaliza não é nada fácil, nem fácil de interpretar. A ERAB conserva a ironia do hebraico: *Como é certo viver o culto de Berseba* (v. 14c). A BJ diz: “Viva o caminho de Bersabéia!”, e isso significa que se esperava receber algum mérito ou benefício religioso na peregrinação, e as pessoas começaram a “jurar por ela”.⁵ Em decorrência, o texto nos mostra que a verdadeira religião deve ser resguardada da superstição. É muito compreensível que uma coisa tão difícil como a viagem de Israel através de Judá até Berseba fosse considerada como um grande dever cumprido por amor à religião e a Deus. Daí há apenas um pequeno passo até a veneração supersticiosa da coisa em si mesma. A superstição é uma técnica amoral de garantir a bênção de Deus: andar pela estrada de Berseba dava automaticamente as recompensas desejadas . . . E, neste sentido, pouquíssimas coisas não são passíveis de se tornarem uma superstição quando dizemos: “Deus tem de me abençoar porque eu fiz. . .” Mas uma religião automática não encontra lugar na Bíblia.

O homem vive de toda a palavra que procede da boca de Deus. Se este alimento for retirado ou corrompido, não há outro meio de satisfação ou de segurança. Quanto a isto, o versículo 14 deve ser explicado como definição do povo do versículo 13, como realmente exige o hebraico. Por que essas pessoas estavam com sede? Porque só tinham os cultos para satisfazê-las e permaneciam insatisfeitas. Mas, finalmente, elas *cairão, e não se levantarão*. Nada, exceto a palavra de Deus, pode sustentar e dar segurança por toda a eternidade. Observando o contexto de todos esses capítulos, vemos que a preocupação de Amós — ensinar a idéia da segurança eterna — surge de novo aqui. Religião como aquela (v. 14) só pode levar à perdição eterna de quem cai e nun-

⁵ Pusey observa que, de acordo com 2 Rs 23:8, havia uma abundância de lugares altos, desde Geba (Norte de Judá) até Berseba (Sul de Judá) e sugere que, talvez, estivessem ao longo de uma rota de peregrinos com escalas em “estações” sagradas.

O SOBERANO IAVÉ

ca mais se levanta. Mas, por outro lado, aqueles que vivem segundo a Palavra vivem para sempre.

Amós 9:1-10

A GUERRA CONTRA A PRESUNÇÃO

A visão final que Amós relata é diferente de todas as outras. Nelas, o Senhor apresentou ao seu profeta os símbolos da verdade, geralmente convidando Amós a dizer o que via e, então, a explicar o seu significado. Mas, aqui, é como se um véu fosse tirado para que o profeta pudesse ver a futura destruição na sua realidade secreta e verdadeira, isto é, com o próprio Senhor como o seu Agente principal.

A fim de focalizar esta cena, vamos voltar ao início de tudo. Cento e oitenta anos antes do tempo de Amós, no ano 931/930 a.C., Jeroboão I levou as dez tribos do Norte a formar o reino de Israel. Ainda que tivesse constituído o reino numa onda de aprovação popular, Jeroboão sabia que a sua posição era essencialmente insegura. O povo estava insatisfeito com os impostos cobrados nos últimos anos do reinado de Salomão e o golpe final foi a recusa de Roboão em negociar uma constituição mais favorável. Mas, como Jeroboão pensava, se o povo continuasse fazendo suas peregrinações anuais a Jerusalém (1 Rs 22:26ss.) ficaria recodando a idade de ouro do período de Davi e as reivindicações da antiga dinastia logo se manifestariam e ele seria destituído com o mesmo entusiasmo com que fora aceito. Para fazer face a esta situação, ele inventou “o pecado de Jeroboão”: o uso da religião para os interesses da política. Planejou uma festa da qual conhecemos três fatos principais: primeiro, que era realizada no décimo quinto dia do oitavo mês (1 Rs 12:32); segundo, era igual à festa que se fazia em Judá (1 Rs 12:32); e, terceiro, o próprio Jeroboão oficiou no altar, ou, pelo menos, permaneceu num lugar de destaque junto ao altar durante as cerimônias. Três

vezes o hebraico usa a mesma expressão que aparece na ERAB traduzida por *sacrificou no altar* (1 Rs 12:32) . . . *subiu ele ao altar . . . subiu para queimar incenso . . .* (v. 33). Muito possivelmente a primeira destas três frases poderia harmonizar-se com as outras duas da seguinte maneira: Jeroboão subiu (as escadas do alto e ficou) junto ao altar. Esta é a posição na qual o encontrou (1 Rs 13:1) o homem de Deus de Judá: *Jeroboão estava junto ao altar, para queimar incenso*. A coisa toda era uma imitação: uma festa de imitação sobre um altar de imitação para apoiar uma monarquia de imitação!

Os anos se passaram. Através das implacáveis coincidências de Deus, outro Jeroboão subiu ao trono de Israel e outro homem de Deus saiu de Judá, não um profeta anônimo, mas Amós, que foi até lá para vê-lo junto ao altar. Uma visão é substituída por outra, a apresentação outonal dos frutos maduros (8:1) pela grande festa de outono e pelo festival real no décimo quinto dia do oitavo mês. Amós observa Jeroboão, mas, enquanto isso, a cena se transforma. “Vi o Senhor, que estava em pé junto ao altar” (cf. 9:1). A imitação é substituída pelo real, o humano pelo divino, o rei que procurava apoiar sua dinastia pelo Rei que viera para derrubá-la. O dia da imitação se acabara e a guerra tinha começado. Há muito, muito tempo, Sansão derrubara o templo de Dagom de baixo para cima, mas, quando o Soberano convoca os seus exércitos, o edifício recebe grandes golpes de cima para baixo, sobre os *capitéis*, derrubando-os sobre os seus próprios *umbrais*, até que todo o edifício se desmorona *sobre a cabeça* dos seus ocupantes. Muitos deles fogem da ruína, mas nenhum escapa (v. 1b).

Não há um refúgio sobrenatural (v. 2), nem mesmo no *Sheol*, o lugar dos mortos, nem no *céu*, a habitação de Deus; não há um refúgio natural (v. 3), nem mesmo nos lugares mais altos do *Carmelo*, nem *no fundo do mar*. No dia da prosperidade, eles se envolveram no conforto da falsa religião e dos falsos deuses mas, no dia da calamidade, descobriram que não há nenhum outro deus além de Um e que, se houvesse alguma outra monstruosa divindade oculta nas profundezas, ela seria serva dele! Não há refúgio político (v. 4): eles perderam a sua soberania na derrocada do reino, ficando sem residência e sem estado, como escravos em terra estranha mas, mesmo assim, não escaparão da vingança per-

sistente. Não apenas a serpente nas profundezas, mas também *a espada* na terra opera sob as ordens dele e os seus *olhos* estão *sobre eles para o mal, e não para o bem*.

Este julgamento desastroso e inevitável é garantido pela própria natureza de Deus. Ele tem poder para fazer o que diz. Podemos notar o impressionante elo entre os versículos 1 e 5, esquecendo os versículos intermediários por um instante: “Vi o Soberano . . . e o Soberano é Iavé, o onipotente . . .”¹ A onipotência foi descrita em seguida (vs. 5, 6). Deus pode falar com a certeza de que não haverá escape para este povo em lugar nenhum do seu universo, porque ele é o Deus de tudo. Ele tem o domínio absoluto sobre toda a terra em sua essência física (v. 5a), sobre seus habitantes humanos (v. 5b) e sobre a sua situação em qualquer tempo (v. 5c); o celestial (v. 6a) e o terreno (v. 6b) estão igualmente sujeitos ao seu uso; e todos os elementos, representados aqui pela água e pela terra (v. 6c), são seus para ele fazer o que quiser.

É isto o que o Senhor pensa sobre a presunção; é assim que ele reage; este é o seu julgamento. A essência da presunção é vestir um manto de religião sobre uma vida motivada pelo ego. Este foi o pecado do primeiro Jeroboão e do último Jeroboão (2 Rs 14:23, 24). Deus e a religião foram os instrumentos para que o ego fosse garantido e as sua vida assegurada.

Entendendo os versículos 1-6 deste modo, eles formam o cenário perfeito para os versículos 7-10. Percebemos na visão e no oráculo inicial o quadro de uma inexorável guerra de extermínio. Sugerimos, de maneira imaginativa, que ela está sendo levada a efeito contra o fingimento espiritual. Quando nos voltamos para os versículos 7-10 a fim de descobrir sobre quem os olhos do Senhor estão colocados com tal hostilidade (observe a idéia conectiva dos versículos 4b, 8a), descobrimos que se trata precisamente daqueles que estão vivendo num mundo espiritual de fantasias, negligentes

¹ Talvez valha a pena mencionar novamente que é importante e útil observar como os nomes divinos e os seus títulos encontram-se impressos em nossas Bíblias. Letras maiúsculas, SENHOR ou DEUS, sempre indicam o nome divino, Iavé, o nome pessoal de Deus, Deus revelado no Êxodo como Redentor e Juiz. A forma Senhor, por outro lado, traduz um nome significando “rei” ou “soberano”. A BJ corajosa e adequadamente quebrou uma longa tradição e usa o nome divino Iavé.

quanto à santidade, quanto ao pecado e suas conseqüências, imaginando que numa data histórica Deus se pôs eternamente em débito para com eles e que podem contar com a cooperação de Deus sem considerações sobre o caráter de cada um. Para eles, como para os dois reis de nome Jeroboão, Deus é uma escora do sistema. Examinemos os versículos 7-10 para ver se é assim.

Israel e as nações

Os versículos 7-10 se encaixam em duas seções. A primeira (vs. 7, 8a) coloca Israel entre as nações para mostrar onde deve e onde não deve ser traçada a linha diferencial.

A mensagem do versículo 7 é explícita: o mesmo governo divino opera sobre toda a terra. Não devemos tratar o versículo 7a como se estivesse maravilhosamente isolado no centro de uma página toda em branco. Ele tem de ser considerado em íntima conexão com o 7b e, da mesma forma, como veremos, o 7 tem de ser ligado ao 8a. O Senhor não está dizendo que, dali em diante, Israel terá um status diferente diante dele, no qual tudo o que foi anteriormente possuído a partir dos seus privilégios será retirado e que a adoção de filhos foi anulada. Foi este tipo de raciocínio que levou muitos comentaristas a ver em Amós o profeta que proclamou o fim do relacionamento convencional, e alguns acharam que, realmente, o versículo 7 foi escrito por um outro autor, e não o Amós que enfatizou tanto o Êxodo em 3:2.

Há, sempre houve, e sempre haverá um aspecto no qual não existe diferença entre Israel e qualquer outra nação (até mesmo nações inimigas do passado e do presente, tais como os filisteus e os sírios), a saber, que o Senhor é igualmente o Agente de qualquer acontecimento histórico nacional, de qualquer migração racial. A esse respeito, não há nenhum privilégio em ser um israelita, como não o há em ser um nhambiquara. O mesmo Senhor governa todos, designando o local que terão de deixar, a distância que terão de percorrer e o ponto no qual terão de se estabelecer. O versículo não é uma declaração de negação (você não são mais o meu povo no sentido em que eram antigamente), mas uma afirmação: vocês, como todos os outros povos, estão igualmente, e exatamente no mesmo sentido, sujeitos aos meus decretos soberanos.

No contexto, estas palavras foram dirigidas à complacência que fingia santidade quando cada um só se importava consigo mesmo. Podemos ilustrar isso melhor assim: Antigamente havia uma canção muito popular que dizia: “E o homem viverá para sempre por causa do dia de Natal”. Pois bem, isto simplesmente não é verdade. O simples fato de existir uma data no calendário, uma mudança de numeração de a.C. para d.C., um maravilhoso nascimento em um estábulo, isto, por si só, não garante a vida eterna a ninguém, muito menos, como diz a canção, a todo o mundo. Está claro que as pessoas do tempo de Amós tratavam o Êxodo deste modo. Havia uma data no seu calendário, um grande acontecimento no seu passado e elas viviam na boa presunção de que alguma coisa que Deus fizera no passado remoto os colocou eternamente do lado de Deus e eles, do lado dele. Nada disso, diz o Senhor, cada nação tem uma data como essa no passado. Algum dia, em algum lugar, todas tiveram migrações nacionais e o Senhor é o responsável por cada uma delas, precisamente no mesmo sentido em que ele tirou Israel do Egito.

Naturalmente, não estamos dizendo que a História não é relevante. Ela é importantíssima. O Êxodo não conferiria nenhum benefício a Israel se não tivesse ocorrido, e se os israelitas associassem benefícios a um acontecimento que não fora real, os benefícios participariam exatamente da mesma irrealidade. É como aconteceria conosco, com os benefícios decorrentes, digamos, da ressurreição de Jesus: se ele não tivesse de fato ressuscitado, esses benefícios seriam falsos, estaríamos enganados e ainda em nossos pecados (cf. 1 Co 15:17). A História é vitalmente importante como confirmação da verdade, mas o fato histórico, a data no calendário, não produz alterações espirituais nas vidas individuais para que se diga: “Eu nasci deste lado do Êxodo e, portanto, tenho necessariamente direito a certos benefícios”. Pode-se dizer: “Portanto, eu posso possuí-los”, mas esta é uma outra história. O Êxodo, como fato histórico, não contém mais de Deus do que a saída dos filisteus de Caftor, ou dos sírios de Quir, e não produz mais benefícios automáticos do que esses outros acontecimentos divinamente executados. Um ato histórico de Deus pode, através da sua vontade, transformar-se num meio de bênçãos, mas nem sempre, por si só, concede a bênção. Neste sentido, a Israel do Êxodo está basicamente no mesmo nível dos fi-

listeus que saíram de Caftor, ou dos etíopes que, segundo Amós, nunca foram a parte alguma!

Um governo divino dirige todas as coisas, e (v. 8a) uma providência moral observa tudo e julga tudo. O Senhor não considera um povo à luz do seu passado histórico, mas à luz da sua presente moral. Cada nação encontra-se igualmente sob este escrutínio moral. Novamente, não há diferença entre Israel e as nações. Mas, uma vez mais, vamos destacar que não é uma negativa, como se disséssemos: “Vocês já não possuem mais o relacionamento divino de antigamente”. Amós não está falando de privilégios removidos. Ele está sendo positivo: “Vocês estão onde sempre estiveram, ao lado dos outros reinos, sujeitos ao escrutínio moral de um Deus santo que tudo vê”. Repetimos, portanto, não há nenhum benefício no apelo ao passado remoto e histórico. O Senhor diz: “Não estou procurando uma lição na História; estou examinando os fatos da vida e do caráter”. E neste ponto, como Amós já nos ensinou (3:2), Israel está de fato em situação pior do que qualquer outra nação, pois só ela (e graças ao Êxodo, realmente) foi ensinada como os pecadores devem se conscientizar do pecado, através da lei de Deus, purificando-se desse pecado, através da graça de Deus, pelos sacrifícios de sangue.

O Israel dentro de Israel

Podemos retomar agora o nosso estudo nos versículos 8b-10. Primeiro, observemos a garantia que Deus dá: *Não destruirei de toda a casa de Jacó* (v. 8b). Isto, naturalmente, é o que deveríamos esperar da instrução de todo o contexto, pois esta parte de Amós começa com a repetida afirmação de que a mente de Deus está colocada contra qualquer destruição total do seu povo (7:1-6). É o que deveríamos esperar no contexto imediato, pois não pudemos considerar o versículo 8a sem nos lembrarmos de que o Êxodo colocava diante do povo a possibilidade de viver de conformidade com um Deus santo; e não poderíamos esperar que alguns conseguiriam passar no teste do prumo? É o que esperaríamos de um Deus soberano cujo nome é Iavé: embora ele deva julgar soberanamente, falharia em salvar soberanamente? É evidente sob todos os aspectos que ele não destruirá totalmente a casa de Jacó. Sempre haverá um remanescente segundo a graça.

Em segundo lugar, há o peneiramento que Deus faz: *Sacudirei e casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode trigo no crivo, sem que caia na terra um só grão* (v. 9). O crivo, como o prumo em outro contexto, é um instrumento de discriminação. Tira as impurezas e deixa intacto aquilo que passa no exame. Nenhuma sujeira permanecerá. Não é propósito do crivo salvar os pedregulhos, mas lançá-los fora, deixando o trigo limpo. O Senhor tem a intenção de lidar com o seu povo assim: será sacudido, mas com um propósito, a discriminação e a purificação.

Em terceiro lugar, Deus faz uma distinção (v. 10). Se Deus dissesse simplesmente: *Todos os pecadores do meu povo morrerão*, então, realmente, os comentaristas estariam certos quando dizem que vêem em Amós o fim do relacionamento de Deus pela sua aliança. Pois ninguém poderia sobreviver a um teste assim. Mas, no contexto, não seria a prova de um crivo! Pois o próprio fato do Senhor usar a metáfora do crivo implica em que não há apenas impurezas a serem jogadas fora mas, também, trigo bom. Portanto, este edito não é contra os pecadores propriamente ditos, mas contra uma categoria particular de pecadores: *os quais dizem: O mal não nos alcançará nem nos encontrará*. Estes olham para o passado e não vêem nada que os deixe alarmados, nada em seu passado que desperte um juízo calamitoso da parte de Deus para surpreendê-los. Da mesma forma, olham para o futuro e não encontram motivos de alarme: não há nenhuma calamidade à espera deles. São pecadores, mas não estão conscientes de que o pecado constitui uma ameaça ou que precisa de remédio. São pecadores, mas não pensam na lei de Deus pela qual estão condenados, nem na graça de Deus pela qual podem ser remidos. São complacentes, pecadores descuidados, vivendo num mundo de presunção e do “faz-de-conta”.

Contrastando, o que podemos dizer da Israel dentro de Israel? Como seria distinguida? O verdadeiro povo de Deus é um grupo de pecadores carregando a marca da preocupação moral e espiritual. Sabem da existência do crivo e estão preocupados em passar pelo exame; sabem da existência do prumo e estão preocupados em manter-se dentro do perímetro da graça, vivendo de conformidade com a lei. Eles continuarão sendo pecadores, mas serão sempre pecadores ansiosos por lutar contra o pecado, an-

siosos por alcançar a santidade, amando a lei do seu Deus e descansando em sua graça. E eles serão considerados dignos. A guerra que se faz contra a presunção, feita com todo o poder da onipotência divina, jamais ferirá um fio de cabelo em suas cabeças.

Amós 9: 11 - 15

O FIM DA LONGA NOITE

Amós começou a terceira parte do seu livro com o Senhor dizendo “não” à idéia da total destruição do seu povo (7:1-6); ele a concluiu prometendo herança eterna da possessão que ele se propõe a lhes dar (9:15). A passagem inicial coloca o Senhor Deus impondo juízos discriminatórios (o juízo do prumo, 7:7-9), mas a passagem final coloca-nos além do momento da discriminação (9:9), nas glórias que estão à espera daqueles que viveram de conformidade com a lei e a graça de Deus, os que obedeceram e se arrependeram. Neste oráculo de beleza e encanto surpreendentes, Amós lida com os cinco aspectos fundamentais do futuro dia do Senhor: o rei (v. 11), as nações (v. 12), a terra (v. 13), o povo (v. 14) e o país (v. 15).

O rei: o final do eclipse

Os profetas olharam fixamente para o futuro à luz do que lhes pareceu ser os aspectos dourados do passado. Ezequiel, o sacerdote, viu um sistema sacerdotal perfeito (Ez 40-48); Oséias, o homem que amava a sua esposa, viu um casamento perfeito (Os 2: 14ss.). Mas a esperança que se apossou de suas mentes, mais do que qualquer outra coisa, foi o cumprimento do ideal davídico. Foram estas tradições de Jerusalém que entusiasmaram Amós, o profeta de Tecoa em Judá.¹

¹ O ideal davídico realmente perpassa toda a literatura profética, aparecendo mesmo nos profetas que também se ocupam de outras esperanças harmônicas. Por ex. Is 1:26; 9:1-7; 11:1ss.; 55:3; Jr 23:5; 33:14ss.; Ez 34: 23ss.; 37:24, 25; Os 3:5 (cf 1:11), etc. Profetas de Judá, de Israel e do Exí-

A expressão que Amós usa é interessante e um tanto fora do comum: *o tabernáculo de Davi* (v. 11). No seu uso mais comum no Antigo Testamento, “tabernáculo” significa aquilo que é frágil e temporário, ou aquilo que oferece sombra mas não proteção. Alguns comentaristas viram, por isso, na frase *tabernáculo de Davi* um símbolo daquilo que, em si mesmo, só poderia entrar em colapso, mas que, na mão de Deus, se tornará glorioso e forte. Pode muito bem ser o caso, e certamente se encaixa na ênfase que os quatro verbos do versículo 11 colocam sobre a atividade do Senhor como único Agente na total restauração: levantando os caídos (v. 11a), reparando o que está quebrado (v. 11b), restaurando o que foi destruído (v. 11c) e reanimando as glórias do passado (v. 11d). Mas, embora retenha toda esta conotação de atividade divina e, realmente, não contradiga a noção correta de que a monarquia de Davi estava, desde o início, condenada pelo pecado do seu fundador, e que nada além da mão de Deus poderia restaurar a sua glória, *tabernáculo*, no Antigo Testamento, tem sido principalmente usado em conexão com a Festa dos Tabernáculos, e este seria um pensamento extremamente significativo no contexto. Foi na imitação da Festa dos Tabernáculos que Jeroboão I permaneceu junto ao altar (1 Rs 12:32), deliberadamente imitando a festa realizada em Judá um mês antes (Lv 23:33, 34). Isto indica que a Festa dos Tabernáculos era uma festa na qual o rei tomava o lugar central, agindo em seu papel de mediador entre o Senhor e o povo, possivelmente até realizando as funções de sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.²

lio, todos se unem profetizando o futuro Davi. As duas seções do povo de Deus, Judá e Israel, foram para o cativeiro separadamente, mas os profetas nunca consideraram seu retorno do cativeiro separadamente e, no futuro messiânico, eles vêem um único povo sob um Rei divino.

² Isto não pode ser nada mais que uma suposição, mas oferece uma linha frutífera de pensamento. Js 10:1 cita o rei de Jerusalém, Adoni-Zedeque, um nome com exatamente a mesma formação e significado que Melquisedeque (Gn 14:18ss.). É uma suposição razoável que, quando Davi tomou Jerusalém (2 Sm 5:6ss.), encontrou o sacerdócio de Melquisedeque ainda intacto e funcionando. Suas próprias tradições lhe diriam que este sacerdócio fora reconhecido por Abraão como um sacerdócio válido de Iavé, e seria automático que ele aceitasse para si mesmo o papel de sacerdote de Melquisedeque. Isto explicaria suas expectativas de que o Messias Davídico cumpriria o seu papel (Sl 110), e é um cenário perfeito para o sa-

Nesta linha de pensamento, o levantamento do *tabernáculo de Davi* significa a introdução do Mediador real perfeito, o rei que será tudo aquilo que já se desejou para um sacerdote real. Isto se encaixa muito bem com o uso de *tabernáculo*, ou *pavilhão* (ERAB) em Isaías 4:5, 6, onde, coberto pela nuvem e pelo fogo, indicando a presença do próprio Deus, providenciará um lugar de refúgio e refrigério, Isaías 32:1, 2 liga isto ao reinado do rei messiânico. A associação destas três linhas de pensamento sobre o *tabernáculo de Davi* é que, por um ato divino, reinará um rei cuja obra mediadora será plenamente aceitável ao Senhor e cuja presença trará segurança e refrigério ao seu povo.³

cerdócio de Melquisedeque de Jesus, nascido da linhagem de Davi, na tribo de Judá.

³ A idéia do tabernáculo *caído* tem dado lugar a muita controvérsia. Aqueles que vêem aqui a queda final da monarquia davídica, quando Jerusalém foi tomada pelos babilônios, em 586 a.C., geralmente querem datar Amós 9:11-15 depois dessa data, como, por ex., Mays. Se isto for feito, torna-se um problema excepcionalmente complicado explicar por que uma tal passagem foi anexada ao livro de Amós. Aqueles que defendem que Amós foi um profeta sem uma mensagem de esperança dizem que um editor posterior anexou esta passagem para adaptar a mensagem de Amós ao seu tempo. Mas, na verdade, ele não estaria adaptando, mas contradizendo! Ele estaria denunciando Amós como um falso profeta que ameaçou com um desastre total que não aconteceu na realidade. Por outro lado, se o anexamento de um oráculo de esperança se justifica com base no fato da mensagem de Amós não ser sem esperanças, então não há bons motivos para se negar a passagem de Amós propriamente dita. Se outros puderem ver a relevância, por que ele deveria ser considerado tão temperamentalmente perverso a ponto de excluir toda luz do futuro? Mas poderia Amós ter falado de um *tabernáculo caído* antes de 586 a.C.? Considerando que ele predisse o incêndio de Jerusalém (2:5) e viu em Sião a mesma complacência destrutiva de Samaria (6:1), seria demais crer que ele levasse a sério as suas próprias profecias e, então, olhasse para além delas, para uma esperança futura? Naturalmente, o *tabernáculo caído* retrocede ao período do grande cisma das tribos do norte sob a liderança de Jeroboão I. Isto continuava vivo na lembrança dos monarquistas de Judá como um período de suprema tragédia (cf. Is 7:17). Se este é o significado, não há problema cronológico em atribuir o oráculo a Amós. Alternativamente (embora seja muito menos provável), as palavras podem significar “o tabernáculo que está caindo”, referindo-se à condição presente, previsível, decrépita e vacilante da dinastia davídica.

As nações: o fim da separação

A esperança messiânica no Antigo Testamento é essencialmente universal, como seria de se esperar, uma vez que suas raízes estão nas promessas divinas feitas especialmente a Eva (Gn 3:15) e a Abraão (Gn 12:1ss.).⁴ Amós não faz exceção. Ele vê as nações envolvidas nos privilégios do reinado do novo Davi (v. 12). Três perguntas nos ajudarão a apreciar o que ele está ensinando: Por que Edom foi destacado? Em que privilégio implicam as palavras *chamadas pelo meu nome*? E o que significa a palavra *possuir*?

Edom foi usado simbolicamente pelos profetas como uma personificação da hostilidade do mundo para com o reino de Deus. Isto devido à sua atitude desde o início (cf. Nm 20:14) até o fim (cf. Am 1:11). A derrota de Edom, portanto, fala de um fim real e completo de toda a oposição. Mas fala também da presença e do poder do novo Davi, pois, de todos os reis, Davi foi o único que conquistou Edom e o manteve subjugado (2 Sm 8:14). Assim, quando *Edom* cair, toda a oposição do mundo terá finalmente terminado, e o segundo e maior Davi terá certamente chegado. A queda de Edom é um dos sinais do Messias.

Mas o destaque do versículo não jaz na derrota, mas na incorporação. Sem dúvida, conforme o curso geral da predição, Amós fala do *remanescente de Edom*. A grande batalha aconteceu (cf. Is 34), deixando apenas um remanescente. Mas Amós não se estende nisso. Edom e *todas as nações que são chamadas pelo meu nome*. Isaías 4:1 mostra que esta terminologia se refere ao casamento. Portanto, fala de união íntima. Gênesis 48:16 a emprega referindo-se à adoção de dois meninos que, de netos, passaram a filhos. Deuteronômio 28:9, 10 e Jeremias 15:16 falam do relacionamento especial (e os frutos desse relacionamento) desfrutado pelo povo de Deus. Em 1 Reis 8:43 e noutras passagens, esta idéia aplica-se à casa que Salomão edificou a Deus e com a qual ele se agradou identificar. E agora tudo isto se aplica *às nações*. Em outras palavras, finalmente *os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho* (Ef 3:6).

Mas, à primeira vista, o verbo *possuir* parece ser uma escolha

⁴ Cf. NDB, art. "Messias".

estranha se Amós tinha em mente expressar um relacionamento de igualdade de privilégios. Se retrocedermos à origem da idéia de “ser chamado pelo nome” na prática do Antigo Testamento, descobriremos que era a maneira pela qual se atribuíam os méritos de alguma conquista particular. Assim, Joabe convocou Davi para a tomada de Rabá de Amom, *para não suceder que . . . se aclame sobre ela o meu nome* (2 Sm 12:28). Temos, assim, em Amós 9:12, um conjunto de idéias. O verbo *possuir* significa uma conquista. O povo de Deus demonstra um poder superior. Mas a conquista é seguida por uma igualdade de cidadania em que não é o nome do povo mas o nome de Deus pelo qual os gentios serão chamados. O que o Antigo Testamento via, assim, em seus próprios termos, como expansão militar, o Novo Testamento – seguindo a orientação de Jesus que disse: *Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se enpenhariam por mim* (Jo 18:36) – nos ensina a ver como sendo a expansão missionária da igreja. No Concílio de Jerusalém, Tiago usou esta mesma passagem de Amós como justificativa bíblica para a decisão dos gentios serem qualificados para a mesma participação nas coisas do Senhor Jesus (At 15:12-19). Explícitamente, a expansão missionária envolve uma submissão seguida de igualdade. O convertido tem de usar certa terminologia reconhecendo que a verdade substituiu as falsidades que antes ele tinha, que o perdão substituiu a culpa, que a paz com Deus substituiu o temor e o terror da morte, que o poder substituiu o desamparo, e que ele tomou posse de todos esses benefícios e bênçãos submetendo-se à verdade que lhe foi declarada por alguém.⁵ A particularidade do povo da aliança está preservada pelo verbo *possuir*: o povo de Deus sempre se distingue por seus privilégios, mas está decidido a tornar esses privilégios uma coisa comum, uma experiência de todos os que obedecem ao evangelho.

A terra: o fim da maldição

Se o Messias é o segundo Davi, ele é também o segundo Adão reinando em um Éden restaurado. Já notamos que esta é a idéia por trás de todas as passagens que falam da abundância natural do reino messiânico. Amós também participa desta esperança.

⁵ Cf. Rm 10:3; 15:18; 16:26, *etc.*

Os termos de sua visão são claros: a terra produzirá com abundância generosa e espontânea. Será tão generosa que não haverá tempo suficiente para colher todo o cereal e a safra de uvas. Em ambos os casos, o semeador da próxima semeadura ainda encontrará o colhedor da última colheita trabalhando. A abundância será tão grande que parecerá que as próprias montanhas e colinas estarão *destilando mosto* (v. 13).

O significado disso é maravilhoso. Já se disse algumas vezes, ou deu-se a entender, que há uma tensão entre o pensamento de Amós, com sua ênfase sobre a retidão e os padrões de conduta e caráter, e o pensamento deste versículo com o seu franco deleite com as coisas boas da terra.⁶ Mas a estrutura da referência desta predição encontra-se em Gênesis 2 e 3 e Deuteronômio 28 e 29. A própria estrutura física e os poderes da natureza participam do caráter santo do Deus que os fez. Eles se revoltam e se invertem quando o homem perverte o seu relacionamento com o Criador. Quando, portanto, a adversidade da natureza desaparece, e todos os seus poderes operam em favor do homem e para o seu enriquecimento, não é, e não pode ser, na Bíblia, qualquer tipo de Idade de Ouro puramente materialista. Significa que as realidades espirituais e morais básicas foram colocadas nos seus devidos lugares. Tudo está bem entre Deus e o homem. Do lado do homem não há mais rebeldia, do lado de Deus houve uma grande reconciliação. “A noite de tragédia e julgamento passaria para sempre da face da terra, pois Jeová (Iavé), o Deus de Israel uma vez mais *teu Deus*, havia assim desejado e declarado.” (NCB, pág. 866). A maldição acabou (Gn 3:17, 18) e o Éden foi restaurado.

⁶ Edghill (*Westminster Commentary*, Comentário de Westminster) não consegue ver como o profeta da justiça poderia deleitar-se deste modo em uma prosperidade meramente terrena. Cripps não percebe como Amós poderia ter apresentado um quadro deste futuro reluzente sem destacar o arrependimento que, segundo o que ensinava, seria a única base para que isso acontecesse. Naturalmente, Cripps é o autor de seu próprio problema ao insistir na separação destes versículos da profecia de Amós. Em outras palavras, primeiro ele, os corta do que Amós ensina e, então, queixa-se de que não contém o ensinamento! A IB, embora defenda que os versículos são um acréscimo posterior, reconhece acertadamente que agora pertencem ao total da obra de Amós e não devem ser considerados como que ensinando uma idade de ouro exceto sob as condições que Amós aceitaria.

O povo: o fim do desapontamento e da frustração

O tema do versículo 14 é diferente do tema do versículo 13, embora a terminologia e as idéias básicas sejam as mesmas. O versículo aponta para abundância; o 14, para o seu desfrute pelo povo. Vamos sentir sua força comparando-o com o 5:11. Ali as pessoas *construíram casas mas não habitaram nelas, plantaram vinhas, mas não beberam o vinho*. Isto é, buscaram obter segurança (casas) e satisfação (vinhas), mas foram desapontadas em suas esperanças e frustradas em seus alvos. A razão é que a sua vida de alienação social estava em guerra com os seus desejos e ambições pessoais. O pecado causa desapontamento e frustração. Mas quando Amós olha para o futuro vê o dia em que o poder do pecado é destruído. O pecado já não mais arruinará, nem desapontará nem frustrará as pessoas. É o inverso de 5:11: as casas serão construídas e habitadas; as vinhas serão plantadas e desfrutadas.

O país: o fim da insegurança

Amós 9:11-15 pode ser dividido em duas seções. Nos versículos 11 e 12, vemos o rei e o reino; em 13-15, o tema é a vida e a liberdade dentro do reino, a experiência dos seus cidadãos. Nisso Amós nos mostrou duas coisas: trata-se de pessoas que foram libertadas da presença do pecado; a maldição foi removida (v. 13) e, por todo o reino de Deus, a natureza alardeia o fato de que o pecado não existe mais; segundo, são pessoas que foram libertadas do poder do pecado, pois suas vidas já não são mais prejudicadas pela frustração de suas esperanças. O que planejam alcançam. Nenhuma força estranha pode roubá-las da sua recompensa.

Ainda há uma outra verdade final sobre os cidadãos do reino: estão livres da penalidade do pecado. Não podem, nunca mais, ser roubados de sua herança (v. 15). A terra é sua para sempre. Não é tipologia; é um dos fatos da história do Antigo Testamento que a herança foi perdida por causa do pecado. Se o povo trai o seu Deus, perde a terra que este lhe deu (cf. Dt 28:58-68). Mas agora já não podem mais perder a terra, porque a penalidade do pecado foi paga e nunca mais sentirão o seu peso. Como Amós deve ter regozijado, quando escreveu esta última palavra em seu livro, ele que lutou e lutou para derrubar uma doutrina torcida da segurança do povo de Deus!

Mas ainda não é a última palavra. Prometer segurança eterna é

uma coisa, garanti-la é outra. Ele, eles e nós podemos estar absolutamente certos de que haverá um dia em que o rei reinará sobre uma comunidade mundial, quando a presença do pecado, o seu poder e a sua penalidade serão removidos do cenário, quando a abundância, a satisfação e a segurança serão a ordem do dia? Não seria algo demasiado idealístico para ser real, bom demais para ser verdadeiro, impossível de ser alcançado? Não, porque não é uma visão do que seria o ideal, nem uma aspiração, e sim uma palavra segura de Deus de que isso vai acontecer. Amós começou o seu livro com *palavras, que. . . vieram a Amós* (1:1); ele termina com *diz o Senhor teu Deus*. Pela segunda vez na sua mensagem tríplice ele usa as palavras “teu Deus” (cf. 4:12). O que elas significam? Podemos dizer que falam de nosso compromisso com Deus, pelo qual podemos dizer que aceitamos o Senhor como o “nosso Deus” (cf. Dt 26:17), mas isso não seria muito fiel ao tema desta seção. Não foi o homem que, em 7:1-6, declarou que o edito da destruição total foi anulado. Foi Deus. E, no final, é Deus que se compromete a levantar o rei no seu reino (9:11), para restauração da sorte do seu povo (v. 14) e para plantá-lo em sua herança com segurança eterna (v. 15). *Diz o Senhor teu Deus, o Deus que se comprometeu contigo!*

Não é uma coisa fora de cogitação. Nada poderia ser mais certo, mais realista. Virá o dia em que ele reinará e o pecado não existirá mais, pois *Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? ou tendo falado, não o cumprirá?* (Nm 23:19).

